

MANUEL PACHECO NETO



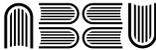
*10 anos  
de “caminhada”*

O CURSO DE LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA FAED/UFMG



2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
GRANDE DOURADOS  
Gestão 2015-2019  
Reitora: Liane Maria Calarge  
Vice-Reitor: Marcio Eduardo de Barros

Editora filiada à  
  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

#### EQUIPE EDUFGD

**Coordenação editorial:**

Rodrigo Garófallo Garcia

**Divisão de administração e finanças:**

Givaldo Ramos da Silva Filho e

Rafael Todescato Cavalheiro

**Divisão de editoração:**

Brainner de Castro Lacerda,

Cynara Almeida Amaral Piruk,

Maurício Lavarda do Nascimento,

Raquel Correia de Oliveira,

Rosalina Dantas da Silva e

Wanessa Gonçalves Silva

e-mail: editora@ufgd.edu.br

#### CONSELHO EDITORIAL

Rodrigo Garófallo Garcia - Presidente,

Marcio Eduardo de Barros,

Fabiano Coelho, Clandio Favarini

Ruviaro, Gicelma da Fonseca

Chacarosqui Torchi, Rogério Silva

Pereira e Eliane Souza de Carvalho

**Revisão e normalização bibliográfica:**

Raquel Correia de Oliveira e

Wanessa Gonçalves Silva

**Projeto gráfico, diagramação e capa:**

Maurício Lavarda do Nascimento

**Impressão e acabamento:**

Triunfal Gráfica e Editora - Assis - SP

*A presente obra foi aprovada de acordo  
com o Edital n. 01/2018/EDUFGD.*

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P116d      Pacheco Neto, Manuel.  
10 anos de “caminhada” : o curso de licenciatura em educação  
física da FAED/UFGD. / Manuel Pacheco Neto. -- Dourados, MS:  
Ed. UFGD, 2020.  
287p.

ISBN: 9788581471785

Possui referências.

1. História. 2. Educação física. 3. Licenciatura. I. Título.

CDD – 796.407

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.

PREFÁCIO

7

APRESENTAÇÃO

19

O INÍCIO

21

### Sumário interativo.

Clique no título desejado para ser direcionado à página indicada.

22

O Projeto Pedagógico do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD

O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU – ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

51

EVENTOS E PROJETOS DIVERSOS

59

59 | Seminário sobre Educação Física Escolar e Saúde

62 | I Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD

64

O curso de Educação Física da UFGD no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)

66 *Conhecendo o contexto da inserção do curso de Educação Física no Pibid/UFGD*

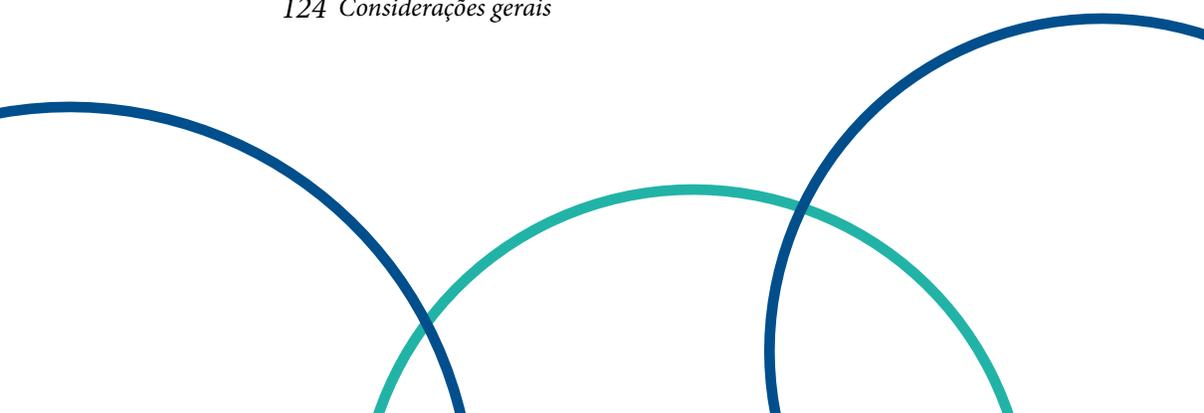
70 *Início das atividades e consolidação do subprojeto de Educação Física no Pibid/UFGD*

72 *I Jogos das Escolas Parceiras do Pibid*

75 *I Gincana de Anatomia do Pibid*

77 *Expansão das atividades do subprojeto de Educação Física do Pibid/UFGD*

# Sumário

- 81** | O curso de Educação Física da UFGD no Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI)
- 81 Considerações sobre o programa, submissão e aprovação do projeto*
  - 83 Vigência do projeto*
  - 91 Legado do projeto*
- 93** | IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte – UNICEUB, Brasília, DF
- 97** | V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte – UFGD, Dourados, MS
- 103** | I Simpósio UFGD em Movimento – UFGD, Dourados, MS
- 109** | III Congresso de Educação da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS
- 114 Oficinas e minicursos*
  - 115 Comunicações orais e apresentação de pôsteres*
- 116** | O curso de Educação Física nos Jogos Abertos da UFGD
- 121** | A Associação Atlética Acadêmica de Educação Física
- 124 Os símbolos e as cores oficiais da A.A.A.E.F*
  - 124 Considerações gerais*
- 

- 127 | Jogos Internos da Educação Física (JIEF)
- 132 | Ciclos de Palestras Temas Emergentes em Educação Física
- 140 | Semana comemorativa dos 10 anos do curso de Educação Física

**EXPECTATIVAS DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO  
DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

143

**PALAVRAS FINAIS**

145

**RECONHECIMENTO**

153

**REFERÊNCIAS**

159

**RELATOS: profissionais de Educação Física que compõem  
ou compuseram o quadro docente do curso de licenciatura  
em Educação Física da UFGD**

167

**GALERIA DE IMAGENS**

279



# Prefácio

---

Prefaciando um livro, tenho dito habitualmente, é sempre algo complexo, ao mesmo tempo uma honra e uma responsabilidade. Honra por ter sido escolhido entre inúmeras pessoas aptas a realizarem essa missão. Responsabilidade porque analisar uma obra impressa demanda interpretação e esta, às vezes, pode não revelar a justeza dos pensamentos grafados.

No presente caso, creio que só me restou a honra, já que o livro que ora se apresenta é uma justa homenagem a todos os que colaboraram com o desenrolar do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), escrita pelo principal articulador da implantação e confirmação desse curso, o Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto, pessoa intimamente ligada à Educação Física e historiador de mão cheia, como poderá ser comprovado nos mínimos detalhes no decorrer da leitura da obra.

Neste introito, quero tecer elogios ao Prof. Manuel. Num país onde não se preservam os acontecimentos históricos, no qual a memória sempre é curta no que diz respeito aos feitos e às pessoas que concretizam projetos, escrever um livro para perpetuar a lembrança da caminhada do curso de Educação Física da UFGD é uma atitude a ser reverenciada. Oxalá isto se torne corriqueiro no mundo acadêmico, não só na UFGD, mas nas mais diversas instituições acadêmicas do país.

Adentrando o conteúdo do livro, proponho-me a evidenciar os pontos que considero mais interessantes, sempre deixando claro que

esta é uma interpretação possível dentre tantas outras. No entanto, não posso fugir de minhas convicções teóricas calcadas na fenomenologia, razão pela qual valorizo mais o ato de perceber do que o ato de demonstrar argumentos definitivos.

Constata-se, logo de início, a preocupação da equipe proponente do curso de Educação Física em não dissociar aspectos legais das bases epistemológicas, centradas no entendimento da formação de professores para a Educação Física Escolar e que destinam seus olhares para o aluno como um todo, dotado de uma unidade indivisível e, por esta razão, necessitando ser ensinado a viver sua corporeidade na relação com outros corpos circundantes. Isto já estava presente na equipe proponente capitaneada pelo Prof. Manuel no período de maturação da proposta, entre os anos de 2007 e 2008.

Outro ponto importante é frisar que o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD foi estruturado dentro da área das humanidades, em especial, na vertente da Educação, considerando a importância, para a região, da Faculdade de Educação já existente, a qual oferecia os cursos de Pedagogia e de Licenciatura Intercultural Indígena, bem como de mestrado em Educação. Constata-se, por essas razões, a importância da gênese da Educação Física na UFGD, o que certamente esteve e ainda está qualificando o seu curso de licenciatura. A ênfase está mais na formação do professor do que no especialista da área. Isto, por si só, representa algo original, pois a maioria dos cursos de graduação em Educação Física no Brasil, inclusive os de licenciatura, estão alocados na área da Saúde.

Quando centro o olhar para a construção da matriz curricular, analisando o Projeto Pedagógico Institucional da UFGD para o curso de Educação Física, identifico pontos muito interessantes, que me

fazem perguntar: quantos cursos para a formação de professores de Educação Física neste país apresentam, em suas propostas curriculares, disciplinas como Arte, Corpo e Educação; Corpo, Corporeidade e Cultura; Ética e Paradigmas do Conhecimento, ou mesmo Fundamentos Históricos da Motricidade Humana?

Vê-se, com certa clareza, o sentido da formação de professores na base da proposta curricular, dando espaço para o sentido humano do homem e deixando um pouco menor a preocupação de evidenciar o corpo humano como sinônimo apenas de desenvolvimento anatômico, fisiológico e técnico. Evidentemente, essas dimensões são importantes, mas elas por si só não garantem a construção do indivíduo crítico na busca de sua autonomia, meta que deve estar presente na formação dos graduandos e fomentar valores a serem trabalhados pelos futuros professores de Educação Física.

Também pode ser identificada na proposta explicitada no histórico deste livro a tentativa de superar uma contradição histórica presente nos cursos de graduação em nosso país: ao mesmo tempo que os alunos são considerados pessoas que não mais necessitam de orientações matriarcais, as propostas curriculares são pensadas de modo fechado e não permitem que os alunos exerçam suas escolhas. Na UFGD, o respeito às escolhas discentes está presente nos três primeiros semestres de integralização curricular, com disciplinas de livre acesso aos alunos. Portanto, cumpre-se a máxima: autonomia se vivencia, não é mero conceito teórico.

O Prof. Manuel discorre com muito esmero sobre todo o histórico de acontecimentos dos dez anos do curso sem deixar dúvidas quanto aos fatos e a como se deram as escolhas estruturais, criando um texto que pode ser considerado base para consultas cujo objetivo

for o de conhecer as implicações históricas e epistemológicas do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD.

Por essa razão, ainda destaco acontecimentos que me chamaram a atenção por estarem intimamente ligados à formação de professores, como o planejamento do curso de especialização em 2010 a partir de duas vertentes (Educação Escolar e Educação para a Saúde), demonstrando a preocupação tão alardeada, mas muitas vezes não operacionalizada, de uma educação permanente; o engajamento do curso no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), propiciando a capacitação discente para o verdadeiro sentido do que é ser professor de Educação Física na escola; a exitosa experiência de um grupo de alunos no Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), em especial com o convênio de integração assinado e desenvolvido entre a UFGD e a Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) de Portugal, possibilitando, inclusive, a dupla diplomação desse grupo de alunos; os projetos sazonais de cunho educativo e intimamente ligados ao fazer da área da Educação Física, destacando-se os I Jogos do Pibid e a I Gincana de Anatomia do Pibid, cujo sucesso pode ser constatado pelos depoimentos dos alunos; e a permanente preocupação de atualização e de respeito à pluralidade acadêmica, que pode ser vista por meio do Ciclo de Palestras no qual professores visitantes e egressos do curso relataram suas experiências.

Nesta rápida síntese, procurei demonstrar a importância do livro redigido pelo Prof. Manuel não só para a Educação Física da UFGD, mas para todos os profissionais/professores da área, esperando que a experiência exitosa do curso possa servir de parâmetro para a análise de futuras reformulações curriculares da área, bem como para eventuais novos cursos que forem criados neste país.

De minha parte, agradeço ao Prof. Manuel pela honra de poder prefaciá-la obra, considerando que a leitura foi prazerosa e o muito que aprendi com a experiência dos colegas responsáveis pela implantação e desenvolvimento do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD.

Aos que desfrutarão da obra, desejo uma boa leitura e que esta possa nos propiciar forças para caminharmos sempre na tentativa de valorizar a área da Educação Física. Recorro a um dizer de Victor Hugo, destinado aos que se dedicam aos enfrentamentos futuros, expresso mais ou menos neste sentido: “Se formos fracos, o futuro nos parecerá inatingível; se formos medrosos, o futuro será desconhecido; se formos valentes, o futuro será a oportunidade de vivenciarmos um ponto de mutação”.

Que possamos ser valentes e lutarmos pelo ponto de mutação da área da Educação Física.

**Prof. Dr. Wagner Wey Moreira**



# Apresentação

---

O curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) completa dez anos de existência em 2019. O início efetivo de suas atividades ocorreu na noite de 10 de março de 2009, com uma palestra sobre Educação Física escolar proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Irene Conceição Andrade Rangel, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), perante uma plateia constituída pelos calouros da primeira turma, docentes e técnicos administrativos da Faculdade de Educação. Lotado e ainda recendendo à tinta, o Auditório 9 configurou-se, naquela oportunidade, como o ponto de partida concreto, o momento exato em que as expectativas e aspirações daquelas dezenas e dezenas de pessoas começavam a se concretizar.

Um futuro promissor se descortinava repleto de perspectivas auspiciosas que refletiam não apenas o anseio coletivo predominante de que o nascente curso vingasse e tivesse sucesso, como também os sonhos e projetos individuais dos integrantes daquele público numeroso e pioneiro, que assistia à “largada” do primeiro curso de Educação Física público e gratuito de Mato Grosso do Sul. Desde aquela noite, muita coisa aconteceu.

Marcado por um início cheio de dificuldades relativas a materiais e à estrutura física, bem como no que dizia respeito a recursos humanos — docentes — com formação específica na área, o curso de Educação Física da UFGD foi se firmando à custa de muito trabalho. É preciso dizer que não se mediram esforços, pois, do contrário, o curso não teria sequer começado, uma vez que seu próprio processo

de implantação, que remonta a 2007/2008, envolveu um trabalho extremamente exaustivo, constituído, primeiramente, de diálogos internos na Faculdade de Educação e, posteriormente, de formação de uma equipe de trabalho<sup>1</sup> para a realização de estudos minuciosos — teóricos e documentais —, a escrita completa do Projeto Político Pedagógico do curso e a realização de visitas técnicas a três universidades paulistas — Unesp (Presidente Prudente), Unesp (Rio Claro) e Unimep (Piracicaba) — visando à apresentação do documento em pauta para a apreciação e eventuais sugestões por parte dos dirigentes dos cursos de Educação Física daquelas instituições e o reconhecimento completo, por parte da comissão da UFGD, das instalações das universidades paulistas destinadas às aulas e a outras atividades desenvolvidas com os acadêmicos lá matriculados. De fato, não foi pouco o trabalho realizado antes da palestra proferida no Auditório 9 da FAED, já que preparar o então inexistente curso de Educação Física não era, de forma alguma, a única ocupação que nós tínhamos como docentes da ainda recente UFGD. Havia muitas aulas a ministrar, projetos de pesquisa e extensão a escrever e desenvolver, concursos para docentes — que, na época, eram recorrentes — a organizar e realizar, etc. A despeito daquele contexto de muito trabalho, a preparação da licenciatura em Educação Física tomava, obrigatoriamente, grande parte de nossos dias e várias de nossas noites.

Tudo estava por ser feito, e tudo foi feito, para que a primeira turma de calouros, ingressante pelo vestibular de 2009, pudesse ser atendida da melhor maneira possível. Hoje, olhando retrospectiva-

---

1 Instituída em setembro de 2008 pelo Conselho Diretor da FAED, a Comissão de Implantação do Curso de Licenciatura em Educação Física era assim composta: Prof. Reinaldo dos Santos (Diretor da FAED e presidente da comissão), Prof. Manuel Pacheco Neto (membro titular), Prof.<sup>a</sup> Ana Paula Gomes Mancini (membro titular), Prof.<sup>a</sup> Magda Carmelita Sarat Oliveira (membro titular) e Prof.<sup>a</sup> Giselle Cristina Martins Real (suplente).

mente não apenas para o início, mas também para o próprio desenvolvimento do curso de Educação Física ao longo do tempo, podemos afirmar, com tranquilidade, que todos os esforços empreendidos coletivamente valeram a pena. Além das aulas diárias, que se configuravam como elementos essenciais e majoritários no processo de formação dos acadêmicos, diversos projetos foram realizados, vários eventos ocorreram, melhorias estruturais foram concretizadas, novos docentes chegaram e, sobretudo, levas e levas de estudantes obtiveram seus diplomas e se tornaram professores de Educação Física. Desde 2009, onze vestibulares foram realizados, vinculando os nomes de aproximadamente 550 acadêmicos ao curso em pauta. Como naturalmente ocorre com todo curso universitário, houve alguma evasão, mas nada que revelasse a necessidade de uma reflexão mais detida por parte dos professores, da coordenação ou da direção.

Atualmente, contemplamos, com grande satisfação, as conquistas profissionais dos egressos do curso, que ministram aulas em escolas públicas e privadas, exercem cargos públicos mediante aprovação em concursos, atuam em cargos de coordenação, cursam mestrado e doutorado, etc. Na verdade, é bastante conhecido o êxito profissional de quem cursou a licenciatura em Educação Física na UFGD. O próprio mercado de trabalho, impassível, impessoal e seletivo, vem demonstrando, ano após ano, o claro diferencial qualitativo dos educadores formados no curso em foco.

Faz-se necessária uma breve reflexão acerca do tempo e suas implicações, pois “dez anos” não são apenas “dez anos”, não são apenas uma década, mas o cotidiano vivido no transcurso desse espaço temporal. Entre 10 de março de 2009 e 10 de março de 2019, transcorreram 120 meses, que se traduzem em aproximadamente 480 semanas

ou 3650 dias. Se acaso não nos atentarmos a isso, corremos o risco de promover a desumanização histórica, conotando a história exclusivamente como um domínio *asséptico* no qual o tempo se divide por recortes estabelecidos em anos, décadas, etc., minorando a vida que se expressa no emaranhado do dia a dia, apequenando o trabalho e as sucessivas manifestações humanas que, de fato, engendram o futuro. A partir de tal compreensão, depreende-se que o impassível escoar do tempo não é, portanto, o cerne da proposta deste livro. Quando nos dispusemos a trabalhar numa abordagem capaz de se constituir, mesmo que modestamente, como uma contribuição à história da licenciatura em Educação Física da UFGD, norteávamo-nos pela possibilidade da construção de um texto que permitisse não apenas o diálogo com documentos, como também a captura e o registro do dinamismo vivo de um grupo de docentes, discentes e profissionais administrativos que, nesses dez anos, contribuíram para o fortalecimento do curso em questão.

Na obra *Educação Física no Brasil: a história que não se conta* (1988), Lino Castellani Filho, citando os versos de um poeta lusitano, ressalta a importância que reside na perscrutação dos “bastidores” da história. Para o autor, que renovou a historiografia acerca da Educação Física em nosso país, é necessário que procuremos uma perspectiva propiciadora de descortinos dos “panoramas” internos dos processos históricos. Vejamos tais palavras:

Ver as coisas por fora  
É fácil e vão  
Por dentro das coisas  
É que as coisas são!  
Quantas e quantas vezes me surpreendi inquieto, ansioso, buscando “ver coisas por dentro” [...] o poeta português Carlos

Queiroz [...] me alertava para a veicidade de “ver coisas por fora” [...]. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 7).

No presente livro, talvez um pouco dessa visão do interior tenha sido revelada, já que a trajetória do curso de Educação Física da UFGD foi, de fato, escrita de dentro para fora. E mesmo que esta não fosse a intenção, cremos que teria sido impossível, para nós, o impedimento de uma visualização mais internalizada, pois, queiramos ou não, integramos a história que aqui foi, bem ou mal, escrita. Ainda, o presente texto, por focar no que foi feito ou no que ocorreu dentro de determinadas circunstâncias, buscando — pelo menos intencionalmente — proporcionar, com transparência, o conhecimento acerca do passado, alinha-se com a seguinte reflexão sobre História contida na obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, do sociólogo fluminense Darcy Ribeiro (2010, p. 23): “[...] uma clara compreensão da história vivida, como necessária nas circunstâncias em que ocorreu [...]”. O curso de Educação Física da UFGD surgiu em circunstâncias particulares — de fato, bastante singulares —, num contexto social e geográfico completamente “vazio” de opções públicas que lhe fossem congêneres. Sua trajetória ocorreu, até o presente momento, de maneira notadamente ascensional em diversos aspectos, sem, contudo, configurar-se como um percurso passível de ensejar uma abordagem triunfalista. Ademais, cumpre acrescentar que, em qualquer abordagem cujo enfoque seja pessoas e grupos sociais no decurso do tempo, o tom laudatório ou artificialmente elogioso deve ser evitado para que possam ser observados e cumpridos os mais elementares preceitos da historiografia.

Aproximando-nos do final desta introdução, comunicaremos algumas ideias sobre a teoria/escrita da História passíveis, eventual-

mente, de configurarem-se como escusas às imperfeições desta obra. Qualquer história que se escreve, qualquer abordagem acerca de uma sociedade ou instituição, é sempre uma, dentre diversas outras possíveis. Qualquer escrito é sempre uma versão. Já dizia o célebre historiador português José Mattoso (1999, p. 29): “[...] o texto histórico não se pode separar do autor que o escreveu”. Sumidade no que diz respeito à teoria da história<sup>2</sup>, o autor em pauta sempre corroborou, no decurso de sua prolífica trajetória, sua concepção acerca da indissociabilidade entre a visão individual do historiador e a história por ele produzida, chegando a fazer a seguinte asseveração: “queria [...] transmitir a convicção de que a escrita em História é um discurso pessoal” (MATTOSO, 1999, p. 28). Indo na mesma direção, outro respeitado historiador, o inglês Peter Burke (1992, p. 336), refletiu que “[...] cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz ‘o que realmente aconteceu’, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular”.

Tais reflexões são importantes, pois contribuem para questionar qualquer pretensão historiador que esteja convencido a respeito de seu próprio distanciamento, da absoluta ausência de subjetividade em relação à sua obra. Por outro lado, essas reflexões são também indispensáveis para nos alertar, norteados para o conhecimento acerca da inexistência de uma história única e responsável por expressar o ponto de vista de todo um grupo social. O que de fato importa na escrita da história é que não decaia o rigor no trato com as fontes e referências, sejam elas documentais, bibliográficas ou de qualquer

---

2 José Mattoso foi presidente do Instituto Português de Arquivos (1988-1990), diretor do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (1996-1998). Autor de vasta obra na área da História, recebeu diversos prêmios e, desde 2010, é presidente do Conselho Científico das Ciências Sociais e Humanidades da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal.

outra ordem. Por termos consciência dessa necessidade, tentamos, de todas as maneiras, não falsear a atenção em relação a isso.

No que concerne aos nomes das pessoas que participaram da “caminhada” de dez anos do curso de Educação Física da UFGD, optamos por escrevê-los ora em notas de rodapé, ora no corpo do texto. A opção pelas notas de rodapé predominou quando da abordagem de documentos — no caso, projetos —, uma vez que a escrita sobre estes materiais engendra frases truncadas, burocráticas, que não se agermanam com as características da narrativa livre, que comporta e reivindica a evidenciação imediata dos atores históricos. A opção pela escrita dos nomes no próprio corpo do texto deu-se quando da abordagem de eventos, bem como pela conveniência em relação à própria composição das frases.

Já tendo abordado esses necessários aspectos teórico-metodológicos, queremos expressar nossos votos de que esta seja apenas a primeira obra dentre outras que, no futuro, serão escritas por outras mãos e revelarão, naturalmente, novos olhares sobre o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD, expressando os tempos vindouros e, sobretudo, descortinando os panoramas que hoje ainda não existem.

Em termos derradeiros, neste texto introdutório, é importante pautar que, no presente momento o Brasil vive, lamentavelmente, os primeiros meses de um governo que demonstra notável desprezo pela Educação Superior, um governo que deixa transparecer uma indisfarçável antipatia a tudo que se relaciona ao público universitário. Pois é ... parece que o pensar crítico incomoda quem não é dado ao diálogo. No entanto, tudo passa e se reduz a nada ou quase nada, principalmente se não nos vergarmos e não consentirmos que destruam nossa visão de mundo e nossos ideais, pois trabalhamos honestamente e temos

dignidade. Pretendemos contribuir para a construção de um mundo melhor, mais humano e fraterno. Dessa forma, pensamos que nós, trabalhadores da Educação, não podemos baixar a guarda. Tornar-se cúmplice de um governo que demonstra querer desmontar as universidades públicas é, para qualquer professor universitário, no mínimo desaconselhável, posto que se configura como um posicionamento ilógico, esdrúxulo, desconcertante, estranho. Estejamos atentos, pois a história que será conhecida amanhã é construída com nossas ações de hoje.

O curso de licenciatura em Educação Física da UFGD completou seus primeiros dez anos de existência em tempos de clara democracia. Já nos dias de hoje, o obscurantismo se faz presente. Nem mesmo temos mais o Ministério do Esporte, que tão importante papel desempenhava para a Educação Física nacional. No entanto, um preceito elementar — a essa altura já claro — nos ensina que, em história, nada é estático. Os dias do dever reservam novas possibilidades, mas não podemos apenas esperá-las, devemos ajudar a ensejá-las, com posições firmes e, sobretudo, com zelo pela qualidade de nosso trabalho cotidiano.

Não temos dúvida de que a luta no decurso do tempo nos encaminhará para dias melhores.

Por ora, resta-nos a satisfação desta contribuição para o registro dos dez anos iniciais do curso que tanto prezamos!

**Manuel Pacheco Neto**

Dourados, março de 2019.

## O INÍCIO

Corria o ano de 2007. Determinadas construções que hoje formam o conjunto predial da Unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) estavam sendo erguidas, algumas não ultrapassando a fase de assentamento de seus alicerces e outras ainda constando somente na planta da instituição. A UFGD era, naquele momento, praticamente nascente. Havia sido implementada no ano anterior, 2006, sob a tutoria da Universidade Federal de Goiás (UFG). Sua criação legal havia se dado ainda um ano antes por intermédio da Lei n. 11.153, de 29 de julho de 2005, publicada no Diário Oficial da União em 1º de agosto de 2005.

Aproximadamente dois anos depois, em 2007, a cidade universitária era bem diferente da que hoje conhecemos. Grandes espaços vazios se estendiam até os limites das propriedades vizinhas, especialmente em direção ao oeste, onde a peculiar planura sul-mato-grossense parecia misturar os domínios do campus universitário com os das lavouras e dos pastos circunvizinhos, separados apenas por cercas rurais de arame farpado e mourões de madeira. Ali, relativamente próximo às linhas limítrofes, situava-se o canteiro de obras da Faculdade de Educação (FAED) da UFGD, então a última edificação a demarcar a expansão predial naquele rumo. No sentido leste, do outro lado da avenida central que corta o campus, os prédios da UEMS, já construídos há tempos, erguiam-se na amplidão plana, praticamente extremado-se com a cerca que margeia a estrada de terra batida que liga as rodovias Dourados-Itahum e BR-463.

Ainda sem prédio próprio, a FAED<sup>3</sup> desenvolvia suas atividades provisoriamente no Bloco "D" da UEMS, onde funcionavam os cursos de Ciências Biológicas e Enfermagem daquela instituição. Foi justamente naquele período de transitoriedade que nasceram as reflexões e discussões sobre muitos dos passos que acabaram culminando, com o tempo, na concretização dos alicerces iniciais do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD. Naturalmente, muito havia por ser feito, providências necessárias à instalação e, por conseguinte, ao funcionamento do curso.

Dentre as várias tarefas que precisavam ser cumpridas sem muita demora, destacava-se a construção completa do Projeto Pedagógico, contendo ementário, carga horária e enquadramento de todas as disciplinas de todos os semestres necessários à integralização dos créditos, buscando a composição de uma grade curricular que não apenas atendesse à legislação vigente, mas que também fosse sustida por uma base teórica consistente. Tal documento, do qual doravante faremos uma análise sucinta, foi construído e se configurou, naquele momento, como o próprio curso se concretizando dentro da UFGD.

## **O Projeto Pedagógico do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD**

Construído entre o segundo semestre de 2008 e o início de 2009, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física apresentou-se com 57 páginas em sua versão original, responsável por proporcionar o norte curricular e a sustentabilidade teórica aos primeiros

---

3 A FAED havia sido criada em setembro de 2006.

tempos de funcionamento do curso e o qual, acrescentemos, proporciona um direcionamento das ações do curso até hoje, porém com alterações concernentes às disciplinas e cargas horárias. Noutras palavras, o documento em pauta foi a pedra fundamental — se assim pode ser dito — que ofertou o apoio germinal para o curso exatamente em seu nascedouro, propiciando parâmetros didático-pedagógicos para o seu efetivo início de jornada, bem como para o seu posterior desenvolvimento.

O texto do projeto estava assim organizado: 1) Introdução; 1.1) Histórico da UFGD; 1.2) Necessidade social do curso; 1.3) Histórico do curso; 2) Identificação do curso; 3) Concepção do curso; 3.1) Fundamentação teórico-metodológica; 3.2) Fundamentação legal; 3.3) Adequação do projeto pedagógico ao PPI e ao PDI; 4) Administração acadêmica: coordenador do curso; 4.1) Atuação do coordenador; 4.2) Formação do coordenador; 4.3) Dedicção do coordenador à administração e condução do curso; 5) Objetivos; 6) Perfil do egresso; 7) Matriz curricular do curso; 7.1) Demonstrativo da seriação ideal; 8) Ementário de componentes curriculares; 9) Bibliografia básica dos componentes curriculares; 10) Sistema de avaliação da aprendizagem; 11) Sistema de autoavaliação do curso; 12) Atividades acadêmicas articuladas ao ensino de graduação; 13) Corpo docente; 14) Corpo técnico-administrativo; 15) Instalações físicas; 16) Bibliografia.

Buscando situar contextual e historicamente o surgimento do curso de licenciatura em Educação Física na UFGD, o texto do Projeto Pedagógico trazia apontamentos que propiciavam conhecimento acerca dos cursos anteriormente ofertados pela FAED, tais como o de Pedagogia, implantado em 1979 no antigo Centro Pedagógico de Dourados (CPD) e “herdado” honrosamente pela FAED/UFGD; o de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, implantado em

2006 e voltado para a formação de professores indígenas guarani e kaiowá; o de especialização lato sensu implantado em 2007 e voltado à formação de profissionais da Educação; e o de mestrado em Educação, recomendado pela CAPES em 2007 e iniciado em 2008. Esclarecemos que não faz parte dos objetivos deste livro entrar em detalhes sobre esses edificantes cursos, mas situá-los como elementos formadores do contexto no qual surgiu a licenciatura em Educação Física<sup>4</sup> no âmbito da FAED, curso que é, objetivamente, o foco deste pretenso exercício de contribuição historiográfica e que, portanto, teve o privilégio de vir a lume no interior de uma faculdade já pujante quando seu novo prédio ficou pronto.

Vejamos o que estava escrito no Projeto Pedagógico (UFGD, 2009, p. 6):

O curso de Licenciatura em Educação Física é o mais recente da FAED, implantado em 2009 e voltado para a Educação Física Escolar, numa perspectiva interdisciplinar e num estreito diálogo com a Pedagogia na formação de professores [...]. No ano de 2009, a FAED mudou suas atividades para seu novo prédio sede e avançou em seu processo de consolidação, com a instalação de seis laboratórios e infraestrutura para seus grupos de pesquisa, projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Observemos ainda que o:

[...] curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD [...] já surgiu vinculado à Faculdade de Educação da UFGD, diferentemente de outros vários cursos de Educação Física no Brasil, que adotando o viés performático/biologicista, mormente integram núcleos de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde, mais raramente figurando em faculdades, núcleos ou

4 Documentalmente, o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD foi autorizado em 3 de novembro de 2008 pela Resolução COUNI/UFGD n. 107.

departamentos onde a pedagogia e a educação predominam. (UFGD, 2009, p. 9).

Sobre a necessidade social do curso, vejamos o que refletia o texto do documento ora em foco:

Mercê da vasta produção acadêmica, que nas últimas décadas transpôs os limites das universidades, a conscientização acerca dos benefícios advindos das práticas corporais disseminou-se largamente. Neste contexto, um número cada vez maior de pessoas passou a fazer exercícios físicos regularmente, nos mais diferentes espaços, tais como: academias, clubes, praças públicas, parques públicos, quadras esportivas etc. Este notável fortalecimento da produção acadêmica, bem como o aumento do número de pessoas que se dedica à prática regular de exercícios contribuiu, perceptivelmente, para que a disciplina de Educação Física adquirisse um novo dimensionamento didático-pedagógico, apresentando-se, atualmente, como um componente curricular de significativa importância no contexto escolar. (UFGD, 2009, p. 7).

Adiante, buscando evidenciar as novas práticas da Educação Física escolar, bem como apontar as práticas já arcaicas e em processo de superação, afirmava o texto do Projeto Pedagógico (UFGD, 2009, p. 7):

Diferentemente do passado, quando a ditadura militar transformou a Educação Física em instância de treinamento nas escolas, atualmente a disciplina direciona-se para a formação não do atleta, mas do cidadão responsável, crítico e, sobretudo, consciente da necessidade das práticas corporais para a obtenção e manutenção da saúde e da qualidade de vida, não apenas durante os anos escolares, mas por toda a vida. Norteada por esses objetivos, a Educação Física escolar apresenta-se, nos dias de hoje, como um componente curricular [...] que não prioriza [...] o aprimoramento das habilidades e destrezas desportivas, mas visa à formação integral do ser

humano, opondo-se às práticas [...] da seletividade atlética e promovendo a inclusão de todos (as) os (as) estudantes [...].

Na sequência, desdobrando as reflexões expostas e explicitando a real necessidade acerca da implantação do curso que então se propunha na região meridional de Mato Grosso do Sul, discorria o texto do Projeto Pedagógico (UFGD, 2009, p. 7-8):

Sociabilização, promoção da saúde, inclusão, conscientização acerca dos benefícios das atividades corporais e formação de cidadãos críticos. Estes são, atualmente, os mais destacados objetivos da Educação Física, no contexto escolar. Este viés de intervenção pedagógica que busca, sobretudo, o bem estar biopsicossocial do ser humano, faz da Educação Física, nos dias de hoje, uma disciplina escolar de notável relevância para a sociedade. Por essa razão, o curso de Educação Física da UFGD tem a finalidade de responder a uma necessidade social importante, principalmente se forem levadas em conta as especificidades contextuais da região sul de Mato Grosso do Sul, onde não existe um curso público de Licenciatura em Educação Física.

Vejamos também estas palavras concernentes à necessidade social do curso:

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, com sua estruturação pedagógico-curricular específica, contribui sobremaneira para o preenchimento de uma lacuna social importante em Mato Grosso do Sul, proporcionando à população regional a possibilidade de ingresso num curso de perfil único, que prioriza as atividades corporais não sob o ponto de vista performático, mas sob o prisma educativo, formador de gerações futuras mais críticas, sociáveis e saudáveis. (UFGD, 2009, p. 8).

Observemos agora este trecho do texto:

[...] o curso de Educação Física da UFGD foi concebido, germinalmente, a partir do entendimento de que a vivência corpóreo-motriz é uma importante dimensão da completitude indivisível do ser humano, uma dimensão concreta, que determina a maneira de ser e estar no mundo e que, por conseguinte, apresenta-se como um valioso instrumento para a consecução de um dos maiores objetivos da educação, a transformação da sociedade, que visa, sobretudo, à melhoria da dignidade e da qualidade de vida das pessoas, observadas e respeitadas todas as características ou diferenças individuais dos membros que constituem o tecido social. (UFGD, 2009, p. 10).

Vejamos que, aqui, era destacada a vivência da motricidade e da corporeidade na Educação, bem como a sua relevância para a melhoria da sociedade, em termos humanitários e biológicos, incluindo, ainda, o indispensável respeito às diferenças. O referencial teórico-metodológico do curso — item 3.1 do projeto pedagógico — propiciou a elaboração de uma matriz curricular — item 7 do projeto pedagógico, que veremos mais à frente — condizente com:

[...] as necessidades educacionais de crianças, pré-adolescentes e adolescentes, em suas diferentes faixas etárias. Dentre tantos outros componentes curriculares que se associam à intencionalidade de formação de profissionais para atuar junto à educandos de idades tão distintas, a matriz curricular do curso de Educação Física da UFGD engloba disciplinas tais como *Educação Física na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental*, *Educação Física nas Séries Finais do Ensino Fundamental* e *Educação Física no Ensino Médio*. Cumpre esclarecer que os próprios estágios supervisionados, em suas distintas temporalidades, também foram organizados nos mesmos moldes, visando ao atendimento desta já mencionada diversidade etária [...]. (UFGD, 2009, p. 12).

Iniciando os desdobramentos necessários à fundamentação dessas afirmações, bem como ao aprofundamento da compreensão acerca delas, o Projeto Pedagógico apresentava as seguintes asserções:

Ao explicitar a fundamentação teórico-metodológica do curso [...], iniciemos pelas implicações relativas à Educação Física na Educação Infantil. Na área da Educação Física há uma vasta literatura que enfoca não apenas a imperiosa importância das atividades corporais para a formação da criança, mas a literal imprescindibilidade no que diz respeito às práticas físicas no universo infantil. A principal orientação teórica que fundamenta essa convicção consensual assenta-se na idéia de que a criança, intrinsecamente, apresenta características próprias, que a diferem do ser humano adulto. Dentre tais características, destaca-se como a mais proeminente a grande motricidade denotada na fase infantil. (UFGD, 2009, p. 12-13).

Ainda sobre a motilidade na infância, vejamos estas palavras:

Essa movimentação exacerbada [...] [é] a grande evidência de que as crianças de fato se particularizam devido à sua grande mobilidade [...]. Contemporaneamente, pensadores importantes [...] são cordatos quanto a essa questão. (UFGD, 2009, p. 13).

Os estudiosos que sustentam essa posição são muitos<sup>5</sup>.

Um pouco à frente, o texto do documento em pauta corroborava a vivência motriz na infância, bem como registrava os ressaltantes

---

5 Especificamente em relação à motricidade infantil, dentre os autores e estudos citados no texto do Projeto Pedagógico e elencados em suas referências bibliográficas estão: 1) MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. *Educação Física infantil: construindo o movimento na escola*. São Paulo: Phorte, 1999; 2) OLIVEIRA, Z. M. R. de (Org.). *Educação Física infantil: muitos olhares*. Cortez: São Paulo, 1994; 3) BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984; 4) BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª séries*. Brasília: MEC/SEF, 1998; 5) FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. (Org.). *O jogo dentro e fora da escola*. Campinas: Autores Associados, 2005; 6) MELLO, A. M. *Psicomotricidade, Educação Física e jogos infantis*. 3. ed. São Paulo: Ibrasa, 1989; 7) NETO, C. A. F. *Motricidade e jogo na infância*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

esteios do curso em questão, concernentes à formação de docentes com alto conhecimento para o trabalho com essa faixa etária:

A fundamentação teórico-metodológica do curso de Educação Física da UFGD assenta-se [...] no pressuposto da relevância intrínseca da motricidade na cultura infantil. Em virtude dessa opção por este viés epistemológico, o Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD orienta-se para a formação de docentes dotados de sólidas bases teóricas para o trabalho com crianças no contexto escolar formal. (UFGD, 2009, p. 14-15).

É importante compreender que, nesse excerto, salientava-se que a motricidade denotada nos primeiros anos de vida do ser humano explicita-se no âmbito de um universo claramente produtor de suas próprias práticas. Esta concepção aponta para a percepção e, por conseguinte, para o discernimento de que existe uma cultura infantil tal como estava expresso, literalmente.

Sobre a importância dos jogos e brincadeiras na escola, sem ainda entrar no mérito dos benefícios ao corpo, observemos estas palavras:

Acentuadamente sociabilizantes, os jogos e as brincadeiras desempenham papéis importantes no contexto educacional, trabalhando o aspecto relacional dos alunos, tornando-os, portanto, mais sociáveis. Indispensáveis na formação das crianças, os jogos e brincadeiras favorecem o desenvolvimento da criticidade, da criatividade, do raciocínio lógico-matemático e das capacidades lingüístico-verbais, contribuindo notadamente — embora essa não seja a sua finalidade primordial — para a melhoria da apreensão de conhecimento, ou seja, para a “melhoria do rendimento escolar”, como se dizia em tempos [...] arcaicos. (UFGD, 2009, p. 14).

Já sobre os efeitos corpóreos, as adaptações anatomofisiológicas advindas da prática de jogos e brincadeiras, estava escrito no texto:

Os jogos e brincadeiras [...] promovem inúmeros benefícios físicos para as crianças que os vivenciam, benefícios tais como: desenvolvimento da percepção espaço-temporal, desenvolvimento da coordenação motora global, desenvolvimento da coordenação motora fina, aumento do repertório motor, ascensão da capacidade cárdio-respiratória, robustecimento ósteo-muscular, melhoria da qualidade do sono e desenvolvimento corporal global. (UFGD, 2009, p. 14).

Verifiquemos agora estas palavras, que justificavam a presença dos jogos e brincadeiras na escola, além dos aspectos educacionais e dos benefícios ao corpo:

Porém, cumpre frisar, que caso os jogos e as brincadeiras não propiciassem todos estes benefícios, a presença deles ainda se justificaria plenamente na escola, dado o seu caráter divertido, lúdico [...]. O ser humano, sem dúvida, precisa disso, mormente na escola, cujo ambiente, muitas vezes rígido e sisudo, privilegia a ordem, a disciplina e o acúmulo de informações. (UFGD, 2009, p. 14).

Na sequência, o texto abordava o trabalho professoral com pré-adolescentes e adolescentes:

Já no que diz respeito ao trabalho docente com pré-adolescentes e adolescentes, torna-se indispensável considerar que os seres humanos, nessas respectivas e imprecisas fases, apresentam uma miríade de mudanças, em termos bio-psi-co-sociais. O final da infância traz consigo diversas mudanças de ordem anátomo-fisiológica, dentre as quais destaca-se a significativa produção de hormônio sexuais, testosterona nos homens e progesterona nas mulheres. A estrutura corporal humana, quando da ocorrência deste importante evento

fisiológico, está ainda distante de sua maturação completa, que em alguns casos só será atingida aos vinte e um anos. (UFGD, 2009, p. 15).

Nessa vivência rumo à vida adulta — a qual leva certo tempo para ser alcançada, cumpre enfatizar —, os hormônios sexuais determinam, de ordinário, mudanças na corporalidade em termos globais. Sobre isso, afirmava o texto:

Nos meninos, dentre outros processos, inicia-se o aumento da massa muscular, a distribuição dos pelos corporais e o engrossamento da voz. Nas meninas, com a aproximação da menarca — primeira menstruação —, bem como após a sua ocorrência, será determinada a explicitação dos caracteres sexuais femininos, tais como o aumento dos seios, a definição da região dos quadris, a modulação da fala, o surgimento dos pêlos pubianos e o amaciamento da pele. (UFGD, 2009, p. 15).

Estas são algumas das alterações gradativas da corporalidade na pré-adolescência e na adolescência. Já em relação ao aspecto emocional, o texto do documento focava algumas importantes mudanças, caracterizadas notadamente pela oscilação, pela inconstância:

Fases singulares da vida humana, que medeiam entre a infância e o período adulto, a pré-adolescência e a adolescência caracterizam-se, muitas vezes, por intermitências — às vezes mais, às vezes menos constantes — de instabilidade emocional. Já não mais criança, nem tampouco adulto, o ser humano experimenta os desconfortos e as incertezas deste tempo de transição. Para estes desconfortos, contribui notadamente a queda significativa da produção de serotonina, hormônio que auxilia não pouco a harmonização do equilíbrio emocional. O aumento da produção de hormônios sexuais, aliado à diminuição da secreção de serotonina, culmina por configurar uma combinação fisiológica que determina, por vezes, um com-

portamento marcadamente desconcentrado, ansioso, ou até mesmo abertamente agressivo, atrapalhando a aprendizagem no contexto escolar. (UFGD, 2009, p. 15).

É comprovado cientificamente o inestimável valor da prática de atividades corpóreas para a melhoria desse quadro marcadamente mutável. A partir disso, pode ser constatado o caráter indispensável da Educação Física como componente curricular na escola, neste caso, especificamente no final do ensino fundamental e durante todo o ensino médio. Observemos estas palavras:

[...] a Educação Física apresenta-se como um componente curricular de perfil único, pois trabalha com atividades físicas, propiciando ao pré-adolescente e ao adolescente a vivência de sua corporeidade, através da motricidade. Durante a prática de atividades corporais, o cérebro humano produz endorfina, uma substância preciosa, que gera sensação de bem estar e tranqüilidade, contribuindo sobremaneira para a diminuição da instabilidade emocional. A produção de endorfina talvez seja um dos mais importantes mecanismos fisiológicos desencadeados pelos exercícios físicos [...]. Tais efeitos se prolongam muitas horas após o final das atividades motoras, propiciando notável equilíbrio bio-psicológico. Certamente, este quadro não apenas favorece a aprendizagem, como também gera bem estar pessoal, o que é muito importante na pré-adolescência e na adolescência. (UFGD, 2009, p. 15-16).

É perceptível que o texto do Projeto Pedagógico atentava-se — como não poderia deixar de ser — para o importante aspecto de contribuição fisiológica da Educação Física na escolarização de estudantes que saíram da infância e adentraram a pré-adolescência e a adolescência. O aumento da produção de endorfina e de serotonina e a melhoria da saúde global atestam, de maneira evidente, o quão indispensável é a prática de exercícios nessas fases de desenvolvimento particular-

mente marcadas pela instabilidade emocional e pela alta produção de hormônios maturacionais. No entanto, buscando salientar que o componente curricular em foco não concebe o ser humano em termos unicamente fisiológicos, afirmava ainda o documento:

É certo que a imprescindibilidade da Educação Física para pré-adolescentes e adolescentes, vai ainda muito além. Já não há mais dúvidas a respeito dos objetivos da Educação Física em relação a estes estudantes. Depois de muitas discussões acadêmicas, a literatura da área passou a apontar para a priorização da formação da cidadania crítica, cônica da necessidade da prática continuada de atividades físicas por toda a vida, como instância indissociável de uma existência voltada para a manutenção da saúde e da qualidade de vida. (UFGD, 2009, p. 16).

Antes de partirmos para a abordagem dos outros itens do Projeto Pedagógico do curso de Educação Física, vejamos o que estava escrito no arremate de sua fundamentação teórico-metodológica, considerando que este derradeiro trecho do item ora em questão resumia, ao que parece, tudo o que havia sido pautado anteriormente sobre o exercício da docência voltado a crianças, pré-adolescentes e adolescentes:

Em síntese, o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD fundamenta-se, em termos teórico-metodológicos, para a formação de profissionais docentes que atuarão no contexto escolar, levando em conta todas as particularidades relativas ao crescimento do educando, em termos psicológicos e biológicos, agindo e intervindo com competência junto a alunos de todas as faixas etárias, relativas à Educação Infantil e aos Ensinos Fundamental e Médio, atuando em consonância com as diretrizes apontadas pelos estudos acadêmicos sobre a Educação Física, que atualmente preconizam, prioritariamente, a vivência dos jogos, das brincadeiras, dos esportes e

da ginástica como recursos educacionais imprescindíveis à formação não do atleta, mas do cidadão crítico, consciente da necessidade da prática constante de atividades corporais. (UFGD, 2009, p. 16).

Findadas as considerações, os comentários e as citações a respeito da fundamentação teórico-metodológica, busquemos, de ora em diante, promover algum entendimento acerca do item 3.3 do documento pedagógico em questão, intitulado “Adequação do Projeto Pedagógico ao Projeto Político Institucional (PPI) e ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)”. Como o próprio título do item esclarecia, seu conteúdo era um texto que tinha como objetivo demonstrar o quão, naquele momento, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física se adequava a dois dos mais importantes documentos norteadores da UFGD. O primeiro desses documentos, o PPI, define a filosofia e as práticas de trabalho da instituição, apontando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como a primeira de suas linhas mestras.

No tocante à adequação do projeto do curso em relação ao PDI, observemos estas palavras:

À página 39 do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFGD, na tabela 08 do item 3.2.1, que trata da *Programação de Abertura de Cursos de Graduação*, consta a então previsão de solicitação do Curso de Licenciatura em Educação Física para o ano de 2008, preconizando a disponibilização de 50 vagas para o período noturno. Esta previsão foi cumprida a contento, através da autorização de funcionamento concedida pela Resolução COUNI/UFGD nº 107, de 03 de novembro de 2008. Corrobore-se, que no PDI, o funcionamento do curso propriamente dito, não estava perspectivado para o ano de 2008, mas sim sua solicitação. Destarte, torna-se claro o cumprimento das diretrizes institucionais da UFGD, no que diz respeito a este aprazamento. (UFGD, 2009, p. 17).

Já em sua adequação ao PPI, estava escrito no Projeto Pedagógico do curso:

Para que possa ser sintetizada a adequação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física ao Projeto Pedagógico Institucional da UFGD, cumpre explicitar que o curso de graduação em questão já surge atendendo aos *Princípios Filosóficos e Metodológicos* do PPI. Para que possa ser confirmada esta assertiva, é preciso examinar brevemente tal adequação. Verifiquemos, por exemplo, as implicações relativas ao item intitulado *Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*. O Curso de Licenciatura em Educação Física já surgiu pautado pela indissociabilidade entre estas três instâncias ou dimensões propostas pelo Projeto Político Institucional da UFGD, já que traz como proposta de ensino, uma abordagem que busca valorizar, bem como praticar constantemente, a educação pela ou através da pesquisa. (UFGD, 2009, p. 18, grifo do autor).

Naturalmente, no momento do nascimento do curso de Educação Física, o ensino e a pesquisa estavam previstos, perspectivados de maneira teórica. A extensão, como veremos adiante, era já uma realidade alcançada e, portanto, à disposição dos(as) futuros(as) acadêmicos(as). O viés de ensino do curso — então alojado no dever histórico como já explicitado no item relativo à fundamentação teórico-metodológica — apontava, de maneira clara, para uma formação em que o apreço pelas atividades corporais ancorava-se na cidadania crítica. Isso talvez já tenha sido suficientemente abordado neste texto. Acerca da pesquisa, observemos o que estava escrito no projeto pedagógico do curso:

Contemporaneamente, a importância da pesquisa na atuação do professor de Educação Física é ressaltada [...] nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física [...], por conta da não pouco expressiva ênfase teórica dada ao ensino

[...] nas escolas. Para que o professor de Educação Física possa ministrar conhecimentos básicos de Anatomia e Fisiologia [...] é necessário o trabalho de pesquisa não apenas por parte dele, como também por parte de seus alunos. Para que o professor [...] possa ministrar conteúdos relativos à História dos Esportes e da Motricidade [...] é imprescindível o trabalho de pesquisa, tanto por parte dele como por parte de seus alunos. A complexidade dos eixos temáticos hoje preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, torna a pesquisa um procedimento indispensável para a eficácia [...] desta [...] área do conhecimento humano. (UFGD, 2009, p. 19).

No contexto escolar, a atuação do profissional de Educação Física necessita da pesquisa para que não haja o risco de pecar pela falta de embasamento. Não se preconiza, neste caso, que o docente seja um profissional da pesquisa, um estudioso apenas, mas que seja um professor cujas práticas pedagógicas sejam norteadas pelo hábito da pesquisa, um professor cuja docência seja marcadamente balizada pela prática investigativa, isto é, pela prática da pesquisa. Numa só frase, espera-se, nos dias de hoje, um educador que pesquise. Parece não restar dúvida quanto à qualidade superior do profissional que, dentre outras características, cultiva hábitos de investigação concernente aos conhecimentos que são da alçada de sua atuação. As necessárias relações e correlações entre o saber academicamente produzido e as aulas, sejam elas nas salas ou nas quadras, devem fazer parte das principais preocupações didático-pedagógicas atualmente.

Acerca da intencionalidade presente na conscientização sobre a importância da pesquisa para o professor, bem como concernente às disciplinas estimuladoras do hábito da pesquisa — que constavam na matriz curricular que estava sendo proposta —, verifiquemos o que estava escrito no projeto do curso:

A congruência entre esta intencionalidade e a *práxis* pedagógica do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD encontra-se expressa em sua própria matriz curricular, onde constam três componentes específicos de orientação e estímulo à pesquisa, que são: Métodos e Técnicas de Pesquisa, Pesquisa em Educação Física e Trabalho de Graduação<sup>6</sup>. (UFGD, 2009, p. 19).

Abordemos agora a extensão, que, corrobore-se, já era uma realidade para aquele novo curso em fase de implantação na FAED/UFGD, uma vez que, ainda em 2008, bem antes do início das aulas da primeira turma, que começaram em 10 de março de 2009, alguns projetos já eram desenvolvidos pelo docente que viria a ser o primeiro coordenador *pro tempore* da licenciatura em questão<sup>7</sup>. Com respeito às iniciativas na área da extensão universitária, estava escrito no documento:

[...] no que diz respeito aos projetos ou às ações de extensão, o Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD já inicia suas funções colocando em funcionamento dois projetos de cunho desporto-recreativo, que são intitulados respectivamente Nadar é Bom! e Férias na Escola. O primeiro destes projetos de extensão, como o seu próprio título enuncia, trabalha com natação. O projeto foi celebrado com a Escola Estadual Castro Alves, localizada nas proximidades da Unidade I da UFGD, visando a atender alunos e alunas da escola em questão, no que diz respeito à prática da natação. Estes alunos e alunas são oriundos das turmas de Educação Física desta escola [...] na faixa etária de 10 a 14 anos. A agregação deste público-alvo é efetuada pela docente de Educação Física da própria instituição de ensino em pauta<sup>8</sup>. A mesma profissional que agrega esses estudantes, atende-os na piscina da Unidade I da UFGD, em aulas de nado, buscando oportunizar a eles todos os bene-

6 Mais à frente neste trabalho, abordaremos a matriz curricular da licenciatura em Educação Física da UFGD, quando será possível verificar essas três disciplinas situadas no âmbito de todos os outros componentes curriculares que integralizavam o curso.

7 Professor Manuel Pacheco Neto.

8 Professora Nilza Goreti Nonato Chagas.

fícios bio-psicológicos e sociais inerentes a esta prática física, considerada a mais completa dentre todas as outras. Todo este processo, que abarca uma turma de 30 estudantes de ambos os gêneros, sem acesso a qualquer outra atividade aquática, é supervisionado pelo Coordenador *pro tempore* do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD. Num futuro muito próximo, este projeto de extensão será muito útil ao Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, uma vez que ofertará possibilidades importantes de inserção dos acadêmicos em uma atividade desporto-recreativa desenvolvida dentro da própria universidade [...]. (UFGD, 2009, p. 19-20).

Verifiquemos agora o outro projeto de extensão que vinha sendo desenvolvido antes do funcionamento da licenciatura em Educação Física e que, convenientemente, passou a constar no projeto pedagógico do curso e a ofertar possibilidades futuras de vivência pedagógica aos alunos que nele posteriormente ingressariam<sup>9</sup>:

A universidade desenvolve também, sob a supervisão da Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física, o projeto intitulado Férias na Escola, que tem como objetivo desenvolver atividades de lazer, educação ambiental e promoção da saúde junto às escolas públicas de Dourados. Os trabalhos ocorrem durante o recesso escolar de julho, com o desenvolvimento de atividades motoras, tais como: queimada, voleibol, futsal, basquetebol, pulo-de-corda, amarelinha, boliche e cantigas de roda. No projeto são também trabalhados os jogos de mesa, tais como: xadrez, dama e gamão. Sem sombra de dúvida, o projeto Férias na Escola será de grande utilidade para os estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, posto que ofertará a possibilidade de vivência da *práxis* e dos procedimentos didático-pedagógi-

---

9 Antes da implantação do curso de Educação Física, o projeto Férias na Escola era desenvolvido com os(as) estudantes da licenciatura em Pedagogia da FAED/UFMG. O projeto havia sido idealizado e implantado em 2007 pela professora Alaíde Barufi, pedagoga e doutora em Educação. Em 2007, o professor Manuel Pacheco atuou como vice-coordenador do projeto e, em 2008, passou a coordená-lo devido à aproximação da implantação do curso de Educação Física. Posteriormente, o projeto também foi coordenado pela professora Marina Vinha, doutora em Educação Física.

cos próprios da Educação Física no contexto escolar. (UFGD, 2009, p. 20, grifo do autor).

O projeto Férias na Escola acabou sendo, de fato, um eficiente apoio à participação dos estudantes de Educação Física em projetos de extensão, sobretudo no que dizia respeito à participação em atividades realizadas no contexto escolar, ambiente que é o futuro de trabalho de todos os(as) acadêmicos(as) que ingressam em cursos de licenciatura. Além dos(as) estudantes de Educação Física, também os(as) alunos(as) de Pedagogia atuavam no projeto Férias na Escola, concretizando o preceito de integração e diálogo entre os dois cursos, na perspectiva da formação de professores, conforme enunciado no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física (UFGD, 2009, p. 6) e também evidenciado nesta obra.

Cumpramos corroborar que, depois do item sobre a adequação do curso a dois documentos importantes da UFGD, o PDI e o PPI, o Projeto Pedagógico apresentava o item 4, intitulado “Administração Acadêmica: Coordenador do Curso”, que se desdobrava em outros três subitens, a saber: “Atuação do Coordenador” (4.1), “Formação do Coordenador” (4.2) e “Dedicação do Coordenador à Administração e Condução do Curso” (4.3). Esses trechos do documento não serão comentados neste livro, pois truncariam, por assim dizer, o foco pretendido, marcadamente direcionado para a construção de uma contri-buição historiográfica fluente, mesmo que modesta. Comentar esses pequenos textos, que abordam apenas a figura do coordenador do curso, seria, sem dúvida, contraproducente e sobretudo parcial, pois promoveria a “protagonização” de apenas um personagem. Numa só frase, a narrativa ficaria exacerbadamente centrada na coordenação e

pendência não apenas para o personalismo, mas também para a burocratização<sup>10</sup>.

Dito isso, partamos para o item 5 do projeto pedagógico, que listava, de maneira clara e direta, os objetivos do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD da seguinte maneira:

- Formar docentes com apurado domínio teórico, prático e técnico, para atuar no ensino formal, em instituições públicas ou privadas;
- Atender à significativa demanda regional do sul do estado de Mato Grosso do Sul, que não dispõe de cursos públicos de Licenciatura em Educação Física;
- Privilegiar a formação de docentes dotados de aguçada criticidade, aptos a atuar como agentes de transformação social, visando à construção de uma sociedade mais humana, inclusiva e igualitária;
- Formar docentes detentores de uma ampla compreensão acerca do fenômeno educacional, levando em consideração as inter-relações entre o aprendiz, a sociedade e as instituições educativas;
- Legar à sociedade um profissional com rigoroso senso ético e moral, que acredite na honestidade e na idoneidade como parâmetros imprescindíveis para o advento de uma sociedade mais digna e livre. (UFGD, 2009, p. 22).

Aqui é constatável a consonância entre a formulação desses objetivos e a fundamentação teórico-metodológica do projeto pedagógico do curso. A intenção de relacionar os itens 3.1 e 5 com alguma coerência era, ao que parece, perceptível.

Observemos agora o perfil desejado do egresso, disposto no item 6 do Projeto Pedagógico:

---

10 Para acessar não apenas esses trechos do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física, mas o documento em sua íntegra, visite: <<https://portal.ufgd.edu.br/coordenadoria/cograd/ppcs>>.

O egresso do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD denotará uma ampla concepção sobre o papel das atividades corporais no contexto educacional, apresentando claro e seguro domínio dos conhecimentos pedagógicos da Educação Física, entendendo-os como elementos educativos de origem interdisciplinar, fundamentados nas ciências da saúde, biológicas, humanas e exatas. Este entendimento da Educação Física como área interdisciplinar, constituir-se-á como alicerce teórico para a resolução dos problemas concretos da prática e da dinâmica docentes, possibilitando a sistematização dos jogos, da ginástica, da luta, da dança e do esporte, como instrumentos educativos imprescindíveis às distintas etapas da formação humana. (UFGD, 2009, p. 22).

O suporte efetivo para a consecução de várias das intencionalidades expressas no projeto do curso estava, pelo menos em tese, na matriz curricular (item 7) que vigoraria nos primeiros tempos de implantação da licenciatura em Educação Física. Noutros termos, a concretização do que estava previsto em itens cruciais, tais como Fundamentação Teórico-Methodológica (3.1), Adequação do projeto Pedagógico ao PPI e ao PDI (3.3), Objetivos (5) e Perfil Desejado do Egresso (6), era perspectivada no rol disciplinar então proposto. Assim, na matriz curricular para aquele início de curso, constavam as disciplinas obrigatórias comuns à universidade (DCU), as disciplinas obrigatórias comuns à área (DCA), as disciplinas específicas do curso/obrigatórias (DEC) e as disciplinas eletivas do curso.

Das doze disciplinas comuns à universidade, o(a) estudante podia escolher seis para cursar ao longo dos três primeiros semestres. Eram estas as disciplinas comuns à universidade: Cidadania, Diversidade e Direitos Humanos; Sociedade, Meio Ambiente e Sustentabilidade; Educação, Sociedade e Cidadania; Territórios, Fronteiras e Globalização; Sustentabilidade na Produção de Alimentos e Energia;

Corpo, Saúde e Sexualidade; Linguagens, Lógica e Discurso; Economias Regionais, Arranjos Produtivos e Mercados; Ética e Paradigmas do Conhecimento; Tecnologias da Informação e Comunicação; Conhecimentos e Tecnologias; Ciência e Cotidiano.

As disciplinas obrigatórias comuns à área eram as seguintes: Fundamentos de Didática; Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem; Educação Especial; LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais; História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras; Laboratório de Textos Científicos I.

No rol das disciplinas específicas do curso/obrigatórias (DEC), constavam 36 componentes: Fundamentos Históricos da Motricidade Humana; Teoria da Educação Física; Educação Física Escolar I; Natação na Escola; Anatomia Humana I; Crescimento e Desenvolvimento Humano; Cinesiologia; Futebol e Futebol de Salão na Escola; Voleibol na Escola; Anatomia Humana II; Fisiologia Humana; Métodos e Técnicas de Pesquisa; Normas Jurídico Legais da Educação Brasileira; Ética Profissional em Educação Física; Handebol na Escola; Fisiologia do Exercício; Didática da Educação Física; Medidas e Avaliação na Educação Física; Basquetebol na Escola; Educação Física e Socorros de Urgência; Teoria do Treinamento Escolar; Atletismo na Escola; Pesquisa em Educação Física; Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Ginástica na Escola; Educação Física Escolar II; Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental; Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento; Organização de Eventos Esportivos; Trabalho de Graduação; Educação Física no Ensino Médio; Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental; Prescrição de Exercícios em

Educação Física Escolar; Educação Física Adaptada; Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física no Ensino Médio.

Já no quadro de disciplinas eletivas, constavam os seguintes componentes: Educação e Antropologia Cultural; Tópicos Especiais em Psicologia da Educação; Educação e TICs; Educação e Literatura; Tópicos Especiais em Fundamentos da Educação; Arte, Corpo e Educação; Educação Escolar Indígena; Bases Biológicas da Educação Física; Fundamentos da Educação, Recreação e Lazer na Escola; Artes Marciais na Escola; Corpo, Corporeidade e Culturas; Temas Emergentes em Educação Física; Medidas e Avaliação na Educação Brasileira; Dança na Escola; Temas Emergentes em Educação.

Após listar todas as disciplinas da matriz curricular então proposta para o ano de 2009 — o primeiro de funcionamento do curso —, vejamos agora as disciplinas que seriam cursadas sequencialmente pelos(as) estudantes conforme a proposta explicitada no item 7.1 do projeto pedagógico, que se intitulava “Demonstrativo da Seriação Ideal”. Os quadros atinentes a esse item do documento contribuíam para uma visualização clara acerca, em termos efetivos, de como o curso foi iniciado:

**Quadro 1** – Primeiro semestre ideal.

N.	CAT	Nome componente
001	DCU	À escolha do aluno
002	DCU	À escolha do aluno
003	DCA	Fundamentos de Didática
004	DCA	Educação Especial
005	DEC	Fundamentos Históricos da Motricidade Humana
006	DEC	Teoria da Educação Física

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 2 – Segundo semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
007	DCU	À escolha do aluno
008	DCU	À escolha do aluno
009	DCA	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem
010	DCA	Laboratório de Textos Científicos
011	DEC	Educação Física Escolar I
012	DEC	Natação na Escola

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 3 – Terceiro semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
013	DCU	À escolha do aluno
014	DCU	À escolha do aluno
015	DCA	Introdução à LIBRAS e Produção Textual na Cultura Surda
016	DCA	História e Cultura Africana e Afro-Brasileira
017	DEC	Anatomia Humana I
018	DEC	Bases Biológicas da Educação Física

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 4 – Quarto semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
019	DEC	Crescimento e Desenvolvimento Humano
020	DEC	Cinesiologia
021	DEC	Tópicos Esp. em Fundamentos da Educação
022	DEC	Futebol e Futebol de Salão na Escola
023	DEC	Voleibol na Escola
024	DEC	Anatomia Humana II

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 5 – Quinto semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
025	DEC	Fisiologia Humana
026	DEC	Métodos e Técnicas de Pesquisa
027	DEC	Normas Jurídico-Legais da Educação Brasileira
028	DEC	Ética Profissional em Educação Física
029	DEC	Handebol na Escola
030	DEC	Recreação e Lazer na Escola

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 6 – Sexto semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
031	DEC	Fisiologia do Exercício
032	DEC	Didática da Educação Física
033	DEC	Arte, Corpo e Educação
034	DEC	Medidas e Avaliação na Educação Física
035	DEC	Basquetebol na Escola
036	DEC	Educação Física e Socorros de Urgência

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 7 – Sétimo semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
037	DEC	Teoria do Treinamento Escolar
038	DEC	Atletismo na Escola
039	DEC	Pesquisa em Educação Física
040	DEC	Ed. Física na Ed. Infantil e nos Anos Iniciais do EF
041	DEC	Ginástica na Escola

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 8 – Oitavo semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
042	DEC	Educação Física Escolar II
043	DEC	Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental
044	DEC	Dança na Escola
045	DEC	Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental
046	DEC	Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 9 – Nono semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
047	DEC	Organização de Eventos Esportivos
048	DEC	Trabalho de Graduação
049	DEC	Educação Física no Ensino Médio
050	DEC	Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental
051	DEC	Artes Marciais na Escola
052	DEC	Corpo, Corporeidade e Culturas

Fonte: UFGD, 2009.

**Quadro 10 – Décimo semestre ideal.**

N.	CAT	Nome componente
053	DEC	Prescrição de Exercícios em Educação Física Escolar
054	DEC	Educação Física Adaptada
055	DEC	Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física no Ensino Médio
056	DEC	Temas Emergentes em Educação Física

Fonte: UFGD, 2009.

O suporte pedagógico a essas disciplinas era proporcionado por um corpo docente composto por doze profissionais da educação<sup>11</sup>, todos(as) doutores(as) com experiência professoral no ensino superior, em cursos de graduação, especialização e até mesmo em mestrados/doutorados. Àquele corpo docente, somava-se um corpo técnico-administrativo composto por cinco profissionais<sup>12</sup> que promoviam os indispensáveis apoios organizacional, operacional e administrativo ao funcionamento cotidiano do curso.

Avizinhando-nos do final desta síntese analítica do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, cumpre verificar, em sua íntegra, o item 2 e seus respectivos subitens que diziam respeito à identificação do curso em pauta (UFGD, 2009, p. 11):

---

11 Eis os(as) integrantes do corpo docente, com suas respectivas titulações e tempo de experiência no ensino superior quando da abertura do curso: Alessandra Cristina Furtado, doutora em Educação, com 8 anos de ensino na graduação e 4 anos na pós-graduação lato sensu; Giselle Cristina Martins Real, doutora em Educação, com 16 anos de ensino na graduação e 12 anos na pós-graduação lato sensu; Magda Carmelita Sarat Oliveira, doutora em Educação, com 9 anos de ensino na graduação, 7 anos na pós-graduação lato sensu e 2 anos na pós-graduação stricto sensu; Manuel Pacheco Neto, doutor em Educação, com 9 anos de ensino na graduação e 7 anos na pós-graduação lato sensu; Maria José de Oliveira Nascimento, doutora em Educação, com 9 anos de ensino na graduação; Marilda Moraes Garcia Bruno, doutora em Ensino da Educação Brasileira, com 10 anos de ensino na graduação, 15 anos na pós-graduação lato sensu e 3 anos na pós-graduação stricto sensu; Marina Vinha, doutora em Educação Física, com 12 anos de ensino na graduação, 2 anos na pós-graduação lato sensu e 3 anos na pós-graduação stricto sensu; Mário Sérgio Vaz da Silva, doutor em Ciências, com 11 anos de ensino na graduação e 8 anos na pós-graduação lato sensu; Morgana de Fátima Agostini Martins, doutora em Educação Especial, com 5 anos de ensino na graduação e 3 anos na pós-graduação lato sensu; Reinaldo dos Santos, doutor em Sociologia, com 14 anos de ensino na graduação, 7 anos na pós-graduação lato sensu e 2 anos na pós-graduação stricto sensu; Renato Nésio Suttana, doutor em Letras, com 10 anos de ensino na graduação e 8 anos na pós-graduação lato sensu (UFGD, 2009, p. 52-53).

12 Eram integrantes do corpo técnico-administrativo da FAED: Eveline de Oliveira Gomes, coordenadora administrativa; Kleber Ferreira da Silva, secretário administrativo; Thiago Leandro Vieira Cavalcante, secretário de pós-graduação; Luiz Fernando Stopa Arcênio, técnico do laboratório de informática; Cláudia Finger, secretária de graduação (UFGD, 2009, p. 53).

## 2 - IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

CURSO: Licenciatura em Educação Física  
GRAU ACADÊMICO CONFERIDO: Licenciado em Educação Física  
MODALIDADE DE ENSINO: Presencial  
REGIME DE MATRÍCULA: Regime de crédito semestral  
PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO: Duração mínima de 08 semestres, duração média de 10 semestres e duração máxima de 16 semestres  
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO: 3966  
NÚMERO DE VAGAS: 50  
NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA: 50  
TURNO DE FUNCIONAMENTO: Noturno de segundas às sextas-feiras; matutino e vespertino aos sábados  
LOCAL DE FUNCIONAMENTO: FAED – Faculdade de Educação  
Rodovia Dourados-Itahum, Km 12  
Caixa Postal 533  
CEP 79.804-970  
Dourados – MS

Vejamos agora a forma de ingresso:

Aprovação em processo seletivo de avaliação seriada, vestibular anual, com reserva de 25% de vagas para alunos que cursaram o ensino médio completo em escolas públicas, para o preenchimento de 50 vagas, contemplando transferências de outras instituições de ensino nacionais; movimentação interna; transferências compulsórias e portadores de diploma de curso superior de graduação. (UFGD, 2009, p. 11).

Depois de alguns anos, rever, com certo detimento, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD enseja, de certa forma, o descortino de um passado que remonta a aproximadamente uma década. Noutros termos, este exercício de revisitação permite o vislumbre, mesmo que parcial, do nascimento do

curso numa época em que as instalações físicas específicas para a prática dos esportes eram insuficientes. Havia uma só quadra de esportes à disposição, com medidas inferiores às oficiais, localizada na Unidade I, distante 12 quilômetros da Unidade II, onde o curso seria sediado e onde a quadra poliesportiva coberta ainda estava em construção, longe de ser concluída. A piscina oficial olímpica, que já existia na Unidade II, de grande profundidade e útil apenas para competições de alto nível — que naquele momento não ocorriam —, forçava a realização das aulas do curso na antiga piscina da Unidade I, dependência que, em pouco tempo, apresentou problemas. Diante de tal situação, durante vários meses, a piscina da Unidade I passou a não ser mais uma opção para as aulas de natação, ensejando a necessidade de um convênio com o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) para que as aulas pudessem ocorrer na piscina lá existente. Outra dificuldade, dentre as muitas existentes na época, era o fato de ainda não existir laboratório de Educação Física. Os tempos eram difíceis, mas o futuro acenava com possibilidades de significativas realizações, o que, de fato, ocorreu.

Hoje, o curso possui três quadras poliesportivas, uma delas coberta; um grande laboratório de Educação Física<sup>13</sup>, com salas para o desenvolvimento das mais diversas atividades; uma pista de caminhada contornando o complexo esportivo e três academias ao ar livre<sup>14</sup>. O acervo bibliográfico específico da área de Educação Física<sup>15</sup> cresceu exponencialmente. A despeito desses avanços, muito ainda está por ser feito em termos de estruturação física.

---

13 O laboratório de Educação Física foi inaugurado em outubro de 2012.

14 A pista de caminhada e as academias foram construídas sob os auspícios da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE), tendo sido inauguradas em maio de 2015.

15 O acervo bibliográfico do curso encontra-se na Biblioteca Central, Unidade II da UFGD.

Por fim, ao ultimar esta breve revisitação ao Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física<sup>16</sup>, salta à vista a percepção de que um dos mais expressivos avanços ocorridos nesses dez anos de curso deveu-se ao crescimento quantitativo e qualitativo do corpo docente específico da área. Em 2009, eram apenas três<sup>17</sup>, hoje, são dez profissionais<sup>18</sup>, todos(as) com graduação em Educação Física e pós-graduação *stricto sensu* na mesma área ou em áreas afins.

---

16 Naturalmente, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física apresenta outros itens que não foram aqui comentados para que o texto não se tornasse excessivamente técnico e burocrático, embora todos tenham sido listados para conhecimento dos leitores. Para consulta aprofundada aos demais tópicos, tais como o ementário das disciplinas, a atuação do coordenador, o sistema de avaliação da aprendizagem, a bibliografia, dentre outros, o documento pode ser encontrado na íntegra, porém com reformulações que foram sendo feitas ao longo do tempo, em: <<https://portal.ufgd.edu.br/coordenadoria/cograd/ppcs>>.

17 Manuel Pacheco Neto, que havia ingressado na universidade em setembro de 2007 como professor substituto e se tornado efetivo por concurso público em outubro de 2008; Marina Vinha, que havia ingressado por concurso público em outubro de 2008, mas não disponibilizada inicialmente para o curso de Educação Física — o que só ocorreu em 2011 — por ter sido lotada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu; Mário Sérgio Vaz da Silva, que havia ingressado por concurso público em março de 2009.

18 Daniel Traina Gama; Fabrício Cieslak; Gustavo Levandoski; Jacqueline da Silva Nunes Pereira; Josiane Fujisawa Filus de Freitas; Lara Elena Gomes Marquardt; Manuel Pacheco Neto; Marina Vinha, — que se aposentou em 2018, quando do encaminhamento deste livro à editora, ensejando a abertura de concurso público para preenchimento de sua vaga; Mário Sérgio Vaz da Silva e Pablo Christiano Barboza Lollo.

## O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU - ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Em 2010, ano seguinte ao início das atividades do curso de Educação Física, começaram as cogitações acerca da possibilidade de implantação de um curso de especialização em Educação Física Escolar. A situação parecia favorável. O primeiro ponto positivo era que o curso lato sensu perspectivado surgiria diretamente vinculado a uma licenciatura em Educação Física, um curso plenamente voltado ao exercício da docência e, por conseguinte, ao ensino formal, à escola. Destarte, a segunda turma já havia ingressado na licenciatura — primeiro semestre de 2010 — quando foi iniciada a escrita do projeto que daria sustentação à pós-graduação pretendida. A primeira versão do documento ficou pronta ainda no final do primeiro semestre, em maio, prevendo o início das aulas já para setembro daquele ano. No entanto, por motivos variados, dentre eles a organização das atribuições dos(as) professores(as), o cronograma foi reprogramado, passando a prever o processo seletivo para a primeira quinzena de dezembro de 2010 e o início das aulas para o começo de março de 2011.

A comissão que conduziu o processo seletivo<sup>19</sup> levou em consideração três itens para fins de aprovação ou reprovação dos candida-

---

19 A comissão de seleção era formada pelos(as) docentes: Aline Maira da Silva, Ida Carneiro Martins, Mário Sérgio Vaz da Silva, Warley Carlos de Souza e Manuel Pacheco Neto. Este último, coordenador do curso de especialização e do processo de seleção, sofreu um acidente de trânsito em 9 de dezembro de 2010, quando se dirigia à UFGD para participar dos trabalhos finais do processo seletivo, que ocorreria naquele dia. Apesar disso, o processo seletivo foi conduzido sem maiores percalços pelos integrantes da comissão, que na semana seguinte publicaram os resultados, elencando os(as) aprovados(as) e reprovados(as). Todo o curso foi conduzido coletivamente por aquele grupo, já que o profissional que havia sido designado para coordená-lo ficou afastado da universidade pelos quinze meses que se seguiram, sob licença médica. O curso foi um sucesso.

tos: 1) Análise da documentação reunida na inscrição, considerando o preenchimento correto da ficha, a presença dos documentos de ordem pessoal e a comprovação relativa à conclusão de curso superior na área da Educação Física, item de caráter eliminatório, sendo considerado reprovado o candidato que não entregasse qualquer dos documentos exigidos ou não atendesse aos requisitos mínimos de formação/atuação profissional; 2) Prova escrita, versando sobre temáticas respeitantes às áreas de concentração do curso, indicadas em bibliografia anteriormente divulgada, de caráter eliminatório, com reprovação no caso de notas inferiores a 7,0 pontos; 3) Análise do curriculum vitae, de caráter classificatório, levando em conta aspectos quantitativos e qualitativos respeitantes à formação acadêmica, à atuação profissional e à produção intelectual do candidato.

Como se percebe, o curso em questão foi pensado para configurar-se, efetivamente, como uma oportunidade de crescimento para quem, de fato, o desejava. As próprias regras do processo de seleção expressavam isso, pois ensejavam uma clara perspectivação de que os aprovados trariam consigo um relevante conhecimento anterior, resultado de suas trajetórias e, sobretudo, de seus esforços de preparação para a avaliação escrita. Noutros termos, para ingressar, não era necessário apenas fazer a inscrição — como ocorre em alguns cursos de especialização em nosso país —, mas também preparar-se para o processo seletivo, porta de entrada para uma fase de relevante aquisição de conhecimento.

De ora em diante, abordaremos brevemente alguns aspectos do projeto que deu sustentação ao curso de Especialização Lato Sensu em Educação Física Escolar, nele buscando verificar, primeiramente, seu item 1, que caracterizava o curso:

## 1 - IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

CURSO: “Educação Física Escolar”

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO: “Esporte Escolar” e “Educação para a Saúde”

NÍVEL: Pós-graduação lato sensu – Especialização

LEGISLAÇÃO FEDERAL: Resolução n. 01/2007 - CNE/CES

NORMAS DA UFGD: Resolução n. 018/2006 – CEPEC/UFGD

FACULDADE (S) PROPONENTE(S): Faculdade de Educação – FAED – UFGD

LOCAL DE REALIZAÇÃO: UFGD – Unidade II

PERÍODO DE REALIZAÇÃO: 01/03/2011 a 23/05/2012 (UFGD, 2010, p. 2).

Percebe-se, de imediato, a identificação com a licenciatura então recém-implantada na UFGD, assemelhando-se, talvez, à sua *continuação*, com o acréscimo de que seu alcance abrangia, naturalmente, não apenas os(as) acadêmicos da própria universidade, como também os egressos de outros cursos de Educação Física. Na época, não existia nenhum curso gratuito de especialização em Educação Física na porção meridional de nossa unidade federativa, o que demonstrava, sem dúvida, a existência da demanda social por sua implantação. Vejamos as palavras que constavam no item 3 do projeto quanto à justificativa para a proposição e posterior oferta da especialização lato sensu:

O Curso de Especialização em Educação Física Escolar da UFGD preencherá uma lacuna importante na região sul de Mato Grosso do Sul, onde nunca existiu ou nem mesmo existe, atualmente, nenhum programa de Pós-Graduação, vinculado a qualquer instituição, que ofereça um curso de especialização gratuito na área da Educação Física. Existe na região, uma quantidade suficientemente significativa de pessoas gradua-das/licenciadas, sem oportunidade de especializar-se na área

da disciplina em que trabalha. A região da Grande Dourados compreende 13 municípios [...]. (UFGD, 2010, p. 2).

O trecho citado demonstra a necessidade social do curso. O documento prosseguia nomeando todas as treze cidades que integram a região da Grande Dourados e informando, sequencialmente, o quantitativo de moradores de cada um desses municípios. Por fim, o documento pautava a soma total da população de toda a região que, naquele momento<sup>20</sup>, era da ordem de 358.447 habitantes.

A justificativa de implantação da especialização em Educação Física terminava refletindo que:

Cumpra também acrescentar que diversos outros municípios confinam-se com estes treze aqui já mencionados, engendrando um contingente populacional ainda muito maior. É neste contexto educacional que a Educação Física regional está inserida, justificando assim, significativamente, o curso ora proposto. Como elemento justificativo final, faz-se necessário ressaltar o fato, largamente sabido, de que a Universidade Federal da Grande Dourados não agrega, em seu corpo discente, apenas pessoas oriundas de seu entorno regional, mas também oriundas de [...] outros rincões de Mato Grosso do Sul, bem como de vários outros estados do Brasil. (UFGD, 2010, p. 2).

Nota-se que, devido à carência absoluta de qualquer opção gratuita no que dizia respeito à especialização em Educação Física na região, associada à elevada quantidade de egressos formados em diversas instituições — dos quais, muitos querendo se especializar —, o curso então proposto se justificava plenamente. Percebe-se que a argumentação do projeto encerrava ainda a perspectiva de atendimento aos alunos da própria licenciatura da UFGD, que, dentro de

---

20 Maio de 2010.

algum tempo, estariam colando grau sequencialmente, ano após ano. Noutros termos, nota-se que o projeto trazia consigo a intenção de oferta contínua, visando ao aprimoramento constante não apenas dos professores recém-formados na instituição, mas também dos egressos de outros cursos. Em síntese, o texto da justificativa do projeto parecia denotar, de fato, a ideia de suprir uma demanda evidente em Mato Grosso do Sul.

Observemos, a seguir, os objetivos do curso de especialização (UFGD, 2010, p. 2):

## 2 – OBJETIVOS (geral e específicos)

### Geral:

- O curso de Especialização em Educação Física Escolar da UFGD tem como objetivo propiciar o aprofundamento de conhecimentos específicos para o exercício da docência na Educação Infantil e nos Ensinos Fundamental e Médio, engendrando, através da sua estrutura curricular, oportunidades reiteradas de reflexão e ressignificação da *práxis* pedagógica no contexto escolar, preparando o aluno para exercer um trabalho docente caracterizado pela excelência.

### Específicos:

- Instrumentalizar os professores de Educação Física quanto aos fundamentos, princípios e métodos aplicados ao seu trabalho.
- Elaborar e desenvolver projetos de pesquisa como recursos de formação continuada e de intervenção na área da Educação Física Escolar, por intermédio da elaboração da monografia.

Com uma carga horária total de 360 horas, o curso de Especialização em Educação Física Escolar previa, em seu projeto, a oferta de 12 vagas para a área de concentração nomeada “Esporte Escolar” e mais 12 vagas para a área de concentração intitulada “Educação para a Saúde”, totalizando o oferecimento de 24 vagas, aí já inclusas 03 vagas destinadas a servidores da UFGD.

Vejamos agora as etapas/cronograma de execução:

**Quadro 11** – Etapas e cronograma de execução do curso de Especialização em Educação Física Escolar.

ETAPAS	INÍCIO	TÉRMINO
<b>1ª Etapa: Núcleo Comum:</b> - Metodologia do Ensino da Educação Física (45 horas) - Bases Epistemológicas da Educação Física Escolar (45 horas) - Docência no Ensino Superior (45 horas) - Pesquisa Aplicada à Educação Física Escolar (45 horas)	01/03/2011	29/06/2011
<b>2ª Etapa: Área de Concentração – Esporte Escolar:</b> - Esporte Escolar (45 horas) - Teoria e prática dos jogos e brincadeiras (45 horas) - Psicologia do Desenvolvimento (30 horas)	09/08/2011	08/11/2011
<b>2ª Etapa: Área de Concentração: Educação Física e Saúde</b> - Estruturas Corpóreas e Motricidade (45 horas) - Atividade Física e Saúde (45 horas) - Educação Especial (30 horas)	09/08/2011	08/11/2011
<b>3ª Etapa: todas as Áreas de Concentração</b> - Seminários de Pesquisa – incluindo a elaboração e a apresentação da monografia (60 horas).	07/03/2012	23/05/2012

Fonte: UFGD, 2010, p. 4.

O cronograma foi elaborado levando em consideração a realização das atividades/aulas duas vezes por semana, às terças e quartas-feiras, das 19h às 23h. Todas as disciplinas da grade curricular eram

obrigatórias e foram ministradas por um corpo docente composto unicamente por doutores(as)<sup>21</sup>.

O curso de Especialização Lato Sensu em Educação Física Escolar foi marcante no início do funcionamento do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD, pois ofertou, durante catorze meses, entre 2011 e 2012, ensino de qualidade na formação continuada de diversos(as) profissionais graduados(as) na área. Dentre as 54 pessoas que se inscreveram para concorrer às vagas disponíveis, doze foram selecionadas para cada uma das duas áreas de concentração, assim preenchendo a totalidade da oferta.

O foco no esporte escolar e na saúde propiciou reflexões e debates imprescindíveis às intenções de entendimento acerca da Educação Física Escolar, além de ter oportunizado aprimoramento aos profes-

---

21 De acordo com o projeto do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar (UFGD, 2010) e com o currículo lattes, Ida Carneiro Martins (graduada em Educação Física e doutora em Educação) e Manuel Pacheco Neto (graduado em Educação Física e doutor em Educação) responsabilizaram-se pela disciplina Metodologia do Ensino de Educação Física; Marina Vinha (graduada em Educação Física e doutora em Educação Física) ministrou a disciplina Bases Epistemológicas da Educação Física Escolar; Maria Alice Miranda Aranda (graduada em Pedagogia e doutora em Educação) ficou responsável pela disciplina Docência no Ensino Superior; Mário Sérgio Vaz da Silva (graduado em Educação Física e doutor em Ciências) e Warley Carlos de Souza (graduado em Educação Física e doutor em Educação) responsabilizaram-se pela disciplina Pesquisa Aplicada à Educação Física Escolar; Ida Carneiro Martins ficou responsável pela disciplina Teoria e Prática dos Jogos e Brincadeiras; Manuel Pacheco Neto ficou responsável pela disciplina Esporte Escolar; Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani (graduada em Psicologia e doutora em Educação) ficou responsável pela disciplina Psicologia do Desenvolvimento; Mário Sérgio Vaz da Silva responsabilizou-se pelo componente curricular Estruturas Corpóreas e Motricidade; Warley Carlos de Souza responsabilizou-se pela disciplina Atividade Física e Saúde; Aline Maira da Silva (graduada em Psicologia e doutora em Educação Especial) responsabilizou-se pela disciplina Educação Especial; Mário Sérgio Vaz da Silva e Manuel Pacheco Neto ficaram responsáveis pela disciplina Seminários de Pesquisa. Observamos que, conforme informado anteriormente em nota de rodapé, Manuel Pacheco Neto ficou impossibilitado de participar do curso. Assim, esclarecemos que o nome deste profissional enquanto docente das disciplinas aqui pautadas é oriundo da distribuição disciplinar ocorrida coletivamente antes do início do curso, no momento da elaboração do projeto pedagógico. A grade curricular, portanto, foi reorganizada coletivamente e as disciplinas foram parcialmente redistribuídas entre o corpo docente, promovendo a absorção da carga horária do professor faltante sem mais problemas. Para tal, foi crucial a boa vontade e o espírito de colaboração de todos os envolvidos, especialmente de Ida Carneiro Martins e Mário Sérgio Vaz da Silva, que dividiam disciplinas com o professor licenciado.

sores(as)/profissionais cursistas. A associação das aulas expositivas com os trabalhos realizados nas disciplinas e as pesquisas orientadas contribuiu, certamente, para o avanço do conhecimento dos(as) pós-graduandos(as) e, por conseguinte, para a melhoria do exercício professoral na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio, beneficiando, por fim, um contingente significativo dos mais genuínos destinatários do trabalho docente, uma quantidade imprecisa e talvez imensa de crianças, pré-adolescentes e adolescentes que, diariamente, participam da disciplina Educação Física nas quadras escolares e nas salas de aula.

## EVENTOS E PROJETOS DIVERSOS

### Seminário sobre Educação Física Escolar e Saúde

No final do segundo semestre letivo de 2009, ocorria o Seminário sobre Educação Física Escolar e Saúde. Naquele momento, havia apenas uma turma no curso de Educação Física, que tinha iniciado suas atividades em março daquele ano. O público, portanto, era pequeno. Contudo, a importância do tema escolhido era — e ainda é — de capital importância para a Educação Física como componente curricular do sistema educacional. São várias as obras que atestam, claramente, a relevância das abordagens sobre a saúde no trabalho docente do profissional da disciplina em tela. Na obra *Educação física e saúde* (2000), para citar apenas uma, Eloi Menestrina deixa tal relevância bem clara, chegando a insinuar que a abordagem sobre o tema é a mais importante dentre todas as outras possíveis no contexto educacional formal.

Não faz parte das presentes intenções discutir essa questão, uma vez que acreditamos, desde os tempos de graduação, que o que singulariza e, sobretudo, enaltece a Educação Física é o aporte de conhecimentos oriundos das Ciências Biológicas e Humanas. É essa complementaridade que permite à Educação Física uma compreensão diferenciada do ser humano. Os estudos que continuamos desenvolvendo ao longo dos anos, após a graduação, apenas reforçaram essa nossa convicção. As considerações ora tecidas evidenciam unicamente o nosso entendimento acerca do quão importante são os conhecimentos e conteúdos sobre saúde, na área da Educação Física, enquanto ele-

mentos complementares dos conhecimentos e conteúdos provenientes das Ciências Humanas. Este viés de entendimento acerca da formação e da atuação profissional na Educação Física perpassa, claramente, o Projeto Pedagógico do curso de licenciatura da FAED/UFGD, como talvez já tenha ficado claro nesta obra.

O Seminário sobre Educação Física Escolar e Saúde estava, portanto, em consonância com o que se pretendia imprimir na formação dos acadêmicos do curso de Educação Física da UFGD. Oriundo de um projeto de extensão do professor Mário Sérgio Vaz da Silva, o seminário contou com os(as) seguintes acadêmicos(as) em sua organização: Adriana dos Santos Gonçalves, Diana Paula Brazil, Henrique de Assis, Willian Belo Brandão e Vivian Iwamoto. Do corpo docente, participaram como palestrantes os professores Paulo Gomes Lima, Sandra Helena Correia Diettrich e Manuel Pacheco Neto.

A seguir, apresentamos a programação do evento:

- 30 de novembro, 14h – Palestra de Abertura: “Iniciação científica na Educação Física” – Prof. Paulo Gomes Lima (FAED/UFGD);
- 30 de novembro, 19h – Mesa Redonda: “Educação Física e suas perspectivas” – Prof. Mário Sérgio Vaz da Silva, Prof. Manuel Pacheco Neto e Prof.<sup>a</sup> Sandra Helena Correia Diettrich;
- 03 de dezembro, 19h – Mesa Redonda de encerramento: “Educação para uma vida saudável” – Prof. Mário Sérgio Vaz da Silva, Prof. Manuel Pacheco Neto e Prof. Paulo Gomes Lima.

Além dessa programação, que incluiu uma palestra de abertura e duas mesas redondas, o evento contou ainda com outros trabalhos, constituídos por uma oficina e vários seminários específicos, realizados pelos alunos nos dias 1º e 2 de dezembro, sob a organização do coordenador do projeto de extensão. A oficina oferecida tratou do tema “Medidas antropométricas e suas aplicações” e os seminários abordaram os seguintes temas: 1) “Aspectos epidemiológicos da obesidade e da desnutrição em escolares”; 2) “Aplicação da antropometria na avaliação de escolares”; 3) “Maturação sexual”; 4) “Maturação biológica”; e 5) “Aspectos socioeconômicos e composição corporal”.

Em seu relatório final, escreveu o coordenador do projeto: “O projeto teve pouca participação dos acadêmicos [...]. Mas quem participou integralmente do evento avaliou o projeto como muito importante e indicou a realização do mesmo nos anos seguintes”. É preciso lembrar que o evento coincidiu com o período de provas e exames finais, o que contribuiu para que o público não fosse grande. Essa observação, inclusive, consta no já aludido relatório final. É também relevante corroborar que, no final de 2009, o curso de Educação Física era composto por apenas uma turma, o que significava um número menor de acadêmicos participando de qualquer iniciativa proposta. Desta forma, levando em conta as implicações contextuais, pode ser dito que o Seminário sobre Educação Física Escolar e Saúde foi um evento significativo e que, se não reuniu um público grande, demonstrou coesão nos temas trabalhados e, sobretudo, um bom aproveitamento por parte dos acadêmicos que participaram.

## I Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD

Realizado entre 22 de outubro e 14 de novembro de 2010, o I Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD foi o primeiro evento a ser organizado pelos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física sob a supervisão de um docente da área. A iniciativa partiu do professor Mário Sérgio Vaz da Silva, que escreveu e submeteu um projeto de extensão ao Edital de Fluxo Contínuo n. 01/2010, publicado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD.

As disputas foram realizadas na quadra coberta da Unidade II. É conveniente lembrar que, na época, a universidade tinha uma quantidade bem menor de alunos e ainda não havia começado a se estabelecer como uma instituição realizadora de grandes eventos. Para que possamos aquilatar esse fato em termos mais precisos, é relevante pautar que os Jogos Abertos da UFGD até então não existiam<sup>22</sup>, assim como não existia uma estrutura sólida, como a Divisão de Esportes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, apta a prestar apoio logístico e também pessoal à realização de eventos esportivos, o que veio a acontecer mais tarde com os Jogos Internos da Educação Física – JIEF. Essas observações têm o intuito de ressaltar o caráter de pioneirismo que certamente caracterizou o I Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD, realizado numa época em que a quadra da Unidade II era bem menos utilizada e que até mesmo o material esportivo era relativamente escasso.

Naquele momento, o curso de Educação Física tinha duas turmas, ou seja, os próprios recursos humanos para a organização e para a formação de equipes para o evento eram bem menores do que

---

22 Os Jogos Abertos da UFGD ocorreram, pela primeira, em 2012.

hoje, sem mencionar os alunos que não integraram as equipes por motivos outros. Desta forma, o torneio não poderia ter sido — como não foi — um acontecimento que reuniu multidões. Contudo, foi uma manifestação esportiva de relevo na conjuntura em que ocorreu, pois reuniu estudantes de diversos cursos, como Administração, Direito, Engenharia de Alimentos, Matemática, Medicina, Nutrição, Sistema de Informações e Educação Física. Além disso, o evento cumpriu uma importante função pedagógica, posto que os acadêmicos envolvidos em sua organização estavam matriculados na disciplina Voleibol na Escola, ministrada pelo próprio professor que idealizou o torneio e que, posteriormente, em seu relatório final, escreveu:

O torneio foi organizado pelos acadêmicos do curso de Educação Física como processo de aprendizagem na organização e administração de eventos esportivos, no caso específico, a modalidade de voleibol, inserido dentro da disciplina de Voleibol na Escola. O Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD foi desenvolvido em fase classificatória e a fase final [...] foram inscritas equipes masculinas e femininas. (SILVA, M. S. V., 2018, p. 2-3).

Ainda sobre o aprendizado dos alunos, no mesmo relatório, em termos complementares, escreveu o professor coordenador:

Os acadêmicos vivenciaram o processo de organização de eventos esportivos, bem como presenciaram as partidas de vôlei e as suas particularidades. O que às vezes não conseguimos desenvolver esse processo somente com aulas. (SILVA, M. S. V., 2018, p. 4).

No mesmo documento, escrevendo sobre as dificuldades ocorridas na realização do projeto de extensão em pauta, afirmou o docente: “Como estava no início da implantação do curso de Educação Física,

a falta de estrutura foi o que mais dificultou o desenvolvimento do projeto” (SILVA, M. S. V., 2018, p. 7).

A despeito das dificuldades, o I Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD foi uma iniciativa bem sucedida. De acordo com o relatório: “O projeto, mesmo com as [...] dificuldades, atingiu os objetivos propostos, com integração da comunidade acadêmica e a prática de esportes” (SILVA, M. S. V., 2018, p. 7).

Cumprir registrar que o êxito desse projeto de extensão não foi demonstrado apenas pelo seu relatório final, mas pôde ser observado claramente por quem esteve assistindo aos jogos naquela quadra ainda nova, bem como pelos participantes no último dia do evento e no momento da premiação, quando as equipes vencedoras receberam medalhas e troféus das mãos dos professores Mário Sérgio Vaz da Silva, Warley Carlos de Souza e Manuel Pacheco Neto.

Numa só frase, podemos afirmar que esse torneio pioneiro representou a sociabilização, o conagraçamento, a aprendizagem e o conhecimento, tudo por intermédio da prática esportiva.

### **O curso de Educação Física da UFGD no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) é unanimemente entendido como uma das mais bem-sucedidas iniciativas do governo na área da Educação nas últimas décadas. O programa, subsidiado pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) — importante setor educacional do governo brasileiro —, tem como objetivo principal a inserção coordenada e supervisionada de universitários dos cursos de licenciatura nas insti-

tuições de ensino da educação básica, propiciando a eles uma preciosa vivência prévia no âmbito da ambiência escolar, a qual oportuniza importantes desdobramentos em uma vasta gama de particularidades da vida docente, tais como o processo ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno, os procedimentos didático-pedagógicos, os planos de aula, a preparação logística das aulas, a mediação de situações conflituosas, os processos de avaliação, as interações com docentes e funcionários, etc.

Em termos operacionais, o Pibid apresenta as funções avante especificadas<sup>23</sup>:

a) Coordenação Institucional – exercida por um professor de uma das licenciaturas da Instituição de Ensino Superior, possui a atribuição majoritária de gerir o Projeto Institucional e de, simultaneamente, acompanhar todos os subprojetos vinculados;

b) Coordenação de Gestão de Processos Educacionais – desempenhada por um professor de licenciatura, tem o propósito de auxiliar a gestão do projeto institucional e de, concomitantemente, acompanhar todos os subprojetos vinculados;

c) Coordenação de Área – cumprida por um professor de licenciatura, apresenta o objetivo de coordenar o planejamento e a organização de um subprojeto específico, bem como de monitorar, de perto, o seu desenvolvimento prático;

d) Supervisão – desenvolvida por professores das instituições públicas de educação básica onde se desenvolvem os subprojetos vin-

---

23 Todas as funções exercidas no âmbito do Pibid eram remuneradas com bolsas pela CAPES, cujos valores, no primeiro semestre de 2010, quando o subprojeto de Educação Física foi implantado, eram: R\$ 1.500,00 para a coordenação institucional, R\$ 1.400,00 para a coordenação de área, R\$ 765,00 para a supervisão e R\$ 400,00 para a iniciação à docência. Naquele momento, não existia a função intitulada coordenador de gestão de processos educacionais, implantada anos depois com a expansão paulatina do Pibid e remuneração de R\$ 1.400,00.

culados ao projeto institucional, cumpre com o objetivo de supervisionar diretamente os universitários nas escolas;

e) Iniciação à Docência – vivenciada pelos estudantes das licenciaturas cujos subprojetos se vinculam ao projeto institucional, configura-se como a razão fundamental da existência do Pibid.

É perceptível o grau de solidez e sofisticação estrutural desse importante programa do Ministério da Educação, bem como a desejável adesão de qualquer licenciatura com intenções de crescimento e aprimoramento.

#### *Conhecendo o contexto da inserção do curso de Educação Física no Pibid/UFGD*

Levando-se em conta todos os benefícios já referenciados, no segundo semestre de 2009, iniciaram-se os primeiros movimentos com vistas ao ingresso do curso de Educação Física no Pibid. Sabia-se que, logo em seguida, o governo federal, por intermédio da CAPES, publicaria um novo edital do programa, objetivando ampliar, aos estudantes das licenciaturas, oportunidades de contato com o seu futuro local de trabalho: a escola.

Na época, alguns cursos de licenciatura da UFGD já haviam ingressado no programa, dentre eles o de Pedagogia, que, mediante aprovação de seu subprojeto, havia entrado no ano anterior. Desta forma, caso o subprojeto de Educação Física fosse aprovado, a FAED teria dois cursos inseridos no programa. Além disso, a perspectiva de inserir um curso tão novo no programa era um alento a mais para os

docentes e discentes da Educação Física. Assim, pouco tempo após a submissão, foi grande a satisfação quando a Diretoria de Educação Básica Presencial (DEB) da CAPES publicou o resultado do Edital n. 02/2009 – CAPES/DEB, anunciando a aprovação do subprojeto intitulado A Licenciatura de Educação Física no Ensino Fundamental das Escolas Públicas de Dourados<sup>24</sup>.

Avante, ensejando uma compreensão básica sobre o que se pretendia com o ingresso do curso de Educação Física da UFGD no Pibid, vejamos alguns trechos do subprojeto aprovado, iniciando por estas palavras constantes em seu resumo:

É significativamente salutar a possibilidade de que os profissionais que estão se formando vivenciem e se familiarizem com as características próprias de seu futuro local de trabalho, neste caso, a instituição escolar. Este subprojeto do Pibid na área de Educação Física, busca oferecer aos acadêmicos da licenciatura oportunidades de vivência do funcionamento escolar, tanto no que diz respeito à atividade docente, quanto no que concerne aos aspectos organizacionais da disciplina de Educação Física, assim contribuindo para o estímulo ao trabalho professoral, além de, naturalmente, melhorar sua qualidade. (PACHECO NETO, 2010, p. 1-2).

Observemos agora estas palavras, contidas na introdução do subprojeto:

Este subprojeto do Pibid, da Licenciatura em Educação Física da UFGD, insere-se num contexto cuja perspectiva de crescimento é significativa, já que a primeira turma da Licenciatura em

---

24 O subprojeto foi escrito pelo professor Manuel Pacheco Neto, que obteve a anuência de colaboração futura, quando do início e transcurso das atividades, dos(as) seguintes docentes: Ana Paula Gomes Mancini, Giselle Cristina Martins Real, Luís Antônio Martins, Maria José de Oliveira Nascimento, Mário Sérgio Vaz da Silva, Paulo Gomes Lima e Sandra Helena Correia Diettrich. Assim, esses(as) sete profissionais foram listados(as) como colaboradores(as) no subprojeto inicial, o que propiciou um requisito pedagógico relevante para a sua aprovação.

questão ingressou no primeiro semestre do ano de 2009. Esta informação não é de pouca importância, pois revela uma significativa inserção da Licenciatura em Educação Física da UFGD em relação a um dos mais importantes objetivos do Pibid, constante no Edital CAPES/DEB n. 02/2009, letra A do subitem 2.1: "Elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de Licenciatura das Instituições Públicas de Educação Superior". (PACHECO NETO, 2010, p. 2).

No trecho acima, talvez seja observável a busca por adequação do subprojeto à proposta do Pibid, especificamente no que dizia respeito à diretriz então expressa no Edital CAPES/DEB n. 02/2009, quanto à formação inicial de docentes.

Logo à frente, o texto do subprojeto procura demonstrar conscientização acerca da grande importância do envolvimento e da proximidade dos acadêmicos com a realidade da prática docente, ressaltando a importância da supervisão nesse processo e, por fim, pautando a relevância do estabelecimento das relações entre a teoria universitária e a concretude do processo educativo nas escolas, o que culmina na *práxis* pedagógica:

[...] este Subprojeto do Pibid de Licenciatura em Educação Física visa a, sobretudo, propiciar aos acadêmicos envolvidos, oportunidades de interação com a prática das atividades pedagógicas que abarcam as várias expressões da motricidade humana nas instituições escolares, explicitadas durante as aulas de Educação Física. Esta interação ocorrerá sempre ao lado do supervisor, cuja função docente não será, de forma alguma, substituída ou exercida pelos acadêmicos, que atuarão, via de regra, como agentes cuja participação será ativa, contudo orientada e supervisionada, como convém a qualquer iniciativa de iniciação à docência. Presenciar a atividade docente é de capital importância para o processo de amadurecimento dos acadêmicos, já que proporciona a eles um entendimento inicial — não encontrado fora do Pibid — relevante sobre o sentido prático do trabalho docente, relacionando-o à teoria

trabalhada nos bancos universitários, assim robustecendo a conscientização acerca da natureza *prática* da Educação. (PACHECO NETO, 2010, p. 2-3, grifo do autor).

Vejamos agora estas palavras:

No caso da Educação Física, a vivência supervisionada dos aspectos práticos da docência reveste-se de uma importância extremamente significativa, já que, predominantemente, os acadêmicos desta área são afeitos à vivência da motricidade e da corporeidade, ou seja, são apreciadores e praticantes de atividades físicas. Neste sentido, o presente projeto traz consigo, naturalmente, um incentivo de grande monta à carreira docente, posto que atende aos anseios predominantes da comunidade acadêmica da área da Educação Física. Além disso, cumpre lembrar que a vivência com os aspectos práticos da Educação auxiliam no processo de adaptação dos acadêmicos às escolas, familiarizando-os com seus futuros locais de exercício profissional, propiciando ainda a integração entre a Educação Universitária e a Educação Básica. (PACHECO NETO, 2010, p. 3).

Neste trecho do subprojeto, é evidenciado o grande incentivo perspectivado aos alunos devido à predileção pelas atividades motoras, predominante entre eles. Também aparece, aqui, a comprovação concernente à familiarização com o ambiente de trabalho no qual, ulteriormente, os acadêmicos, futuros professores, atuariam. É importante lembrar que a vivência no espaço educacional formal via Pibid, em tese, ocorreria antes da realização de todos os estágios supervisionados. Assim, somando a experiência do Pibid com a dos estágios, seria construído um alicerce teórico-prático consistente — alicerce este, naturalmente cultivado desde sempre durante as aulas na universidade, cumpre reforçar —, passível de conferir um amadurecimento diferenciado ao egresso da licenciatura em Educação Física da UFGD

que, durante sua formação, houvesse transitado por todas essas *vias* pedagógicas.

Avizinhando-nos do final da rememoração de alguns trechos do subprojeto de Educação Física aprovado no segundo semestre de 2009, trechos essenciais para o entendimento básico de seu teor, vejamos estas palavras breves e objetivas que, a despeito de sua simplicidade, expressavam sinteticamente a participação que se esperava dos alunos no Pibid:

Apresentando características que se aproximam do trabalho de monitoria, a atuação dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD dar-se-á durante as aulas de Educação Física e atividades a elas relacionadas [...]. (PACHECO NETO, 2010, p. 3).

Pode ser afirmado, com segurança, que assim ocorreu.

### *Início das atividades e consolidação do subprojeto de Educação Física no Pibid/UFMG*

Depois da implantação do subprojeto em março de 2010, doze alunos, divididos em dois grupos de seis<sup>25</sup>, começaram a acompanhar as aulas de Educação Física em duas instituições públicas bastante conhecidas em Dourados: Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso e Escola Estadual Pastor Daniel Berg. Em ambas as instituições, os alunos postaram-se sob a supervisão de duas trabalhadoras

---

25 Os estudantes passaram pelo processo seletivo então em vigor no Pibid, que envolvia análise do desempenho acadêmico, análise da carta de intenção e entrevista.

lá lotadas<sup>26</sup>, profissionais de Educação Física que, em suas respectivas trajetórias, acumulavam vários anos de exercício docente.

Os resultados da frequência dos acadêmicos a essas escolas conveniadas não tardaram a ser percebidos na própria universidade. Em suas participações nas aulas da licenciatura, os alunos bolsistas do Pibid passaram a demonstrar, crescentemente, capacidade reflexiva e níveis diferenciados de discernimento. Isso foi, inclusive, percebido e comentado por professores do curso. De fato, eram nítidos os efeitos das oito horas semanais passadas nas quadras e em diversos outros ambientes das escolas públicas, presenciando processos pedagógicos diversos, na concretude do próprio trabalho educativo, ao lado de profissionais de Educação Física com larga experiência na lida escolar. Também perceptível era o entusiasmo dos acadêmicos que participavam do subprojeto, pois, além da relevante oportunidade de aprimoramento que se lhes apresentava, havia ainda o bem-vindo aporte pecuniário oriundo da bolsa que, embora não muito alto, auxiliava nas despesas mensais.

Os meses foram passando e, além da mencionada ascensão acadêmica dos bolsistas do Pibid, outras evidências acerca dos benefícios oriundos da participação dos alunos adviriam, mormente por intermédio da realização de dois relevantes eventos previstos no texto do subprojeto, a saber: I Jogos das Escolas Parceiras do Pibid e I Gincana de Anatomia.

---

26 Na primeira das instituições nomeadas, a professora Lisangela Sanches supervisionava os alunos; já na segunda escola mencionada, a supervisão ficava a cargo da professora Nilza Nonato Chagas.

## *I Jogos das Escolas Parceiras do Pibid*

O evento reuniu equipes das duas escolas conveniadas e também times de outras sete instituições convidadas, acabando por se configurar como um evento de grande porte, que abrangeu diversas modalidades coletivas de quadra. Para que se possa ter uma ideia aproximada da dimensão do evento, observemos a notícia intitulada “I Jogos do Pibid: uma grande festa do esporte escolar”, publicada na internet, na página oficial do Pibid de Educação Física da UFGD, em 12 de novembro de 2010:

Durante quatro dias consecutivos, de 08 a 11 de novembro, foram realizados os I Jogos das Escolas Parceiras do Pibid, envolvendo centenas de alunos de nove escolas estaduais do município de Dourados: Pastor Daniel Berg, Ministro João Paulo dos Reis Veloso, Presidente Vargas, Celso Muller do Amaral, Abigail Borralho, Ramona da Silva Pedroso, Floriano Viegas Machado, Castro Alves e Menodora Fialho de Figueiredo. Promovendo disputas de Handebol, Futsal, Basquetebol e Voleibol, o evento oportunizou uma festa esportiva como há muito tempo não se via em Dourados, no âmbito escolar.

Estudantes de ambos os sexos, nascidos entre 1997 e 2000, envolveram-se no contagiante clima que invariavelmente é suscitado pelas quatro modalidades esportivas mais praticadas na Educação Física Escolar.

Além do grande número de alunos(as) que jogaram, ocorreu também o engajamento em massa dos(das) outros(as) estudantes que formaram as torcidas, incentivando seus times e gritando das arquibancadas e ao redor das quadras. Outro aspecto de grande importância foi a participação expressiva de professores(as), dirigentes escolares e pais de estudantes, que prestigiaram os jogos de perto, numa clara demonstração de apoio ao esporte [...].

### **Colocações**

Ao final, houve premiações de troféus e medalhas para os três primeiros colocados de cada categoria. A colocação ficou assim: Voleibol masculino – Campeão Reis Veloso,

Vice-campeão Abigail Borralho e terceiro lugar Menodora de Figueiredo. Voleibol feminino – Campeão Reis Veloso, Vice-campeão Menodora de Figueiredo e terceiro lugar Reis Veloso. Handebol masculino – Campeão Ramona Pedroso, Vice-Campeão Daniel Berg e terceiro lugar Abigail Borralho. Handebol feminino – Campeão Daniel Berg, Vice-Campeão Ramona Pedroso e terceiro lugar Castro Alves. Futsal Masculino – Campeão Reis Veloso, Vice-Campeão Abigail Borralho e terceiro lugar Presidente Vargas. Futsal feminino – Campeão Celso Müller, Vice-Campeão Reis Veloso e terceiro lugar Castro Alves. Basquete masculino – Campeão Reis Velosos, Vice-Campeão Reis Veloso e terceiro lugar Castro Alves. Basquete feminino – Campeão Daniel Berg, Vice-Campeão Reis Veloso e terceiro lugar Castro Alves. (CASTIGLIONI, 2010, grifo do autor).

Vejamos alguns depoimentos sobre o evento reunidos por Castiglioni (2010):

Os jogos foram demais, pois reuniram as escolas, a gente fez mais amigos e praticou várias modalidades, além do futsal, que é o esporte que eu mais gosto (Reiciele Dantas, aluna da 7ª A da Escola Celso Müller).

O evento foi importante no sentido de fazer os alunos jogarem fora da escola onde estudam, pois isto desperta o interesse pelo esporte. A idéia de fazer as disputas a cada dia em quadras de escolas diferentes foi muito boa, até mesmo para nós professores, pois é uma oportunidade de mostrar o nosso trabalho fora da escola onde trabalhamos. (Luiz Roberto Soccio, professor de Educação Física da Escola Ramona da Silva Pedroso).

Foi muito bom. Ajudou os alunos a interagir e conhecer um pouco mais sobre as regras das modalidades. (Bruno Santana de Oliveira, aluno do 9º D da Escola Reis Veloso).

Os jogos foram importantes, pois faz tempo que não tem competições para estas faixas etárias em Dourados. É importante dizer que um evento como este é um apoio e um incentivo para formar as bases de equipes esportivas do futuro. (Nivaldo

Messias da Silva, professor de Educação Física da Escola Celso Müller do Amaral).

Jogos como estes são importantes, pois afastam nossos filhos do computador, favorecem o entrosamento e estabelecem metas a atingir, pois minha filha pratica Futsal e Handebol, que são modalidades coletivas (Selene C. G. Santos, mãe da aluna Amanda S. Coutinho, da 7º D da Escola Castro Alves).

Os Jogos agregaram crianças de várias escolas. Os acadêmicos da universidade vivenciaram uma experiência importante. Para mim também foi bom, pois fez com que eu me relacionasse com meus alunos fora da sala de aula, o que é importante para fortalecer vínculos (Déborah Borges Schünke, professora de inglês da Escola Abigail Borralho).

Além da prática esportiva, que distancia os alunos dos maus costumes, o evento foi bom pelo fato de trazer os familiares dos alunos para a escola. O Pibid de Educação Física está de parabéns. Temos observado, mesmo antes dos jogos, nas atividades do Pibid, que os alunos tem demonstrado aumento de auto-estima e motivação, o que tem feito com que participem mais das atividades escolares. (Jairo Nogueira, Diretor da Escola Daniel Berg).

A reportagem demonstra, de forma clara, o quão relevante foi o evento para muitas pessoas que o vivenciaram. Para os bolsistas do Pibid, foi de suma importância a oportunidade de participar, pela primeira vez, da organização de jogos escolares, pois adquirir experiência na realização de eventos esportivos de cunho educativo é indispensável, de fato, para a formação de futuros professores de Educação Física. Não há, na verdade, possibilidade de exercer a docência, com competência, sem dominar os aspectos logístico-organizacionais relativos à realização de torneios e campeonatos estudantis. Os alunos das nove escolas envolvidas também foram significativamente beneficiados, uma vez que participaram de um evento que abrangeu

quatro modalidades coletivas que, na época, não eram trabalhadas em torneios ou campeonatos interescolares devido ao fato de os setores de educação e esportes do poder público municipal simplesmente não se mobilizarem nesse sentido.

Os I Jogos das Escolas Parceiras do Pibid serviram também para agregar alunos, professores e funcionários dos setores administrativo e operacional das escolas, além de favorecerem a presença de familiares dos alunos nas instituições parceiras. Numa só frase, foram quatro dias de conagração esportivo, quatro dias em que uma das principais ações previstas no subprojeto de Educação Física do Pibid foi cumprida com intenso trabalho coletivo<sup>27</sup>.

### *I Gincana de Anatomia do Pibid*

A I Gincana de Anatomia do Pibid foi assim organizada: alunos e professores de Educação Física que participavam do Pibid trabalharam conteúdos de Anatomia do Movimento com os estudantes dos sétimos e oitavos anos das escolas estaduais João Paulo dos Reis Veloso e Pastor Daniel Berg durante as duas semanas antecedentes a gincana. No dia 30 de novembro de 2010, foi, então, realizada a gincana na Escola Reis Veloso, com pontuação baseada em respostas às perguntas sobre miologia (estudo dos músculos) e osteologia (estudo dos ossos). O grau de conhecimento demonstrado pelos estudantes

---

<sup>27</sup> O evento realizou-se sob a direção institucional do Prof. Osvaldo Zorzato (Pibid/UFGD), sob a coordenação de área do Prof. Manuel Pacheco Neto (Educação Física/UFGD), sob a supervisão das professoras Nilza Chagas (Escola Pastor Daniel Berg) e Lisangela Sanches (Escola Ministro Reis Veloso), além da participação dos (das) acadêmicos(as) de Educação Física: Adriana Gonçalves, André Vinícius Hidalgo, Bruna Walkíria Schnor, Denise Castiglioni Agüero, Danilo Araujo, Diana Paula Brazil, Evanderson Martins, Henrique Garcia, João Pedro Doarth, Nayara Zuntini Carbonari, Pâmela Vargas Guimarães e Victor Hugo Cordeiro.

foi, de fato, bastante significativo, e o engajamento e a empolgação das equipes envolvidas foi uma das características mais evidentes da ação pedagógica em pauta. Da mesma forma que havia ocorrido nos Jogos das Escolas Parceiras, foi feita premiação com medalhas, porém para todos os alunos participantes. No dia 7 de dezembro de 2010, ocorreu a mesma atividade na Escola Pastor Daniel Berg, cujos alunos também demonstraram um nível bastante satisfatório de conhecimento sobre o conteúdo anteriormente ministrado.

O conhecimento de ossos, músculos e articulações é indispensável para os praticantes de esportes em geral, pois ossos e músculos formam as alavancas dos movimentos, que, por sua vez, não seriam possíveis sem a existência das articulações. Ao jogar handebol, futsal, basquetebol ou voleibol, o praticante obviamente executa movimentos. No campo da Anatomia do Movimento, o estudo das articulações, ossos e músculos tem como objetivo, dentre outros, propiciar a compreensão acerca da dinâmica e da movimentação do corpo humano nas aulas de Educação Física.

Noutros termos, o estudo da Anatomia do Movimento explica o funcionamento corporal durante a prática da Educação Física, fazendo com que o aluno entenda quais as estruturas anatômicas envolvidas nos chutes, nos arremessos, nos passes, nos dribles, nas corridas e em outras movimentações que envolvem as múltiplas dinâmicas que se explicitam nas quadras das escolas, assim propiciando a tão propalada união da teoria com a prática, importante para a formação do ser humano crítico e questionador. Por essa razão, a I Gincana de Anatomia do Pibid foi, no final do segundo semestre de 2010, não apenas a realização de uma ação prevista no subprojeto de Educação Física, mas ainda a concretização de um evento altamente formativo para os estudantes dos sétimo e oitavo anos das duas escolas conveniadas.

## *Expansão das atividades do subprojeto de Educação Física do Pibid/UFGD*

Os bons resultados do curso de Educação Física no Pibid/UFGD, bem como a positividade devido à fase de incentivos governamentais pela qual passava a Educação no Brasil, possibilitaram, depois de algum tempo, a inserção de outro subprojeto para atender os acadêmicos do curso e, por conseguinte, para atuar mais em escolas públicas. Por causa da boa fase pela qual passava a Educação, os editais de expansão, não apenas do Pibid, como também de diversos outros programas educacionais, passaram, então, a ser publicados com notável frequência.

Assim, em 2012, outro subprojeto foi elaborado com base no texto de seu antecessor e, na sequência, submetido aos trâmites seletivos, obtendo aprovação. Destarte, o curso de Educação Física dobrou a sua abrangência de atuação, passando a oferecer oportunidades de inserção não mais a doze, mas a vinte e quatro acadêmicos. Duas outras escolas foram conveniadas, a Escola Estadual Castro Alves e a Escola Estadual Ramona da Silva Pedroso, que, somadas às escolas Ministro João Paulo Reis Veloso e Pastor Daniel Berg, perfizeram quatro instituições de ensino conveniadas ao subprojeto capitaneado pelo curso de Educação Física da UFGD. Um novo coordenador de área<sup>28</sup> se responsabilizou pelo trabalho de cada um dos supervisores das novas escolas mencionadas<sup>29</sup>, bem como pelo acompanhamento dos acadêmicos então recém-selecionados.

---

28 Prof. Mário Sérgio Vaz da Silva.

29 Prof.<sup>a</sup> Roseli Kuwana na escola Castro Alves e prof. Marcos Santos na escola Ramona da Silva Pedroso.

Tal coordenação foi exercida até 2014, quando, devido às perspectivas de realização de estágio pós-doutoral pelo professor responsável, foi ocasionalmente interrompida, abrindo espaço para outra pessoa exercê-la. Um edital de seleção foi aberto e, depois do processo seletivo, novamente sob outra coordenação<sup>30</sup>, as atividades nas duas escolas recém-conveniadas prosseguiram, ao passo que o subprojeto original continuava sob a mesma coordenação<sup>31</sup> nas escolas pioneiras desde o seu início, em 2010.

Depois da expansão de 2012, que dobrou a estrutura e operacionalidade do subprojeto, a participação da licenciatura em Educação Física no Pibid/UFGD melhorou muito em todos os sentidos. Os doze acadêmicos que já estavam no subprojeto passaram a interagir com os outros doze recém-chegados, auxiliando-os no aprendizado do funcionamento cotidiano das atividades e ações sempre sob a supervisão dos professores de Educação Física conveniados, assim construindo um ambiente de grande relevância e significado didático-pedagógico. Além dessa facilidade “extra” — se assim pode ser dito —, que não foi experienciada pelos acadêmicos selecionados no primeiro subprojeto, os estudantes aprovados na seleção do segundo subprojeto tinham ainda o privilégio de fazer parte de um grupo bastante numeroso, já que as reuniões periódicas reuniam os dois subprojetos e oportunizavam diálogos altamente profícuos, por meio dos quais as mais diversas opiniões concorriam para a melhoria do trabalho cotidiano nas quatro escolas conveniadas, tudo convenientemente mediado pelos dois coordenadores de área e pelos quatro supervisores.

---

30 Prof.<sup>a</sup> Marina Vinha.

31 Prof. Manuel Pacheco Neto.

Um dos reflexos mais evidentes dos benefícios trazidos pela nova configuração da licenciatura em Educação Física no Pibid/UFGD foi, sem dúvida, a diversificação das ações e atividades nas quadras das próprias escolas. Às ações e aos eventos já, àquela altura, sedimentados, tais como os Jogos das Escolas Parceiras, a Gincana de Anatomia e o treinamento da Quadrilha Junina, somaram-se outras iniciativas, envolvendo jogos de mesa, dança e confecção de materiais de lazer. Com o tempo, os dois subprojetos desenvolveram atividades cotidianas em outras instituições públicas, às vezes ampliando suas ações ou mesmo remanejando-as para escolas diferentes, visando atender outras populações em todos os níveis, não raro em áreas da periferia, onde naturalmente a carência é maior.

Infelizmente, com os novos rumos da política brasileira, a área da Educação sofreu restrições de não pouca monta em seus mais diversos setores. Como consequência, o Pibid passou por retrações a despeito de sua excelência unanimemente reconhecida em termos nacionais. Em todo o Brasil, houve redução de subprojetos e, até mesmo, de projetos institucionais. Na UFGD, entre outras restrições, houve a necessidade de cessação de um dos dois subprojetos de Educação Física, sobrecarregando o projeto remanescente, que acabou por se responsabilizar pelas ações e atividades do projeto suprimido. O subprojeto que remanesceu continua ainda na ativa, prestando um serviço de importância ímpar para universitários e alunos das escolas públicas.

Em oito anos de atividades, os subprojetos de Educação Física do Pibid/UFGD atuaram nas seguintes instituições de ensino de Dourados: E. E. Castro Alves, E. E. Ramona da Silva Pedroso, E. E. Pastor Daniel Berg, E. E. Ministro João Paulo dos Reis Veloso, E. E. Presiden-

te Tancredo Neves, E. M. Iria Lúcia Wilhelm Konzen e E. M. Januário Pereira Araújo. Além dessas sete escolas, onde o pessoal dos subprojetos atuou cotidianamente, diversas outras instituições de ensino do município foram beneficiadas pela realização de grandes eventos, tais como os Jogos das Escolas Parceiras, nos quais a participação média era de doze escolas a cada ano disputando modalidades coletivas de quadra.

Cumpramos corroborar que, apenas durante o evento esportivo citado, esse número significava, literalmente, um atendimento anual que abrangia centenas de alunos de instituições estaduais e municipais. Se contemplarmos este panorama a partir da perspectiva do tempo, levando em conta o acúmulo de pessoas no decurso dos anos, perceberemos, com segurança, que os subprojetos de Educação Física no Pibid/UFGD atenderam um número de estudantes que, embora impossível de conhecermos com exatidão, certamente já ultrapassa, e muito, a casa do milhar. Isso não é pouco, da mesma forma que também não foram poucos os benefícios aos acadêmicos de Educação Física da UFGD, que se prepararam para a docência e foram supervisionados e coordenados por profissionais já formados.

Infelizmente, os dois subprojetos não funcionam mais simultaneamente. Depois do auge, alcançado com o trabalho dialogal e coletivo dos dois subprojetos de Educação Física, consideramos um retrocesso a permanência de apenas um subprojeto que, embora gerido com boa vontade, configura-se como insuficiente para um curso com uma década de existência.

## O curso de Educação Física da UFGD no Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI)

### *Considerações sobre o programa, submissão e aprovação do projeto*

Estudar fora do país é, certamente, uma experiência acrescentadora ao cabedal de conhecimentos de quem a vivencia. Ao visitante, a oportunidade de estar em contato direto e contínuo com outra cultura traz consigo a possibilidade de distanciamento do cotidiano de sua cultura de origem, assim ensejando uma perspectiva comparativa significativamente salutar, que contribui de forma relevante para a formação ou o robustecimento do senso crítico e, por conseguinte, para o aguçamento do discernimento concernente ao debate sobre os mais diversos temas, incluindo a Educação e a docência, campos prioritários para acadêmicos de qualquer curso de licenciatura.

Por essa razão, é com satisfação que relembramos aqui que sete estudantes<sup>32</sup> do curso de Educação Física da UFGD foram beneficiários de uma experiência de mobilidade acadêmica no exterior por meio do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), regido pela CAPES. Tal programa, plenamente subsidiado pelo governo federal<sup>33</sup>,

---

32 Bruna Nobre Muniz, Fernanda Sebastiana de Azevedo, Jhony dos Santos Benevides, Luiz Fernando Loureiro de Vasconcelos, Nayara Zuntini Carbonari, Renner Fernandes de Souza Oliveira e Willian Belo Brandão. Esses discentes, de acordo com os preceitos do Edital n. 008/2012, foram selecionados pelos próprios docentes do curso de Educação Física da UFGD.

33 O governo federal, por intermédio da CAPES, concedia os seguintes benefícios aos estudantes contemplados pelo PLI: 1) bolsa no valor de 870 euros mensais para a manutenção em Portugal; 2) auxílio instalação no valor de 110 euros; 3) seguro saúde no valor de 70 euros mensais; 4) auxílio deslocamento para custeio das viagens aéreas de ida e de volta, pago na forma de duas cotas de 1.706 dólares, assim perfazendo 3.412 dólares. Os professores integrantes do projeto também eram beneficiados com: 1) diárias para o período de sete a vinte dias a cada viagem a Portugal, conforme a programação do docente, no valor de 140 euros/dia; 2) seguro saúde no valor de 70 euros a cada viagem; 3) auxílio deslocamento sem valor previamente especificado, visando resguardar a possibilidade de aquisição de passagem aérea em conformidade com eventuais reajustes de preço.

previa o envio de alunos brasileiros de licenciatura ao exterior sob a coordenação de professores das próprias instituições brasileiras em que estudavam. Os alunos permaneciam no exterior por até dois anos, contados a partir da data de chegada à instituição anfitriã, retornando ao Brasil antes da finalização do curso e, ao terminá-lo, recebiam diplomação dupla, ou seja, válida em seu país de origem e na nação visitada.

Para que tal oportunidade de aperfeiçoamento pudesse ser usufruída, era necessário que a instituição brasileira interessada submetesse um projeto à CAPES quando da publicação do edital do processo seletivo para expansão do PLI. Assim, em março de 2012, o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD submeteu, no âmbito do Edital PLI/CAPES n. 008/2012, o projeto intitulado O Intercâmbio como Meio de Formação do Professor de Educação Física<sup>34</sup>, pleiteando a permanência de sete estudantes da UFGD — o máximo permitido pelo edital — na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), instituição situada na cidade de Vila Real, no norte de Portugal.

A submissão do projeto gerou expectativa entre acadêmicos e professores da UFGD, pois a participação do curso no PLI seria importante não apenas para aqueles que viajassem e vivenciassem a experiência estudantil europeia, já que, ao retornarem, os alunos certamente dividiriam os conhecimentos adquiridos na UTAD com os colegas que haviam permanecido na UFGD, sendo que o mesmo ocorreria com os professores participantes do projeto. Assim, foi grande a satisfação

---

34 O projeto foi idealizado e escrito pelo professor Warley Carlos de Souza, que o submeteu ao edital. Também participaram do projeto os professores Mário Sérgio Vaz da Silva e Manuel Pacheco Neto. A iniciativa teve o valoroso auxílio do Escritório de Assuntos Internacionais (ESAI) da UFGD, em especial da servidora Verônica de Lourdes Pioto de Oliveira, hoje lotada na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGESP).

quando, em 14 de junho de 2012, foi publicada, no site da CAPES, a aprovação do projeto submetido, três meses antes, aos trâmites do Edital n. 008/2012. Com a aprovação, que se deu com outros 63 projetos, de diversas universidades brasileiras, nas mais diferentes áreas, incluindo a Educação Física, a UFGD passou a fazer parte do PLI, representada unicamente por seu curso de Educação Física. Era hora de reunir os discentes selecionados, dialogar sobre a viagem e a permanência na Europa e dar início, o mais rápido possível, ao cumprimento de todos os aspectos burocrático-documentais anteriores à partida.

### *Vigência do projeto*

No dia 8 de setembro de 2012, os sete alunos da UFGD e o coordenador<sup>35</sup> do projeto embarcaram para Portugal. O cronograma previa que, na viagem de ida, o grupo de discentes fosse acompanhado pelo professor coordenador para que a chegada e a acomodação na UTAD fosse monitorada pelo docente brasileiro e para que um diálogo inicial pudesse ser estabelecido entre este professor e os responsáveis pela recepção dos alunos visitantes. Tal etapa foi importante, pois iniciou o estabelecimento de vínculos entre os alunos da UFGD e o pessoal do curso de Educação Física da UTAD — coordenador, docentes e discentes —, bem como entre esses anfitriões e o coordenador do projeto, que, depois de poucos dias, retornou ao Brasil.

Já devidamente instalados nos alojamentos da UTAD e comparecendo diariamente às aulas, os alunos da UFGD começaram a conhecer não apenas as particularidades do curso que frequentavam,

---

35 Prof. Warley Carlos de Souza.

mas também o cotidiano daquela cidade encravada entre as montanhas do norte lusitano. Era final de verão naquela região, um tempo ainda livre das temperaturas baixas que ocorrem por lá gradativamente após o início do outono, renunciando os rigores do inverno e, não raro, trazendo consigo a neve, que cobre de branco a cidade e os montes que a circundam.

O tempo foi passando e, após dois semestres vivenciando o dia a dia do curso de Educação Física da UTAD, uma bagagem considerável de novos conhecimentos e experiências havia se acumulado para aquele grupo oriundo da UFGD. Em setembro de 2013, desembarcava em Vila Real um professor integrante do projeto<sup>36</sup>, com os seguintes objetivos: 1) verificar, de perto, como estavam se desenvolvendo as ações previstas, tais como o aproveitamento das aulas, a definição temática e a redação das monografias; 2) conversar com o coordenador e os professores do curso visando tomar conhecimento acerca da frequência às aulas e do desempenho estudantil dos acadêmicos; 3) conversar com os alunos sobre aspectos relativos à sociabilização e à integração à vida universitária, bem como aos estudos de maneira geral; 4) organizar uma semana de reforço aos estudos, ministrando aulas, indicando textos para leitura e, posteriormente, orientando debates e a escrita de resenhas do material lido; 5) escrever um relatório geral acerca das atividades desenvolvidas durante o primeiro ano de permanência dos acadêmicos na UTAD.

A estadia do professor da UFGD na UTAD durou dez dias. Foi um tempo de trabalho denso, no qual todos os objetivos da viagem foram cumpridos, e, ao seu termo, rendeu um longo relatório de 81 páginas, escrito com a colaboração direta dos alunos, que redigiram

---

36 Prof. Manuel Pacheco Neto.

partes específicas relatando, em termos sintéticos, a experiência de um ano estudando fora do Brasil. A construção e a articulação das frases nos escritos dos alunos refletiam, de maneira clara, que aquele período de sociabilização com novos colegas de sala, de participação nas aulas e de realização de provas e trabalhos havia sido, evidentemente, profícuo, o que pôde ser percebido, especialmente, por quem vinha acompanhando a trajetória dos acadêmicos desde que haviam ingressado na UFGD. O discernimento, o senso crítico e a capacidade analítica também foram aspectos desenvolvidos pelos acadêmicos.

De ora em diante, serão trazidos à baila alguns trechos do Relatório Geral do PLI – Educação Física (UFGD, 2013) para que, além da possível constatação acerca da ascensão do nível de conhecimento dos alunos, também possam ser fornecidos elementos informativos acerca da própria adaptação e da vida cotidiana dos acadêmicos contemplados em Portugal, assim oportunizando uma visão global atinente a este relevante programa educacional do governo brasileiro por intermédio dos escritos dos próprios beneficiários.

No que diz respeito à sua adaptação na cidade europeia, em sua seção do Relatório Geral, escreveu o acadêmico Luiz Fernando Loureiro de Vasconcelos:

A adaptação em Vila Real teve início no mês de setembro de 2012, ao chegarmos nesta cidade, nos localizamos nas residências [...] da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, onde residimos por um determinado tempo. Houve um choque cultural típico [...] a pronúncia, a comida, o frio [...]. (UFGD, 2013, p. 14).

O mesmo bolsista teceu considerações de cunho comparativo entre sua universidade de origem e a instituição que o recebeu na

Europa, evidenciando sua opinião sobre o ensino na UFGD, significativamente embasado na relação teoria-prática, ao passo que, na universidade portuguesa, predominava a abordagem técnico-prática:

[...] aprendemos as diferenças de ensino entre as duas Universidades pelos seus métodos adotados. Na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) há uma abordagem com ênfase mais na técnica e na prática, enquanto na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) há muita didática em paralelo, que se cruza com a prática. (UFGD, 2013, p. 14).

Expressando-se de forma mais extensiva sobre sua universidade de origem, afirmou Luiz Fernando:

A UFGD é uma grande Universidade que orientou e ainda orientará novos caminhos, por parte dos milhares de estudantes a conseguir o ensino superior, os professores muito bem qualificados auxiliam todos os seus alunos nas diversas disciplinas. Ela foi parte integrante das nossas vidas nos primeiros anos, e é também, a grande responsável por este projeto que nos ajudou a obter uma melhor qualificação superior, além do conhecimento pessoal e acadêmico de outra Universidade, conseguindo fazer assim um paralelo entre elas. (UFGD, 2013, p. 15).

A estudante Nayara Zuntini Carbonari, também refletindo sobre as diferenças entre a Educação Física vigente no Brasil e em Portugal, levando em consideração sua experiência na UFGD e na UTAD, afirmou:

Pelos meus estudos e reflexão no âmbito teórico e prático, a Educação Física do Brasil está sempre buscando a melhor forma de resolver as dificuldades através da discussão das abordagens e da prática do profissional, e não simplesmente reproduzindo teorias e colocando-as em prática, mas questionando-as se cabem ou não no local de atuação. A experiência

com a formação em andamento no curso de Educação Física na Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) faz-me refletir sobre o que é importante na formação e atuação na área, visto que, as diferenças são gritantes. O ensino no curso de Desporto na UTAD faz um comparativo com o ensino de exatas, não há muito que possa ser questionado. Mesmo que o curso tenha a denominação licenciatura, as disciplinas práticas esportivas, não são somente voltadas para a escola, mas para o treinamento esportivo. Sendo assim, as disciplinas de Fundamentos da Educação Física e Desporto Escolar (basquetebol, handebol, voleibol, etc.) são voltadas para o aprimoramento da técnica no esporte em si, além do ensino ser autoritário por parte dos docentes. (UFGD, 2013, p. 18).

A acadêmica da UFGD demonstra criticidade em sua análise comparativa, apontando as diferenças essenciais entre seu curso de origem e o curso ao qual foi destinada, em Portugal, por intermédio do PLI. Tais apontamentos demonstram, claramente, sua percepção acerca do elevado sentido humanista que caracteriza o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD, em contraposição ao que ela entendeu como uma abordagem fundamentalmente técnico-esportiva, de viés autoritário. É uma reflexão interessante, que posta o curso daquela universidade portuguesa numa perspectiva de pouco incentivo aos questionamentos, pois, cumpre corroborar, nas palavras da acadêmica, no ensino que se pratica por lá “[...] não há muito que possa ser questionado” (UFGD, 2013, p. 18). Em contrapartida, o curso de Educação Física da UFGD vai num sentido diametralmente oposto, uma vez que, como afirmou a acadêmica, “[...] as diferenças são gritantes [...]” (UFGD, 2013, p. 18). Podemos dizer, noutros termos e numa só frase, que a percepção da aluna é a de que o curso de Educação Física da UFGD segue uma linha crítico-humanista, ao passo que o

da instituição lusitana demonstra uma orientação acrítica e tecnicista, calcada no desempenho esportivo e na passividade discente<sup>37</sup>.

Willian Belo Brandão, aluno participante do projeto, refletiu (UFGD, 2013, p. 25-26):

Ao comparar a Educação Física brasileira com a portuguesa, nota-se algumas diferenças no processo educacional universitário. Posso falar especificamente da realidade aqui na UTAD, em Vila Real, onde a ênfase é um pouco maior na prática em si. Não estou a dizer que a teoria não faça parte da grade curricular e das disciplinas, contudo a execução correta dos gestos técnicos das modalidades, a aplicação dos planos de aula e etc., baseiam-se essencialmente no tecnicismo. Vale até dizer que alguns professores tendem em certos momentos, para a Educação Física militarista, tendo o aluno que não cumpre determinados exercícios a obrigatoriedade de executar flexões, por exemplo. A Educação Física brasileira, pelo menos na UFGD em Dourados, busca e promove um embasamento mais teórico e conceitual da Educação Física como um todo. E que esta teoria seja conectada com a prática nas aulas de Educação Física escolar. Que os professores possam, a partir deste ponto, mudar a realidade desta disciplina nas escolas. Uma disciplina tão importante para o desenvolvimento social, cognitivo e psicomotor da criança.

A bolsista Bruna Nobre Muniz, depois de estabelecer paralelos comparativos entre as instituições brasileira e portuguesa, reconheceu o papel norteador de sua universidade de origem, afirmando (UFGD, 2013, p. 6):

Vejo a UFGD como uma porta de entrada para o mundo, um centro de excelência, não só na formação acadêmica, mas em

---

37 É importante aqui frisar que, em Portugal, existem diversas instituições que adotam um viés de ensino bem mais progressista e libertário. A Universidade do Porto e a Universidade Técnica de Lisboa são exemplos disso, pois lá, respectivamente, sobressaem-se as teorias de José Olímpio Bento e Manuel Sérgio Vieira e Cunha — este último já aposentado, mas que por lá deixou seu legado —, articuladores incansáveis do pensamento livre e isento de qualquer resquício autoritário.

todas as outras atividades desenvolvidas, bem como nos serviços prestados à população de Dourados e região.

Ao escrever sobre a recepção que teve na UTAD, a acadêmica elogiou os portugueses (UFGD, 2013, p. 7):

Pessoas acolhedoras, sempre buscando nos orientar da melhor maneira possível. Fui muito bem recebida em todos os ambientes que estive em Vila Real e Portugal em si. Na universidade a recepção e acolhimento de todos os segmentos da mesma foram satisfatórios, encaminhando e tirando dúvidas quando era solicitada. A recepção dos nossos colegas de classe foi convidativa, nos proporcionando uma igualdade imediata, nos facilitando conteúdos disponibilizados e orientação de trabalhos a serem realizados.

Notamos que, embora o curso da UTAD apresentasse claramente características tecnicistas, esportivistas e, até mesmo, autoritárias, a cortesia e o bom trato estavam também presentes. Essa mescla de inflexibilidade pedagógica e boa receptividade por parte dos professores portugueses é recorrente nos escritos dos bolsistas da UFGD, que apontam ainda a inequívoca boa vontade demonstrada pelos estudantes da instituição anfitriã no que dizia respeito à parceria nos estudos e à sociabilização no âmbito da vida universitária local.

É importante frisar que, quando os alunos escreveram sobre a sua experiência estudantil em Portugal, fazia exatamente um ano que eles haviam chegado por lá. Todas as citações que aqui foram feitas são oriundas do Relatório Geral do PLI – Educação Física UTAD/UFGD, redigido entre 9 e 19 de setembro de 2013, quando da viagem de um dos professores integrantes do projeto à Vila Real, para acompanhamento geral das atividades<sup>38</sup>. Naquela oportunidade,

38 Esse acompanhamento abrangia os cinco itens já descritos neste trabalho.

além da constatação de que os alunos da UFGD estavam cumprindo a contento suas atribuições, frequentando as aulas com regularidade, obtendo notas satisfatórias em avaliações e trabalhos, relacionando-se bem com professores e estudantes da universidade, foi também verificado um avanço significativo na definição dos temas das monografias, sendo que os textos de alguns dos trabalhos já haviam sido, inclusive, iniciados, conforme a seguir: *Atividade física e criatividade: um estudo realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*, por Bruna Nobre Muniz; *O papel da técnica para o professor de Educação Física*, por Fernanda Sebastiana de Azevedo; *Avaliação em Educação Física*, por Jhony dos Santos Benevides; *A inclusão de crianças com deficiência nas escolas públicas de Dourados*, por Luiz Fernando Loureiro de Vasconcelos; *A formação em Educação Física no Brasil e em Portugal: o caso da Universidade Federal da Grande Dourados e da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro*, por Nayara Zuntini Carbonari; *O exercício profissional de professores de Educação Física em escolas públicas brasileiras e portuguesas: um estudo de caso de profissionais formados na UFGD e na UTAD*, por Renner Fernandes de Souza Oliveira; *O papel do esporte na Educação Física Escolar*, por Willian Belo Brandão. Cumpre esclarecer que, posteriormente, alguns destes temas passaram por ajustes e modificações, o que é natural em trabalhos de conclusão de curso.

Daquela viagem do professor da UFGD à UTAD, que resultou, com a ampla colaboração dos alunos, na escrita do maior relatório produzido durante a vigência do projeto, ainda é lembrado pelos estudantes — hoje profissionais formados — o intenso trabalho desenvolvido durante diversos dias seguidos de estudo, que envolveram reuniões diárias, muita leitura, escrita de textos e debates, priorizando temas

candentes da área da Educação Física. E tudo isso foi feito durante o período de férias universitárias em Portugal, que ocorre em setembro. Esse detalhe importante revela, de nosso ponto de vista, o grau de comprometimento e o esforço dos alunos da UFGD.

Os acadêmicos bolsistas ainda permaneceram em Portugal por mais um ano, período em que foram visitados mais duas vezes pelo coordenador e autor do projeto O Intercâmbio como Meio de Formação do Professor de Educação Física. Na última dessas visitas, o coordenador, que já havia acompanhado os acadêmicos na viagem de ida, acompanhou-os de volta ao Brasil, assim encerrando a participação dos alunos do curso de Educação Física da UFGD no PLI.

### *Legado do projeto*

Conforme previsto, todos os acadêmicos que participaram do projeto da UFGD no PLI receberam dupla diplomação, ou seja, hoje possuem licença para exercer a docência em Educação Física no Brasil e em Portugal. A licença ou permissão legal é, portanto, internacional, o que amplia enormemente as possibilidades de trabalho e de concretização de projetos pessoais aos diplomados. A experiência privilegiada de ter cursado uma graduação-sanduíche (nos documentos da CAPES, assim é chamada essa modalidade de estudo), que propicia uma visão panorâmica ao estudante acerca da formação em sua área de opção, facilita o acesso ao mercado de trabalho, pois o conhecimento amplo construído sobre a área da Educação Física no decurso dessa formação especial determina, ao que parece, um desempenho melhor em concursos para exercício docente na rede pública de ensino, bem

como um robustecimento importante em termos curriculares. Tal tipo de formação propicia uma melhor receptividade no que diz respeito à admissão em instituições educacionais de iniciativa privada.

Afora o importante incremento no âmbito profissional, a permanência por dois anos no norte de Portugal, interagindo cotidianamente com a cultura daquela região, conferiu, perspectivamente, uma significativa amplitude de entendimento quanto aos mais diversos aspectos relativos à interculturalidade existente entre a sociedade estabelecida naquele rincão europeu e a que vive no sul de Mato Grosso do Sul, com todas as suas divergências e convergências.

Todos esses aspectos edificantes concorrem para a concepção de um importante legado oriundo da participação do curso no projeto O Intercâmbio como Meio de Formação do Professor de Educação Física, submetido ao PLI/CAPES, aprovado e cumprido até o seu final. No entanto, esse legado, desde sempre, esteve submetido ao posterior empenho dos alunos participantes, característica indispensável para que esses estudantes fossem alçados à condição essencial de sujeitos de sua própria história, como sempre apregooou Castellani Filho (1986), prócer da Educação Física brasileira. Comumente, sem o empenho pessoal, sem a iniciativa de ir à luta e de transformar sonho em realidade, tudo permanece no domínio perspectivo, ou seja, continuamente "em tese", perenemente possível, mas simplesmente jamais concretizado.

Em suma, o legado do projeto em tela é riquíssimo, mas em si inerte, pois necessita do dinamismo humano daqueles que por ele foram aquinhoados para que seja, de fato, evidenciado e conhecido. O alcance desse legado é longo, pode atravessar décadas, beneficiando não apenas os que participaram dessa significativa experiência estu-

dantil internacional, como também as centenas — ou talvez alguns milhares — de alunos que passarão pelas mãos dos sete ex-acadêmicos da UFGD, hoje professores de Educação Física, merecidamente titulados.

Como derradeiro registro sobre o projeto, talvez seja necessário lembrar que, dentre todos os cursos de licenciatura existentes na UFGD, o de Educação Física foi o único a ter um projeto aprovado no PLI, aprovação precedida pela participação até aqui já relativamente detalhada, tudo em estrita conformidade com as regras que regiam os trâmites da CAPES, agência de fomento responsável por esta que foi, nos últimos anos, uma das maiores iniciativas governamentais em relação ao ensino universitário.

#### **IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte – UNICEUB, Brasília, DF**

No primeiro semestre de 2010, foi iniciada a organização da logística necessária à participação de discentes e docentes da FAED/UFGD no IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte (CONCOCE), que ocorreria em Brasília, de 22 a 25 de setembro daquele ano, sob a temática “Megaeventos esportivos: impactos para a Educação Física, o esporte e o lazer”. Tratava-se de uma temática de grande pertinência para o robustecimento do pensamento crítico naquele momento, pois a África do Sul, país desfavorecido economicamente, havia construído nove estádios para sediar a Copa do Mundo 2010 e a Inglaterra, um dos países mais abastados da Europa, encontrava-se, também naquele momento, em franca preparação para sediar a Olimpíada de 2012.

A culminância das reflexões em torno dos impactos dos grandes eventos esportivos para a Educação Física, o esporte e o lazer focaria o Brasil, que começava a se preparar para sediar a Copa do Mundo de 2014. Quais seriam os resultados para o avanço da área da Educação Física? A docência seria, de alguma forma, beneficiada? Os salários melhorariam? Quais poderiam ser os prejuízos para a área? A pesquisa teria algum impulso, além da obviedade do próprio foco nos grandes eventos? O esporte brasileiro avançaria quantitativa e qualitativamente? O lazer seria, de alguma forma, beneficiado? Após a realização do evento, qual seria o legado concreto deixado à população: praças esportivas úteis, frequentadas massivamente por esportistas em treinamento, ou apenas estádios que poderiam ser lotados em diversos campeonatos, servindo unicamente aos lucros das federações? E a Vila Olímpica, seria um apoio futuro às novas gerações de esportistas brasileiros ou mais um grande elefante branco, deteriorando-se lentamente no decurso do tempo?

Como se percebe, o IV CONCOCE, como todos os eventos organizados pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte<sup>39</sup> (CBCE), pretendia, de fato, ensinar reflexões fecundas, que pudessem favorecer o fortalecimento da consciência crítica entre os participantes. É válido registrar que o evento não se restringiu unicamente à temática dos grandes acontecimentos esportivos, já que ofertou, nas oficinas temáticas, diversos outros enfoques relevantes para a Educação Física, o esporte e o lazer, abrangendo a história, a filosofia, a saúde, a didática, a formação profissional, a corporeidade, o currículo, a cooperação, a competição, os movimentos sociais e outros.

---

39 Filiado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte é a mais conhecida entidade científica da área da Educação Física e do esporte no Brasil.

O curso de Educação Física da UFGD marcou presença no IV CONCOCE com uma caravana relevante, que lotou um ônibus com capacidade para 48 passageiros. Todos os ocupantes eram associados ao CBCE — a maioria se associou quando da inscrição para o próprio evento — e, dentre eles, havia três estudantes do curso de Pedagogia da UFGD. Acompanharam os alunos na viagem rodoviária os professores Manuel Pacheco Neto e Ida Carneiro Martins. A professora Marina Vinha, que já estava em outro evento e tinha passagens aéreas pré-agendadas, uniu-se ao grupo em Brasília. O número de viajantes era, de fato, notável, levando-se em conta que a licenciatura em Educação Física da UFGD, ainda incipiente, tinha apenas duas turmas.

Observemos a programação resumida do evento<sup>40</sup> (CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2010):

- 22 de setembro, das 21h30 às 22h30: Conferência de abertura – “Megaeventos esportivos: impactos para a Educação Física, o esporte e o lazer” – Prof. Fernando Mascarenhas (Conferencista – UNB).
- 23 de setembro, 19h30: Mesa redonda 1 – “A Copa do Mundo no país do futebol: a questão dos legados sociais” – Prof. André Malina (Palestrante – UFMS) e Prof. Wilson Lino (Mediador – UFG).
- 24 de setembro, 19h30: Mesa Redonda 2 – “O projeto olímpico brasileiro: implicações para a Educação Física e as ciências do

---

<sup>40</sup> Optamos por trazer para este texto informações sobre a conferência de abertura e as mesas redondas, as quais sintetizam a proposta temática do evento. Seria excessivamente prolixo detalhar todas as apresentações orais, os relatos de experiência, os conteúdos das apresentações de pôsteres e todas as oficinas temáticas.

esporte” – Prof. Lino Castellani Filho (Palestrante – UNICAMP) e Prof. Roberto Liao Júnior (Mediador – SEEDF).

- 25 de setembro, 8h30: Mesa redonda 3 – “A Educação Física e a tentativa de deixar de mentir: o Projeto de Intenção de Ruptura” – Prof. João Paulo Subirá Medina (Palestrante – UNICAMP), Prof. Lino Castellani Filho (Palestrante – UNICAMP), Prof. Vitor Marinho de Oliveira (Palestrante – UFRJ) e Edson Marcelo Hungaro (Mediador – UNB).

A participação no IV CONCOCE foi bastante proveitosa para o curso de Educação Física da UFGD, primeiramente em termos acadêmicos, pois diversos alunos apresentaram seus trabalhos — em forma de pôsteres ou artigos completos —, além de participarem de oficinas e assistirem às explanações de alto nível nas palestras e mesas redondas. A professora Marina Vinha ministrou uma oficina, intitulada “Lazer entre os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul”, e o professor Manuel Pacheco Neto ministrou outra, nomeada “Os primórdios da motricidade e da corporeidade dos indígenas no Brasil”. Ambas as oficinas ocorreram com salas lotadas. Em segundo lugar, outro fator positivo da ida à Brasília foi a oportunidade de sociabilização e intercâmbio de saberes propiciada aos alunos da UFGD, que, além de conhecerem outras pessoas, puderam ter contato com o conhecimento de ponta produzido na área e, eventualmente, trocar impressões sobre teorias e conceitos com estudantes de diversas instituições. A sociabilização ocorreu também em nível interno, fortalecendo as relações entre os participantes da caravana e fomentando expectativas de participação em eventos futuros.

Por fim, o IV CONCOCE proporcionou ainda um grande benefício ao curso de Educação Física da UFGD, pois foi lá que se gestou, em termos concretos, a formação da chapa que, algum tempo depois, em fevereiro de 2011, legitimada em votação on-line, constituir-se-ia como a primeira Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte em Mato Grosso do Sul<sup>41</sup>, pavimentando, em termos iniciais, o caminho para a realização do V CONCOCE na UFGD. Sedar a nova edição do evento era um dos compromissos da proposta de gestão da secretaria recém-empossada. Um compromisso cumprido com muito trabalho e que recaiu, de maneira mais intensa, sobre os integrantes da secretaria que pertenciam à UFGD.

### **V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte – UFGD, Dourados, MS**

Entre os eventos específicos da área da Educação Física, o V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte (CONCOCE) foi o mais abrangente até hoje realizado na UFGD. O evento ocorreu entre 3 e 6 de setembro de 2012, sob os auspícios do CBCE, reunindo pesquisadores(as) renomados(as) da área, tais como Lino Castellani Filho<sup>42</sup>,

---

41 A Secretaria Estadual do CBCE/MS foi empossada por intermédio da Portaria n. 001/2011, de 12 de fevereiro de 2011, assinada pelo Presidente da Diretoria Nacional do CBCE, Leonardo Peyré Tartaruga. Os integrantes da secretaria eram: Manuel Pacheco Neto (UFGD) como Secretário Estadual, Carlo Henrique Golin (UFMS) como Secretário Adjunto, Marina Vinha (UFGD) como Tesoureira, André Malina (UFMS) como Coordenador de Assembleias e Reuniões, Ida Carneiro Martins (UFGD), Hajime Takeuchi Nozaki (UFMS) e Alexandre Paulo Loro (UFGD) na Comissão Científica, Meire Capellini (FUNDESPORTE), Lisangela Sanches (Professora da educação básica) e Jorge Dávila (Professor da educação básica) na Comissão de Comunicação e Eventos.

42 Presidente Nacional do CBCE (1999 a 2001).

Leonardo Peyré Tartaruga<sup>43</sup>, Dulce Maria Filgueira de Almeida<sup>44</sup>, Beleni Salette Grandó<sup>45</sup>, Tadeu João Ribeiro Baptista<sup>46</sup>, Pedro Fernando Avalone Athayde<sup>47</sup>, dentre outros.

Concomitantemente ao V CONCOCE, ou seja, em seu próprio âmbito, ocorreu um evento menor, o I Congresso Sul-Mato-Grossense de Ciências do Esporte (CONSMCE). Ambos os eventos foram organizados sob a temática “Educação Física, Esporte e Lazer – Fronteiras e Identidades: mediando a universidade e a educação básica”, buscando propiciar debates, reflexões e elaborações acadêmicas que mirassem a *práxis* pedagógica e, por conseguinte, proporcionassem alicerces mais seguros para a atuação diária nos campos da docência e da produção de conhecimento, assim contribuindo para a construção de intervenções professorais e investigativas que contemplassem a necessidade imprescindível de práticas cotidianas de qualidade, fundamentadas na teoria.

Meses antes da realização do V CONCOCE, já haviam sido realizados dois eventos prévios com o objetivo de estimular e preparar os participantes — especialmente os estudantes de Educação Física — para o evento principal. O primeiro desses eventos prévios foi o PRÉ-CONCOCE 1, realizado em 28 de abril de 2012 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Corumbá. Do corpo docente da UFGD, estiveram presentes, ministrando palestras, os professores Alexandre Paulo Loro, Marina Vinha, Mário Sérgio Vaz da Silva e Warley Carlos de Souza. Já o PRÉ-CONCOCE 2, segundo

---

43 Presidente Nacional do CBCE (2011 a 2013).

44 Diretora Financeira Nacional do CBCE (2007 a 2009).

45 Coordenadora Nacional de Grupos de Trabalhos Temáticos do CBCE (2009 a 2011).

46 Diretor Financeiro Nacional do CBCE (2015 a 2017).

47 Coordenador Nacional de Grupos de Trabalhos Temáticos do CBCE (2017 a 2019).

evento prévio, ocorreu nos dias 17 e 18 de maio de 2012 na UFGD, tendo, na programação, palestras e oficinas ministradas pelos professores Carlo Henrique Golin e Silvia Beatriz Serra Baruki — ambos da UFMS de Corumbá —, Marcelo Ferreira Miranda — integrante do CREF 11/MS — e Alexandre Paulo Loro. A realização desses dois eventos foi, de fato, bastante proveitosa, pois promoveu um salutar intercâmbio entre professores e alunos da UFGD e da UFMS, além de ter surtido efeitos significativos no V CONCOCE em termos de número de participantes e também no que diz respeito à própria qualidade dos trabalhos apresentados.

Centenas de pessoas compareceram ao V CONCOCE, integrando caravanas oriundas predominantemente de cidades e regiões do Centro-Oeste nas quais o CBCE apresentava, particularmente, satisfatória capacidade de organização logística. Dentre as cidades com massiva participação, destacaram-se Brasília (DF), Jataí (GO), Campo Grande (MS) e Corumbá (MS). Além do comparecimento dessas caravanas oriundas de cidades mais distantes, a frequência durante os quatro dias de realização do evento caracterizou-se pela participação expressiva dos alunos da UFGD e de graduandos de outros cursos de Educação Física da região de Dourados. Quanto aos profissionais da área em busca de aprimoramento, ou seja, professores que já militavam na área, registrou-se uma presença não exatamente massiva, mas claramente notável.

A seguir, vejamos a programação resumida<sup>48</sup> do V CONCOCE:

- 3 de setembro, das 20h às 21h: Conferência de abertura – “Educação Física, esporte e lazer: fronteiras e identidades – Medianando a universidade e a educação básica” – Prof. Manuel Pacheco Neto (UFGD).
- 3 de setembro, 21h: Lançamento do livro *Educação Física, corporeidade e saúde*, organizado por Manuel Pacheco Neto (UFGD), contendo capítulos de Suraya Cristina Darido (UNESP), Irene Rangel (UNESP), Wagner Wey Moreira (UFTM), Mário Sérgio Vaz da Silva (UFGD), Vilma Leni Nista Piccolo (UFTM), Regina Simões (UFTM), Marina Vinha (UFGD), Maria Beatriz Rocha Ferreira (UNICAMP), Carlo Henrique Golin (UFMS), Warley Carlos de Souza (UFGD), Júnior Vagner Pereira da Silva (UFMS), Eline Porto (UNIMEP), Eduardo Azzini (UNIMEP).
- 4 de setembro, 19h: Mesa redonda 1 – “Educação Física Escolar e práticas pedagógicas na educação básica” – Prof.<sup>a</sup> Ingrid Ditrach Wiggers (UNB), Prof.<sup>a</sup> Márcia Cristina Coffani (UFMT), Prof. Carlo Henrique Golin (Mediador – UFMS).
- 5 de setembro, 19h: Mesa redonda 2 – “Educação Física, saúde e qualidade de vida: práticas e produção de conhecimento” –

---

48 Esta é a programação resumida, sintetizada, uma vez que, para não incorrer em prolixidade ou mesmo em perda de objetividade, não trouxemos para este texto informações detalhadas sobre: 1) O período de credenciamento, ocorrido nas horas anteriores ao próprio evento; 2) A cerimônia de abertura; 3) A apresentação artístico-cultural ocorrida após a cerimônia de abertura e antes da conferência de abertura; 4) As oficinas temáticas, que ocorreram durante as manhãs; 5) A apresentação de pôsteres, que foi realizada nos dois primeiros dias do evento; 6) As apresentações orais de grupos de trabalhos temáticos; 7) O encontro de pós-graduação; 8) A assembleia final. As informações específicas sobre todos esses itens se perdem numa imensidão de particularidades, cuja abordagem detalhada ensinaria um único caderno, volume ou até mesmo um livro de pequenas dimensões. Isso explica a opção de enfoque em três itens específicos, que formam a essência temática e teórica do evento: 1) Conferência de abertura; 2) Lançamento do livro; 3) Mesas redondas.

Prof. Leonardo Peyré Tartaruga (UFRGS), Prof. Tadeu João Ribeiro Baptista (UFG), Prof. Alexandre Luiz Gonçalves de Resende (Mediador – UNB).

- 6 de setembro, 8h: Mesa redonda 3 – “Educação Física, cultura e identidade” – Prof.<sup>a</sup> Dulce Maria Filgueira de Almeida (UNB), Prof.<sup>a</sup> Beleni Grando (UFMT), Prof. Arthur José Medeiros de Almeida (Mediador – UNB).
- 6 de setembro, 10h: Mesa redonda 4 – “Copa do Mundo e Olimpíada: perspectivas para o campo de conhecimento da Educação Física” – Prof. Lino Castellani Filho (UNB), Prof. Hajime Takeuchi Nozaki (UFMS), Prof. Pedro Fernando Athayde (Mediador – Ministério do Esporte – DF).

Essa programação — que, corrobore-se, registrou a contribuição de nomes expressivos do cenário da Educação Física nacional, bem como dos quadros do CBCE — propiciou, de fato, reflexões salutarmente críticas sobre as mediações necessárias entre a universidade e a educação básica, incluindo, em seus domínios, a pesquisa, as práticas pedagógicas, a saúde, a corporeidade, a cultura, a qualidade de vida e as identidades.

A estrutura do V CONCOCE, incluindo em seu âmbito o I CONSMCE, foi concebida coletivamente pelos membros da então Secretaria Estadual do CBCE de Mato Grosso do Sul, porém o projeto que foi submetido aos órgãos de fomento foi redigido pela professora Marina Vinha, fundadora da entidade no estado. A coordenação do evento esteve sob a responsabilidade da professora Adriana Valadão e do professor Alexandre Loro. Esses dois profissionais, à frente de uma equipe ampla e constituída por professores e estudantes de

Educação Física, contribuíram significativamente para que o evento fosse realizado.

Apoiaram e patrocinaram o evento as seguintes instituições e empresas: Diretoria Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Diretoria da Faculdade de Educação da UFGD; Secretaria do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte do Distrito Federal; Fundação de Desporto e Lazer de Mato Grosso do Sul (FUNDESPORTE); Gráfica e Editora Seriema; Centro Educacional Antônio Raposo Tavares (CEART); Pirâmide Uniformes; Salim Materiais Esportivos; Hotel Bahamas; Associação Douradense de Profissionais de Educação Física (ADOPEF); Fundação de Esportes de Dourados (FUNED); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

A realização do V CONCOCE fortaleceu a Secretaria Estadual do CBCE de Mato Grosso do Sul em diversos sentidos. Antes e durante o evento, muitas pessoas se associaram formalmente à entidade. Além disso, o sucesso do evento ensejou a elaboração de um relatório final de gestão que demonstrou, em termos claros, a pujança dos representantes da entidade em Mato Grosso do Sul a despeito das naturais divergências que caracterizam grupos de trabalho democráticos. A redação e envio desse relatório à Diretoria Nacional do CBCE ficou a cargo do então Secretário Estadual do CBCE/MS, professor Manuel Pacheco Neto, que, no ano seguinte — 2013 —, viria a integrar a Diretoria Nacional eleita para dirigir a entidade entre julho de 2013 e julho de 2015.

Outro claro indício do caráter ascensional do CBCE/MS após o V CONCOCE foi a publicação do livro *Educação Física: enfoques*

*contemporâneos*, lançado em novembro de 2013 durante a VII Semana da Educação da UFGD. A obra contou com contribuições de Marina Vinha (UFGD), Alexandre Loro (UFGD) e Carlo Henrique Golin (UFMS) — organizadores — e apresentava textos de Silvino Santin (UNIFRA), Silvia Beatriz Serra Baruki (UFMS), Rafael Presotto Vicente Cruz (FUNLEC), Manuel Pacheco Neto (UFGD), Ernani Xavier Filho (UEL), Tony Honorato (UEL), Afonso Celso Brandão Nina (UFAM), Luís Otávio Teles Assumpção (UCB), Cristiane Melo de Oliveira (UCB) e Marco Antônio Caetano Júnior (UCB).

## **I Simpósio UFGD em Movimento – UFGD, Dourados, MS**

Idealizado pela Divisão de Esportes (DIESP) da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE), o I Simpósio UFGD em Movimento foi realizado de 12 a 14 de novembro de 2014 e contou com a presença aproximada de quinhentos participantes, entre discentes, docentes, técnicos administrativos e visitantes. O folder virtual do evento expressava:

O “I Simpósio UFGD em Movimento” tem como objetivo propiciar momentos de prática e reflexão acerca da importância das atividades físicas para a obtenção, bem como para a manutenção da saúde. Em nosso tempo, torna-se cada vez mais clara a relação entre as práticas corporais e a qualidade de vida. Levando isso em conta, a Universidade Federal da Grande Dourados, através da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, organizou este evento, que busca agregar pessoas de dentro e de fora da universidade, no conagração comunitário que somente as atividades lúdicas podem propiciar. (SIMPÓSIO UFGD EM MOVIMENTO, 2014).

No dia 5 de novembro de 2014, sob o título “Conscientização sobre práticas saudáveis movimenta a UFGD na próxima semana”, a página virtual da universidade anunciava:

A saúde estará em foco na próxima semana na UFGD, com a realização do I Simpósio UFGD em Movimento, voltado a servidores, estudantes e à comunidade em geral. A ideia é que durante os três dias de evento os participantes se conscientizem sobre a importância de práticas saudáveis, por meio de palestras ministradas por profissionais conceituados e, como não poderia deixar de ser, movimentando-se.

Nos dias 12, 13 e 14 de novembro (de quarta a sexta-feira), a UFGD será palco de diversas intervenções e oficinas sobre atividades físicas, como Ginástica Localizada, Ginástica Laboral, Caminhada Orientada, Alongamento, Judô, Rugby e Capoeira Angola, além de campeonatos de Tênis de Mesa e Xadrez Recreativo. Aliada à prática, a teoria será exposta durante palestras e mesas temáticas sobre assuntos como alimentação saudável, importância de exercícios físicos, prevenção a doenças, obesidade e perda de peso, ministradas por profissionais que são referências em seus temas, como é o caso do professor Dartagnan Pinto Guedes, doutor em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP). Ele vem a Dourados falar sobre os riscos da obesidade e a relevância da perda de peso. (UFGD, 2014).

Com uma programação densa, direcionada para as discussões sobre a extrema relevância das atividades corporais para a qualidade de vida do ser humano, bem como para a própria vivência prática de várias modalidades, o I Simpósio UFGD em Movimento, de fato, reuniu, além do pesquisador Dartagnan Pinto Guedes, diversos outros nomes de projeção nas áreas da Fisiologia Humana, do Esporte, do Lazer e da Educação Física.

O curso de licenciatura em Educação Física da UFGD participou massivamente do evento, com um grande número de discentes e

docentes comparecendo às atividades. Já no primeiro dia de programação (12 de novembro de 2014), ocorreu a primeira participação de uma docente do curso de Educação Física da UFGD. A intervenção em pauta ocorreu no período vespertino, numa sessão de atividades práticas sequenciais. Para que tenhamos uma apreensão específica acerca do contexto sócio educativo em que a então professora do curso de Educação Física deu sua contribuição, vejamos a programação daquela sessão do evento (SIMPÓSIO UFGD EM MOVIMENTO, 2014):

“Práticas Físicas e Qualidade de Vida”

15h50 - Intervenção 1 - “Ginástica Laboral: Dicas e Exercícios” (Auditório da Unidade I)

Águida Joyce dos Santos Aguirre Rodrigues

Professora de Educação Física (FAFS)

Instrutora de Ginástica Laboral

16h10 - Intervenção 2 - “Alongamentos e Aulão de Ginástica” (Quadra da Unidade I)

Zélia Aparecida Milani Parizotto

Mestre em Ciências da Saúde (UNB)

Professora Substituta do Curso de Educação Física (UFGD)

16h30 - Intervenção 3 - “Caminhada Orientada” (Unidade I)

Elisângela dos Santos

Professora de Educação Física e Instrutora de Atletismo

Monitora no Programa de Lazer e Esporte (DIESP/UFGD).

É relevante corroborar que essa parte específica da programação geral do evento ocorreu na Unidade I da UFGD, antigo Centro Universitário de Dourados (CEUD). Foi lá, na mais antiga quadra poliesportiva da universidade<sup>49</sup>, que a professora Zélia Parizotto, então docente do curso de Educação Física, ministrou sua atividade — Alongamentos e Aulão de Ginástica — para um público numeroso,

49 A quadra lá existente foi construída na década de 1970, tempos depois da fundação do CEUD, em 20 de dezembro de 1970.

que acabara de participar da atividade de Ginástica Laboral realizada ao lado da quadra, no prédio do auditório.

No dia seguinte (13 de novembro de 2014), uma então acadêmica do curso de Educação Física ministrou uma oficina de judô, na Unidade II, para um público numeroso, constituído, em sua maioria, por pré-adolescentes e adolescentes. Érica Gomes Rodrigues, hoje professora de Educação Física formada pela UFGD, já era, naquela ocasião, detentora de faixa preta daquela arte marcial, *sensei* experiente e afiliada à Federação de Judô de Mato Grosso do Sul (FJMS).

À noite, naquele mesmo dia, professores do curso de licenciatura em Educação Física participaram de uma mesa temática de expressiva relevância. Vejamos:

19h00 - Mesa Temática - "Os Benefícios Oriundos das Atividades Físicas"

Idico Luiz Pellegrinotti - Graduado em Educação Física (UNIMEP) e Doutor em Ciências Biológicas (UNESP).

Mário Sérgio Vaz da Silva - Graduado em Educação Física (UFMT) e Doutor em Ciências (USP).

Pablo Christiano Barboza Lollo - Graduado em Educação Física (UNICAMP) e Doutor em Alimentos e Nutrição (UNICAMP).

Warley Carlos de Souza (mediador) - Graduado em Educação Física (UFG) e Doutor em Educação (USP). (SIMPÓSIO UFGD EM MOVIMENTO, 2014).

Pesquisador prolífico e profissional docente com vasta carreira nas áreas da anatomia e da fisiologia, o professor Idico Pellegrinotti veio a Dourados debater o tema proposto com o professor Mário Sérgio Vaz da Silva e o professor Pablo Christiano Barboza Lollo, ambos docentes efetivos do curso de Educação Física e lotados na FAED. Além da presença desses dois professores do curso de Educação Física na referida

mesa, atuando como debatedores, outro docente do curso lá estava, o professor Warley de Souza, como mediador das intervenções, assim perfazendo a participação preponderante de três docentes do curso numa das mais relevantes mesas temáticas do evento.

No dia 14 de novembro de 2014, logo pela manhã, outro professor do curso de Educação Física registrou a sua participação no evento, ministrando um minicurso de quatro horas. Vejamos este trecho da programação, constante na página virtual da Divisão de Esportes da UFGD:

Dia 14 de Novembro (sexta-feira de manhã), no Complexo Esportivo da Unidade II;  
08h00 às 11h30 – Minicurso  
Futsal: Ludicidade, Táticas e Regras  
Professor Leandro Aparecido Faleiros, Graduado em Educação Física – FAFS e Docente do Curso de Educação Física – UFGD. (SIMPÓSIO UFGD EM MOVIMENTO, 2014).

Neste momento, ao vermos o registro do minicurso de futsal, lembramo-nos do grande pesquisador da educação Dermeval Saviani, que, em sua clássica obra *Pedagogia Histórico-Crítica* (2003), faz um importante alerta acerca do esquecimento que por vezes acaba se acercando do que é óbvio. Noutras palavras, o que é óbvio não raro é esquecido. O futsal e o futebol, por serem extremamente dominantes entre as modalidades esportivas no Brasil, muitas vezes acabam sendo esquecidos, deixados de lado nos eventos organizados na área da Educação Física. Num capítulo de livro que escrevemos há algum tempo, afirmamos:

O futebol deve ser ensinado com esmero, para que tudo que [...] já sabem sobre ele possa ser corroborado pedagogicamente, “otimizando” ou aperfeiçoando sua apren-

dizagem. Negligenciar o ensino do futebol é um erro grave [...]. Não devemos cair na armadilha do senso comum, deixando o futebol de lado, pressupondo, canhestramente, que este esporte “anda sozinho”. O futebol deve ser ensinado [...] como qualquer outro esporte. Não deve ser negligenciado, por ser muito praticado, mas sim bem ministrado em sua história, suas táticas, seus fundamentos e suas regras. Enfim, nada justifica que o professor de Educação Física não ensine futebol [...]. A modalidade deve ser indispensável, em campos ou em quadras, em conformidade com a disponibilidade destes espaços [...]. (PACHECO NETO, 2013, p. 139).

Detemo-nos momentaneamente nessas observações para que possamos dimensionar, em termos aproximados, o quão importante é incluir o futebol num evento direcionado aos esportes. O curso de Educação Física da UFGD contribuiu nesse sentido, oferecendo um minicurso de futsal no I Simpósio UFGD em Movimento, ministrado pelo professor Leandro Faleiros.

Continuando a abordar a contribuição do curso de Educação Física para o evento, vejamos a mesa temática de encerramento:

Dia 14 de Novembro (sexta-feira à noite), no Auditório da Unidade I;  
19h00 - Mesa Temática – “Esporte e Lazer: Qualidade de Vida e Integração Social”  
Regina Maria Rovigati Simões - Graduada em Educação Física (PUCCAMP) e Doutora em Educação Física (UNICAMP).  
Wagner Wey Moreira - Graduado em Educação Física (UNIMEP) e Doutor em Educação (UNICAMP).  
Manuel Pacheco Neto - Graduado em Educação Física (UNIMEP) e Doutor em Educação (UNIMEP).  
Gheysa Mossini Balbino dos Santos (mediadora) – Graduada em Educação Física (UEL) e Especialista em Educação (UNIGUAÇU/FAESI). (SIMPÓSIO UFGD EM MOVIMENTO, 2014).

Naquela mesa temática, foi possível verificar a participação de mais um docente do curso de Educação Física da UFGD, debatendo, sob a mediação da professora Gheysa Mossini, servidora da Divisão de Esportes, a proposta temática da mesa com os professores doutores Wagner Moreira e Regina Simões, ambos pesquisadores renomados na área da Educação Física que vieram a Dourados para participar do simpósio.

Além de todas as participações de integrantes do curso de Educação Física até agora pautadas, cumpre mencionar o expressivo número de estudantes do curso que apresentaram pôsteres no evento — única modalidade então proposta para apresentação dos alunos — sob a orientação de diversos docentes.

Finalizando a abordagem sobre a participação e a contribuição do curso de Educação Física para a realização do I Simpósio UFGD em Movimento, podemos afirmar, com segurança, que, caso não houvesse ocorrido uma significativa mobilização, o evento certamente teria outra feição.

### **III Congresso de Educação da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS**

Antes de entrar na abordagem específica do III Congresso de Educação da Grande Dourados, que contou com a acentuada e ampla contribuição de docentes e discentes do curso de Educação Física, cumpre situar esse evento num contexto de continuidade, que explica a sua realização e importância para a UFGD e região.

Em 2015, a FAED realizou a primeira edição do Congresso de Educação da Grande Dourados, propondo o tema “Escola, Família e

Sociedade: Construindo Novos Caminhos”. Na época, a professora Aline Maira da Silva assim registrou o resumo do evento, no Sistema de Informação e Gestão de Projetos – SIGProj:

O objetivo geral do evento é propiciar o debate sobre questões atuais, tais como formação de educadores, indisciplina no ambiente escolar, inclusão escolar, participação da família, entre outros. Registra o compromisso da Faculdade de Educação (FAED) com o fortalecimento do tripé de sustentação da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. A ação proposta torna-se de extrema relevância, tanto acadêmica como social, fazendo jus ao público a que se destina. Cabe destacar que a realização do I Congresso de Educação da Grande Dourados busca atender a demanda de todos os cursos de licenciatura da UFGD, visto que irá propor o debate de temas relevantes relacionados com a área da Educação. O evento irá oportunizar discussão sobre impasses, desafios e perspectivas, aspectos que certamente fortalecerão cada vez mais a necessária interação entre pesquisadores, docentes e discentes da educação escolar (básica e superior). (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2015).

Observemos o registro acerca do público-alvo:

Acadêmicos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), assim como das demais universidades da região, públicas (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS) e privadas (Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN; Faculdade Anhanguera de Dourados). Além disso, os acadêmicos do programa de pós-graduação em Educação da UFGD, os técnicos administrativos da UFGD e a comunidade (profissionais da educação básica das redes estadual e municipal). (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2015).

Em 2016, foi realizada a segunda edição do evento. Vejamos parte do resumo de sua proposta no SIGProj, de autoria da professora Thaise da Silva:

O II Congresso de Educação da Grande Dourados propõe o tema Escola e Diversidade. O tema desse evento busca abarcar as questões que adentram a escola na atualidade. Se antes as instituições de ensino fechavam as portas para as diferenças, hoje buscam incluí-las, porém é recorrente ouvirmos os professores mencionarem que ainda se sentem despreparados para trabalhar com as diferenças. Diante disto, este congresso se propõe a dialogar, pensar e pesquisar as questões que envolvem a escola e as diferenças. O objetivo geral do evento é propiciar o debate sobre questões atuais, tais como formação de educadores, diversidade, entre outros. (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2016).

O público-alvo então perspectivado assim foi registrado: “Estudantes dos cursos de licenciatura e professores da rede municipal, estadual e particular de ensino” (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2016).

Fazendo uma análise sintética acerca do que até agora foi abordado neste tópico, podemos dizer que, tal como perspectivado pelas professoras que escreveram os projetos dos dois primeiros congressos de educação, ambos atingiram seus objetivos. Houve discussão, integração, troca de experiências, relatos de práticas, relatos de pesquisas, publicação de trabalhos, questionamentos, exercício de criticidade, reposicionamentos teórico-conceituais, etc., tudo numa perspectiva de abrangência regional, englobando congressistas atuantes na docência em todos os níveis de ensino, oriundos de diversas instituições, bem como futuros professores, estudantes de licenciatura de várias universidades.

Ficou claro que, com a realização dos dois eventos, respectivamente em 2015 e 2016, uma importante necessidade da área da Educação foi suprida no sul de Mato Grosso do Sul. Desta forma, a responsabilidade não era pouca quando os docentes do curso de Educação Física, com formação na área, encamparam a ideia de se responsabilizarem pela elaboração e realização do III Congresso de Educação da Grande Dourados. Para tanto, tais professores contaram também com a valiosa contribuição de outros colegas da FAED, com formação em Pedagogia e em outras áreas.

O foco do III Congresso foi voltado, predominantemente, para as discussões centrais e periféricas concernentes à Educação Física, sem prescindir de outras importantes possibilidades de debate acerca de questões mais gerais da área da Educação. A participação de estudantes e professores oriundos de outras licenciaturas era também prioridade, uma vez que o congresso não seria realizado num departamento ou setor específico de Educação Física, mas sim na FAED, que oferece diversos cursos, tais quais Pedagogia, especialização em Docência na Educação Infantil, especialização em Formação de Profissionais da Educação, especialização em Educação Especial, mestrado e doutorado em Educação, e, propriamente, licenciatura em Educação Física e especialização em Educação Física Escolar.

A comissão organizadora foi constituída pelos(as) seguintes professores(as): Adriana Valadão, Edvonete Souza de Alencar, Eugênia Portela de Siqueira Marques, Gustavo Levandoski, Jacqueline da Silva Nunes Pereira, Josiane Fujisawa Filus de Freitas, Kênia Hilda Moreira, Manuel Pacheco Neto, Mário Sérgio Vaz da Silva, Mirlene Ferreira Macedo Damázio, Thaise da Silva e Vivian Iwamoto.

Sob o tema “Escola, Corpo e Movimento”, o III Congresso de Educação da Grande Dourados ocorreu de 8 a 11 de agosto de 2017, com atividades e intervenções notavelmente diversificadas, como veremos a seguir.

Palestras e mesas-redondas:

Dia 08 de agosto (terça-feira) às 19:30h, no Auditório Central – Palestra de Abertura: “Educação Lúdica: Métodos Ativos na Escola” – Prof. Dr. Giuliano Pimentel (UEM);

Dia 09 de agosto (quarta-feira) às 19:30h, no Auditório Central – Mesa-Redonda: “Linguagens para a Inclusão” – Profa. Dra. Rita de Fátima da Silva (UFMS), Profa. Dra. Marina Brasileiro Salerno (UFMS) e Profa. Ms. Graciela Fátima Granetto (Colégio Mace de Campo Grande);

Dia 10 de agosto (quinta-feira) às 19:30h, no Auditório Central – Palestra: “A Diversidade Étnico-Racial na Literatura Infantil e Juvenil: Análise do Programa Nacional de Biblioteca da Escola” – Profa. Dra. Débora Cristina de Araújo (UFES);

Dia 11 de agosto (sexta-feira) às 19:30h, no Auditório Central – Palestras: “O Esporte da Escola” – Prof. Dr. José Pereira de Melo (UFRN); “Educação Infantil: Corpo, Movimento e Expressão” – Profa. Dra. Ida Carneiro Martins (UNINOVE). (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2017).

Nota-se, nessa programação noturna de quatro palestras e uma mesa-redonda, que, de fato, as temáticas buscaram abranger campos distintos da Educação, colocando em prática as intenções da comissão organizadora.

O evento incluiu também uma intensiva programação vespertina, na qual constaram oficinas e minicursos, realizados nos dias 9 e 10 de agosto, das 14h às 17h, além de comunicações orais e apresentação de pôsteres nos dias 10 e 11 de agosto, das 14h às 19h.

## *Oficinas e minicursos*

Observemos quais foram as oficinas e minicursos realizados em 9 de agosto, bem como seus ministrantes:

- “Dança na escola” – Prof.<sup>a</sup> M.e Jacqueline da Silva Nunes Pereira (UFGD);
- “Linguagens para a inclusão” – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Fátima da Silva (UFMS);
- “Atividades de aventura como tema gerador no ensino fundamental I” – Prof. Dr. Giuliano Pimentel (UEM);
- “Letramento científico nos anos iniciais do ensino fundamental: possibilidades e desafios a partir de atividades” – Prof. M.e Wallace Alves Cabral (UFGD);
- “Saberes da profissão pedagogo: as várias pedagogias em questão” – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirlene Ferreira Macedo Damázio (UFGD);
- “Ensino de Ciências para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental” – Prof. Dr. Hiraldo Serra (UFGD) (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2017).

Vejamos agora as oficinas e os minicursos realizados em 10 de agosto, bem como seus ministrantes:

- “Ginástica rítmica escolar” – Prof.<sup>a</sup> Esp. Paola Gouveia Schemberger (Escola SEI – Dourados);
- “Filosofia clínica e educação: a atuação do filósofo no cotidiano escolar” – Prof. Dr. Miguel Gomes Filho (UFGD);
- “A corporeidade na Educação Física Escolar” – Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto (UFGD);

- “Rope Skipping” – Prof. Esp. Luís Otávio Mendes (IFECT-MS) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Brasiliano Salerno (UFMS);
- “Perspectivas de um arcabouço: jogos, teatro e aprendizagens” – Prof. M.e Michel Mauch (CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2017).

### *Comunicações orais e apresentação de pôsteres*

As comunicações orais, oriundas de artigos completos, bem como os pôsteres, provenientes de resumos científicos, atingiram um número bastante satisfatório, levando-se em conta a natureza regional do evento.

Divididos em seis áreas temáticas distintas, tais trabalhos, que hoje constam nos anais do evento, repercutiram positivamente não apenas pela quantidade, como também pela diversidade de enfoques, pela qualidade, pela multiplicidade concernente à proveniência e pela presença massiva de seus autores às sessões.

Na tabela a seguir, vejamos o número de artigos completos e resumos apresentados em suas respectivas áreas temáticas:

**Tabela** – Número de artigos completos e resumos apresentados no III Congresso de Educação da Grande Dourados.

ÁREA TEMÁTICA	ARTIGOS	RESUMOS	TOTAL
Educação e Diversidade	22	27	49
Educação Física Escolar	4	13	17
Educação Infantil e Letramento	12	11	23
Formação de Professores	18	16	34
Educação, Políticas Públicas e Gestão Educacional	23	5	28
História e Educação	19	3	22
<b>Total geral</b>	<b>98</b>	<b>75</b>	<b>173</b>

Fonte: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2017.

Movimentando centenas de pessoas — entre palestrantes, autores de resumos, autores de artigos, ouvintes da UFGD e ouvintes externos — durante seus quatro dias de realização, o III Congresso de Educação da Grande Dourados foi um evento que apresentou acentuado nível de satisfação. Com sua programação perceptivelmente diversificada, fez jus à história já então construída por seus dois antecessores.

### **O curso de Educação Física nos Jogos Abertos da UFGD**

Sob a responsabilidade da Divisão de Esportes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE), os Jogos Abertos da UFGD vêm sendo organizados e realizados desde 2012, configurando-se como o evento esportivo anual mais vultoso da instituição, posto que reúne um número muito grande de equipes em diversas modalidades, ensejando momentos intensos não apenas de prática esportiva, como também de sociabilização e abstração sadia, integrando estudantes dos mais diversos cursos, proporcionando o surgimento de novas amizades e o fortalecimento de antigos laços sociais. Não raro, as disputas se estendem por semanas seguidas, engendrando uma grande festa esportiva, na qual as disputas nas quadras são acompanhadas por torcidas animadíssimas, organizadas pelas associações atléticas dos cursos participantes que, utilizando bumbos, pratos, pandeiros, apitos, cornetas e até megafones, produzem uma bem-vinda algazarra sonora, tão característica dos eventos esportivos bem-sucedidos, que empolgam as torcidas das equipes envolvidas.

Para que possamos dimensionar, em termos aproximados, a capacidade de agregação dos Jogos Abertos da UFGD, vale lembrar

que, em sua segunda edição, realizada entre outubro e novembro de 2013, foi registrada a participação de 91 equipes nas modalidades de basquetebol, voleibol, futsal e handebol, nos naipes masculino e feminino. Em 2014, quando da realização da terceira edição, 115 equipes de ambos os naipes disputaram as quatro modalidades coletivas do ano anterior, acrescentando mais de trinta pessoas inscritas no tênis de mesa, modalidade que estava sendo disputada pela primeira vez na história do evento. Nos anos posteriores, os Jogos Abertos se firmaram ainda mais, crescendo em número de equipes e também em modalidades — às já mencionadas foram acrescentadas a natação e o xadrez —, cumprindo, de maneira cada vez mais consistente, sua função de oportunizar diversão, sociabilização e conagração à comunidade universitária.

Desde a primeira edição do evento, em 2012, o curso de licenciatura em Educação Física se fez presente não apenas participando das modalidades ofertadas, como também levando toda a sua animação característica e contribuindo fortemente para o bom andamento das disputas e para a conscientização acerca da necessidade de competir com ética no âmbito de uma competição esportiva que visa, antes de mais nada, a vivência de momentos de lazer por parte dos universitários numa ambiência de respeito ao próximo, seja ele adversário ou companheiro de equipe. Durante todos esses anos, a participação do curso de Educação Física ocorreu nessa perspectiva. E essa participação sempre foi massiva, com a bateria da Atlético liderando e conduzindo a torcida na entoação de canções e na improvisação de gritos de guerra ou palavras de ordem.

Em termos de performance, o curso de Educação Física alcançou resultados excelentes ao longo dos anos, obtendo o primeiro

lugar em várias modalidades e sagrando-se campeão geral. Cumpre mencionar que tal fato não ocorreu em todos os anos, havendo ocasiões em que o curso não obteve excelentes colocações. É importante lembrar que, em conformidade com o que é ensinado no transcurso das aulas na licenciatura em Educação Física, a obtenção de vitórias no esporte não é um objetivo a ser atingido a qualquer custo, devendo ser priorizada a participação ética e solidária, que se configura como base para a formação da cidadania crítica e, por conseguinte, alicerce para a construção de uma sociedade mais fraterna e menos assimétrica. O licenciado em Educação Física tem como objetivo a atuação na escola e não o treinamento de alta competitividade. Portanto, na educação formal, conceber os cidadãos do futuro passa, necessariamente, pela conscientização sobre aos parâmetros que delimitam a conquista de vitórias, os quais são entendidos como balizas morais que não podem ser removidas ou transpostas em benefício de quem não quer se submeter às regras do jogo e, utilizando-se de artifícios fraudulentos, procura obter títulos ou colocações indevidas, lesando outros competidores.

A conscientização a respeito desses preceitos vem norteando, ao longo dos anos, a participação dos alunos do curso de Educação Física nos Jogos Abertos, registrando uma contribuição ímpar às sucessivas edições do evento. Cientes da importância capital da participação, em contraposição irredutível à obtenção de títulos — especialmente se for “a qualquer custo” —, os estudantes de Educação Física vêm dando mostras de que, de fato, os “resultados” dos jogos situam-se numa dimensão de entendimento marcadamente educativa. No blog Educação Física Mudando a Sociedade<sup>50</sup>, gerido pelos alunos do curso, tal

---

50 Para conhecer o ponto de vista dos estudantes sobre este e outros assuntos, acesse: <<http://edfisicaufgd.blogspot.com.br/>>.

concepção é claramente perceptível, como podemos verificar em um texto lá publicado em 14 de novembro de 2014, cujo título é “‘Resultados’ dos Jogos Abertos UFGD 2014”. Cumpre reforçar que, no título do texto, a palavra resultados está grafada entre aspas, denotando a intenção de relativização que se pretendia empregar ao seu significado, promovendo, de pronto, um entendimento de que tal palavra não exprime unicamente as vitórias obtidas e as derrotas sofridas.

Vejam os trechos iniciais do texto:

Os jogos realizados pela universidade têm como objetivo propiciar uma interação entre os acadêmicos da universidade, unindo alunos de diversos cursos, que possuem diferentes personalidades em um espaço de “confronto” pelo esporte. A inteligência corporal se destaca [...] na destreza em conduzir a bola e efetuar os dribles, nos belos saltos e arremessos, nas corridas e paradas bruscas, fintas e “chapeuzinhos”, essa inteligência corporal é algo que vem desde a infância, é a experiência adquirida durante a vivência motora. Crianças que foram estimuladas nas práticas de atividades corporais e que posteriormente treinaram em suas modalidades possuem um desempenho melhor. Essa é a importância dos profissionais de educação física, tornar o ensino da educação física desde as séries iniciais até o término do ensino médio, um ensino que promova o prazer na realização de práticas esportivas. (BERNARDO, 2014).

No trecho citado, é patente o ponto de vista direcionado para a perspectiva educacional. Primeiramente, é focado o caráter socializante do evento, sublinhando a agregação de uma grande diversidade de “personalidades” e, sobretudo, a relativização da palavra “confronto”, também por intermédio da utilização de aspas, a exemplo do vocábulo “resultados” no título. Na sequência, aparecem os conhecimentos acerca da teoria das inteligências múltiplas, de Howard Gardner, mais especificamente sobre a inteligência corporal-cinestésica — parte da

teoria em pauta —, que é sugerida como “resultado” da “vivência motora” ao longo do tempo. Em termos mais objetivos, no texto, a própria expressão da inteligência corporal é conotada como um “resultado” positivo dos Jogos Abertos, ou seja, o evento, por representar uma oportunidade de expressão dessa inteligência, apresenta como resultado uma vivência específica. Notamos, nitidamente, que o texto passa à larga de qualquer menção relativa a “colocações” ou “classificações” das equipes.

Vejamos este outro trecho que, além de ressaltar aspectos relevantes dos jogos em pauta, associa a participação coletiva nas disputas com a atuação também coletiva — e ativa — na empreitada de promover mudanças sociais.

[...] novas relações entre os acadêmicos são criadas, amizades surgem, as medalhas conquistadas fazem jus ao esforço realizado, e aos que não conquistaram medalhas, na memória ficarão os bons momentos dos jogos e o espírito de competição de ter sido parte de um grande evento, pois para isto é necessário a participação de todos, assim [...] como para mudar o mundo é necessário que todos participem ativamente [...]. (BERNARDO, 2014).

Essas palavras refletem, em grande medida, a mentalidade, a consciência dos acadêmicos do curso de Educação Física, que, desde a primeira edição dos Jogos Abertos, participaram massiva e ativamente das competições. Reforcemos que, ao longo dos vários anos de realização do evento, não foram poucas as vitórias obtidas nas diversas modalidades ofertadas, registrando-se, inclusive, a conquista do título de “Campeão Geral”, o que significa a melhor performance, considerando-se todas as modalidades disputadas nos naipes masculino e feminino. No entanto, parece não restar dúvidas de que a grande vitória do curso de Educação

Física nos Jogos Abertos não foi a obtenção de títulos — que ocorreu fartamente —, mas a sua expressiva participação ao longo do tempo, expressa pelas equipes nas quadras, pelas torcidas nas arquibancadas, pela bateria da Associação Atlética e também pelos estudantes que participaram da própria organização do evento como voluntários ou como bolsistas do Programa de Lazer e Esportes da Coordenadoria de Formação e Integração Comunitária da universidade.

Podemos afirmar, conscienciosamente, que a participação dos alunos do curso de Educação Física nas várias edições dos Jogos Abertos configurou-se, claramente, como uma grande e exemplar contribuição ao esporte na UFGD. E o perceptível acúmulo de troféus na sala da coordenação do curso é apenas um aspecto da trajetória percorrida.

### **A Associação Atlética Acadêmica de Educação Física**

Entidade sem fins lucrativos, composta por alunos do curso, a Associação Atlética Acadêmica de Educação Física da UFGD (A.A.A.E.F. UFGD) foi fundada em 10 de dezembro de 2010. Atualmente<sup>51</sup>, aproximadamente cem estudantes figuram em seu quadro de associados.

Essa associação estudantil desenvolve um trabalho fundamental não apenas no curso de licenciatura em Educação Física, como também no âmbito geral da universidade, ensejando uma salutar sociabilização entre acadêmicos de diversos cursos por intermédio dos eventos que organiza e realiza, dentre os quais se destacam as competições esportivas. Para escrever essas linhas sobre a relevante

---

51 Abril de 2018.

entidade, reportamo-nos pessoalmente à sua diretoria, que nos forneceu informações oralmente e por e-mail. Tais informações formam a base de tudo o que está aqui registrado.

Em 2018, a diretoria da Atlética era composta pelos seguintes membros:

- Presidente: Mateus Marques Paioli;
- Vice-Presidente: Rafaele Bezerra Diolindo da Silva;
- Secretária: Terlye Fonseca Brandão Santos;
- Tesoureiro: Guilherme Figueiredo Lopes;
- Diretor de Esporte: Bruno Gonçalves Fernandes;
- Diretor de Esporte: Henrique Bispo Vaz;
- Designer e Marketing: Sérgio Esteves da Rocha Júnior;
- Diretora de Eventos: Francielly Caroline Moura Sartor;
- Diretora de Eventos: Fabíola Andrade Insfran.

São objetivos da A.A.A.E.F. UFGD (SILVA, R. B. D., 2018):

- a) Dirigir o esporte universitário do curso de Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados e trabalhar pela confraternização de todos os estudantes, cooperando para o desenvolvimento do espírito esportivo universitário;
- b) Difundir e incentivar, no meio universitário, a prática de esportes competitivos, podendo estender suas práticas a atividades de lazer;
- c) Promover e dirigir competições municipais no setor e preparar as representações universitárias para os eventos esportivos nacionais e regionais;

- d) Promover e dirigir os jogos entre seus associados, cuja organização e assuntos a eles referentes serão objetos de regulamentação especial;
- e) Promover e difundir eventos e ações que incentivem e valorizem a responsabilidade social em seus associados.

Para os membros que compõem a diretoria, a atuação na Atlética é empolgante. Sobre isso, vejamos o que escreveu a vice-presidente Rafaela Bezerra Diolindo da Silva:

Durante esse 8 anos de atlética fizemos parte da fundação da liga das atléticas, que é uma representante geral de todas as atléticas que são agregadas a ela. [...] ao longo do tempo, tivemos grandes conquistas, uma delas foi a criação da bateria nomeada Anabólica [...]. No ano em que foi fundada, a atlética tinha como mascote uma fênix. [...] após 5 anos [...] por um triz não tivemos o fim da atlética [...]. (SILVA, R. B. D., 2018).

Em seu relato, a acadêmica informa que a entidade “esvaziou-se”, pois estudantes que colavam grau naturalmente se desvinculavam da associação e, ao mesmo tempo, outros perderam o interesse. Naquele período, ainda segundo a acadêmica, novas pessoas se dispuseram a reorganizar a entidade. E nesse processo:

Resolveram dar uma cara nova para a atlética, assim decidiram mudar de mascote, várias ideias foram cogitadas como um canguru e outros, mas o novo mascote escolhido foi o gorila [...], uma figura que melhor nos representaria como forma de demonstrar a força que a atlética tem, [...] no início parte dos associados mais antigos não aceitaram [...] essa [...] mudança, entretanto os novos integrantes gostaram, e tivemos uma boa parte [...] dos calouros aumentando nossas forças, enfim definindo o novo mascote da nossa atlética. (SILVA, R. B. D., 2018).

### *Os símbolos e as cores oficiais da A.A.A.E.F*

O emblema da entidade é a figura estilizada de um gorila, — também considerado, como já mencionado, o mascote oficial —, nas cores preta e cinza, com o seu contorno alaranjado. Abaixo dessa figura aparecem, em escala descendente, de sequencialidade imediata, os escritos “Associação Atlética Acadêmica”, “Educação Física” e “UFGD”.

As cores oficiais da entidade são laranja, preto e branco. Os uniformes são confeccionados nessas três cores, tanto as camisas quanto os calções, ostentando, também nessas tonalidades, as inscrições relativas a nomes e números. A mesma concepção cromática é exibida na bandeira da associação, que, sempre em formato retangular, exhibe o emblema oficial já descrito.

### *Considerações gerais*

Por reunir, naturalmente, estudantes que priorizam e vivenciam as atividades corporais e as mais diversas modalidades esportivas, a Atlética de Educação Física é entendida, por muitas pessoas, como uma agregação de atletas ou, pelo menos, como uma entidade que congrega estudantes que, em tese, teriam a “obrigação” de sempre vencer as competições das quais participam devido à opção pelos estudos na área da Educação Motora. É desnecessário explicar longamente sobre o flagrante equívoco existente em tal visão, que contribui para deturpar, significativamente, a compreensão geral sobre a Educação Física, cristalizando, no senso comum, a ideia de que os acadêmicos desse

curso são atletas, na acepção corrente do termo, deles sendo esperado, invariavelmente, bom rendimento nos esportes e, conseqüentemente, obtenção sequencial de vitórias.

Algumas vezes, no calor das disputas, especialmente no caso de vitórias obtidas pela Atlético de Educação Física, ensejam-se curiosas manifestações por parte das torcidas adversárias, que entoam cantos com refrãos assertivos, corroborando a ideia de que tais vitórias “não são mais que obrigação”, apequenando os próprios méritos das conquistas e, sem dúvida, contribuindo para fortalecer a ideia que associa acadêmicos de Educação Física a esportistas de desempenho muito acima da média. Nesta ordem de raciocínio, além das vitórias serem amesquinhas, as derrotas tornam-se humilhantes, vergonhosas, já que são sofridas por competidores que, em tese, são considerados “naturais” vencedores. A junção dessas percepções equivocadas — “estudantes de Educação Física são atletas” mais “pouco mérito nas vitórias” e “vergonha nas derrotas” — coloca a Atlético de Educação Física numa posição peculiar. Vejamos as palavras da vice-presidente:

Como nossa atlética abrange um curso voltado para as práticas esportivas, sempre fomos temidos nos jogos, mas também fomos alvos de uma rivalidade enorme. Todos querem jogar contra nós nos eventos. As atléticas permanecem na expectativa do chaveamento [...]. (SILVA, R. B. D., 2018).

As atividades de preparação e treinamento para as competições ocorrem com bastante frequência, balizadas pelas datas de realização das disputas em suas distintas fases. Anualmente, a Atlético de Educação Física participa de duas importantes competições: os Jogos Abertos da UFGD e os Jogos Inter Atléticas de Dourados – JIAD.

O trabalho exercido pela diretoria da entidade, embora empolgante, como seus próprios integrantes dizem, é também, num certo sentido, desgastante, pois exige uma boa dose de dedicação, conforme nos conta Rafeale:

Fazer parte de uma atlética é muito trabalhoso, tem dia que você passa nervoso, estresse, passa tudo, mas quando você vê o resultado do trabalho, o único sentimento é o amor por essas cores. A atlética demanda tempo e você precisa fazer escolhas, se privando de muitas coisas [...]. (SILVA, R. B. D., 2018).

Para além de tudo o que foi escrito neste registro sobre a Associação Atlética Acadêmica de Educação Física da UFGD — tendo como fonte as informações fornecidas pela atual diretoria —, é importante acrescentar que, ao atuar fomentando os esportes, a entidade transcende a sua contribuição para outras searas, favorecendo a socialização entre os estudantes e, como tem sido observado, propiciando uma louvável facilitação de integração aos acadêmicos ingressantes no curso de Educação Física, uma vez que interage com eles logo em seus primeiros dias na universidade, convidando-os não apenas a se associarem, como também a participarem dos eventos estudantis, independentemente de integrarem ou não o quadro de associados.

## Jogos Internos da Educação Física (JIEF)

Organizar jogos, torneios, campeonatos e outros eventos afins, sejam eles competitivos ou direcionados ao lazer, é e sempre será parte importante do trabalho do professor de Educação Física. Não é concebível exercer a profissão sem deter os conhecimentos necessários à organização desses eventos, incluindo aí procedimentos relativos a todas as suas etapas: planejamento, execução — início, desenvolvimento e finalização — e divulgação dos resultados alcançados. Não por acaso, os cursos da área possuem, em suas estruturas curriculares, disciplinas específicas, que se prestam ao desenvolvimento e aprimoramento das capacidades relacionadas ao desempenho, em suas distintas etapas, dessas importantes atribuições do professor.

Como não podia ser diferente, a estrutura curricular do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD possui uma disciplina voltada para tais finalidades formativas, propiciando aos acadêmicos não apenas o instrumental teórico necessário à consecução de atividades organizativas relacionadas ao esporte e ao lazer como também a possibilidade de situações práticas que possam se constituir como a concretização de todos os conhecimentos e saberes trabalhados no plano abstrato. A disciplina intitula-se Organização Desportiva, e foi no âmbito dela que surgiu, no segundo semestre de 2014, a ideia de realizar um evento esportivo que reunisse as turmas do curso de Educação Física, oportunizando não apenas a prática de modalidades distintas, como também a integração e a socialização entre estudantes de semestres distintos e, é claro, a vivência da organização de um evento por parte dos alunos matriculados na disciplina em pauta.

Com a aceitação da proposição por parte dos acadêmicos, iniciou-se um processo de planejamento do evento, que extrapolava os horários das aulas. Diversas reuniões foram feitas na FAED e na Divisão de Esportes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis<sup>52</sup>, com a presença de uma comissão representativa dos alunos e do professor da disciplina<sup>53</sup>. Nas reuniões, eram discutidos e perspectivados os mais variados aspectos do evento, desde os mais elementares aos mais complexos. É relevante ressaltar que foi concedida aos alunos a liberdade plena de fazer sugestões, o que ensejou um ambiente dialogal, profícuo para que decisões conscienciosas e pertinentes fossem tomadas em conjunto.

Uma das primeiras sugestões provindas dos alunos foi no sentido de que o evento fugisse do tradicional “quarteto fantástico” — futsal, handebol, voleibol e basquetebol — trabalhado unicamente em quadras. Essa sugestão foi discutida, incluindo considerações acerca de sua exequibilidade, chegando-se à conclusão, coletivamente, de que a proposta não só era possível, como também de grande utilidade no aprendizado acadêmico, uma vez que as quatro modalidades do dito quarteto eram trabalhadas em outras disciplinas da grade, que mostravam aos acadêmicos como ensinar seus futuros alunos especificamente dentro dos limites das quadras poliesportivas.

Outra sugestão aventada relacionou-se ao período de realização do evento, apontando para sua ocorrência não no segundo semestre de 2014, mas no início do primeiro semestre de 2015, com as tradicionais atividades de recepção dos calouros realizadas pela Divisão de Esportes, o que propiciaria maior visibilidade à iniciativa. No entanto,

---

52 A Divisão de Esportes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis apoiou o evento.

53 Manuel Pacheco Neto.

caso aquela sugestão fosse acatada consensualmente, o evento seria realizado depois do término da disciplina Organização Desportiva, desvinculando-se dela formalmente, o que significava, por conseguinte, ausência completa de necessidade de sua realização para obtenção de notas por parte dos alunos. Mesmo assim, devido à responsabilidade e senso de compromisso até então demonstrados pela turma, foi feita a opção pela realização no ano então vindouro. A disciplina continuou com andamento normal em termos de procedimentos de ensino, conteúdo e avaliações, sendo finalizada em dezembro de 2014.

Confirmando as deliberações ocorridas nas aulas da disciplina e nas várias reuniões realizadas, os I Jogos Internos da UFGD (JIEF) ocorreram de 27 de fevereiro a 2 de março de 2015, integrados à programação de recepção dos calouros, conferindo uma característica de grande diversidade no que concernia às atividades lúdicas e desportivas desenvolvidas no Complexo Esportivo da UFGD nos primeiros dias letivos daquele semestre que se iniciava. Na recepção dos ingressantes, a Divisão de Esportes desenvolveu a seguinte programação: Torneio de Handebol, Disputa de Lances Livres de Basquetebol, Corrida de Orientação e Torneio de Futsal. Já a programação dos JIEF abrangeu: Basquetebol de Rua, Voleibol de Areia, Futsal Misto, Corrida, Queimada, Peteca e *Slackline*<sup>54</sup>. Ao final, houve premiação com medalhas e sorteio de prêmios. O evento foi excelente devido ao grande empenho dos alunos do curso de Educação Física. A programação diferenciada, que pretendeu fugir do tradicional, marcou aquela primeira edição dos JIEF.

---

54 Esporte ainda não disseminado amplamente. Constitui-se numa fita elástica esticada entre dois pontos de apoio, assim propiciando ao praticante a possibilidade de caminhar e executar diversos movimentos sobre ela. Desenvolve significativamente o equilíbrio.

Desde então, o evento vem sendo realizado todos os anos e, em 2017, iniciou-se, com muita pertinência, uma nova fase: os JIEF foram agregados aos Jogos de Integração da FAED, que têm como objetivo, como o próprio nome sugere, realizar a integração entre os cursos ofertados pela faculdade em pauta. No momento, após findar-se sua quarta edição, e convenientemente agregados a outro evento que surgiu posteriormente visando, sobretudo, à sociabilização entre os estudantes da FAED, os JIEF são, claramente, considerados relevantes. Não há dúvida de que a concomitância de sua realização com os Jogos de Integração vieram a fortalecer-los. Prova disso é que, em dezembro de 2017, a Direção da FAED — expressando decisão do Conselho Diretor e visando à presença massiva dos estudantes nas partidas finais dos jogos, que ocorreriam no final de janeiro de 2018 — publicou uma resolução que convertia todas as aulas de graduação da faculdade em pauta em “[...] atividades dos ‘Jogos de Integração da FAED/IV Jogos Internos do Curso de Educação Física – JIEF’” (UFGD, 2017a).

Com tudo isso, pode ser dito que, desde a sua primeira edição, os JIEF vêm traçando uma trajetória ascendente, que, com o apoio dos Jogos de Integração, tornaram-se ainda mais consistentes, posto que seu potencial para agregar pessoas aproximadamente dobrou. Nesse caso, a união está, de fato, fazendo a força.

**Figura** – Resolução do Conselho Diretor da FAED sobre conversão das aulas da graduação em atividades dos Jogos de Integração da FAED/JIEF.



**Boletim de Serviços n. 2975**  
Publicado em 28/03/2018



**RESOLUÇÃO NÚMERO 380 de 12/12/2017**

**RESOLUÇÃO Nº. 380 DE 12 DE DEZEMBRO DE 2017.**

**O CONSELHO DIRETOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAED,** da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando as Resoluções nº 362 e 363/2017;

Considerando a impossibilidade de utilização da quadra esportiva nos dias letivos de dezembro devido a empréstimo para outro evento institucional;

Considerando o período de recesso acadêmico;

**RESOLVE:**

I - Indicar dia 25 de janeiro de 2018 como data para a finalização do “I Jogos de Integração da FAED/IV Jogos Internos do Curso de Educação Física – JIEF”;

II – Converter todas as aulas da Graduação da FAED/UFGD de 25 de janeiro de 2018 em atividades do “I Jogos de Integração da FAED/IV Jogos Internos do Curso de Educação Física – JIEF”;

III – Os Docentes deverão acompanhar e permanecer com os Discentes (inscritos e não inscritos) no evento e realizar o controle de frequência;

IV – É vedado aos Docentes a dispensa das turmas no período a que se refere esta Resolução.

**MÁRIO SÉRGIO VAZ DA SILVA**

**Presidente**

UFGD - Unidade I - Rua João Rosa Góes, 1761 Vila Progresso - Caixa Postal 322 - CEP: 79.825-70 Dourados/MS - Telefone:(67) 3410-2002

UFGD - Unidade II - Rodovia Dourados - Itabum, Km12 Cidade Universitária - Caixa Postal 533 - CEP: 79.804-970 Dourados/MS - Telefone: (67) 3410-2500

Página 11 de 12

## Ciclos de Palestras Temas Emergentes em Educação Física

No final do primeiro semestre letivo de 2017, alguns professores do curso de Educação Física conversavam sobre generalidades pedagógicas, envolvendo diversos tópicos, tais como o papel de disciplinas específicas em suas relações com o “todo” da carga horária, conteúdos, procedimentos de ensino, materiais, estrutura predial, particularidades do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), perspectivas de implantação do bacharelado, planejamento das atividades comemorativas dos dez anos do curso de licenciatura em Educação Física, parcerias com entidades externas à FAED, etc.

Foi nesse âmbito que surgiu a ideia de realizar uma sequência de intervenções que pudesse ocorrer externamente, com os professores do curso de Educação Física palestrando em instituições parceiras, visando uma maior inserção na comunidade de fora da faculdade. As palestras poderiam ocorrer até mesmo na própria FAED, mas com abertura para que professores de fora da faculdade pudessem participar. A ideia surgiu a partir do entendimento de que o curso deve buscar uma maior interação com a comunidade que o circunda, aumentando a sua órbita de ação, que, comumente restrita às ações pedagógicas tradicionais, acaba, de certa maneira, isolando-o de suas possibilidades sociais adjacentes. Algumas conversas preliminares já haviam sido iniciadas com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), perscrutando a possibilidade de realização de palestras para os professores da Rede Municipal de Ensino (REME). Nessa perspectiva, os professores do curso de Educação Física iriam à SEMED para ministrar palestras sobre diversos temas relevantes ao exercício docente dos profissionais da área lotados na REME.

Esse ciclo de palestras na SEMED está em vias de realização, dependendo ainda de algumas tratativas e, por conseguinte, de definições. O assunto já foi tratado no âmbito das reuniões do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Educação Física e da Comissão de Apoio ao Curso de Educação Física. No entanto, como essa possibilidade ainda não havia se concretizado até 2018, foi aventada a possibilidade, entre os professores do curso, de que fosse posta em prática uma iniciativa parcialmente semelhante, mas no âmbito interno da FAED. Assim, como uma iniciativa preliminar de movimento do curso de Educação Física em direção a uma inserção maior na comunidade externa, foi mencionada a possibilidade de utilizar uma disciplina da grade curricular para a concretização da ideia proposta. Tal iniciativa serviria, ademais, para configurar-se como marco inicial das comemorações dos 10 anos do curso de Educação Física. A disciplina Temas Emergentes em Educação Física, por suas características gerais, logo pareceu ser a mais adequada para cumprir essa finalidade. Além disso, devido às suas especificidades, a disciplina em pauta também serviria, perfeitamente, para que um primeiro movimento na direção das comemorações dos dez anos do curso de Educação Física fosse realizado. Essa outra finalidade passou a ser perspectivada de maneira cada vez mais nítida diante dos contornos que singularizam a disciplina no que concerne ao fomento à criticidade, à formação da cidadania e à promoção da saúde, contornos esses que definem, na maioria das vezes, o perfil programático dos cursos de licenciatura em Educação Física. Sobre o assunto, o plano de ensino<sup>55</sup> da disciplina em tela não deixa margem a dúvidas. Vejamos, em termos sintéticos, o seu programa:

---

55 Disponível para consulta na Coordenadoria do Curso de Educação Física – FAED/ UFGD.

*Educação Física e cidadania*: o ensino e a aprendizagem de valores e atitudes – a perspectiva da autonomia [...] o perfil do profissional de Educação Física [...]. O ensino e a aprendizagem de questões sociais; o Bullying [...] no ambiente escolar. Acessibilidade; Educação Especial e os deficientes físicos [...], o brincar no contexto contemporâneo. A interdisciplinaridade, a transversalidade [...], a pluralidade cultural [...], a saúde, a orientação sexual, a diversidade e os temas locais e regionais [...]. Relatos acerca de experiências profissionais na área da Educação Física: teoria e prática, pesquisas e intervenções. (UFGD, 2017b).

Esse programa (UFGD, 2017b) é derivado da proposição da seguinte ementa<sup>56</sup>: “Análise crítico-reflexiva e debate acerca dos temas contemporâneos e atuais na área da Educação Física e dos desportos.” Já os objetivos<sup>57</sup> assim se delineiam: “1) Debater e entender temas contemporâneos na área da Educação Física; 2) Compreender o papel inovador e social de temas emergentes como agente transformador da prática educativa.”

Tendo verificado a pertinência da pluralidade de enfoques temáticos na disciplina — o que contribuiu para que, por fim, ela fosse escolhida para as finalidades já esclarecidas —, observemos o *release* completo de divulgação enviado à Assessoria de Comunicação Social da UFGD para publicação na página da instituição na internet<sup>58</sup>:

*Rumo aos dez anos de funcionamento, curso de Educação Física da UFGD realiza ciclo de palestras*

A Licenciatura em Educação Física da UFGD está realizando um ciclo de palestras abordando diversos temas. As intervenções estão ocorrendo no âmbito da disciplina “Temas

56 Disponível para consulta na Coordenadoria do Curso de Educação Física – FAED/ UFGD.

57 Disponível para consulta na Coordenadoria do Curso de Educação Física – FAED/ UFGD.

58 O *release* foi elaborado pelo professor Manuel Pacheco Neto e entregue à Assessoria de Comunicação Social da UFGD via mensagem eletrônica, que, após realizar alterações para o formato jornalístico, publicou a notícia em 9 de novembro de 2017.

Emergentes em Educação Física”, sob a responsabilidade do professor Manuel Pacheco Neto, com a colaboração de diversos(as) profissionais da Faculdade de Educação, convidados(as) externos e também egressos do próprio curso. As palestras são ministradas às terças à noite e também em alguns sábados pela manhã, na Faculdade de Educação da UFGD, e devem se estender até fevereiro de 2018. Essa iniciativa, pensada coletivamente pelos professores de Educação Física da FAED, é a primeira atividade a marcar a aproximação da celebração dos dez anos da Licenciatura em Educação Física, que ocorrerá no início do ano letivo de 2019. Dentre outros trabalhos ainda a serem realizados futuramente, a comissão intitulada “Rumo aos dez anos do curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD” ainda prevê a realização de um seminário e a publicação de um livro. O ciclo de palestras “Temas emergentes em Educação Física” tem como público alvo principal os(as) acadêmicos(as) que se interessam por temas que enfocam as atividades físicas e os esportes, nos âmbitos da educação, da saúde e da performance. Na programação constam as seguintes palestras:

19 de setembro, 19h30min, “O novo conceito de esporte e a corporeidade na Educação Física escolar” – ministrante: Prof. Manuel Pacheco Neto;

03 de outubro, 19h30min, “A Educação Física diante da inclusão escolar de alunos com deficiência” – ministrante: Profa. Josiane Fujisawa Fillus de Freitas;

07 de outubro, 8h30min, “Educação Física e saúde pública” – ministrante: Prof. Joel Ferreira;

17 de outubro, 19h30min, “Homofobia e Educação” – ministrante: Prof. Gustavo Levandoski;

07 de novembro, 19h30min, “Crianças com dificuldades motoras nas aulas de Educação Física: o papel do professor” – ministrante: Prof. Daniel Traina Grama;

14 de novembro, 19h30min, “A formação do professor de Educação Física da UFGD e o conhecimento sobre a História

e a Cultura africanas e afro-brasileiras” – ministrante: Prof. Leandro de Souza Silva;

21 de novembro, 19h30min, “A Educação Física escolar no contexto contemporâneo” – ministrante: Profa. Margarida Gaigher;

12 de dezembro, 19h30min, “Estudo da aptidão física de uma amostra da população escolar do estado do Paraná” – ministrante: Profa. Sílvia Aparecida Oesterreich;

30 de janeiro/2018, 21h, “A Educação do corpo infantil na era Vargas (1930/1945)” – ministrante: Profa. Shirley Marinho;

06 de fevereiro/2018, 19h30min, “Educação Física e promoção da saúde” – ministrante: Prof. Pablo Christiano Barboza Lollo;

06 de fevereiro/2018, 21h, “Nadar ou voar: homem, peixe, pássaro ou avião, o que isso significa para a natação” -ministrante: Profa. Lara Elena Gomes;

20 de fevereiro de 2018, 19h30min, “Internacionalização Brasil-Portugal: a experiência dos acadêmicos de Educação Física da UFGD na Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro” – Prof. Jhony Benevides. (PACHECO NETO, 2017, grifo do autor).

Essas doze palestras representam uma grande diversidade de intervenções, expressando pontos de vista fundamentados sobre temas afetos à Educação Física e aos Esportes. Cumpre ressaltar que, dentre os palestrantes, constavam professores e egressos do curso de Educação Física da UFGD, uma mestranda e um mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED, além de uma profissional de Educação Física convidada da rede estadual de ensino. Sobre os professores do curso de Educação Física, não teceremos comentários<sup>59</sup>.

---

59 Nesta obra, há relatos pessoais, escritos de próprio punho, pelos docentes com graduação na área da Educação Física, bem como — ao longo do livro — informações sobre suas respectivas titulações acadêmicas.

Sobre os convidados externos ao corpo docente do curso, que de imediato aceitaram o convite para participar, é necessário fazer algumas considerações, posto que não há, ao longo desta obra, informações específicas sobre eles. Portanto, esclarecemos quem são, começando por Margarida Gaigher, que ministrou a palestra “A Educação Física Escolar no contexto contemporâneo”. Esta palestrante está entre as mais conhecidas professoras de Educação Física não apenas de Dourados, como também da região sul de Mato Grosso do Sul. Atuou durante muitos anos nas quadras de diversas escolas de Dourados, bem como em funções relativas a entidades organizadas da classe docente, tais como a Associação de Professores de Dourados (ADP) e a Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul (FETEMS), onde exerceu o cargo de Secretária Geral. Foi também Secretária Municipal de Educação e Presidente da Câmara Municipal de Dourados. Em abril de 2018, assumiu a diretoria da Escola Estadual Pastor Daniel Berg, onde apoia bastante a disciplina de Educação Física e apoiou o subprojeto de Educação Física do Pibid/UFGD, que lá funcionou por vários anos. Sua contribuição ao ciclo de palestras foi relevante devido à sua experiência na área. A professora Sílvia Aparecida Oesterreich, diretora da Faculdade de Ciências da Saúde (FCS/UFGD) de 2015 a 2019, fez uma grande contribuição ao focar nos conhecimentos que produziu em sua pesquisa de doutorado em Ciências de la Actividad Física y del Deporte, desenvolvida na Universidad de León (Espanha). Sua intervenção, extremamente clara e precisa, propiciou elementos essenciais para a compreensão sobre a aptidão física, tão importante para o exercício da docência nas quadras escolares. Foi também de significativo interesse a palestra de Shirley Marinho, professora de Educação Física da Rede Municipal de Rio Brillhante, MS, e mestranda em Educação na UFGD.

Ela focou sua fala na pesquisa de mestrado que vinha desenvolvendo, sobre a incidência da Educação no corpo infantil durante os quinze autoritários anos do período getulista. Interesse não menor foi suscitado pela fala de Leandro Silva, egresso do curso de Educação Física e mestrando em Educação na UFGD, que propiciou reflexões sobre a cultura e a história africanas e afro-brasileiras na formação dos acadêmicos do curso de Educação Física da universidade. Jhony Benevides, outro egresso do curso de Educação Física e mestrando em Educação na UFGD, abordou as diferenças existentes entre a Educação Física no Brasil e em Portugal alicerçado em sua experiência de dois anos como aluno de uma instituição lusitana, a Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), permanência esta ocorrida no âmbito do PLI/CAPES<sup>60</sup>.

Podemos afirmar, com tranquilidade, que o Ciclo de Palestras Temas Emergentes em Educação Física cumpriu as suas finalidades. Vários aspectos de sua realização atestam tal fato:

- A demarcação do início efetivo das comemorações relativas ao aniversário de 10 anos do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD;
- A ampla contribuição à formação dos acadêmicos, com exposições de temas altamente relevantes e verdadeiramente heterogêneos;
- O sentido dialogal estabelecido entre palestrantes externos à FAED e estudantes do curso de Educação Física, bem como de outros cursos;
- A ampla divulgação acerca da importância da Educação Física e da grande diversidade de seus temas — dado o caráter eletivo

---

60 Programa de Licenciaturas Internacionais da CAPES, cuja participação da UFGD foi detalhada anteriormente nesta obra sob o título "O curso de Educação Física da UFGD no Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI)".

da disciplina — entre acadêmicos oriundos não só do curso de Educação Física, como também dos seguintes cursos: Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Biotecnologia, Gestão Ambiental, Engenharia de Alimentos, Engenharia Mecânica, Engenharia Agrícola, Engenharia Civil e Engenharia de Energia.

Em síntese, deve ser afirmado que, embora não tenha sido uma iniciativa de grandes proporções, o Ciclo de Palestras Temas Emergentes em Educação Física deixou um legado notável não apenas em face dos objetivos que acabou atingindo, como também pelo fato de ter sido um empreendimento de caráter claramente coletivo, construído por todos os que colaboraram ministrando suas palestras. O sentimento de coletividade alçou-se além dos limites do próprio curso de Educação Física, estabelecendo diálogos abrangentes e plurais com pessoas provenientes de diversos setores acadêmicos e sociais, internos e externos à FAED e à UFGD.

Em avaliação posterior, realizada pelos professores do núcleo de Educação Física, entendeu-se que o I Ciclo de Palestras foi positivo e que, portanto, ele deveria ocorrer novamente. Assim, entre 26 de setembro e 21 de novembro de 2018, realizou-se a segunda edição do evento com a seguinte programação (UFGD, 2018b):

#### II Ciclo de Palestras Temas Emergentes em Educação Física

26 de setembro

19h30min. – Palestra – “Fisiologia do Exercício na Infância e na Adolescência” – Prof. Mário Sérgio Vaz da Silva.

03 de outubro

19h30min. – Palestra – “Dança: os (des)encontros e encontros entre a dança e a formação profissional de Educação Física numa perspectiva inclusiva” – Prof.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Nunes.

- 10 de outubro  
19h30min. – Palestra – “Educação Física, Esporte e Mídias” – Prof. Marcelo Taques.
- 17 de outubro  
19h30min. – Palestra – “Educação Física, Esporte e Questões de Gênero” – Prof.<sup>a</sup> Cássia Furlan.
- 24 de outubro  
19h30min. – Palestra – “Estudo de Problemas Posturais e de Aprendizagem da Criança Respiradora Oral” – Prof.<sup>a</sup> Josiane Fujisawa Filus de Freitas.
- 31 de outubro  
19h30min. – Palestra – “O Desempenho Físico no Processo de Desbravamento do Brasil – Índios, Bandeirantes e Jesuítas” – Prof. Manuel Pacheco Neto.
- 14 de novembro  
19h30min. – Palestra – “Crianças com Dificuldades Motoras nas Aulas de Educação Física: o papel do professor” – Prof. Daniel Traina Gama.
- 21 de novembro  
19h30min. – Palestra – “A Atividade Física no Perfil do Estilo de Vida de Universitários – Prof. Gustavo Levandoski.

A diversidade de enfoques, a qualidade das abordagens, as reflexões suscitadas e a aceitação por parte do público sugerem, de maneira evidente, que depois das duas primeiras edições — 2017 e 2018 —, outros ciclos de palestras ocorrerão.

### **Semana comemorativa dos 10 anos do curso de Educação Física**

O mês de março de 2019 marcou, em termos exatos, os primeiros dez anos de funcionamento do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD. Em comemoração, com a participação dos professores da casa e de convidados externos, a FAED realizou, entre os dias 15 e 22, o evento intitulado I Simpósio de Educação Física da Grande

Dourados: 10 Anos de Caminhada, cuja programação voltou-se ao aprimoramento dos conhecimentos relativos a diversos temas da área.

A programação do evento assim transcorreu:

15 de março

19h30 min – Cerimonial de Abertura – pronunciamento do Prof. Dr. Mário Sérgio Vaz da Silva, Diretor da FAED/UFMG; pronunciamento da Profa. Dra. Josiane Fujisawa Filus de Freitas, Coordenadora do curso de Educação Física da FAED/UFMG; pronunciamento do Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto, Presidente da Comissão Organizadora do evento.

20h - Lançamento do livro “Educação Física e suas Pluralidades”, com mesa redonda sobre a obra: Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto (UFMG), Profa. Dra. Josiane Fujisawa Filus de Freitas (UFMG) e Prof. Dr. Daniel Traina Gama (UFMG).

18 de março

19h30min – Palestra – “Preparação Profissional em Educação Física: desafios e perspectivas” – Prof. Dr. Go Tani (USP), com mediação do Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto (UFMG) e da Profa. Ms. Jacqueline da Silva Nunes (UFMG).

19 de março

19h30min – Palestra – “Violência e Educação Física Escolar” – Profa. Dra. Elaine Prodocimo (UNICAMP), com mediação da Profa. Dra. Cássia Cristina Furlan (UFMG) e do Prof. Dr. Gustavo Levandoski (UFMG);

20 de março

19h30min – Palestra – “Pedagogia do Esporte” - Prof. Dr. Alcides Scaglia (UNICAMP), com mediação da Profa. Dra. Josiane Fujisawa Filus de Freitas (UFMG) e do Prof. Dr. Marcelo José Taques (UFMG).

21 de março

19h30min – Palestra – “Avanços e Perspectivas do Comportamento Motor na Educação Física” – Prof. José Angelo Barela (UNESP), com mediação do Prof. Dr. Daniel Traina Gama (UFMG) e da Profa. Dra. Lara Helena Gomes Marquardt (UFMG).

22 de março

19h30min – Palestra – “Implicações Cardíacas no Esporte” – Prof. Guilherme Veiga Guimarães (USP), com mediação do Prof. Dr. Pablo Christiano Barboza Lollo (UFMG) e do Prof. Mário Sérgio Vaz da Silva (UFMG). (SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2019).

Pode ser afirmado, com segurança, que o I Simpósio de Educação Física da Grande Dourados: 10 Anos de Caminhada foi um completo sucesso. Foram seis noites de grande acrescentamento de saberes a todos os que compareceram ao Auditório da Unidade I da UFGD. O vasto conhecimento dos palestrantes que visitaram a universidade foi, de fato, plenamente evidenciado, assim confirmando, de maneira sólida, a grande reputação científica de todos. Foi uma oportunidade ímpar de contato dos alunos de Educação Física com pesquisadores renomados nacional e internacionalmente. Além da participação dos discentes e docentes da própria UFGD, evidenciou-se a presença de pessoas oriundas de diversas instituições, tanto de escolas como de outras universidades.

Após o evento, foi feita uma avaliação de sua realização no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Educação Física pela Comissão de Apoio ao Curso de Educação Física e, por fim, pelos alunos matriculados em todos os semestres. Dessa ampla consulta, resultou a percepção de que o evento foi excelente. Com isso, em reunião posterior dos professores do curso, foi aventada a possibilidade de realização de outras edições do simpósio, talvez a cada dois anos. A ideia foi encampada de imediato por todos os presentes, sinalizando um futuro de grandes oportunidades de aprimoramento estudantil e profissional na área da Educação Física.

Por tudo que representou, o I Simpósio de Educação Física da Grande Dourados será lembrado por muito tempo na UFGD não apenas como um evento de qualidade, mas também como o marco inicial de uma série de outros eventos com o mesmo formato organizacional.

Derradeiramente, é importante afirmar que a realização do evento contribuiu ainda, salutarmente, para demonstrar, em termos nítidos, o engajamento coletivo, o sentido de colaboração comum e a disposição para o trabalho de todos os envolvidos em sua organização.

## EXPECTATIVAS DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Há alguns anos, quando o curso de licenciatura em Educação Física avançava cada vez mais em seu processo de consolidação, o grupo de professores efetivos formados na área começou, esporadicamente, a cogitar a implantação do curso de bacharelado em Educação Física na UFGD.

Antes de tudo, é importante lembrar que é patente a necessidade de oferta de um curso desta natureza na região sul de Mato Grosso do Sul, já que não há sequer uma opção que seja pública e gratuita destinada ao público jovem que sonha estudar e, posteriormente, atuar nos mais diversos trabalhos que essa modalidade de graduação em Educação Física abrange. É importante mencionar que parte da população residente na região da Grande Dourados não dispõe de recursos econômicos para arcar com os custos de um curso universitário privado. Atualmente, em torno de 400 mil pessoas residem nos municípios que formam a região da Grande Dourados. É necessário corroborar que, além desse contingente populacional, um número elevado de pessoas provenientes de outros municípios do estado, e mesmo de outras unidades federativas, procura a região para cursar o ensino superior. Apenas esses dados iniciais já justificariam a implantação de um curso de bacharelado em Educação Física na região.

Doravante, expressando-nos em termos mais específicos, focando diretamente a UFGD, é relevante ressaltar a visível demanda que se apresenta para o referido curso, uma vez que diversos egressos

da licenciatura em Educação Física da FAED, que desejam se tornar bacharéis, acabam procurando outras universidades ou faculdades, invariavelmente privadas, para obterem também essa habilitação. Isso vem ocorrendo sazonalmente desde que a primeira turma colou grau em junho de 2013, configurando uma perceptível debandada de estudantes diplomados na UFGD que poderiam, caso houvesse o bacharelado na instituição, optar por mais uma diplomação pública e gratuita num ambiente onde já construíram amizades e, sobretudo, já estabeleceram os principais sustentáculos teóricos e práticos de sua formação quando do transcurso da primeira graduação, no caso a licenciatura em Educação Física. É também importante pautar que, dentre os ingressantes na licenciatura, existem aqueles que, preferencialmente, cursariam o bacharelado, mas, na inexistência deste, cursam aquela. É curioso ainda observar que, entre esses alunos, não são poucos os que acabam descobrindo, ao cursar a licenciatura, que atuar na escola lhes agrada mais.

Por ora, o bacharelado em Educação Física é um sonho. Está alojado no devir. No entanto, atualmente, há, na FAED, um grupo de professores estabelecido, com formação na área da Educação Física. Não há falta de formação especializada, como ocorreu nas origens do curso de licenciatura em Educação Física. E isso já é um bom motivo para acreditar na futura implantação do bacharelado. “A união faz a força”... há sabedoria nesse adágio.

# Palavras Finais

---

Avizinhando-nos do final deste texto histórico, é imprescindível ressaltar o significativo robustecimento que, de maneira clara, evidenciou-se no curso de licenciatura em Educação Física da UFGD nos últimos três anos devido à chegada dos novos professores. Dentre os resultados do aumento do quadro docente, pode ser mencionada a formação efetiva de um grupo de trabalho mais numeroso e, de fato, verdadeiramente compromissado com a melhoria do curso em todos os sentidos. O ingresso de novos docentes dinamizou as iniciativas definidas e deliberadas coletivamente pelo grupo. A realização do III Congresso de Educação da Grande Dourados é uma prova concreta dessa dinamização, já que sua organização foi levada a termo, majoritariamente, por docentes da Educação Física. Existe, assim, um claro entrosamento, um evidente compartilhamento de ideias, num clima democrático e dialogal, em busca de um objetivo comum: a melhoria do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD.

Pode ser afirmado que, hoje, o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD está consolidado, embora, como muitos outros cursos existentes no país, possa melhorar em vários aspectos. Muita coisa precisa avançar, mas, como talvez este livro tenha demonstrado, muita coisa já foi feita. Esperamos que, no futuro, os(as) leitores(as) que percorrerem estas páginas possam verificar que, depois de seus dez anos iniciais de funcionamento, avanços significativos ocorreram no referido curso. Esse é o nosso desejo.

Em termos conceituais ou metodológicos, temos pleno conhecimento de que é temerário falar em “evolução”, uma vez que isso pode configurar-se como irresponsabilidade ou mesmo ausência acerca dos entendimentos mais elementares sobre historiografia. É sempre complicado, sabemos, falar em “progresso” no âmbito da História. “Evolução” ou “progresso” são vocábulos passíveis de relativizações, pois podem ser evocados a partir de pontos de vista distintos. Contudo, arriscamo-nos a perspectivar o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD dentro dos seguintes parâmetros:

1. Fortalecimento de sua condição consolidada de curso referencial em sua área não apenas no sul de Mato Grosso do Sul, mas também na região Centro-Oeste;
2. Corroboração de sua condição de locus privilegiado de debates, discussões e avanço do conhecimento acadêmico tendo, como pressupostos, as características epistemológicas da Educação Física, que apresentam aportes de conteúdos oriundos das Ciências Humanas e Biológicas em termos complementares;
3. Aumento qualitativo e quantitativo de sua produção acadêmica — livros, capítulos de livros e artigos em periódicos científicos —, oriunda de seus professores e alunos;
4. Ampliação de sua visibilidade na região da Grande Dourados, com a realização massiva de eventos esportivos (campeonatos e torneios nas mais diversas modalidades) e acadêmicos (seminários, simpósios e congressos), e posterior divulgação na maior quantidade possível de meios de comunicação, com predileção inicial pela Assessoria de Comunicação Social da UFGD;

5. Melhoria de suas condições estruturais, com a manutenção adequada de seus espaços pedagógicos já erigidos, bem como a construção de novos espaços que venham atender a maior diversidade possível de manifestações esportivas e de lazer, propiciando aos docentes significativas facilitações no exercício cotidiano de seus trabalhos;
6. Melhoria da diversidade e qualidade dos materiais esportivos utilizados nas diversas modalidades trabalhadas;
7. Melhoria da qualidade da formação profissional propiciada em todas as disciplinas e atividades desde o início até a integralização dos créditos acadêmicos;
8. Aprofundamento do sentido dialógico estabelecido com o curso de Pedagogia da FAED/UFGD em conformidade com o que está perspectivado no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Educação Física;
9. Robustecimento da Atlética de Educação Física, com o aumento quantitativo e qualitativo de suas relevantes ações propiciadoras de sociabilização, por intermédio de organização de festas e da participação em eventos esportivos;
10. Prosseguimento da proposta de educação continuada, com a retomada do oferecimento do curso de Especialização em Educação Física Escolar;
11. Maior inserção/presença de seus docentes e discentes no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UFGD;
12. Diálogo estreito com o curso de bacharelado em Educação Física da UFGD, quando de sua implantação;
13. Ampliação da proposta de educação continuada, com a implantação do curso de mestrado em Educação Física.

Essa “evolução”, esse “progresso”, é o que desejamos para o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD. Olhando para o passado — que registra diversos avanços tal como demonstrado, em parte, neste livro —, parece possível acreditar nos avanços do futuro e, sobretudo, “torcer” para que eles ocorram como se estivéssemos torcendo pela vitória de nosso time do coração. Dessa forma, isentamo-nos, aqui, da integral responsabilidade intelectual que pesa sobre o historiador, pois somos também, no presente caso, o torcedor que projeta conquistas futuras.

No entanto, para que possamos nos posicionar mais academicamente, cumpre lembrar as importantes palavras de Eric Hobsbawm, um dos maiores historiadores do século XX, quando refletiu sobre o exercício de perspectivar o futuro, chegando a afirmar que é necessário que se faça tal exercício, porém dentro de certos parâmetros. Observemos:

Todos nós, na medida do possível, tentamos prever o futuro. Faz parte da vida, dos negócios, nos perguntarmos sobre o que ele nos reserva. Mas a previsão do futuro deve necessariamente basear-se no conhecimento do passado. Os acontecimentos futuros precisam ter alguma relação com os do passado, e é nesse ponto que intervém o historiador. Ele não está em busca de lucros, no sentido de que não explora seus conhecimentos para assegurar ganhos. O historiador pode tentar identificar os elementos relevantes do passado, as tendências e os problemas. Por isso, é preciso que nos arrisquemos a fazer previsões, mas tomando certos cuidados. Entre os quais, tendo sempre a consciência do perigo [...]. Precisamos entender que, na prática e por princípio, grande parte do futuro é inteiramente inacessível. Creio que são imprevisíveis os acontecimentos únicos e específicos [...]. (HOBSBAWM, 2014, p. 6-7).

Essas palavras, de certa forma, tranquilizam-nos, pois não projetamos, em nenhum momento, acontecimentos específicos, como, por exemplo, qual curso será o campeão geral dos Jogos Abertos de 2028, ou quantos alunos serão aprovados na disciplina Cinesiologia no segundo semestre de 2027, ou, ainda, qual será a relação candidato-vaga no vestibular para o curso em 2026. Sem nos prender em especificidades, procuramos olhar retrospectivamente, ou seja, para o passado do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD e, a partir disto, com base no que ocorreu, buscamos perquirir o amanhã, o devir, o vir a ser. Neste exercício, fomos um pouco historiador — pelo menos pretensamente — e um pouco torcedor.

É necessário pautar que, levando em consideração o grupo que hoje atua no curso, bem como a chegada de futuros colaboradores, muito provavelmente poderemos contemplar significativas vitórias nos próximos anos. Essa parece ser a tendência natural que se descortina a partir do que foi feito no passado, quando havia falta de recursos humanos especializados, e do que está sendo feito no presente, com o grupo estabelecido. Contemplar vitórias e participar delas parece ser a probabilidade, a não ser que o imponderável aconteça, como o erigir de uma conjuntura política — que, infelizmente, admitamos, já se insinua — proibitiva aos avanços na área da Educação.

Aguardemos, pois conforme brilhantemente asseverou o historiador francês Marc Bloch (2002, p. 147): “O rio das eras corre sem interrupção”. E neste fluir contínuo se revelam, segundo o mesmo autor, “[...] os principais pontos de inflexão da eterna mudança” (BLOCH, 2002, p. 147). Vale aqui lembrar que, como asseverou Georges Duby (1993, p. 158): “A história continua”. Para que possamos, em termos derradeiros, refletir um pouco mais sobre o

caráter dinâmico da história, observemos estas lapidares palavras do historiador português José Mattoso (1999, p. 29):

Não há História definitiva, pela simples razão de que a palavra pronunciada, por mais fundadora e fecunda que seja, está, ela própria, sujeita ao tempo, torna-se ela própria passado, objeto de outras experiências, o que quer dizer que tem de ser constantemente renovada, constantemente pronunciada para se manter viva.

Esse caráter de constante transitoriedade contradiz a estagnação. Isso é inexorável. As mudanças ocorrem para o melhor ou para o pior. Aliar o trabalho diligente a essa característica permanente de mudança parece ser o “motor” para a consecução de objetivos estabelecidos, principalmente se esses forem concebidos coletivamente. É verdade que alguns obstáculos são intransponíveis — pelo menos por algum tempo —, independentemente do envidamento de maiores ou menores esforços para a sua transposição, mas muitas outras barreiras cedem à pressão constante do esforço contínuo. É hora de muito trabalho, de procurar dominar e vencer as adversidades possíveis, uma vez que, o que está fora do alcance de nossas mãos hoje, talvez amanhã não mais esteja. Lembremos: a história se movimenta sem parar. E, quando o momento chegar, é aconselhável que todos os estorvos passíveis de transposição já tenham sido vencidos para que, então, já com a maior parte do caminho convenientemente percorrida, os esforços finais possam ser envidados rumo ao alcance pleno das metas estabelecidas.

Em termos sintéticos, parece ser razoável observar que o trabalho, ao longo do tempo, aumenta as chances de êxito, ao mesmo tempo que diminui as possibilidades de fracasso. A História parece

estar repleta de exemplos nesse sentido, embora esta não seja uma regra sem exceções. O futuro está aí. O curso de licenciatura em Educação Física da FAED/UFGD parece ter condições de caminhar até ele, com passos seguros, sob o norte do trabalho diligente de seu corpo docente, de sua coordenação, de sua direção, de seus servidores administrativos e de seus alunos.



# Reconhecimento

---

A seguir, nomearemos pessoas que contribuíram para a instalação e desenvolvimento do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD, bem como para a publicação deste livro.

**Damião Duque de Farias**, professor doutor, reitor da UFGD quando da implantação do curso;

**Liane Maria Calarge**, professora doutora, reitora da UFGD quando da elaboração deste livro;

**Adnara Gomide**, secretária do Pibid/UFGD;

**Adriana de Fátima Vilela Biscaro**, professora mestre, coordenadora de gestão do Pibid/UFGD;

**Adriana Valadão**, professora doutora, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituta do curso;

**Alexandre Paulo Loro**, professor doutor, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Ana Paula Gomes Mancini**, professora doutora, integrante da comissão de implantação do curso;

**Andreia Sangali**, professora doutora, coordenadora de gestão do Pibid/UFGD;

**Andyara Freitas Tetila**, professora especialista, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituta do curso;

**Brainer de Castro Lacerda**, programador visual da equipe de edição da Editora da UFGD;

**Cássia Cristina Furlan**, professora doutora, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Célia Regina de Araújo**, atual secretária de graduação da FAED/UFGD;

**Cláudia Finger**, ex-secretária de graduação da FAED;

**Cláudia Olsen Matos Pereira**, professora mestre, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituta do curso;

**Cynara Almeida Amaral Piruk**, da equipe de revisão e normalização bibliográfica da Editora da UFGD;

**Daniel Traina Gama**, professor doutor, atual Coordenador de Formação e Integração Comunitária da UFGD, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Deyvid Tenner de Souza Rizzo**, professor doutor, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituto do curso;

**Eliza Sanches Silva**, atual auxiliar da coordenação administrativa da FAED/UFGD;

**Eveline de Oliveira Gomes**, coordenadora administrativa da FAED quando da implantação do curso e também nos primeiros seis anos de seu funcionamento;

**Fabrcio Cieslak**, professor doutor, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Fernanda de Souza Teixeira**, professora doutora, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Fernanda Santos Lima**, atual coordenadora administrativa da FAED/UFGD;

**Geone Bernardo**, egresso do curso de Educação Física e autor das fotos deste livro;

**Giselle Cristina Martins Real**, professora doutora, integrante da comissão de implantação do curso;

**Givaldo Ramos da Silva Filho**, chefe da Divisão de Administração e Finanças da Editora da UFGD;

**Gustavo Levandoski**, professor doutor, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Ida Carneiro Martins**, professora doutora, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Jacqueline da Silva Nunes Pereira**, professora doutora, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**José Renivaldo Alencar**, docente da Escola Estadual Pastor Daniel Berg, instituição parceira do subprojeto de Educação Física do Pibid/UFGD;

**José Tiago Paulino Viana**, técnico do laboratório de informática da FAED/UFGD;

**Josiane Fujisawa Filus de Freitas**, professora doutora, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Kleber Ferreira da Silva**, secretário administrativo da FAED quando da implantação do curso e também nos primeiros cinco anos de seu funcionamento;

**Lara Elena Gomes Marquardt**, professora doutora, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Luis Eduardo Pit**, professor especialista, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituto do curso;

**Luis Rogério Romero**, professor doutor, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Luiz Fernando Stopa Arcênio**, ex-técnico do laboratório de informática da FAED;

**Magda Carmelita Sarat Oliveira**, professora doutora, integrante da comissão de implantação do curso;

**Manuel Pacheco Neto**, professor doutor, integrante da comissão de implantação do curso, docente e integrante do núcleo de Educação Física;

**Maria Alice de Miranda Aranda**, professora doutora, coordenadora de gestão do Pibid/UFGD;

**Marcelo José Taques**, professor doutor, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Marina Vinha**, professora doutora aposentada, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Margarida Gaigher**, diretora da Escola Estadual Pastor Daniel Berg, instituição parceira do subprojeto de Educação Física do Pibid/UFGD;

**Markley Florentino Carvalho**, técnica de laboratório da FAED/UFGD;

**Mário Sérgio Vaz da Silva**, professor doutor, atual diretor da FAED, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Maurício Lavarda do Nascimento**, programador visual da equipe de editoração da Editora da UFGD;

**Noêmia dos Santos Pereira Moura**, professora doutora, ex-diretora institucional do Pibid/UFGD (2013-2017), ex-responsável pelo acompanhamento do subprojeto de Educação Física;

**Oswaldo Zorzato**, professor doutor, ex-diretor institucional do Pibid/UFGD (2009-2013), ex-responsável pelo acompanhamento do subprojeto de Educação Física;

**Pablo Christiano Barboza Lollo**, professor doutor, Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis, integrante do núcleo de Educação Física e docente do curso;

**Rafael Todescato Cavalheiro**, da equipe da Divisão de Administração e Finanças da Editora da UFGD;

**Raquel Correia de Oliveira**, da equipe de revisão e normalização bibliográfica da Editora da UFGD;

**Reinaldo dos Santos**, ex-diretor da FAED e presidente da comissão de implantação do curso;

**Rejane Manfré**, atual secretária acadêmica da FAED/UFGD;

**Rodrigo Garófallo Garcia**, professor doutor, coordenador editorial da Editora da UFGD;

**Rosalina Dantas da Silva**, da equipe de revisão e normalização bibliográfica da Editora da UFGD;

**Sandra Helena Correia Dietrich**, professora doutora, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Tatiane Oliveira Urzedo Queiroz**, atual secretária administrativa da FAED/UFGD;

**Vivian Iwamoto**, professora mestre, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituta do curso;

**Wanessa Gonçalves Silva**, da equipe de revisão e normalização bibliográfica da Editora da UFGD e chefe da Divisão de Editoração;

**Warley Carlos de Souza**, professor doutor, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente do curso;

**Zélia Aparecida Milani Parizotto**, professora mestre, ex-integrante do núcleo de Educação Física e ex-docente substituta do curso.

Uma lista que expressa reconhecimento ou agradecimento por algo que se fez, individualmente, para que algum empreendimento obtivesse êxito, não raro apresenta, mesmo que não intencionalmente, lacunas, ausências de menções a pessoas que, pouco ou mesmo muito, contribuíram, mas que, por lapso, cumpre frisar, não foram lembradas. Levando em consideração essa possibilidade, expressamos nossas desculpas.

Numa perspectiva mais ampla, sem possibilidade de nomear pessoas, cabe expressar reconhecimento:

A todos(as) os(as) docentes que ministraram disciplinas no curso de licenciatura em Educação Física na sua primeira década de funcionamento;

A todos(as) os(as) estudantes que participaram não apenas das aulas, como também das atividades acadêmicas, esportivas e sociais ocorridas no âmbito do curso;

A todos(as) os(as) integrantes do corpo técnico-administrativo que, nesses dez anos, prestaram o apoio necessário ao bom funcionamento do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD;

Aos integrantes da Diretoria Nacional e da Secretaria Distrital do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, cujo auxílio foi importante para que o V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte (V CONCOCE) fosse realizado na UFGD.

# Referências

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BERNARDO, G. “Resultados” dos Jogos Abertos UFGD 2014. **Educação Física Mudando a Sociedade**, Dourados, 14 nov. 2014. Disponível em: <<http://edfisicaufgd.blogspot.com/2014/11/resultados-dos-jogos-abertos-ufgd-2014.html>>. Acesso em: 8 set. 2017.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 483 p.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, ano 5, n. 12, v. 1, p. 14-24, 2000.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Edital n. 008/2012 – Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI)**. Brasília, 2012. Disponível em: <[https://www.CAPES.gov.br/images/stories/download/editais/Edital\\_008\\_ProgramaLicenciaturasInternacionais\\_PLI.pdf](https://www.CAPES.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_008_ProgramaLicenciaturasInternacionais_PLI.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 1ª a 4ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, P. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. Atividades corporais: fenômeno cultural? In: BRUHNS, H. T. (Org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papirus, 1986. p. 99-106.

CASTIGLIONI, D. I Jogos do Pibid: uma grande festa do esporte escolar. **Pibid Subprojeto Educação Física UFGD/CAPES**, Dourados, 12 nov. 2010. Disponível em: <<http://Pibidedfisicaufgd.blogspot.com/2011/08/i-jogos-do-pibid-uma-grande-festa-do.html>>. Acesso em: 8 set. 2017.

CLARO, E. **Método dança educação física**: uma reflexão sobre consciência corporal e profissional. São Paulo: Catec, 1988.

CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. **Programação**. Brasília: UNICEUB, 2010. Disponível em: <<http://cev.org.br/eventos/ivcongresso-centro-oeste-ciencias-esporte-concoce-i-congresso-distrital-ciencias-esporte-condice>>. Acesso em: 12 set. 2017.

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 3. **Anais...** Dourados: UFGD, 2017. Disponível em: <<https://3congressoeducacao.wixsite.com/ufgd/anais>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 2. **Cadastro da ação de extensão no SIGProj**. Dourados: UFGD, 2016. Disponível em: <[http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto\\_id=219786](http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=219786)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DA GRANDE DOURADOS, 1. **Cadastro da ação de extensão no SIGProj**. Dourados: UFGD, 2015. Disponível em: <[http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto\\_id=187941](http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=187941)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DUBY, G. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Ed. UFRJ, 1993.

EHRENBERG, M. C. **A dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar**: aproximações entre formação e atuação profissional. 2003. 130 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275432/1/Ehrenberg\\_MonicaCaldas\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275432/1/Ehrenberg_MonicaCaldas_M.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2017.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. (Org.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GALLAHUE, D. L. **O desenvolvimento motor**: uma perspectiva descritiva e analítica. Santa Maria: Sociedade Internacional Para Estudos da Criança (SIEC), 1998.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2003.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Understanding motor development, infants, children, adolescents, adults**. New York: McGraw-Hill International Editions, 1998.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2001.

GUIMARÃES, G. V. et al. A cutoff point for peak oxygen consumption in the prognosis of heart failure patients with beta-blocker therapy. **International Journal of Cardiology**, v. 145, p. 75-77, 2010.

\_\_\_\_\_. et al. VO<sub>2</sub> pico e inclinação VE/VCO<sub>2</sub> na era dos betabloqueadores na insuficiência cardíaca: uma experiência brasileira. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 91, p. 42-48, 2008.

HOBSBAWM, E. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KLEINUBING, N.; SARAIVA, M. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no Ensino Fundamental. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 193-214, 2009.

LE BOULCH, J. O conceito da educação motora. In: DE MARCO, A. (Org.). **Pensando a educação motora**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 11-26.

\_\_\_\_\_. **Educação psicomotora:** a psicocinética na idade escolar. 2. ed. Tradução: Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MARQUES, I. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, I. C.; GAIO, R. (Org.). **No palco da infância:** movimento, ritmo e expressão corporal na educação infantil. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017. v. 1, 234p.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física infantil:** construindo o movimento na escola. São Paulo: Phorte, 1999.

MATTOSO, J. A escrita da História. In: TENGARRINHA, J. **A historiografia portuguesa hoje.** São Paulo: Hucitec, 1999. p. 13-33.

MELLO, A. M. **Psicomotricidade, Educação Física e jogos infantis.** 3. ed. São Paulo: Ibrasa, 1989.

MENESTRINA, E. **Educação física e saúde.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

MOREIRA, W. W. **Educação Física e esportes:** perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1992a.

\_\_\_\_\_. **Educação Física escolar:** uma abordagem fenomenológica. Campinas: UNICAMP, 1992b.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; MARTINS, I. C. **Aulas de Educação Física no Ensino Médio.** Campinas: Papirus, 2010. 144p.

NETO, C. A. F. **Motricidade e jogo na infância.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

NUNES, L. M. A. **Fundamentos de rítmica e dança.** Maringá: Unicesumar, 2016.

\_\_\_\_\_. **Os currículos de licenciatura em educação física:** a dança em questão. Campinas, 2008. 186 p. Tese (Doutorado em Educação Física)– Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275174/1/Ehrenberg\\_MonicaCaldas\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275174/1/Ehrenberg_MonicaCaldas_D.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2017.

OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). **Educação Física infantil**: muitos olhares. Cortez: São Paulo, 1994.

PACHECO NETO, M. **Release Ciclo de Palestras** [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <comunicacao@ufgd.edu.br> em 6 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. O futebol como aspecto cultural do povo brasileiro: investigação e docência na área da Educação física. In: LORO, A. P.; VINHA, M.; GOLIN, C. H. (Org.). **Educação Física**: enfoques contemporâneos. Dourados: Ed. UFGD, 2013. p. 111-141.

\_\_\_\_\_. **A Licenciatura em Educação Física no Ensino Fundamental das Escolas Públicas em Dourados**: Subprojeto Pibid – Licenciatura em Educação Física/UFGD. Dourados, 2010.

PENSADOR. **Manoel Bernardo**: e a cada dia dou um passo na vida, um... [S.l.], 2018. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTAxNTM2NQ/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SACRISTAN, J. G. Currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise da prática? In: SACRISTAN, J. G.; PÉREZ GOMES, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 119-148.

\_\_\_\_\_. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed Sul, 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, M. S. V. **Relatório Final de Atividade de Extensão**: 1 Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD. Dourados, 2018.

\_\_\_\_\_. Educação Física escolar e composição corporal de escolares: dados epidemiológicos. In: NETO, M. P. (Org.). **Desafios da Educação Física**. 1. ed. Dourados: Editora da UFGD, 2016. p. 103-118.

\_\_\_\_\_. Fisiologia do exercício na Educação Física Escolar. In: NETO, M. P. (Org.). **Educação Física, corporeidade e saúde**. 1. ed. Dourados: Editora da UFGD, 2012. p. 111-131.

\_\_\_\_\_. Uma leitura da pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. In: LIMA, P. G. (Org.). **Universidade e educação básica no Brasil: a atualidade do pensamento de Paulo Freire**. 1. ed. Dourados: Editora da UFGD, 2010. p. 111-124.

\_\_\_\_\_. et al. Benefício do treinamento físico no tratamento da insuficiência cardíaca: estudo com Grupo Controle. **Arq. Bras. Cardiol.**, v. 79, n. 4, p. 351-356, 2002.

SILVA, R. B. D. da. **Livro 10 anos de caminhada** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <manuelneto@ufgd.edu.br> em 7 abr. 2018.

SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA GRANDE DOURADOS, 1. **Apresentação e programação**. Dourados: UFGD, 2019. Disponível em: <<https://simposioefugd.wixsite.com/10anos>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SIMPÓSIO UFGD EM MOVIMENTO, 1. **Folder de divulgação**. Dourados: UFGD, 2014. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/divisao/esporte-lazer-proae/ufgdemmovimento>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

TANI, G. et al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD. Conselho Diretor da Faculdade de Educação. Resolução n. 380, de 12 de dezembro de 2017. **Boletim de Serviço**, Dourados, MS, 28 mar. 2018a. Número 2975, p. 11. Disponível em: <<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/boletins/2975.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2019.

\_\_\_\_\_. Assessoria de Comunicação. **Curso de Educação Física inicia comemorações de seus 10 anos com Ciclo de Palestras**. Dourados, 24 set. 2018b. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/noticias/curso-de-educacao-fisica-inicia-comemoracoes-de-seus-10-anos-com-ciclo-de-palestras>>. Acesso em: 5 maio. 2019.

\_\_\_\_\_. Assessoria de Comunicação. **Curso de Educação Física inicia comemoração de 10 anos com Ciclo de Palestras**. Dourados, 9 nov. 2017a. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/noticias/curso-de-educacao-fisica-inicia-comemoracao-de-10-anos-com-ciclo-de-palestras>>. Acesso em: 11 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Educação. **Plano de ensino:** Temas Emergentes em Educação Física. Dourados, 2017b.

\_\_\_\_\_. **Conscientização sobre práticas saudáveis movimenta a UFGD na próxima semana.** Dourados, 5 nov. 2014. Disponível em: <<https://ufgd.edu.br/noticias/conscientizacao-sobre-praticas-saudaveis-movimenta-a-ufgd-na-proxima-semana>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Educação. **Relatório Geral do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) – Educação Física UTAD/UFGD.** Relatório da Missão Internacional a Portugal. Dourados, set. 2013.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Educação. **Histórico.** Dourados, 2012. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/sobre/projeto-criacao-ufgd.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Educação. **Projeto pedagógico do curso de pós-graduação lato sensu:** especialização em Educação Física Escolar. Dourados, 2010.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Educação. **Projeto pedagógico de curso:** Educação Física. Dourados, 2009. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/coordenadoria/cograd/ppcs>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Educação. **Projeto de criação e implantação.** Dourados, 2004. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/faed/historico>>. Acesso em: 25 jul. 2018.



Esta seção é uma sequência de relatos escritos por alguns dos professores da área de Educação Física que atuam ou atuaram no curso aqui abordado. Além dos docentes que aqui escreveram seus relatos, outros certamente contribuiram com o curso e, por isso, apareceram ao longo deste livro. A ausência de alguns destes docentes nesta coletânea de relatos, que ora se inicia, deveu-se a dois motivos: 1) Impossibilidade, da parte do docente, de escrever o texto por excesso de trabalho; 2) Impossibilidade, por parte do autor do livro, de comunicar-se com o docente por motivo de desconhecimento de seus contatos atuais (telefone e e-mail). Todos os textos desta seção foram escritos de próprio punho pelos professores que os assinam, configurando-se, naturalmente, como comunicações que expressam o ponto de vista de seus próprios autores. A liberdade plena aqui acompanha, certamente, a responsabilidade assumida atinente ao que se escreveu. Estes são depoimentos importantes, pois contribuem para tornar os professores do curso um pouco mais conhecidos, não apenas em termos acadêmicos, como também humanos, revelando aspectos de suas trajetórias pessoais e, de certa forma, trazendo a lume os fatores que os motivaram a trilhar os caminhos da Educação Física. A sequência dos depoimentos apresenta, primeiramente, em ordem alfabética, os textos dos docentes que ainda atuam no curso de

Educação Física. Na continuidade imediata, encontram-se os relatos dos profissionais que contribuíram com o curso em momentos anteriores.

### **Daniel Traina Gama**

O convite do Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto para escrever sobre as minhas influências e trajetória profissional, para contribuir na celebração dos 10 anos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), é um orgulho. Em uma breve autocrítica e avaliação, considero que, no período de minha atuação na UFGD — aproximadamente três anos —, temos reunidos esforços individuais e coletivos, dos docentes, técnicos administrativos e alunos, contribuindo para o fortalecimento do curso, para o seu estabelecimento como referência regional e estadual de excelência na área.

O presente texto tem por objetivo relatar as influências que me levaram à Educação Física desde a infância e a adolescência até a pós-graduação, bem como traçar a trajetória profissional que me levou à atuação como professor efetivo do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD. O texto foi organizado dividindo os momentos de infância e adolescência, graduação, pós-graduação e docência da UFGD.

#### *Infância e adolescência*

Nasci na cidade de Rio Claro, SP, no ano de 1978, filho de Walter Gama e Maria Luisa Traina Gama. Meus pais eram expoentes

professores de Educação Física na região. No entanto, as relações de minha família com o esporte antecederam as escolhas profissionais de meus pais. A família Traina tinha forte tradição no futebol. Meu avô materno, José Traina, foi jogador profissional de futebol. Seu apelido era Peitaria devido à sua disposição atlética. Ele teve passagem pelo S. C. Corinthians Paulista e foi considerado uma grande expressão do futebol de Rio Claro. Meus três tios maternos também foram profissionais de futebol. Os mais velhos, Tite e Berto, jogaram com expressividade nos clubes da cidade e o mais novo, João Carlos, obteve projeção nacional, com passagens pelo Botafogo (SP) e Vitória (BA). O maior destaque esportivo da família Gama foi meu pai, Walter. Ele foi considerado um dos melhores jogadores da cidade e, na década de 1970, capitaneou equipes tradicionais do estado de São Paulo, tais como Internacional de Limeira, América de São José do Rio Preto e Comercial de Ribeirão Preto, além das duas equipes da cidade de Rio Claro, Velo Clube e Rio Claro F. C. Um dos grandes orgulhos de meu pai reside no fato de ter enfrentado, algumas vezes, a equipe do Santos F.C., jogando contra Pelé.

Durante a minha infância, na década de 1980, as famílias Traina e Gama já estavam encerrando suas atividades profissionais no futebol, dedicando seus esforços esportivos à equipe de futsal da família, nomeada Fiorentina. Nessa equipe, jogavam meu pai e meus tios maternos e paternos. A Fiorentina é considerada a equipe mais vencedora de todos os tempos da cidade de Rio Claro. Portanto, meus irmãos e eu crescemos num ambiente familiar que girava em torno do futebol. Meus pais também se destacaram como professores de Educação Física na cidade de Rio Claro. Minha mãe se especializou em Ginástica Rítmica, organizando apresentações com milhares de

escolares para aberturas de vários Jogos Abertos do Estado de São Paulo. Meu pai alternou trabalhos, atuando como preparador físico em equipes de futebol profissional e assumindo a Diretoria de Esportes da cidade de Rio Claro.

A atuação de meu pai como Diretor de Esportes do município o colocou no centro das idealizações e das ações relativas à abertura do curso de Educação Física no campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP), na cidade de Rio Claro. Na época, buscando atingir os objetivos propostos, ele trabalhou em conjunto com o Diretor do Instituto de Biociências do campus, Amilton Ferreira. No ano de 1984, o curso foi aberto, sendo que meu pai integrou o corpo docente do Departamento de Educação Física, atuando nas disciplinas relacionadas ao futebol. A atuação de meu pai como professor na UNESP contribuiu para um novo ambiente de convívio familiar, ofertando referências relacionadas à universidade que marcaram minha infância e adolescência. Desde 1986, passei a frequentar o campus da UNESP da cidade de Rio Claro, primeiramente para brincar, depois para treinar nos aparelhos esportivos do curso e, posteriormente, para estudar.

Posso dizer que cresci em meio a rodas de conversa com os professores de Educação Física do campus da UNESP de Rio Claro, tais como Ana Maria Pellegrini, José Medalha, Mauro Betti, Irene Rangel, Suraya Darido, Luiz Lorenzetto, entre outros. Além disso, também convivi estreitamente com os alunos do curso que estudavam o futebol sob a orientação de meu pai. Meu primo Alfredo Montesso, que tinha grande proximidade com o meu núcleo familiar, era um dos integrantes daquele grande grupo de alunos.

Durante minha adolescência, meu pai pediu aposentadoria da UNESP para se dedicar ao futebol profissional. Na época, meus dois irmãos já jogavam profissionalmente, sendo que o mais velho, Luciano, atuava na Itália, e Thiago despontava no São Paulo F.C., sagrando-se campeão sul-americano no “Expressinho” — time profissional, reserva da equipe principal, treinado por Muricy Ramalho — e vice-campeão da Copa Libertadores da América no ano de 1994, tendo como técnico Telê Santana. O meu desenvolvimento em meio a essas influências apresentava um conflito pessoal: era preciso decidir entre ir para a universidade ou buscar a profissionalização no futebol. Conciliar as duas possibilidades era muito difícil. Em meio a esse dilema, saí de Rio Claro para Campinas para jogar no juvenil da Ponte Preta, mas não fiquei por lá muito tempo, posto que avalei que seria mais interessante terminar o ensino médio na cidade de Rio Claro.

### *Graduação*

Ao término do ensino médio, e ainda com dúvidas sobre qual carreira seguir, decidi que uma boa alternativa seria conciliar as duas atividades no esporte universitário norte-americano, com o suporte de uma bolsa atleta. Dessa forma, em 1997, com o intuito de terminar os estudos da língua inglesa e me aproximar das universidades norte-americanas, morei com meu primo Alfredo Montesso na Jamaica, onde ele era preparador físico da Seleção Jamaicana de Futebol, sob o comando de René Simões. Foram seis meses de Jamaica, onde vivi intensamente a campanha vitoriosa de classificação da seleção daquele país para a Copa do Mundo da França, que foi disputada em 1998.

Eu treinava rotineiramente com a equipe, acompanhava os jogadores nas concentrações e me fazia presente nos jogos em que a seleção jogava “em casa”. Estar presente no estádio no último jogo das eliminatórias contra o México foi uma das experiências mais realizadoras que já tive, pois pude sentir como o esporte comove e transforma as pessoas. Naquele momento, tive finalmente a certeza de que queria me graduar na área da Educação Física. O país parou naquele dia, concentrando no estádio os principais cantores de reggae, atletas e personalidades nacionais, unindo rivalidades e ideais políticos divergentes em um único objetivo comum.

Ao retornar ao Brasil, no final de 1997, demorou um tempo até que eu conseguisse reunir toda a documentação para admissão em uma universidade americana. Na época, já havia um forte interesse da Universidade de Creighton, em Omaha, Nebraska (NCAA), com bolsa atleta disponível para atuação na equipe de futebol. Simultaneamente, fui aprovado no curso de licenciatura em Educação Física da UNESP de Rio Claro, e comecei os estudos no campus, porém considerando a possibilidade de terminá-los nos EUA. Durante o meu primeiro ano na UNESP, retomei contato com os professores que anteriormente tinham feito parte de meu desenvolvimento. Com isso, acabei me sentindo “em casa” e me identificando fortemente com o curso. No entanto, ao final do primeiro ano, o processo de admissão na Universidade de Creighton finalmente foi concluído, o que ensejou minha transferência para Omaha, embora eu estivesse com algumas dúvidas.

A experiência em Creighton foi breve, pois senti dificuldades de adaptação devido às diferenças estruturais do currículo em comparação ao da UNESP. Mas os cinco meses na universidade norte-americana foram importantes para o entendimento da estrutura

esportivo-cultural daquele local. Na universidade norte-americana, integrei a equipe de futebol de campo, que, naquele ano, tornou-se vice-campeã nacional da primeira divisão. A gestão profissional de treinamento e marketing esportivo, vigente nos campeonatos da liga universitária americana, despertou em mim inquietações importantes sobre como o esporte escolar e universitário no Brasil é deficitário.

Após a experiência em Creighton e o retorno ao Brasil para terminar o curso de Educação Física na UNESP, intensifiquei minhas atividades no esporte universitário, no futebol amador e nos estudos de graduação. Para realizar o trabalho de conclusão de curso, escolhi um tema relacionado ao futebol, e fui orientado por umas das principais pesquisadoras na área de comportamento motor no Brasil, a professora Ana Maria Pellegrini. O objetivo do trabalho foi criar uma ferramenta de avaliação quantitativa e qualitativa do jogador de futebol durante o jogo. O trabalho foi finalizado no ano de 2003 e, então, com todos os pré-requisitos para a graduação já cumpridos, coleei grau como licenciado em Educação Física.

### *Pós-graduação*

Durante a realização do trabalho de graduação, frequentei assiduamente o Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (LABORDAM), idealizado e liderado pela Prof.<sup>a</sup> Pellegrini. As experiências no laboratório despertaram o meu interesse pela pesquisa na área de comportamento motor, ensejando o meu ingresso no Mestrado em Ciências da Motricidade da UNESP de Rio Claro sob a orientação da própria Prof.<sup>a</sup> Pellegrini. No entanto, após seis meses de

pós-graduação, o estudo foi interrompido, pois recebi proposta para atuar como atleta de futebol de campo na Itália, onde atuei, na série D, defendendo equipes estabelecidas ao redor de Roma, como Cynthia-Genzano e Lupa-Frascati. Durante o período na Itália, o aprendizado da cultura esportiva de treinamento lá vigente foi, de fato, fundamental para o meu desenvolvimento profissional.

Ao retornar ao Brasil, após dois anos na Itália, conciliei duas atividades principais, a de treinador personalizado, fundando o Centro de Treinamento Personalizado (CTP) com meus pais e minha irmã Carolina, e a de aluno reingressante no mesmo programa de mestrado que eu estava cursando antes de ir para a Europa. Ao longo desse período, alguns trabalhos considerados importantes foram realizados tanto no CTP quanto no LABORDAM. No CTP, devem ser citados o treinamento físico da equipe de boxe da cidade de Rio Claro, o trabalho com atletas da seleção brasileira de base, com equipes de futebol social e também com times de basquete. No LABORDAM, foram relevantes os estudos relacionados à coordenação motora de escolares em alguns estabelecimentos de ensino da região de Rio Claro. Em relação ao mestrado, a dissertação que desenvolvi teve como objetivo o estudo de aspectos relacionados ao comportamento motor de crianças com Transtorno de Desenvolvimento da Coordenação, intitulado *A preparação e a execução de tarefa de alcance ao alvo em crianças com transtornos do desenvolvimento da coordenação*. O estudo foi realizado com escolares da cidade de Rio Claro e envolveu 126 participantes.

Ao término do mestrado, recebi um convite para ser professor no curso de Educação Física das Faculdades ASSER, em Rio Claro. Após um ano de docência na instituição, conciliando ainda as ati-

vidades no CTP, foi aberto um novo programa de pós-graduação na UNESP de Rio Claro, denominado Desenvolvimento Humano e Tecnologias em área interdisciplinar. Ingressei no doutorado desse programa, novamente sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Pellegrini. Foram três anos de doutorado para a construção da tese intitulada *Modulação do Sistema Nervoso Autônomo no Desempenho Motor de Crianças com Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação*.

### *Docência na UFGD*

Após o término do doutorado, eu estava com cinco anos de atuação no ensino superior privado e dez anos no CTP. Naquele contexto, interessei-me por ingressar e atuar como docente em uma instituição de ensino superior pública. A abertura de vaga em concurso docente da UFGD em 2015, na área de Esportes Coletivos, apresentou-se como uma oportunidade. Fiz a minha inscrição, submeti-me ao processo e, após a aprovação no concurso público, iniciei a minha atuação na UFGD em maio de 2015. Ao longo dos anos atuando na UFGD, ministrei disciplinas no curso de Educação Física e recebi o convite do Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis, Prof. Pablo Lollo, para exercer a Coordenadoria de Formação e Integração Comunitária (COFIC). Na COFIC, atuando principalmente no desenvolvimento esportivo, empreendi prosseguimento a algumas ações já existentes, como os Jogos Abertos da UFGD, bem como idealizei e desenvolvi outras, tais como as Olimpíadas dos Servidores, o TIME UFGD e a Bolsa Atleta, sempre contando com a cooperação dos servidores.

## Gustavo Levandoski

O meu interesse pela área da Educação Física ocorreu, progressivamente, por meio do constante contato com a prática esportiva ao longo dos anos. Desse modo, o meu envolvimento em diversas atividades esportivas dentro do ambiente escolar, incluindo o contra turno (handebol, futsal, futebol, atletismo e ciclismo), incitou-me na busca de um caminho profissional rumo à Educação Física.

Após ter escolhido a Educação Física como profissão, acreditei na possibilidade e me entreguei completamente aos estudos a fim de aproveitar ao máximo as oportunidades que estavam por vir. Sempre estive aberto aos aconselhamentos dos professores e, durante minha formação acadêmica, participei de projetos de pesquisa e extensão, programas de iniciação científica, monitoria, estágios voluntários, congressos científicos nacionais e internacionais. Depois de formado, realizei um estágio de atualização didática. Na carreira acadêmica, procurei participar dessas atividades porque, segundo meus professores de graduação<sup>61</sup>, elas poderiam facilitar o ingresso no *stricto sensu*.

No ano de 2006, passei então a cogitar a possibilidade de cursar uma pós-graduação *lato sensu* com o intuito claro e lógico de formar bases sólidas para um futuro passo: a pós-graduação *stricto sensu*. Desta forma, após a conclusão da graduação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PR), passei a cursar a especialização em Atividade Física e Saúde ofertada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) nos finais de semana, na cidade de Curitiba, haja vista que, nos dias da semana, trabalhava como professor da educação básica

---

61 Gostaria de citar o nome do Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti. Tudo o que construí em minha vida pessoal e profissional foi possível por tê-lo como professor de Metodologia. Aos 20 anos e ainda imaturo, tive paciência e sabedoria para acreditar em seus ensinamentos.

em diversas escolas (Caminho do Saber, Pequeno Príncipe, Primeiros Passos, José Elias da Rocha e Júlio Teodorico) na cidade de Ponta Grossa, PR.

Durante o período de pós-graduação lato sensu na UFPR (2006), tive a oportunidade de ingressar em alguns grupos de pesquisa envolvendo acadêmicos de graduação, de especialização e de mestrado da UFPR, o que possibilitou o desenvolvimento de diversos trabalhos publicados no ano de 2007, quando ingressei no programa de mestrado em Ciências do Movimento Humano da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), possibilitando um grande crescimento pessoal e acadêmico-profissional.

No ano de 2009, após concluir o mestrado, participei do processo seletivo para professor colaborador na Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí, onde permaneci por dois anos. Em 2011, atuei como tutor no curso de Educação Física a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa. De 2012 a 2013, trabalhei na Universidade Estadual de Ponta Grossa, com muito orgulho por retornar ao curso que me formou, mas na condição de professor. Além disso, foram valiosas as oportunidades de atuar como docente nos cursos de especialização do Centro Sul Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPEG).

Durante o período relatado acima, dedicado à prática docente, também iniciei, no ano de 2010, meus estudos de doutoramento na Universidade Federal do Paraná. Nessa fase, fruto dos aprendizados do mestrado, tive meus primeiros artigos publicados em periódicos de grande relevância acadêmica, que possuem índice de fator de impacto (JCR), bem como um capítulo de livro publicado pela editora internacional Nova Science Publishers, com sede em Nova Iorque.

Em 2013, após a conclusão do Doutorado, fui aprovado em concurso na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), na cidade de Petrolina, PE, onde tive a oportunidade de conviver com grandes profissionais, mas acima de tudo, excelentes seres humanos. Em 2015, fui aprovado em outro concurso, na Universidade Federal da Grande Dourados. Nos tópicos seguintes, passo a destacar os principais trabalhos realizados, até a presente data, nesta instituição.

### *Atuação na UFGD*

No tocante ao ensino na graduação, minha atuação está atrelada à disciplina do concurso, envolvendo Esportes Coletivos e Individuais. Entre os semestres 2015-2 e 2018-1, ministrei, no curso de Educação Física, as disciplinas de Atletismo, Handebol, Estágio Supervisionado, Métodos e Técnicas de Pesquisa, TCC 1 e 2; no curso de Pedagogia, ministrei Métodos e Técnicas de Pesquisa; e, no Mestrado em Psicologia, ministrei a disciplina Formação de Professores e Práticas de Ensino.

Durante minha carreira docente, sempre busquei desenvolver as atividades de ensino visualizando a tríade ensino, pesquisa e extensão, ou seja, nas atividades de ensino, crio o planejamento da disciplina, visando à formação dessa tríade. Durante atividades como saídas a campo, sensibilizo os alunos em direção a uma visão crítica dos fenômenos a serem observados, perspectivando a elaboração de trabalhos acadêmicos que, futuramente, poderão contribuir para a disseminação de conhecimentos em eventos acadêmicos.

Para exemplificar a utilização desse modelo, destaco a disciplina de Atletismo, que, por intermédio de parceria com o Exército Brasileiro, possibilitou a participação dos alunos na organização e arbitragem da competição esportiva intitulada Taça Alvorada, edições 2016, 2017 e 2018. Na disciplina de Handebol, no semestre 2017-1, foi realizada uma atividade de pesquisa cujo público-alvo era formado por estudantes do ensino médio. A partir dessa atividade, foram escritos cinco resumos, que foram apresentados e publicados no 3º Congresso de Educação da Grande Dourados. Neste mesmo congresso, foram apresentados três resumos oriundos da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa, incentivando os acadêmicos a aderir às práticas de pesquisa.

Em relação aos trabalhos de conclusão de curso, assumimos o compromisso de incentivar e encorajar os alunos em direção à publicação de seus trabalhos. O quadro abaixo indica os trabalhos de conclusão de curso sob minha supervisão, bem como seus destinos de disseminação:

Ano	Orientando	Título do trabalho	Destino
2015	Wilson Claudino Bezerra	Avaliação da aptidão física em praticantes e não praticantes de futsal: uma análise deste esporte fora das aulas de Educação Física	Resumo publicado no III ENEPEX UEMS-UFMG
2016	Victor Hugo Cordeiro	Escola: uma análise do conhecimento de estudantes do Ensino Médio	Publicado na Horizontes – Revista de Educação
2016	Vivian Mendes de Souza	Perfil do estilo de vida de estudantes de Engenharia Mecânica	Submetido à revista Espaço para a Saúde

Ano	Orientando	Título do trabalho	Destino
2017	Eduardo Crispim Mendonça	Sedentarismo em adultos na indústria da cidade de Dourados	Publicado na: Horizontes – Revista de Educação
2017	Caroline Gomes Pereira	Análise da preferência dos tipos de arremesso no handebol	Submetido à Revista de Ciencias del Deporte (Espanha)
2017	Érika de Souza Batista	Manifestação intrínseca de bullying homofóbico: visão de estudantes do ensino médio	Resumo publicado no Seminário de TG – FAED/UFGD
2017	Marianne Soares de Lima	Preconceito homofóbico em estudantes do ensino médio	Resumo publicado no IV ENEPEX UEMS-UFGD
2018	Danilo Nascimento Dos Santos	Temas transversais: uma proposta com o jogo da memória	Submetido ao 4º Congresso de Educação da Grande Dourados

Ao ingressar como professor efetivo, em parceria com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josiane Fujisawa Filus de Freitas, criamos o Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar e Saúde (GPEFES), contando com três linhas de pesquisa (1 - Qualidade de vida e aspectos biopsicossociais; 2 - Pedagogia do esporte; 3 - Violência e *bullying* na escola).

Durante os dois anos de efetivo exercício, o grupo produziu/publicou/oportunizou:

- 6 resumos simples;
- 2 resumos expandidos;
- 4 artigos (1 publicado, 1 aceito, 2 em avaliação);
- 3 bolsas de PIBIC;
- 4 bolsas de monitoria;
- 11 bolsistas voluntários.

Na extensão, desenvolvemos o projeto Iniciação e Prática Esportiva em Escolas da Educação Básica, buscando, por meio da prática de atividade física, contribuir para a formação esportiva e cidadã de crianças e adolescentes, bem como para a formação profissional dos acadêmicos de Educação Física.

Neste sentido, fazendo um pequeno resgate sobre as atividades desenvolvidas de 2016 a 2018, fica a angústia de não incluir outras atividades, como a pequena passagem pela coordenação do curso, comissões, bancas e demais atividades cotidianas vinculadas à nossa prática docente. Mas gostaríamos de exaltar as atividades que executamos sob o olhar da tríade ensino, pesquisa e extensão. Deste modo, diante da exposição da minha trajetória acadêmica, pretendo continuar desenvolvendo atividades no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, colaborando nas ações e propostas do PPC de nosso curso ao longo do caminho que ainda me falta percorrer até a aposentadoria.

### **Jacqueline da Silva Nunes**

Este texto se entrelaça com a minha trajetória de vida e demonstra que a dança e a Educação Física sempre estiveram juntas ao longo desses meus 32 anos de magistério.

A dança e a ginástica, assim como o teatro, constituíram parte importante de minha formação artística e corporal desde muito cedo, sendo predileções significativas, que contribuíram para as escolhas da minha vida profissional. Sempre dancei. Desde criança participava de todas as ações artísticas realizadas pela escola.

Nesse percurso, fiz escola de teatro, danças populares, jazz, dança de salão, dança contemporânea, *street dance*, ginástica rítmica, entre outras linguagens corporais. Assim como a certeza de que a dança fazia parte da minha construção de vida desde criança, a certeza de ser professora também me fez optar pelo magistério, o que me impulsionou a trabalhar em escolas que atendiam desde a educação infantil até o ensino superior, sempre com atividades corporais, em especial com a cultura do movimento.

Cursei, simultaneamente, Letras e Educação Física, o que despertou ainda mais em mim o gosto pela cultura brasileira. Em 2001, ingressei na Universidade Estadual de Maringá para cursar Educação Física. Em minha trajetória acadêmica, os estudos sobre dança e ginástica foram se consolidando por meio dos estágios de prática de ensino, dos estágios extracurriculares e dos projetos que envolviam dança, como o Viva o Verão, culminando no meu trabalho de conclusão de curso, que versou sobre dança e hidroginástica. Também na pós-graduação lato sensu desenvolvi uma pesquisa científica a partir da execução de um projeto social para a terceira idade, no qual pude trabalhar por quatro anos no SESC de Maringá, intitulado A Dança na Terceira Idade e as Possibilidades de Resignificar o Corpo.

Esse percurso colocou-me em um espaço/tempo em que as relações entre dança e Educação Física começavam a se explicitar. Desse modo, ensinei, naturalmente, iniciar minha carreira docente no ensino superior ministrando a disciplina de Dança. Vou construindo um projeto de vida em que posso ter a oportunidade de desenvolver várias ações de formação, tais como: danças populares na escola, festival de ginástica geral, espetáculos de dança, ginástica de academia, alongamento, expressão corporal e dança na terceira idade.

Na universidade (Unicesumar), pude coordenar o Grupo de Estudos em Dança (GEDan) por quase 10 anos, entre 2002 e 2011. De 2012 a 2014, tive o privilégio de participar do grupo de dança Pés de Valsa (UFMT) como professora e integrante do elenco coreográfico. Essas experiências me possibilitaram chegar ao presente momento, sobre o qual, vou relatar daqui para frente.

Cheguei à UFGD em 2015 e me deparei com mais um desafio. A dança na universidade era inexistente, o que me instigou a recomeçar e me possibilitou um universo de trabalho. Comecei a investigar o motivo da falta desse conteúdo na estrutura curricular do curso de Educação Física da UFGD. Percebi, naquele momento, que as informações e conhecimentos sobre dança eram um pouco distantes e escassos na formação dos alunos de Educação Física. Os poucos alunos que se interessavam por esse conteúdo buscavam um aporte nas suas experiências pessoais e nos espaços informais que produziam dança de alguma forma, como, por exemplo, escolas, academias e companhias de dança da cidade de Dourados ou de sua cidade de origem. Quem tinha a oportunidade, buscava algum curso ou prática em outras cidades e estados.

Essa questão vinha ao encontro de outra problemática que passamos na formação, que reside na falta de profissionais na área de Dança, dificultando a transmissão desse conteúdo, pois, por mais que dominemos todo o sentido histórico a ser trabalhado sobre a dança, essa disciplina tem uma necessidade prática, o que dificulta sua aplicação por qualquer professor, mesmo sendo formado na área.

O fato de a Educação Física, ainda hoje, ter como centralidade os esportes talvez tenha ensejado certa delimitação quanto a ministrar a disciplina em pauta, cabendo aos professores que já possuem afi-

nidade com dança ministrá-la enquanto prática corporal construída ao longo de suas próprias trajetórias. Entretanto, isso não pode ser considerado uma barreira. O professor de Educação Física precisa ser capacitado para trabalhar a dança enquanto conteúdo curricular.

A dança como conteúdo curricular é reconhecida nos documentos que sustentam a educação brasileira, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Marques (2003, p. 15) evidencia tal fato quando registra em sua obra *Dança na escola* que, em 1997, a dança foi incluída nos PCNs e, a partir dessa exigência, passou a ganhar reconhecimento nacional como forma de conhecimento que dever ser trabalhado na escola.

A dança deve ser considerada como campo de conhecimento, bem como prática pedagógica pertencente ao âmbito das manifestações da cultura corporal e, por conseguinte, responsável pela produção e sistematização dos saberes que lhe dizem respeito. Por meio da dança, podemos colocar à disposição de todos os grupos e classes sociais os saberes, as experiências, as produções simbólicas e materiais que cercam o conjunto de práticas e das manifestações corporais.

Na medida em que esse conteúdo é estruturado como prática pedagógica, ele passa a compor um projeto de educação corporal, podendo colaborar com a formação humana em sua totalidade. Gimeno Sacristán (1999, p. 74), ao escrever sobre a prática pedagógica como processo de educação que valoriza toda a experiência acumulada ao longo da vida, ressaltou que ela trata de “[...] toda a bagagem cultural consolidada acerca da atividade educativa, que denominamos propriamente como prática ou cultura sobre a prática”. Assim, é por meio das relações sociais, dos conflitos e das experiências que podemos construir a nossa ação docente.

Portanto, as práticas pedagógicas, a meu ver, devem estar relacionadas com todo o contexto histórico-cultural e social em que estão inseridas. O professor, nesse processo, deve assumir uma postura de condutor, que possibilite ao aluno construir seu conhecimento refletindo sobre a prática corporal como educativa. Gimeno Sacristán (1999, p. 73) reforça essa questão ao afirmar que “a prática educativa é produto final, a partir do qual, profissionais adquirem o conhecimento prático que eles poderão aperfeiçoar”.

Diante dessa realidade, surgiu a necessidade de coordenar um projeto de dança no curso de Educação Física da UFGD que englobasse a extensão, o ensino e a pesquisa e que fosse voltado para a formação inicial de professores de dança. O objetivo desse grupo orientou-se para a oportunidade, aos alunos de Educação Física e áreas afins, de diferentes práticas corporais, explorando o processo criativo e a experimentação do universo da dança, por meio de uma comunicação que considera o ser humano em movimento.

Assim, o projeto foi cadastrado no SIGproj sob o título Formação de Professores em Dança. Nesse mesmo caminho, surgiu a possibilidade de criação do grupo de dança “Travessia”, como objetivo de construir coreografias para apresentações artísticas. Como expressei acima, muitos alunos chegam à universidade sem domínio corporal, com muitas dificuldades de expressão. Para suprir essa falta de formação, visto que a dança faz parte da educação do homem, é que me propus a desenvolver as ações de formação.

Para encaminhar o trabalho, optei por utilizar várias metodologias que explorassem o movimento corporal, ou seja, várias técnicas corporais baseadas em teorias e abordagens que desenvolvessem práticas corporais lúdicas, elaboradas por diversos autores, como Negrine,

Laban, Marques, Kischimoto, Falhbusch, Garaudy e Le Boulch, além de minhas próprias criações, advindas da minha prática docente. Foram selecionados os seguintes fundamentos e conteúdos: consciência corporal, domínio corporal, esquema corporal, expressão corporal (possibilidade de expressar sentimentos, pensamentos e ideias por meio de movimentos e ações corporais), ritmo (cadências, andamentos e variedades de estruturas rítmicas), espaço (espaço individual e coletivo, formas, volumes, trajetórias, planos, eixos de movimento, utilização e exploração espacial), dinâmica de movimento (qualidade de execução: relaxado, tenso, explosivo, contínuo, fragmentado) e abordagem histórica da dança.

O projeto trouxe a preocupação de desenvolver três ações:

- a) Produção científica, por intermédio de pesquisa de campo sobre a cultura de dança na cidade de Dourados. Esta iniciativa oportunizou a realização de dois TCCs, desenvolvidos pelas acadêmicas Fernanda Sebastiana Azevedo e Bianca Lima Cuevas, respectivamente intitulados *Dança em escolares* e *A importância das danças folclóricas no ambiente escolar na cidade de Dourados*.
- b) Composições coreográficas de tango e forró, com apresentações artísticas em espaços culturais, como, por exemplo, o Festival Estudantil da Canção e Dança da Cidade de Dourados.
- c) Dança para a comunidade douradense como opção de lazer gratuito.

Vinculado a esse trabalho, desenvolvi ainda o Projeto de Ensino e Extensão Comunitária, direcionado aos alunos da Escola Municipal

Aurora Pedroso de Camargo, atendendo vinte crianças na faixa etária de 7 a 10 anos. Esse projeto teve como objetivo oferecer, na escola, aulas gratuitas de dança e ginástica. Para o ensino da dança, foram utilizadas técnicas estudadas e elaboradas pelo grupo de estudo, buscando colocar em prática a formação acadêmica. Com isso, oportunizou-se aos alunos de baixa renda a vivência de práticas corporais em dança, tais como a exploração do processo criativo, a experimentação do universo da dança por meio da comunicação corporal, a dinâmica e a exploração do movimento, a consciência e o domínio corporal, a expressão corporal, o ritmo, o espaço e a abordagem histórica da dança. As atividades ainda ressaltaram a importância da valorização da cultura brasileira e das vivências dos alunos, estimulando a criatividade, a produção cultural e a criação intelectual. Foi trabalhada também a busca de novos significados plurais por meio da variedade de movimentos convencionais já característicos da dança, combinados a aqueles que surgem da construção conjunta durante a produção coreográfica.

As aulas do projeto aconteciam na Escola Municipal Aurora Pedroso de Camargo, às segundas e quartas-feiras, às 17h30 (para crianças), e aos sábados, das 16h às 18h (para adultos). As atividades eram planejadas semanalmente com os bolsistas cadastrados e atuantes no projeto.

O projeto foi encerrado — como estava previsto — no final de 2017. Em relação aos destinatários dos trabalhos e atividades, foram claros alguns resultados, como a melhoria da concentração, a ampliação do repertório motor, a diminuição da timidez, o aumento da espontaneidade e a acentuação da criatividade na improvisação. Tudo isso foi alcançado por meio da exploração dos movimentos, das especificidades do esquema corporal e das montagens coreográficas.

A dança, quando utilizada como meio de formação e construção do conhecimento, tem seus efeitos benéficos no meio social, cultural e histórico. Podemos trabalhar com diferentes modos de expressão corporal, atribuindo valores, sentidos e significados ao conteúdo e à intervenção futura do profissional. Nesse caminho, Daolio reforça a importância da atuação do profissional de Educação Física ao elucidar que:

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si [...]. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento historicamente definido como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela Educação Física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza. (DAOLIO, 2007, p. 3).

E foi por meio desse caminho que a estrutura de todas as atividades se desenvolveu. A experiência vivida no processo de criação dos ritmos tango e forró, enquanto produto coletivo de criação, diversificou as possibilidades de construção coreográfica, estreitando o relacionamento entre os componentes do grupo. A escolha desses ritmos foi um consenso entre os alunos, sempre trabalhando em um processo de experimentação de passos e pesquisa referente à dança, o que favoreceu a aquisição de um conhecimento sólido, que forneceu a estrutura necessária às composições coreográficas.

O grupo Travessia possibilitou aos bolsistas a oportunidade de vivenciar a formação na área de dança, a participação em congressos de Educação Física (FIEP - 2017) e a apresentação de artigos (UFGD - 2016 e 2017; UEM - 2017), bem como o apoio a eventos sociais, como a composição coreográfica para intercambistas do Rotary Clube.

O grupo ressaltou, através de suas composições coreográficas, a valorização da cultura brasileira por meio do forró e da cultura

estrangeira por meio do tango. No que diz respeito à formação dos acadêmicos, as atividades desenvolvidas propiciaram, claramente, a aquisição de novas formas de trabalhar os vários aspectos das atividades rítmicas e expressivas.

Kleinubing e Saraiva (2009, p. 207), quando debatem sobre a formação do professor de Educação Física que atua com a dança, refletem que, como todos os outros conteúdos da Educação Física escolar, a dança precisa ser trabalhada na perspectiva da superação da concepção técnica, bem como de instrução. Ela deve ser percebida como uma possibilidade de vivência das atividades libertadoras e criativas, que possam levar os graduandos a uma mudança de atitude em relação à formação do corpo.

Nunes (2016), ao analisar a formação do professor, convida-nos a pensar que a questão da exigência técnica na dança, muitas vezes, intimida o professor ou graduando de Educação Física que nunca frequentou aulas. Para a autora, a formação em dança deve concentrar-se no pensar-fazer que a envolve. Além da interpretação, o professor deve estar apto a lidar com os desafios coreográficos, enquanto elementos pertencentes ao processo educativo, e não se “esconder” em repertórios, reproduzindo-os de forma mecanizada, sem conexão com o pensar-fazer dança.

### *Considerações finais*

Chego ao final deste breve relato com a certeza de que o professor em formação deve experimentar/vivenciar a dança em sua amplitude e não receber um processo de ensino concentrado na reprodução de movimentos. Deve passar por um processo de ensino que desenvolva

suas potencialidades e explore sua criatividade. As atividades de dança que coordenei depois de meu ingresso na UFGD tiveram como objetivo desenvolver práticas pedagógicas que abordassem vários procedimentos metodológicos, buscando explorar a interpretação, a fruição e a criação, desenvolvendo o senso crítico e a pesquisa na formação docente.

### **Josiane Fujisawa Filus de Freitas**

Contar nossa trajetória pessoal não é tarefa fácil. Neste caminho, poucas pessoas acompanharam minha vida em sua plena dimensão. A maioria dos meus atuais colegas e alunos, que convivem comigo, conhece a doutora Josiane Fujisawa Filus de Freitas, professora da Faculdade de Educação da UFGD, mas não conhece a estrada por onde andei. Não considero uma longa estrada, mas acredito que cada passo dado tenha feito diferença para escolher os percursos que trilhei.

Assim, inicio minha ainda breve história em Maringá, PR, no ano de 1982. Naquela bela cidade, vivi boa parte da minha ainda jovem vida. Estudei na escola católica onde meus pais eram professores, aliás, meus professores de Educação Física. Meu pai foi meu primeiro técnico esportivo, no time de voleibol da 6ª série, e, no ano seguinte, minha mãe foi a técnica do time da escola. Na 8ª série, passei na seletiva do time da cidade e, então, não tive mais meus pais como técnicos, e ainda mudei de escola, pois recebi uma bolsa de estudos para integrar o time do colégio Marista, onde estudei e joguei até completar o ensino médio. Durante aquele período, viajei muito pelo meu estado natal, participando de jogos escolares e jogos da Federação

Paranaense de Voleibol. Integrei, por duas oportunidades, a seleção paranaense em fases de treinamento em Curitiba, mas não tive sucesso nas convocações para jogos nacionais por ser elencada como terceira levantadora da equipe.

A entrada na faculdade foi um pouco conturbada, pois meus pais eram contrários à minha opção pelo curso de Educação Física. Foram muitos dias de conversa e convencimento, e eu venci! No entanto, meus pais me alertaram para a vida dura que levavam, com muitas aulas nas escolas, trabalhando de manhã, de tarde e de noite por um salário insatisfatório, e me incentivaram a não parar de estudar após a graduação.

Portanto, ao ingressar no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em 2000, envolvi-me com projetos de extensão para surdos e laboratórios de estudos em Educação Especial. A participação na extensão universitária me permitiu desenvolver minhas primeiras pesquisas e participar de congressos científicos importantes, tais como aqueles promovidos pela Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA). Minha produção científica se intensificou com a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), oportunidade na qual desenvolvi dois projetos de pesquisa sobre formação profissional em Educação Física. Assim, tive a possibilidade de publicar alguns artigos e ainda escrever alguns capítulos de livro em parceria com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Maria Toyoshima Lima e com o Prof. Dr. Joaquim Martins Junior. Durante a graduação, meus trabalhos estiveram voltados para a formação profissional, uma vez que, na época, muito se discutia sobre a preparação dos profissionais para a inclusão social e escolar das pessoas com deficiência.

Com um bom currículo e um projeto centrado na formação em Educação Física, após concluir o curso de graduação em 2003, participei da seleção do Mestrado em Educação da UEM, para o qual fui aprovada. Feliz ou infelizmente, foi necessário modificar o projeto de estudo para adequá-lo às linhas de pesquisa da orientadora, assim tive a oportunidade de conhecer um grupo necessitado de atendimento especial: as crianças respiradoras orais. Crianças com rinite alérgica, adenoide, desvio de septo e outras doenças obstrutivas das vias aéreas superiores, por trocarem o padrão normal de respiração, do nasal para o oral, podem apresentar problemas de atenção, refletidos na aprendizagem, além de terem seu desenvolvimento físico prejudicado. Dando continuidade aos estudos do grupo da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olinda Teruko Kajihara, fiz uma correlação entre problemas de aprendizagem e de postura de crianças respiradoras orais. Disse “infelizmente” no início do parágrafo, pois os artigos resultantes da dissertação não foram aceitos por periódicos da área de Educação, que alegaram que a temática era da Saúde, e nem por periódicos da Saúde, que constataram que se tratavam de dados sobre aprendizagem. Acabamos, assim, participando de muitos congressos para divulgar nossa pesquisa.

Em 2006, pensando em continuar os estudos com as crianças respiradoras orais, porém na área da Educação Física, elaborei um projeto de pesquisa para a seleção do Doutorado em Atividade Física Adaptada, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP). Após a reprovação na seleção do doutorado, mas já residindo em Campinas, SP, iniciei, sob a supervisão do Prof. Dr. Edison Duarte, um projeto de atividades recreativas com pacientes do Setor do Respirador Oral do Hospital das Clínicas da

UNICAMP. Essa experiência me levou a conhecer a equipe multidisciplinar que atua com as crianças lá atendidas, bem como a participar de algumas pesquisas com o grupo de profissionais em pauta.

Em 2007, surgiu uma oportunidade de emprego na Faculdade Adventista de Hortolândia, SP. Lá, iniciei as primeiras aulas como professora do curso de Pedagogia, ministrando as disciplinas Recursos Metodológicos para Portadores de Deficiência e Recreação e Jogos Educativos. Com um ano de prática pedagógica, percebi que minhas maiores dificuldades estavam em relacionar teoria e prática, visto que ainda não havia tido experiência docente em escola primária ou secundária. Para suprir tal necessidade, participei do processo seletivo para professor temporário de Educação Física no município de Cosmópolis, SP, iniciando, em 2008, minha experiência em escola pública, com crianças do ensino fundamental. Apesar da rotina cansativa, o trabalho foi fundamental para basear minhas discussões na formação inicial da licenciatura. Naquele mesmo ano, passei a constituir o quadro de docentes do curso de Educação Física da Faculdade Adventista, com disciplinas como Atividades de Recreação e Lazer em Educação Física e Educação Física Escolar Especial.

A Faculdade Adventista de Hortolândia ostenta certa visibilidade na região metropolitana de Campinas, no entanto, como a grande maioria das instituições particulares, investe apenas no ensino. A formação de grupos de pesquisa esbarra, quase sempre, na ausência de incentivo da faculdade e no perfil dos alunos dos cursos noturnos, sua grande maioria trabalhadora. Assim, participei de um grupo de pesquisa formado apenas por professores, todos da área da Educação Especial, e nos reuníamos periodicamente, para organizar congressos para a faculdade e escrever projetos. Foi a partir desse grupo que cons-

truímos o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial Inclusiva da instituição.

Após muitas tentativas para ingressar no doutorado (2006, 2007 e 2008), no segundo semestre de 2009 consegui a vaga. Buscando me envolver com as pesquisas do grupo do Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo, meu projeto esteve envolto pela questão da inclusão escolar de crianças com deficiência. Para me dedicar ao doutorado, despedi-me das crianças de Cosmópolis, mas, em contrapartida, tive um aumento de carga horária na faculdade, assumindo as disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso e Diversidade Étnico-Racial, no curso de Pedagogia, e Didática da Educação Física e Desporto Adaptado, no curso de Educação Física.

Com o grupo de pesquisa do Prof. Paulo Araújo, publiquei, além de trabalhos em congressos, um capítulo de livro sobre pessoas com deficiência e os espaços para a prática de atividades físicas. Em setembro de 2011, após muita correria, suor e algumas lágrimas, defendi minha tese. Publiquei dois artigos e um capítulo de livro resultantes de minha pesquisa.

Pouco antes da defesa da tese, fui aprovada no processo seletivo para orientadora on-line do curso de Especialização a Distância, em nível de Pós-graduação em Educação Física. Esse curso foi um convênio da UNICAMP com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que integra o Programa Rede São Paulo de Formação Docente (RedeFor). Como tutora de uma turma com cinquenta alunos e responsável por cinco módulos e orientações de TCC, estive sob a supervisão do Prof. Dr. Jocimar Daolio. Inicialmente, a experiência foi muito estranha, pois a mediação se dava por meio de um ambiente virtual. Isso exigiu uma enorme dedicação de minha

parte, mas me permitiu também aprofundar meus conhecimentos didáticos por meio de adaptações e recriações, desenvolvendo mais minhas habilidades de professora. Além disso, o material de base foi o Currículo do Estado de São Paulo (2008), e a interação com os professores responsáveis pelo material (Dr. Mauro Betti e Dr. Jocimar Daolio) foi riquíssima para minha formação.

A rotina noturna de aulas na graduação e falta de estabilidade da faculdade particular me motivaram, em 2013, a prestar o concurso para professora do estado de São Paulo, no qual fui aprovada. Assim, acumulei os dois empregos, as aulas na Escola Estadual Maria Rosa, em Sumaré, SP, no período da tarde, e as aulas na faculdade à noite. Essa correria não me permitia participar de congressos ou publicar artigos. A pesquisa tinha ficado em segundo plano, ou melhor, esquecida. Vale lembrar que, mesmo antes do doutorado, eu já vinha prestando concursos em universidades públicas. Porém, minha hora só chegou em 2015, quando fui aprovada no concurso da UFGD.

Confesso que as primeiras impressões não foram boas, pois o curso de Educação Física tinha poucos professores e o entrosamento entre os colegas ficava difícil, visto que as atividades de ensino eram muitas. Mas, aos poucos, fui conhecendo cada um dos colegas, entendendo suas afinidades de pesquisa e iniciando as aproximações. Cheguei em setembro de 2015 e, durante o ano de 2016, dei minhas aulas e formei, com o professor Gustavo, o Grupo de Pesquisa Educação Física Escolar e Saúde. Em 2016 e 2017, nosso grupo participou de diversos congressos, com apresentações de trabalhos, e teve suas primeiras publicações, frutos de TCC e das pesquisas de seus integrantes.

Em 2017, iniciei orientação no PIBIC com uma acadêmica. Falando especificamente do ano em pauta, considero-o como um marco para a licenciatura em Educação Física, pois um colega de docência no curso, Prof. Dr. Mário Sérgio, foi eleito diretor da Faculdade de Educação/UFGD. Essa conquista trouxe mais autoestima ao curso e motivação aos professores. Após as eleições, com a ajuda dos professores do curso de Educação Física, fui responsável pela organização do III Congresso de Educação da Grande Dourados, com o tema “Escola, Corpo e Movimento”. O congresso teve mais de 400 participantes e atingiu seus objetivos de formação acadêmica em relação às comunidades interna e externa.

Em outubro de 2017, assumi a coordenação do curso de Educação Física e, desde então, muitos outros desafios têm se apresentado. O ano de 2018 começou com diversas expectativas, tais como a possibilidade de mais um professor para o nosso curso — via concurso público —, o estudo sobre a abertura do bacharelado, os procedimentos para a implantação da licenciatura EAD, a organização da especialização e do mestrado. Ainda temos um longo caminho a percorrer, e eu espero caminhar com afinco para que todos os sonhos e planos se concretizem. Que nossa comemoração de 10 anos de curso seja marcada pela união dos desejos de todos os colegas e alunos da Educação Física da UFGD!

## Lara Elena Gomes

Entre a água, a terra e o ar... me deparo  
Na água, meu coração,  
Na terra, meu corpo,  
No ar, meus devaneios.

Quem sou eu? Me chamo Lara (Foquinha, para os íntimos). Sou gaúcha, nasci em 1987, em Porto Alegre, no dia de Iemanjá. Sou filha da Ivone e do Abelardo, casada com o Gustavo e mãe da Cecília. Prazer!

Todo ser humano é composto pelo seu passado, presente e futuro. O que vivi e o que vivo vão influenciar aquilo que está por vir, não como uma consequência direta, mas como uma rede de portas que se abrem e se fecham, determinado as oportunidades de crescer e/ou de mudar. Uma das maiores mudanças em minha vida foi, sem dúvida, o ingresso na universidade.

A vontade de estudar Educação Física iniciou-se por volta dos meus 14 anos de idade, quando percebi que queria ser como alguns dos meus professores de natação: alguém capaz de ensinar não somente movimentos, mas também princípios. Além disso, não há como esconder que a paixão pela natação — esporte que me acompanha desde os 6 anos de idade — foi o grande pivô do meu desejo de fazer a graduação em Educação Física mesmo contra a vontade dos meus pais.

Terminei o ensino médio em 2003, com 16 anos. Em janeiro de 2004, prestei o meu primeiro vestibular para ingressar no curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(UFRGS). Para a minha surpresa — como estudante de escola pública numa época em que não havia cotas —, fui a sétima colocada. Iniciei o curso em março de 2004 e, até o final, eu “vivi” a graduação! Chegava na ESEF<sup>62</sup> por volta das 7 horas da manhã e ia embora por volta das 18 horas, ou até mais tarde. Claro que isso envolve muito mais que o lado acadêmico ou profissional, posto que engloba uma rede de amizades. Particpei de monitorias, de grupos de pesquisa e de projetos de extensão. A seguir, listo em tópicos as minhas participações:

- Atuei como bolsista de extensão nas áreas de natação e de hidroginástica, no Centro de Esportes, Lazer e Recreação do Idoso (CELARI), de junho de 2004 até julho de 2005;
- Fui monitora da disciplina Fisiologia do Exercício (2005/2, 2006/1 e 2006/2), sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Reischak de Oliveira;
- Particpei do Grupo de Estudos em Fisiologia e Bioquímica do Exercício (2005/2, 2006/1 e 2006/2), sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Reischak de Oliveira;
- Atuei como bolsista de extensão no projeto de nado sincronizado de 2006 até 2010;
- Em 2006, comecei a participar do Grupo de Estudos em Natação Competitiva (GENC), coordenado pelo Prof. Dr. Flávio Castro;
- Fui monitora da disciplina Introdução à Biomecânica (2007/1 e 2007/2), sob orientação do Prof. Dr. Jefferson Fagundes Loss;
- Particpei do Grupo de Investigação da Mecânica do Movimento (BIOMEC), coordenado pelo Prof. Dr. Jefferson Fagun-

---

62 ESEF refere-se à Escola de Educação Física da UFRGS. Hoje, chama-se ESEFID (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança).

des Loss desde 2007, dentro do qual desenvolvi o meu trabalho de conclusão de curso (TCC), minha dissertação de mestrado e, finalmente, em 2015, minha tese de doutorado.

Ah... BIOMECH!!! Esse grupo de pesquisa foi fundamental para o meu desenvolvimento. Que fase boa! Compartilhava a vida com colegas/amigos! Academicamente, todas as minhas experiências na graduação resultaram, além de uma aprendizagem muito rica, em participações em eventos científicos nacionais e internacionais, bem como em publicações em anais de eventos e em periódicos científicos.

A partir disso, a entrada no mestrado foi simplesmente a continuidade da graduação. Meu orientador de TCC, Prof. Dr. Jefferson Fagundes Loss, incentivou-me a seguir a trajetória acadêmica e a fazer, sob sua orientação, o Mestrado em Ciências do Movimento Humano na UFRGS. Assim, após concluir a graduação, em dezembro de 2008, com o projeto intitulado Comparação dos Ângulos de Ataque e de Flexão do Cotovelo, durante um Palmateio de Sustentação, entre Praticantes de Nado Sincronizado e Atletas de Natação, ingressei no mestrado em agosto de 2009 para aprofundar a pesquisa que tinha iniciado na graduação, desenvolvendo a dissertação intitulada *Comparação entre forças propulsivas efetivas calculadas e medidas durante um palmateio de sustentação*, recebendo apoio da CAPES, na forma de bolsa, e do CNPq — via Edital Universal —, na compra dos equipamentos necessários para o desenvolvimento do trabalho.

O mestrado, sem nenhuma dúvida, foi um período intenso e riquíssimo em aprendizagem. Pude continuar ajudando colegas/amigos a desenvolverem seus projetos de pesquisa e de vida, pude também auxiliar meu professor a orientar alunos de graduação, além

de ministrar aulas na graduação, por meio do estágio docente. Em dezembro de 2010, apresentei a minha dissertação de mestrado, na qual a banca de professores incentivou a minha entrada direta para o doutorado, para que fosse possível aprofundar ainda mais o trabalho desenvolvido. Assim, imediatamente após apresentar a minha dissertação de mestrado, ingressei no doutorado na UFRGS. Além disso, também em dezembro de 2010, fui aprovada em primeiro lugar no meu primeiro concurso público para o magistério superior em uma universidade federal.

Aquele período se constituiu como um desafio, não pelo trabalho em si, mas pela necessidade de conciliar o doutorado em Porto Alegre (RS) com as minhas atividades de docente na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Petrolina (PE), sem poder me afastar, de fato, da UNIVASF. Assim, tive que aproveitar bem os momentos que podia dedicar ao doutorado. Por exemplo, durante minhas férias da UNIVASF, realizei um período de estudos, de aproximadamente 30 dias, na Universidade de Granada (Espanha), sob orientação do Prof. Dr. Raúl Arellano, um pesquisador de renome na área em que desenvolvi minha trajetória científica. Somente em março de 2015, defendi a minha tese de doutorado, intitulada *Forças propulsivas durante o movimento de palmateio: contribuições para a natação*.

Como já descrito, passei no concurso público para ingressar no magistério superior na UNIVASF em dezembro de 2010 e tomei posse em fevereiro de 2011. Desde então, trabalhei no Colegiado de Educação Física (CEFIS) da instituição em pauta, onde desenvolvi, além do ensino, também a extensão, a pesquisa e a administração. Em relação ao ensino na graduação, ministrei as disciplinas Natação

e Teoria e Metodologia do Treinamento Esportivo. Orientei 21 alunos em seus estágios obrigatórios e 11 alunos em seus TCCs. Em relação à extensão, coordenei, ao longo de 2013 e 2014, o projeto Hidroginástica para a Saúde, que teve continuidade sob a responsabilidade de outro colega. De 2015 até a minha saída da UNIVASF, coordenei o Projeto Aquaticus, que oferecia natação para crianças, adolescentes surdos e equipes de treinamento. Assim, desde 2013, orientei três bolsistas de extensão e sete alunos voluntários. Em relação à investigação científica, fui líder do Grupo de Pesquisa em Biomecânica do Esporte e Clínica (GPBEC), vinculado à UNIVASF e cadastrado no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq.

Logo após defender o doutorado, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNIVASF como docente permanente<sup>63</sup>. Assim, orientei minha ex-aluna de graduação, Ingrid Thaianne Soares Batista, no desenvolvimento do seu projeto de mestrado, intitulado Efeito da Área e da Forma de Palmares em Parâmetros Cinemáticos e Cinéticos em Nadadores Recreacionais. Também ministrei, na pós-graduação, a disciplina Estatística Aplicada à Educação Física. Hoje, oriento um aluno no desenvolvimento do seu projeto de mestrado, intitulado Termorregulação, Termocepção, Estado de Hidratação e Desempenho de Nadadores.

Como professora de dois cursos jovens na UNIVASF (licenciatura e bacharelado em Educação Física), aprendi, desde o meu ingresso, que trabalhar em uma universidade pública envolve mais do que ensino, pesquisa e extensão. Também envolve participação na área administrativa. Atuei, de forma bem ativa, em várias comissões,

---

63 Hoje, sou professora colaboradora devido à minha mudança para Dourados, MS.

como o Núcleo Docente Estruturante, a Comissão de Avaliação do Colegiado e o Comitê de Ética em Pesquisa.

Em 2017, consegui a redistribuição da UNIVASF para a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). As pessoas me perguntam: por que a redistribuição? A resposta foi: a família! No entanto, confesso que sinto muita falta dos amigos que lá deixei. Mas, mesmo a família sendo o norte, vivenciei a redistribuição para a UFGD por conta de mais uma coisa: a possibilidade de continuar trabalhando com a natação.

Conseqüentemente, ministro, no curso de licenciatura em Educação Física, as disciplinas de Natação e de Cinesiologia. Também, assim que cheguei, em outubro de 2017, já comecei a treinar um grupo de alunos da universidade, que participam de competições locais de natação associadas aos seus cursos de graduação (Engenharia e Medicina).

Inicialmente, após a vinda para Dourados, estava tudo tranquilo no trabalho e em casa, até que assumi a coordenação do curso na UFGD em fevereiro de 2018. A coordenação exige muita dedicação. Como também sou nova na instituição, ainda estou aprendendo sobre o funcionamento da universidade. Espero conseguir fazer um bom trabalho para o desenvolvimento do nosso curso. Por outro lado, meus sonhos acadêmicos estão, por enquanto, em *stand by* por conta do excesso de trabalho. Quero muito desenvolver um projeto de extensão com natação para crianças. E, em algum momento, terei que pensar em como vou desenvolver a pesquisa por aqui. Na UNIVASF, já estava conseguindo desenvolver pesquisas com natação na graduação e no mestrado; já aqui, terei que construir tudo de novo considerando a realidade presente.

Para crescer, é necessário se transformar sem parar para evitar a estagnação. E é assim que me sinto neste momento: estou me transformando, mas ainda não sei por qual trilha vou seguir. Mas posso dizer que, se estou aqui, é porque devo contribuir para o fortalecimento do curso de Educação Física, tentando auxiliar os estudantes a encontrarem seus caminhos. Profissionalmente, não há nada que me deixe mais feliz do que poder ajudar alguém a evoluir.

### **Manuel Pacheco Neto**

No interior do estado de São Paulo, cinquenta quilômetros ao sul de Ribeirão Preto, há uma cidade pequena, cujo casario assenta-se num vale cercado por morros relativamente altos, ora relvados, ora cobertos por matas. O nome dessa cidade é São Simão. Foi lá que nasci, em novembro de 1965, filho de Marilena Dorothea Toffoli Pacheco (*in memoriam*) e de Manuel Pacheco Júnior. Minha mãe, professora primária de carreira, descendia de imigrantes italianos, os do lado paterno oriundos de Verona e os do materno provenientes de Perúgia. Meu pai, contabilista e professor secundarista, hoje com 88 anos, desce, pelo lado materno, também de imigrantes italianos e, pelo lado paterno, de imigrantes portugueses, provindos da Ilha de São Miguel.

Meus pais não me legaram bens materiais, mas posso dizer, com tranquilidade, que o que me deixaram vale muito mais que qualquer bem de consumo, seja ele efêmero, como um carro de luxo, ou duradouro, como uma extensão de terra. Tê-los como progenitores é um grande privilégio, pois o que me ensinaram atravessou as décadas comigo, guiando-me, orientando-me, iluminando-me, sustentando-me.

Seus ensinamentos, além de temperados com afeição e amor, eram marcados por sólidos exemplos práticos.

Meu pai lecionava Língua Portuguesa e Literatura na Escola Capitão Virgílio Garcia, estabelecimento em que, posteriormente, vivenciei parte de minha vida estudantil. Ele tinha uma grande e antiga estante abarrotada de livros. Os títulos ali eram bastante variados, indo de escritores nacionais, como Machado de Assis e Graciliano Ramos, a autores estrangeiros, como Gabriel Garcia Marques e Ernest Hemingway, incluindo ainda compêndios de gramática e enciclopédias. Leitor contumaz, ele estava sempre comprando livros, que, ao longo do tempo, foram se espalhando pela casa e se acumulando em seu escritório de contabilidade. Muito querido na comunidade, acabou sendo levado por amigos a entrar na política, elegendando-se vereador e posteriormente presidente da Câmara Municipal numa época em que o exercício da vereança não tinha qualquer remuneração.

Sua esposa, minha mãe, era conhecida como uma professora de grande competência. Exímia alfabetizadora, exercia seu trabalho na escola rural da Fazenda Santo Antônio, situada nas terras próximas da divisa dos municípios de São Simão e Cravinhos, às margens da Rodovia Anhanguera. Também leitora constante, ela conhecia os autores clássicos e os citava em ocasiões diferentes. No entanto, o que ela melhor fazia era ser mãe de seus cinco filhos, cobrindo a todos com seu zelo e cuidado. Meus pais nunca me falaram sobre a importância da leitura, e sim me ensinaram a gostar de sua prática, assim como fizeram com meus quatro irmãos, que se tornaram, como eu, leitores habituais.

Antônio, meu irmão mais velho, foi líder de uma banda e hábil baterista em sua juventude. Excelente letrista e compositor, foi também

destacado violonista, obtendo vitórias em festivais de música da época. Depois, se formou em medicina e se especializou em pneumologia, tornando-se cirurgião torácico e salvando muita gente da morte na mesa de cirurgia. Durante grande parte de sua vida, dedicou-se à prática regular do futsal, até que uma lesão no joelho o impediu de continuar vivenciando este lazer. Hoje é vice-prefeito de Jundiá, SP, onde ainda mantém clínica médica.

Rita, que nasceu depois dele, sempre foi a interlocutora mais frequente de nosso pai nos serões após os jantares familiares, quando ambos se locupletavam conversando sobre poesia e literatura. Naquelas ocasiões, era comum ela declamar poemas célebres, como *A Tabacaria*, de Fernando Pessoa, ao passo que meu pai, entusiasmado, recitava extensos trechos de *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões. Rita cursou Letras e seguiu carreira acadêmica, atuando como professora e pesquisadora da área de Linguística. Aposentou-se na UFGD em 2013, após uma extensa contribuição não apenas na docência e na pesquisa, como também na administração da universidade, onde foi Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis. Depois de sua aposentadoria na UFGD, prestou novo concurso para atuar como docente e pesquisadora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), onde atua até hoje.

André, nosso irmão do meio, é um humorista nato, que sempre animou as reuniões de família, com suas piadas e histórias hilariantes. Ele também demonstrou, desde cedo, um grande talento para a comunicação, o que o levou a formar-se em jornalismo e a exercer a profissão de locutor em diversas rádios, atuando em programas musicais, policiais e esportivos. Sua paixão pelo futebol, aliada à sua memória prodigiosa, fez dele um “arquivo” dessa modalidade, imprimindo uma caracte-

rística ímpar ao seu trabalho, cuja qualidade sempre impressionou os ouvintes. Sua carreira foi marcada também pelo exercício da imprensa escrita, em jornais do interior de São Paulo.

Giovana, nossa irmã caçula, cresceu cativando a todos com sua maneira de ser. Sempre pronta a ajudar os outros, ela deixava de lado seus compromissos pessoais caso alguém estivesse necessitando de seu auxílio. Sua notável propensão à sociabilidade propiciou-lhe um amplo círculo de amizades, recorrentemente cultivado por intermédio de convivência frequente. Obteve graduação em Letras, mas optou por trabalhar em outra área. Prestou concurso público e atua, há vários anos, como oficial de promotoria no Fórum de Piracicaba, SP.

Foi dentro dessa família que cresci. Se falei dela até agora, é para que eu possa falar de mim com mais propriedade, pois sou resultado, em grande medida, desse primeiro grupo social do qual fiz parte. Uma de minhas mais remotas lembranças de infância remonta às transmissões televisivas da Copa do Mundo de 1970, disputada no México, competição vencida pelo Brasil, que então sagrou-se tricampeão mundial de futebol. Assisti a vários jogos em preto e branco e até hoje lembro, com clareza, da nossa rua completamente vazia, quando fui até nossa varanda no intervalo da decisão contra a Itália, e depois do jogo, a mesma rua completamente tomada pela carreata — àquela época comumente chamada “corso” —, pelo buzinaço e pelos fogos de artifício, comemorando os 4 a 1.

Assistir a jogos de futebol era um dos hábitos de meu pai. Corinthiano convicto, ele frequentemente nos levava a estádios. Assim, no decorrer da década de 1970, foram várias as oportunidades em que fomos ver o Corinthians, às vezes contra o Botafogo, no Estádio Santa Cruz, às vezes contra o Comercial, no Estádio Francisco

Palma Travassos, ambos em Ribeirão Preto. Também fomos, algumas vezes, torcer pelo nosso time contra a Ferroviária, no estádio Adhemar de Barros, em Araraquara. Embora nós gostássemos bastante de ir a Ribeirão e Araraquara, a empolgação maior acontecia quando íamos a São Paulo assistir o “timão” contra o Palmeiras, o Santos e outros grandes clubes paulistas, a maior parte das vezes no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o célebre Morumbi. Naquelas viagens, realizadas na Rodovia Anhanguera, íamos conversando sobre as perspectivas do jogo. Lembro-me especialmente de uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 1976 contra o Internacional de Porto Alegre. Eu e meu irmão André viajávamos no banco de trás, meu pai dirigia e, ao seu lado, com o jornal aberto na página de esportes, meu irmão Antônio fazia a leitura dos prognósticos do jogo.

O Internacional era, naqueles dias, o melhor time do país. Campeão Nacional em 1975, o time do Rio Grande do Sul vinha fazendo uma campanha brilhante também em 1976. Para o Corinthians, as expectativas não eram as melhores. Tecnicamente, a diferença entre os dois times era muito grande. No entanto, o futebol, além de reservar surpresas, costuma premiar a “garra”, ou, como se dizia também naqueles tempos, a “raça”. Assim, contra as previsões, fomos premiados com uma vitória por 2 a 1. O Morumbi lotado de corinthianos quase veio abaixo. A mirrada torcida gaúcha, em completo silêncio, saiu do estádio às pressas, desapontada e, ao que parecia, também amedrontada.

Além do jogo propriamente dito, cada vez que íamos à capital, a satisfação era grande por outros motivos, como a vivência de um programa em família, a viagem pela rodovia e também a boa comida, saboreada no Restaurante Frango Assado — almoço — e no Restau-

rante Lago Azul — jantar — ambos existentes até hoje às margens da Anhanguera, na altura do município de Louveira. Esse “roteiro gastronômico” era invariável e completamente aprovado por todos. Essas viagens são recordadas por nós até hoje. No entanto, nossa maior satisfação como torcedores não ocorreu em nenhum estádio, e sim na sala de nossa casa, em frente à tela de nossa primeira televisão colorida, quando nosso time sagrou-se Campeão Paulista de 1977 diante da Ponte Preta, quebrando um jejum de mais de 22 anos sem títulos estaduais.

Aliás, foi no início daquele ano letivo que, cursando a quinta série ginásial na Escola Estadual Capitão Virgílio Garcia, tive contato, pela primeira vez, com a Educação Física, disciplina escolar que interessa majoritariamente a este relato por motivos óbvios. As aulas ocorriam numa quadra poliesportiva que, mesmo não sendo muito deteriorada, já não era nova àquela época. O piso de cimento era relativamente áspero e não havia cobertura. Aliás, nenhuma escola pública tinha quadra coberta na década de 1970. Como estudávamos à tarde, enfrentávamos o período de maior intensidade do sol. Mas isso não diminuía nosso entusiasmo. Tínhamos onze ou doze anos, e nossa energia parecia não ter fim.

Eu gostava de participar de todas as atividades da Educação Física, especialmente da modalidade futsal, que, na época, todos chamavam de futebol de salão e cuja bola era menor, mas bem mais pesada que a de hoje, característica que a fazia quicar bem menos, além de exigir um esforço um pouco maior do praticante tanto em sua condução rumo à meta adversária quanto nas finalizações. Quando, por algum motivo, a bola oficial de futsal não estava disponível, jogávamos com uma bola de plástico, também pesada, mas que “pingava”

bastante, conhecida como “Dente de Leite”. Nessas ocasiões, não era raro alguém ser “carimbado” ao interceptar um chute forte, ficando com uma nítida marca vermelha no local devido ao peso e à densidade daquele singular material esportivo. Na época, usava-se muito uma espécie de tênis chamado Kichute, que era uma imitação barata de chuteira, confeccionada em lona preta. A má qualidade de sua fabricação já se revelava em seus cadarços extremamente extensos, que sobravam muito. Seus cravos de borracha — que imitavam os das chuteiras — deixavam fortes marcas pretas no cimento da quadra.

Além do futsal, que era predominante, nosso professor também trabalhava conosco o basquete, o vôlei e as corridas. No basquete — ou “bola ao cesto”, como muitos diziam na época —, eu não era dos piores, pois fui convocado algumas vezes para representar o time da escola. No vôlei, eu não me saía bem. Já nas corridas, que eram realizadas não só na quadra, como também nos espaços externos adjacentes à escola, ninguém conseguia me alcançar. A Educação Física, além de propiciar o extravasamento de nossa energia pré-adolescente, contribuiu ainda para estimular a prática de atividades fora do horário de aula. Uma derrota na quadra da escola ensejava um desafio ao time adversário a ser cumprido fora da aula. Foi assim que começamos, vez ou outra, a nos reunir para jogar futebol no largo da Estação Ferroviária da Companhia Mogiana. Essa prática esporádica acabou adquirindo constância e, ao cabo de algum tempo, frequentávamos o largo da Mogiana todas as noites, disputando diversas partidas. Bastante espaçoso e asfaltado, o largo era inclinado lateralmente, de maneira que, quando a bola era direcionada para o lado da descida, precisávamos correr mais para alcançá-la. Não jogávamos com goleiros, e sim improvisávamos dois pequenos gols em cada uma das extremidades daquele amplo espaço,

o que tornava as partidas muito disputadas devido à dificuldade de marcar gols naqueles diminutos espaços demarcados por tijolos ou pedras, espaços aqueles defendidos ferozmente pelos adversários. As “pancadas”, na maioria das vezes involuntárias, eram constantes, deixando muitas canelas roxas e, de vez em quando, forçando alguns moleques a deixar de jogar por alguns dias.

Outra atividade da qual eu gostava bastante era o ciclismo. Lembro com clareza quando, num aniversário — 10 ou 11 anos —, ganhei de meus pais uma bicicleta Caloi 10, que como o próprio nome sugere, tinha 10 marchas. Aquela *bike* de corrida substituiu uma Monark velha que eu tinha e me proporcionou diversão por um bom tempo. Os anos foram passando e, por conseguinte, a vida estudantil foi seguindo. No segundo grau, eu pensava no que fazer de minha vida. Ainda não havia decidido qual profissão seguir, qual graduação cursar. Na verdade, acho que o que eu queria mesmo era adiar a responsabilidade do vestibular e, por conseguinte, do ingresso num novo ritmo de vida. Na época, a turma que jogava futebol no largo da Mogiana, embora ainda mantivesse a amizade, já havia se dissipado parcialmente devido às naturais responsabilidades provindas da pesada carga estudantil do segundo grau. Assim, naturalmente, não havia mais a *pelada* em frente à estação. Naquela nova fase, jogávamos futsal na Quadra Poliesportiva “Edmur Medeiros”, dependência pertencente à Prefeitura Municipal, localizada no centro da cidade. No entanto, os treinos não eram constantes, ocorriam esporadicamente e, muitas vezes, o número de participantes não era suficiente para formar dois times. Assim, comecei a praticar atividades físicas individualmente, subindo a pé o morro do cruzeiro — esse nome se deve a uma gigantesca cruz de concreto que existe em seu topo —,

caminhando ao longo da estrada de ferro ou pelas diversas estradas que ainda hoje existem na zona rural de São Simão.

Um dos lugares que eu frequentava quase diariamente era o Centro Poliesportivo Municipal “Mauro Furlan”, dependência pública ainda bastante conservada naquela segunda metade da década de 1980. Lá, eu corria várias voltas na raia externa da pista, ao redor do campo de futebol. Percorrer longas distâncias correndo era, para mim, uma atividade particularmente benéfica, que me propiciava um bem-estar muito grande durante a prática e depois dela. Hoje, sei que isso se deve pela produção de endorfina, mas, na época, o que eu sabia era que aquilo me fazia muito bem e ponto final. Além disso, praticar exercícios cotidianamente me distanciava um pouco da pressão dos estudos. Observando aquele cotidiano, minha mãe sugeriu que eu prestasse vestibular para Educação Física, sendo nisso apoiada por todos da família. Já para mim, praticar exercícios era uma coisa, encarar uma faculdade era outra.

Concluí o segundo grau e não parti direto para o vestibular. Fiquei um ano inteiro sem estudar, descansando, e, mesmo ao final daquele período, eu não estava pretendendo deixar de descansar. Minha mãe, então, tomou a iniciativa pessoal de providenciar minha inscrição no vestibular de duas instituições de ensino superior: Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Ela fez isso e me disse que, caso eu não gostasse do curso, que o largasse e partisse para outro depois. Minha mãe foi, portanto, a responsável direta pelo rumo que acabei tomando em minha vida. Por isso, a ela presto minha homenagem neste momento. Passei nos dois vestibulares e optei pelo curso da UNIMEP, superior na época e até hoje tanto em estrutura física quanto em termos pedagógicos.

Comecei o curso em março de 1987 e não demorei a perceber duas coisas: 1) aquele era o caminho que eu queria trilhar, e 2) o curso de Educação Física não era, de forma alguma, fácil como muitas pessoas pensavam.

A associação entre conhecimentos oriundos das Ciências Humanas e Biológicas faz da Educação Física uma área bastante diferenciada, propiciando aos estudantes uma compreensão de fato única acerca da condição humana. Em minha graduação, perscrutei detidamente essa importante especificidade — que apresenta alicerces nos campos da Filosofia, da História, da Didática, da Anatomia, da Cinesiologia, da Fisiologia etc. —, construindo uma convicção inarredável acerca da acentuada importância da atuação do professor de Educação Física não apenas na escola, como em toda a sociedade. Depois de formado, comecei a cogitar possibilidades de estabelecer-me como professor. Foi quando um convite para vir para Dourados partiu de minha irmã Rita, que já morava aqui havia cinco anos, exercendo a profissão de professora universitária.

Aqui chegando, imediatamente comecei a procurar emprego. Era julho de 1990. Dois meses depois, consegui umas aulas na Escola Anchieta, instituição particular que funcionava na Rua Toshinobu Katayama. Consegui também umas aulas em substituição na Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, no Parque das Nações, bairro cujas ruas, na época, não eram asfaltadas. A carga maior era na Escola Tancredo Neves, mas além de ser uma curta substituição de três meses no período noturno, o salário ainda começou a atrasar, o que não era incomum na gestão do então governador Marcelo Miranda, impondo aos servidores estaduais um orçamento não apenas proibitivo, mas também inconstante. Na época, eu havia começado a namorar

Ana Cláudia, atualmente minha esposa. Ela me “financiava” lanches, contribuía na gasolina da moto e me ajudava em todos os sentidos. Depois de mais alguns meses juntos, em dezembro daquele ano, ficamos noivos.

Em termos de trabalho, o ano letivo de 1991 não começou bem. As aulas em substituição na Escola Tancredo Neves já haviam acabado no final do ano anterior. Continuei com o trabalho na Escola Anchieta, mas o que eu ganhava era muito pouco para sobreviver, principalmente com os planos que tínhamos de um futuro a dois. Fiquei sabendo, por meus familiares, que haveria um concurso para Coordenador de Esportes da Prefeitura de São Simão. Fiz minha inscrição, passei por todas as etapas do processo e fui aprovado. Aproveitei minha ida a São Simão para prestar o concurso e procurei saber, nas escolas, se havia aulas de Educação Física em disponibilidade. A sondagem deu resultados positivos, pois revelou perspectivas de início imediato em duas instituições de ensino. Assim, retornei a Dourados, conversei com Ana e, diante das boas perspectivas, decidimos ir para São Simão, minha terra natal, onde trabalhei, a partir de então, durante cinco anos, exercendo a coordenação de esportes na prefeitura e ministrando aulas em todas as escolas lá existentes — ao longo dos cinco anos já mencionados —, incluindo as duas onde eu havia estudado. Diversos fatores, incluindo a mudança na configuração política da prefeitura — o que inviabilizou a continuidade do diversificado trabalho esportivo que eu vinha desenvolvendo —, impulsionaram-me a pensar em buscar outras oportunidades.

Dourados acenava favoravelmente devido à presença de nossos familiares. Assim, em julho de 1996, voltávamos para cá. Naquela fase de transição, foi essencial o apoio da família da Ana, bem como de

meus familiares que aqui moravam. Assumi imediatamente algumas aulas em substituição na Escola Weimar Torres. Simultaneamente, fiquei sabendo da necessidade de um professor de Educação Física na APAE da cidade de Itaporã, onde também comecei a trabalhar, viajando até lá de ônibus diariamente. Também retomei os estudos, fazendo um curso de especialização em Metodologia do Ensino Superior. Em 1997, comecei a trabalhar na Escola Imaculada Conceição e no Departamento de Esportes do Clube Indaiá como coordenador. As coisas caminhavam.

No final de 1999, obtive aprovação no processo seletivo para ingresso no Mestrado em História da UFMS, então recém-implantado no antigo Centro Universitário de Dourados (CEUD). Àquela altura, eu já havia pedido demissão do Indaiá e iniciado minha carreira de docente no ensino superior, no curso de Educação Física de uma instituição hoje extinta, nomeada Faculdades Integradas de Fátima do Sul (FIFASUL). Eu gostava da totalidade do trabalho que eu estava desenvolvendo naquele momento, pois ministrava aulas de Educação Física na Escola Imaculada — assim trabalhando o aspecto prático da profissão —, lecionava num curso superior de Educação Física — assim exercitando e aprimorando meus conhecimentos teóricos — e, por fim, ocupava-me de uma pesquisa de mestrado que focava a motricidade humana na História do Brasil. Defendi minha dissertação em agosto de 2002, já começando a pensar no doutorado.

Em dezembro de 2003, submeti-me ao processo seletivo do doutorado em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Fui aprovado e, em março de 2004, iniciei o curso, viajando de ônibus às terças para Piracicaba e, de lá, voltando às quintas-feiras. Eu havia conseguido ajustar meus horários de trabalho,

conciliando as aulas em quadra, a docência na faculdade e as viagens a Piracicaba. No entanto, em 2006, para imprimir mais qualidade e celebridade à pesquisa do doutorado, que envolvia livros didáticos, decidi pedir demissão da Escola Imaculada, pois, sem aquela sobrecarga de aulas, a investigação fluiria mais, especialmente em sua reta final. Em junho de 2007, defendi minha tese. Na época, eu ainda continuava trabalhando no curso de Educação Física da FIFASUL. Em agosto daquele ano, ingressei na Faculdade de Educação da UFGD como professor substituto.

No início de 2008, solicitei meu desligamento da FIFASUL, pois um concurso para professor efetivo da UFGD seria realizado em maio e era preciso não apenas estudar para obter aprovação, como também me dedicar mais ao trabalho que eu já estava desenvolvendo na instituição. Fui aprovado no dito concurso e ingressei como docente adjunto da FAED/UFGD, o que me propiciou um contentamento muito grande, além de uma experiência inicial sem igual em minha carreira profissional, pois, a mim, foram atribuídas, nos dois semestres letivos daquele ano, as seguintes disciplinas, ministradas não apenas na FAED, mas também em outras faculdades/cursos da instituição: Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação; Sociologia e Política da Educação; Políticas Públicas de Educação; Currículo e Ensino de História e Geografia; Prática de Ensino de Geografia; Educação e Antropologia Cultural; Arte, Corpo e Educação; Seminário de Pesquisa — esta no curso de especialização organizado pelo curso de Pedagogia. Enquanto essas disciplinas eram ministradas, as conversas sobre e os preparativos iniciais para a implantação do curso de Educação Física avançavam.

Não cabe aqui discorrer sobre aspectos relacionados ao início e ao funcionamento posterior do curso, pois este livro foca este tema.

Digo apenas que sinto orgulho de fazer parte da história do curso desde antes de sua fundação até os dias atuais. Fui o primeiro professor de Educação Física a participar desse sonho e a contribuir para a sua realização numa época em que colegas da FAED, sem formação na área, colaboraram de maneira decisiva, propiciando um apoio fundamental às ações necessárias à concretização do curso que, hoje, bem mais consistente — posto que conta com vários professores com formação na área —, prepara-se para comemorar dez anos de existência.

Fazer parte dessa história me propiciou muito contentamento, mas também percalços, como o acidente no qual me envolvi na Avenida Guaicurus em dezembro de 2010, quando me dirigia à universidade para coordenar o processo seletivo do primeiro curso de Especialização em Educação Física Escolar da instituição. Aquele acidente me levou à beira da morte e, entre outras graves consequências físicas — das quais me recuperei lentamente —, determinou a amputação de minha perna direita. Entre as coisas que aprendi naquele episódio, destaca-se a lição de solidariedade de grande parte de meus colegas da FAED, que me visitaram no hospital e depois em minha casa, apoiando-me em meu regresso à vida e ao trabalho. Também o reitor e outros integrantes da administração da universidade estiveram em minha casa prestando solidariedade. Apenas reitero aqui meus agradecimentos, pois já agradei a todos pessoalmente quando de suas manifestações. Também reitero meus agradecimentos ao corpo discente do curso de Educação Física que, além da presença em minha casa, das cestas de café da manhã enviadas e das várias manifestações de apoio, criou a página virtual — Orkut — “Força Professor Manuel Pacheco”, com mensagens e trocas de informações sobre o meu processo de recupe-

ração. Todas as manifestações foram importantes, insuflando ânimo e energia num momento em que eu precisava.

Derradeiramente, cumpre dizer que, sem minha família, que me acompanhou diuturnamente, eu não teria conseguido retornar às atividades. O amor, o cuidado e o desvelo foram imensos! Formaram esse fraterno e vigilante círculo: minha esposa, meus quatro filhos, meus quatro irmãos e meu pai.

Em março de 2012, depois de recuperado, retornei à FAED, aos afazeres de minha profissão, ministrando aulas, pesquisando, atuando no Pibid. Outros colegas da área da Educação Física foram aprovados em concursos e passaram a integrar a FAED. No início de 2013, fui convidado pela reitoria a assumir o cargo de Coordenador de Formação e Integração Comunitária na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, oportunidade em que pude redigir a Política de Lazer e Esportes da UFGD, documento aprovado pelo Conselho Universitário e que estabelece rumos e parâmetros para a condução das atividades de lazer e esportes na universidade. Também no exercício desse cargo, auxiliado por uma equipe excelente, pude realizar duas edições dos Jogos Abertos da UFGD, reunindo, nas duas oportunidades, 206 equipes — nos naipes feminino e masculino — nas modalidades futsal, basquetebol, voleibol e handebol.

No final de 2015, fui aprovado no processo seletivo do PNPd/CAPES para realizar estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no estado da Bahia. Passei o ano de 2016 licenciado, pesquisando diariamente, bem como viajando a cada três meses para desenvolver o cronograma do projeto proposto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UEFS. Da atividade de pesquisa desenvolvida no âmbito desse estágio, resultou uma produção

que, no futuro, será publicada em forma de livro. O tema focado foi “A corporeidade na Educação Física escolar: um estudo da produção acadêmica produzida entre 1980 e 2016”.

Em 2017, retornei à FAED e tive a grata satisfação de perceber que o grupo de professores com formação em Educação Física se encontrava, claramente, em avançado estado de consolidação. Notei que tínhamos uma equipe dinâmica, que tornava as ações mais exequíveis. Em considerável medida, esse progresso se devia aos recém-chegados, que haviam se integrado ao ambiente da FAED e estabelecido diálogos bastante produtivos com os mais “antigos”. A complementaridade entre o que já havia sido feito e a força dos projetos do futuro engendrou um novo tempo para o curso de Educação Física, no qual já não há mais poucos braços para o trabalho, um tempo destinado a muitas realizações. Com minhas limitações, quero contribuir com o que ainda está por vir. Eis, em termos gerais, a minha trajetória até o momento.

### **Marina Vinha**

Em comemoração dos 10 anos da licenciatura em Educação Física da UFGD, a equipe de professores foi presenteada com a publicação deste livro escrito pelo Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto, que solicitou que nós, docentes, narrássemos nosso percurso, individualmente. Apresento, então, um memorial do meu percurso, onde deixo registrado o meu agradecimento e os cumprimentos à equipe da licenciatura pelo legado de uma década.

Em 1970, meus pais vieram para Dourados, deixando o interior de São Paulo — Mirassol e São José do Rio Preto. Foi assim que me vi mudando de ideia: deixei de cursar o antigo Clássico (nível médio para estudo de línguas) para cursar o Normal na Escola Imaculada Conceição em Dourados. Enquanto frequentava o Normal, mas ainda ligada à ideia dos estudos em línguas, em 1972, fiz um “curso de férias”<sup>64</sup> em Campo Grande, o que me autorizou a lecionar língua portuguesa onde não houvesse professores formados. Assim, com o título provisório, ministrei aulas no ensino fundamental, na Escola Estadual Presidente Vargas, em Dourados e, posteriormente, em Campo Grande.

Com a energia própria da juventude, queria muito continuar os estudos. Estava sofrido permanecer inativa. Foi quando recebi um convite para prestar o vestibular de um novo curso chamado Educação Física e Desportos. Em 1973, meu pai me levou, em um velho Jeep, até Campo Grande, por uma estrada de terra, durante um longo dia de viagem. Após ser submetida às provas de corrida, força, desafios aquáticos, testes e exames de saúde, fui aprovada naquele curso da antiga Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), assim denominada depois da divisão do estado, que ocorreu em 1977.

Foram anos difíceis, pois, além de minha família não ter recursos financeiros para me manter, o curso de Educação Física e Desportos tinha uma formação influenciada pelas escolas militares, de forma que predominavam nele os conteúdos esportivos<sup>65</sup> e as exigências motrizes estavam focadas na valorização irrefletida dos con-

64 Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), que vigorou no país a partir da década de 1950 até pouco depois de 1970, sendo implementada nas diversas regiões do Brasil.

65 Para aprofundar o conhecimento sobre o período histórico mencionado, sugiro a leitura de Lino Castalani Filho. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1998.

teúdos esportivos. Além disso, era uma formação com pouca leitura, muita prática esportiva e quase nenhuma chance de aceitação das ideias diferentes que começavam a circular pela academia. Eu tinha capital motriz rural e pouco capital urbano vigente no ambiente citadino, onde o esporte e as ginásticas estavam se disseminando e sendo altamente valorizados. Meus professores universitários vieram do interior de São Paulo, sendo uma das professoras formada no Rio de Janeiro. Eles seguiam religiosamente aquele pensamento tecnicista. Eram rigorosos quanto ao gesto motor esportivo, fiéis às metodologias que visavam unicamente às técnicas e afeitos à formação rígida, de obediência incondicional, no formato militar. Quem não atendia a esse postulado era humilhado e caluniado. Daquele período, tenho gratas recordações<sup>66</sup> de uma das professoras.

O curso possibilitava a formação em licenciatura e bacharelado, abrindo-me as portas para ministrar ginástica em academias — que eu apreciava — ou atuar na escola. Conheci os dois ambientes e foi incontestável o meu interesse pela Educação Física escolar. Assim, fui desenhando minha vida profissional de forma que, desde 1973, tenho registros dos contratos e da aprovação em dois concursos públicos para ministrar aulas de Educação Física escolar. No ano de 2018, completei 45 anos de atuação com pré-adolescentes, jovens e adultos. Mesmo quando iniciei minha atuação no ensino superior, em 2000, também atuava, concomitantemente, em escolas da educação básica.

Em 1986, fui convidada a compor a equipe que coordenava a Educação Física em toda rede estadual de Mato Grosso do Sul, pois o mérito da qualidade da minha atuação profissional nas escolas públi-

---

66 Maria Antonieta Medeiros de Mesquita foi uma professora autoritária, mas a mais afetuosa, sincera e honesta que passou pela minha formação. O brilho do seu olhar sempre me vem à memória.

cas repercutiu na Secretaria de Estado da Educação (SED). Assim, de 1986 a 1990, atuei na Coordenadoria de Educação Física da SED. Foram anos profícuos, com recursos para a realização de capacitações pelo estado todo, bem como para a compra de materiais para as escolas. A equipe estava composta por quatro<sup>67</sup> profissionais, todos voltados à Educação Física escolar. As capacitações eram continuadas e atendiam a todos os profissionais da rede estadual. Os ministrantes eram Go Tani, Celi Nelza Taffarel, Silvino Santin, Jefferson Canfield, Ruy Krebs (*in memoriam*), dentre outros convidados que publicavam bastante naquele período. O comum entre eles era que refletiam sobre a Educação Física escolar e a sociedade. Acompanhando autores e cursos, ampliei meu conhecimento acerca da Educação Física voltada à formação de cidadãos.

Simultaneamente, vivenciei a fase que antecedeu a nova constituição (publicada em 1988), com atenção especial no que dizia respeito ao movimento de mulheres, o que me levou a atuar como conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, representando organizações não governamentais (ONGs) feministas. Em 1990, eu ainda compunha a coordenação do setor da Educação Física quando fui convidada a assumir a Coordenadoria de Educação Básica da SED-MS, ou seja, todos os profissionais das demais áreas da Educação constituíam essa coordenadoria. Foi um período bastante intenso e impactante na minha vida profissional. Ali, os desafios eram muitos, pois cada equipe das diferentes áreas da Educação tinha suas especificidades, e atendíamos o estado com viagens e formações continuadas *in loco*, ou

---

67 Maria Lúcia Paniago, Ricardo Leite, Paulo Melo e Marina Vinha.

seja, em cada “agência”<sup>68</sup> localizada nos maiores municípios de Mato Grosso do Sul. Assim, conheci quase todos os municípios do estado.

Foi então que, em 1991, a SED me convocou para coordenar a Educação Escolar Indígena no estado, por força da Constituição de 1988. Relutei muito, pois nada sabia sobre essa população, mas a Secretária de Educação, na época, afirmava que eu tinha perfil para encarar situações inovadoras. Já havíamos passado por seis constituições<sup>69</sup> no país desde 1884, e apenas a sétima, a de 1988, dedicou um capítulo à população indígena. De 1991 a 1995, estive à frente do Núcleo de Educação Escolar Indígena (NUEEI) da SED-MS, o primeiro desta natureza na história do Brasil<sup>70</sup>, cuja abrangência era de 25 municípios e duas coordenações regionais da FUNAI. As escolas indígenas eram da competência da FUNAI e estavam sob o comando das missões religiosas. Não havia cadastro nem dados de quantas eram, onde se localizavam, como funcionavam. A FUNAI dispunha de poucos dados sobre a educação escolar das etnias sob sua jurisdição. A instituição estava mais voltada ao controle interno das comunidades e à produção agrícola, começando a tratar de questões complexas, específicas, das sete etnias<sup>71</sup> que povoam o estado de Mato Grosso do Sul, questões como, por exemplo, os conflitos de terra. Visitei pessoalmente a quase totalidade dessas etnias/comunidades, entregando material escolar para todas as escolas lá existentes.

O estado dispunha de poucas rodovias asfaltadas, portanto, era difícil chegar às estradas vicinais que conduziam às aldeias. Os carros

---

68 Antes eram as “delegacias de ensino”.

69 As constituições de 1884, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 sequer citavam a presença dos povos indígenas. A de 1988 estabelece um capítulo dedicado aos povos autóctones.

70 Somente os estados brasileiros com populações indígenas, em torno de sete, constituíram seus NEEI.

71 Ofaié, Guató, Kinikinawa, Terena, Guarani, Kaiowá e Kadiwéu.

oficiais não transitavam na chuva por causa do risco de atolamento. Para sanar o problema, em nome do estado, consegui uma caminhonete<sup>72</sup> para transportar o material escolar, pois eles chegavam às aldeias somente em junho ou julho, ficando interceptados nos municípios por questões políticas. Assim, conheci todo o Cone Sul dos Guarani e Kaiowá; a região de Três Lagoas da terra Ofaié; a fronteira com a Bolívia, via Corumbá, e a Ilha Insua, terra dos Guató; toda a região do entorno de Campo Grande — Miranda, Dois Irmãos do Buriti, Aquidauana e demais municípios —, terras Terena, que também hospedam os Atikum; a região da Bodoquena, Bonito e Porto Murtinho, onde ficam as terras Kadiwéu, dos Guaicuru — indígenas cavaleiros — e dos Kinikinawa.

Nas terras Kadiwéu, eu parei. As demais etnias tinham dificuldades para manter suas terras. Os Kadiwéu não sofriam desse mal. Eles dispunham de seu território por terem sido guerreiros e enfrentado a Coroa Portuguesa estabelecida no Brasil. Dom Pedro II, em 1867, passou-lhes, com titularidade, 514 mil hectares de terras ancestrais. Mas a educação escolar deles era muito precária, pois habitavam uma região inóspita. Com uma aproximação mais continuada, recebi autorização para desenvolver meus estudos acadêmicos, mestrado e doutorado, conforme relatos nos subitens a seguir. Em troca ofereci atualização técnica em futebol<sup>73</sup>, que eles muito desejavam.

---

72 Veículo cedido por uma instituição federal, já com o motorista. Hoje, tal motorista atua na Fundesporte, e nos reencontramos em 2016, na UFGD, por ocasião de uma assessoria do Ministério do Esporte.

73 Sugestão de leitura com os relatos desse período estão na dissertação e na tese de minha autoria.

## *Pós-graduações*

Quando saí da coordenação do NUEEI/SED/MS, fui morar em Campinas, SP, onde permaneci por oito anos para cursar o mestrado em Educação Física na UNICAMP, dando continuidade aos estudos com o doutorado. Uma antropóloga e profissional de Educação Física<sup>74</sup>, a PhD Maria Beatriz Rocha Ferreira, aceitou me orientar na pesquisa sobre jogos tradicionais e a chegada do fenômeno esporte na transição do guerreiro kadiwéu em atleta.

Cheguei na Faculdade de Educação Física (FEF) da UNICAMP em 1996, levando na bagagem intelectual uma pós-graduação, em nível de especialização, em “Educação Física Não Formal”, realizada na UFMS em 1988. Nesta pós-graduação, conheci Lamartine Pereira da Costa e outros profissionais da área da Educação Física, que atuavam nos cursos dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, e eram a vanguarda na produção científica. Naquele período, me associei à Federação Internacional de Educação Física (FIEP), cujas revistas me proporcionaram leituras qualificadas, as quais, somadas aos estudos da especialização, conduziram-me a refletir e agir com certo descompasso diante dos demais profissionais que mantinham resquícios do período biologizante da Educação Física, ainda presente na forma de pensar da maioria dos professores, personalizando-os no paradigma cartesiano, portanto, sob uma forma reducionista e excludente de pensar a profissão.

Levei também, como capital intelectual para a FEF/UNICAMP, os créditos de outra pós-graduação em nível de especialização, ini-

---

74 Livre Docente na Faculdade de Educação Física da UNICAMP a quem tenho muito a agradecer por minha formação intelectual, pelas pesquisas e pelo leque de contatos que me possibilitou. Completamos 22 anos de parceria intelectual e de uma amizade singular.

ciada em 1989 e não concluída, em “Educação Física Escolar – centralização nas séries iniciais do 1º grau”. Neste curso, não consegui diplomar devido às tensões próprias do pensamento que lá imperava em contraste com minha visão diferenciada de mundo e da própria profissão.

Na pós-graduação em nível de mestrado, concluída em 1999, defendi a dissertação *Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens kadiwéu*. Na sequência, entre 2000 e 2004, elaborei a tese nomeada *Corpo-sujeito kadiwéu: jogo e esporte*. Aquele período de estudos foi profícuo e ampliou muito meu conhecimento, pois o estudo de diferentes culturas oportunizou-me rever, novamente, a questão do movimento no campo da Educação Física. Minha orientadora, professora Maria Beatriz Rocha Ferreira, fez a proposição de que eu estudasse Antropologia nos cursos de graduação em simultaneidade com a elaboração da tese. Assim, no período matutino era o doutorado, e no vespertino, as disciplinas de Antropologia ofertadas pelo Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP. Outra indicação dela foi que eu estudasse a teoria da Análise do Discurso no Laboratório de Estudos Urbanos da UNICAMP, com a inesquecível professora Eni Orlandi, a quem devo, também, muito da minha formação.

A Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) contribuiu com o meu doutoramento, sendo que, nos dois últimos anos, intercalei aulas e viagens a Campinas. Permaneci, por dez anos, naquela instituição católica, sendo que, durante todo aquele período, atuei na graduação em Educação Física e, por quatro anos, no Programa de Mestrado em Educação. Solicitei demissão, em 2008, por ter sido contratada pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Portanto, em outubro de 2008, cheguei a Dourados após a aprovação em um concurso público realizado pela Faculdade de Educação (FAED) da UFGD. Assim que tomei posse, fui coordenar a Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu<sup>75</sup> (viver com sabedoria), uma das primeiras a serem criadas no Brasil, de caráter específico e diferenciado, conforme a Constituição de 1988. O perfil de meu currículo contribuiu muito. Meu percurso acadêmico é diversificado, enriquecido por múltiplas áreas humanas do conhecimento, com estudos nos campos da Educação Física, da Antropologia, da Sociologia e da Educação, incluindo um passado de décadas ministrando aulas em escolas públicas e particulares tanto na formação de professores quanto na educação básica.

Enquanto atuava na coordenação da Licenciatura Intercultural, eu contribuía, simultaneamente, ministrando aulas na jovem licenciatura em Educação Física e na Pedagogia, além de continuar a orientação de dois alunos no Programa de Mestrado em Educação da UCDB em Campo Grande. Na Licenciatura Intercultural Indígena não havia histórico sobre “como” coordenar. Eram múltiplas as instituições parceiras da UFGD para a realização do curso — FUNAI, UCDB, UEMS, Organização das Lideranças Indígenas Aty Guassu, Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Movimento de Professores Guarani e Kaiowá, e o mundo extrafísico, trazido pelas culturas guarani e kaiowá. O projeto pedagógico era singular, diferenciado e não se enquadrava no sistema burocrático e organizacional da UFGD. A equipe de professores era composta por 32 doutores, oriundos de

---

75 Já ministrava aulas de Educação Física no ensino médio específico para os Guarani e Kaiowá Ára Verá (espaço-tempo iluminados) desde a sua criação em 1999.

diferentes faculdades, mais os assessores e os rezadores<sup>76</sup> que semanalmente chegavam de diferentes aldeias. Quando encerrei meu período de coordenação, o diretor da FAED<sup>77</sup> me autorizou a ficar um semestre sem ministrar aulas, mantendo somente a extensão e a pesquisa, para me recuperar do desgaste físico e emocional em decorrência das tensões de coordenar um curso complexo, sem parâmetros para nos guiar. Embora as legislações garantam a educação específica e diferenciada, a instância administrativa não tinha parâmetros para inseri-la no sistema.

A partir da minha atuação na UCDB, eu trouxe para Dourados a Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE-MS) em ação conjunta com o Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto. Com as parcerias do CBCE e da UFGD<sup>78</sup>, realizamos, em 2012, o Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte (CONCOCE). As palestras foram publicadas em um dossiê<sup>79</sup> na Revista Horizontes da UFGD e também geraram um livro — *Educação Física: enfoques contemporâneos*<sup>80</sup>. Eu estava muito otimista, pois um dos compromissos da gestão do CBCE-MS foi o de, a partir daquele evento, elaborar projetos para a realização de eventos científicos em MS voltados aos cursos de Educação Física, que somavam em torno de nove naquele período e estavam distribuídos em cinco municípios<sup>81</sup>. Os eventos visavam

---

76 Pessoas com formação espiritual que realizam as rezas e orientam com a sabedoria da cultura étnica.

77 Prof. Dr. Reinaldo dos Santos, a quem tenho alta estima e consideração.

78 Recursos da FUNDECT contribuíram para realização do evento.

79 Organizado por Alexandre Paulo Loro e Adriana Valadão – respectivamente, coordenador, do curso e professora substituta naquele período.

80 Organizado por Alexandre Paulo Loro, Marina Vinha e Carlo Henrique Golin, com um texto inédito do filósofo Silvino Santin, publicado pela Editora da UFGD em 2013.

81 Dourados, Campo Grande, Fátima do Sul, Ponta Porã e Corumbá.

fomentar as apresentações dos trabalhos científicos dos alunos para, depois, encaminhá-los aos CONCOCEs realizados alternadamente em Goiás, Mato Grosso e Brasília. Também era um objetivo da gestão ampliar a presença de Mato Grosso do Sul nos eventos nacionais do CBCE, nas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACEs) e na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na qual o CBCE tem assento.

Em 2012, encerrei o período na coordenação da Licenciatura Intercultural Indígena e me dediquei à docência, à extensão e à pesquisa, ficando diretamente ligada à licenciatura em Educação Física, mas ainda ministrando em torno de quatro disciplinas na recém-inaugurada Faculdade Indígena (FAIND). Na sequência, fui convidada a disponibilizar meu currículo para a criação de um Programa de Mestrado em Antropologia na Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da UFGD. Foi uma experiência significativa compartilhar, durante três anos, a experiência acumulada na área, ministrando aulas, compartilhando disciplinas e me envolvendo com reuniões, publicações e eventos. Essas atividades sempre foram prazerosas para mim. Durante todo o tempo, permaneci na FAED, faculdade à qual eu estava vinculada.

Na extensão, desenvolvi atividades no Projeto 3ª Idade, nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), proferindo palestras e realizando dinâmicas com os inscitos. Também atuei no curso Normal Médio Ára Verá, voltado para a formação de professores guarani e kaiowá, sob a responsabilidade da SED-MS e em parceria com a UFGD.

Na docência superior, atuei nas licenciaturas em Educação Física, Pedagogia e Intercultural Indígena sempre com as temáticas

Educação Física Escolar, Esporte Escolar e Lazer. Simultaneamente, entre 2014 a 2018, trabalhei como coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), com o subprojeto Educação Física<sup>82</sup>. No período, orientei vinte bolsistas e quatro supervisores/professores de Educação Física efetivos em escolas públicas.

A pesquisa esteve sempre presente em todo meu percurso, alimentada por minha liderança no grupo de pesquisa Ludodiversidade e Saúde Social (CNPq-UFGD) e por minha participação nos grupos de pesquisa Processos Civilizadores (o internacional e o interno existentes na UFGD), voltados à teoria de Norbert Elias, autor de referência para os estudos acerca dos jogos tradicionais e esporte. Os eventos internacionais voltados à teoria de Elias estão na 17ª edição, pois a criação desse grupo ocorreu na FEF/UNICAMP, trazido pela professora Maria Beatriz Rocha Ferreira, em 1996, e, na sequência, mantido pelo professor Ademir Gebara<sup>83</sup>.

A presença de membros da equipe internacional da Fundação Norbert Elias, situada na Holanda, fortaleceu os pesquisadores nacionais, sendo que os temas esporte e jogos foram enriquecidos pela orientação direta de Eric Dunning, professor, ex-aluno e colega de departamento de Norbert, da Universidade de Leicester (Inglaterra). Fruto de todo esse processo internacional, na UFGD, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Carmelita Sarat de Oliveira organizou e coordena, desde 2007,

---

82 Visite o Blog Pibid-subprojeto Educação Física UFGD. Disponível em: <<https://Pibidedfisicaufgd.blogspot.com.br/>>.

83 Ambos atuaram como convidados no Programa de Mestrado em Educação da UFGD, constituindo uma equipe muito produtiva sobre os temas da Educação, Infância, Educação Física e Esportes. Esse convívio científico intenso promoveu a criação do grupo de pesquisa interno à UFGD.

o Grupo de Pesquisa Educação e Processos Civilizadores, do qual sou também membro.

Ainda motivada pela necessidade de fazer algo em grande escala pelos povos indígenas, elaborei projetos de pesquisa audaciosos, buscando atender integrantes das oito etnias do estado, propiciando formação para que eles atuassem em suas aldeias como “agentes de lazer” ou “animadores socioculturais”. Os projetos foram aprovados pelo Ministério do Esporte (ME) e, por três vezes, interrompidos, pois, embora o ME tivesse lançado o edital, os recursos não eram enviados. Foi parcialmente exitoso o projeto de criação de um “Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer da Rede CEDES”<sup>84</sup> em parceria com a UFMS, cuja sede permaneceria, por dois anos, em Campo Grande, na UFMS, e, em seguida, seria transferida para a UFGD.

Sinto que deixo um legado para a Educação Física escolar, proveniente da minha bagagem de vida e profissional, com um currículo constituído pelo trabalho com as diferenças tanto na educação escolar indígena quanto na não indígena, com o jovem e o adulto que sofrem com dificuldades motrizes por não terem capital esportivo. A Antropologia e a Sociologia me ajudaram muito a enxergar o “outro” e a orientar para o diálogo com as diferenças. Deixo minha perspectiva de uma Educação Física escolar voltada à inclusão de gênero e ao atendimento das dificuldades na execução da motricidade básica, além da mais elaborada, com a certeza de que não há nada melhor para a formação dos licenciados do que a presença do professor focado na educação.

---

84 Coordenado pelo Prof. Dr. Junior Vagner Pereira da Silva.

### *Um novo ciclo*

Meu percurso profissional sonhado era o estudo de línguas, o que acabei ampliando para a realidade das linguagens. A Educação Física escolar está situada, desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, publicada em 1996, na grande área intitulada Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Em todo o meu percurso, foram indissociáveis a vida pessoal e o trabalho. Ao longo do tempo, fui me adaptando às mudanças teóricas e aprimorando os estudos.

Minha formação em Educação, reforçada por conhecimentos da Antropologia e da Sociologia, constituíram uma identidade híbrida, consistente para atuar com a Educação Física na diversidade escolar. Desta forma, nesse “entre lugares”<sup>85</sup> ou nesse viver entre fronteiras do conhecimento, cheguei a ouvir afirmações de desdém, de que “não ensinava quase nada” em Educação Física, pois eu era do “social”, ou que “eu não gostava de esporte”, e até dúvidas sobre “como cheguei a conquistar meu título de doutora em Educação Física”.

Meu esforço sempre foi contínuo para valorizar e tentar apresentar algum conhecimento aos alunos acerca das culturas que diferenciam os seres humanos, embora todos sejam bípedes. Esforcei-me também para que os estudos do Lazer ocupassem espaço na formação dos professores tanto na licenciatura em Educação Física quanto na licenciatura Intercultural Indígena.

E minha vida sem as licenciaturas segue com boas perspectivas. Farei parte de uma instituição de pesquisa, como voluntária, cujos objetos de estudo não serão mais os jogos tradicionais, o esporte, os indígenas, o lazer e a Educação Física escolar, mas, sim, a cons-

---

85 Termo cunhado por Homi Bhabha nos estudos acerca das diferenças culturais e fronteiras.

ciência, meu *self*. E as licenciaturas continuarão com a presença de jovens profissionais atuando em conjunto com os mais sábios, cujo conhecimento sobre o educar por meio de jogos, danças, ginásticas, lutas e esportes será fortalecido por pesquisas, extensões e aulas, estas sim, sempre significativas com a presença do(a) professor(a). Meus agradecimentos a toda equipe docente da licenciatura e ao grupo dos administrativos da FAED/UFGD por termos partilhado uma década.

### **Mário Sérgio Vaz da Silva**

Atualmente, tenho 46 anos de idade. Sou graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT – 1995), especialista em Fisiologia do Exercício pela Fundação Educacional de São Carlos (FESC – 1996), mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT – 1999) e doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP – 2005). Sou servidor público federal desde 2009, com lotação na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A construção deste memorial para a comemoração dos 10 anos do curso de Educação Física da FAED/UFGD reporta-me, inicialmente, ao poema de Manoel Bernardo, que diz:

E a cada dia dou um passo na vida, um dia dou um passo longo, no outro um passo curto. Tem aquele dia que piso torto e caio, mas logo me levanto e continuo. E que essa caminhada dure o tempo que for necessário para esta vida valer a pena, que eu não dê passos em vão e que não perca o caminho [...]. (PENSADOR, 2018).

Dessa forma, relato que este poema expressa bem a minha vida até o presente momento.

### *Influências familiares*

Meus pais são Felicíssimo da Silva (*in memoriam*) e Conceição Vaz da Silva, ambos funcionários públicos. A eles devo todo o meu crescimento pessoal e profissional, pois contribuíram ao máximo com a minha formação. Na referência do meu pai, busco a tranquilidade e a paciência ao ouvir as pessoas, e, na da minha mãe, a perseverança e a força de vencer os obstáculos. Mas a influência recebida para a prática do esporte se deu pelo meu avô materno, Ângelo Vaz da Silveira, que protagonizou a façanha de construir um estádio de futebol com latas de óleo de 1 litro, o que gerou uma publicação na revista Placar em 1978.

A escola pública sempre foi o meu berço de aprendizado! O ensino fundamental (antigo 1º grau) foi cursado na Escola Estadual Thomaz Barbosa Rangel. Essa foi a fase das descobertas, na qual o lazer eram as atividades motoras. Já o ensino médio (antigo 2º grau) foi cursado na Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, MT (atualmente Instituto Federal), em regime de internato, com aproximadamente 240 alunos, sendo um turno em sala de aula e, o contraturno, nos setores da agricultura e da zootecnia. Na minha turma inicial, em 1988, formaram-se oitenta alunos, sendo que tenho contato, ainda hoje, com a maioria desses colegas.

A prática do futebol de campo ocorreu nas categorias de base do Atlético Clube Sul-Mato-Grossense, dos 09 aos 12 anos de idade,

sob a supervisão técnica do meu avô e com inspiração em meus tios, que também praticavam a modalidade. Com o encerramento das atividades do clube citado, o futsal passou a ser a modalidade praticada na minha adolescência, até os 15 anos de idade, competindo com os adultos. Naquele período, eu iniciava o meu aprendizado da prática do voleibol por meio das aulas de Educação Física e dos treinamentos de equipes na cidade de Rio Verde de Mato Grosso, MS. Quando fui estudar no internato, em Cáceres, o voleibol passou a ser o esporte principal lá praticado, com participação de atletas na Seleção Escolar de Mato Grosso. Cabe aqui agradecer os ensinamentos da prática do voleibol aos meus técnicos, Adilson Reis (Cáceres, MT) e Márcio Henrique Sobhie (Cuiabá, MT).

#### *Formação: a escolha – graduação e pós-graduação*

Fatores como a vivência familiar e a experiência como atleta escolar e armador, além da vocação, foram determinantes para a escolha da profissão, mesmo numa época difícil para se escolher ser professor, visto que os salários eram muito baixos e frequentemente atrasavam. Quando decidi que seria professor de Educação Física, minha mãe, educadora da rede estadual, deu o seguinte conselho: “Seja um professor ético, responsável e comprometido com o ensino”.

A opção em prestar o vestibular e, conseqüentemente, cursar Educação Física na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, MT, deveu-se ao fato de eu estar envolvido com o voleibol e por conhecer pessoas ligadas à área. Foram três anos e meio intensos,

maravilhosos. Por mais que existissem comentários desanimadores, feitos por terceiros, para que eu não cursasse Educação Física, já no primeiro semestre tive a certeza de que era o curso que eu realmente queria fazer. Também no primeiro semestre me identifiquei com a pesquisa, na disciplina Introdução ao Método Científico, ministrada pelo Prof. Koiti Anzai. Desenvolvi um trabalho de campo na cidade de Rio Verde de Mato Grosso, MS, fazendo uma relação entre a diminuição da prática de esportes pelos jovens da cidade e o consumo de drogas. Nesse trabalho, entrevistei delegados, advogados, professores e pessoas envolvidas com o esporte.

Naquela época, o curso de Educação Física da UFMT não era forte em pesquisa científica, mas sim na extensão e, principalmente, no ensino. E cabe aqui ressaltar alguns mestres que fizeram diferença em minha formação: Koiti Anzai (como ser estudioso); Natanael Henrique de Moraes (*in memoriam*, como ser didático), Kenj Kido (como ser científico), Sabino Albertão Filho (conselheiro: “Se quer seguir carreira acadêmica, pare de jogar vôlei no intervalo e vá para a biblioteca”), José Maria Campos Melo (incentivador da carreira acadêmica) e Herbert Gustavo Simões (mentor: mostrou e me encaminhou para a pós-graduação). Além dos mestres, meus parceiros de toda hora, Everaldo Gomes Ferreira (atualmente personal trainer) e Marconi Dantas Corrêa (professor na Rede Estadual de Mato Grosso).

Na graduação, realizei estágio por quase todo o período do curso em academias de musculação. Ao final do curso, desenvolvi um projeto de iniciação esportiva em parceria com a Escola Algodão Doce (atualmente Escola Plural), oferecendo futebol para crianças de 05 a 10 anos de idade, com proposta de trabalho embasada nas teorias de Gallahue (1998) e Le Boulch (1987, 1995). O projeto sob o meu

comando durou cinco anos (1995 a 1999), e nesse período, o grande aprendizado foi a qualidade do serviço prestado, além da contribuição para a formação das crianças.

Ao final da graduação, eu tinha a certeza de que seguiria a carreira acadêmica e, a passos largos, fui atrás dos meus objetivos. Como não vivenciei a pesquisa científica na graduação, fiz, primeiramente (passo curto), uma especialização em 1996. Em 1997, fui aprovado no curso de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado, do Instituto de Saúde Coletiva da UFMT, na linha Saúde e Doença, sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo Duchesi Fontes (cardiologista de formação), o que gerou uma publicação na revista de cardiologia mais conceituada em nível nacional (SILVA et al., 2002) e três resumos apresentados em congresso. Na defesa de minha dissertação, um dos membros me convidou para fazer o doutorado sob a sua orientação.

Em 2001, ocorreu a aprovação no curso de Doutorado em Ciências, na Faculdade de Medicina da USP, sob orientação do Prof. Dr. Edimar Alcides Bocchi (cardiologista do Instituto do Coração – INCOR) e coorientação do Prof. Dr. Guilherme Veiga Guimarães (professor de Educação Física e pesquisador do Instituto do Coração – INCOR). Desenvolvi a tese *VO2 pico e inclinação VE/VCO2 na era dos betabloqueadores na insuficiência cardíaca: uma experiência brasileira*, que gerou um artigo nacional e outro internacional (GUIMARÃES et al. 2008, 2010), além de oito resumos.

Naquele período, eu me dedicava, simultaneamente, a duas missões: uma era o desenvolvimento do meu projeto de doutoramento num grande centro de pesquisa internacional; e a outra, a coordenação do curso de Educação Física da Universidade para o Desenvolvimento

do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), em Campo Grande, MS, como ficará claro adiante.

*Aprendizado: de professor substituto a coordenador de curso*

Quando se tem um objetivo definido, os obstáculos acabam sendo pequenos e superáveis. No meu segundo ano de mestrado, fiz o concurso e fui aprovado para o cargo de professor substituto no curso de Educação Física da UFMT (o que foi um novo desafio, pois fui ministrar aulas onde me formei) no período de março de 1998 a março de 2000. Foi uma fase de aprendizado e de crescimento pessoal e profissional. Com o término do contrato de professor substituto, fui convidado a ministrar a disciplina de Fisiologia Humana no curso de Fisioterapia da UNIDERP. Após 10 anos vivendo em Cuiabá, mudei de ares e iniciei uma nova caminhada na vida para que tivessem sentido e valessem a pena os passos largos dados anteriormente.

Depois de um ano e meio trabalhando na UNIDERP, fui convidado por seu então reitor, Pedro Chaves, a construir e implantar o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física. O convite incluía ainda o cargo de coordenador do curso. Foi um grande desafio, pois não estava nos meus planos seguir a carreira administrativa. Fiquei lisonjeado pelo reconhecimento do meu trabalho em tão pouco tempo de casa. O curso de Educação Física foi implantado com uma equipe de excelentes professores, bem como com o encaminhamento da construção de laboratórios, quadras, campo, pistas e equipamentos necessários ao suporte do aprendizado. Naquela mesma época, começou a grande discussão sobre as habilitações em Educação Física e a

implantação do bacharelado em nível nacional, organizada pelo Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF), ofertando bases para o entendimento e a interpretação das diretrizes curriculares vigentes.

No período de 2002 a 2004, fui o coordenador do novo curso. Foi um grande aprendizado na área administrativa, visto que a UNIDERP já era uma universidade com grande respaldo na região e contava com uma qualidade invejável de professores das mais diversas áreas, configurando uma situação que me propiciou uma experiência muito grande num pequeno período de tempo. No final de 2004, fui convidado a trabalhar na Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (FACIMED), em Rondônia, num curso noturno de bacharelado que enfrentava vários problemas. Então, solicitei demissão da UNIDERP e aceitei o convite, que poderia ser um passo em falso, mas a vida tem que valer a pena e os desafios devem ser enfrentados com coragem!

*Experiência na Amazônia Legal – Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (FACIMED), Rondônia*

No começo de 2005, iniciei minha jornada em Rondônia com os seguintes problemas imediatos para resolver no curso de Educação Física: 1) Alunos totalmente insatisfeitos com os professores e com a instituição; 2) Logística precária de transporte (a FACIMED transportava os alunos aos locais de aula prática, pois não tinha estrutura física própria); 3) Locais inadequados para as aulas práticas; e 4) Desentendimentos entre funcionários, professores e alunos. Resolver todos esses problemas foi um grande desafio, pois envolvia mudar hábitos de diversas pessoas. O apoio incondicional do grupo de professores do

curso de Educação Física foi fundamental para transformar um curso com alto nível de insatisfação num curso de destaque, situado entre os melhores da FACIMED.

É importante salientar que, na instituição, eram oferecidos 17 cursos de graduação, a maioria na área da saúde. Na concorrência do vestibular, o curso de Educação Física só ficava atrás dos cursos de medicina e enfermagem, e esse terceiro lugar era disputado com as Ciências Biológicas (Amazônia Legal – magnífico campo de estudo para a área), o que situava o curso de Educação Física na frente dos cursos de Odontologia, Fisioterapia, Medicina Veterinária, dentre outros.

Organizamos o processo de elaboração do trabalho de conclusão de curso, assim os alunos começaram a enviar trabalhos para congressos e revistas científicas. Mas todo início tem um fim. Em 2008, iniciou-se uma crise financeira entre as instituições privadas de ensino devido ao excesso de vagas ociosas e, com isso, foi iniciada uma política baseada no entendimento de que professor doutor onera a folha de pagamento. Coincidentemente, iniciaram-se as reposições das vagas abertas nas Instituições Federais de Ensino e o Programa Reuni, o que ensejou, em nível nacional, os concursos públicos. Assim, comecei uma nova caminhada, saindo do ensino privado e indo para o ensino público.

Em novembro de 2008, passei em primeiro lugar no concurso da Universidade Federal do Acre (UFAC), que tinha, como exigência mínima, o título de especialista e contrato de 20 horas. Na sequência, em dezembro daquele mesmo ano, fui aprovado em segundo lugar no concurso da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que exigia a titulação mínima de mestre. Em fevereiro de

2009, passei em primeiro lugar no concurso da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), onde tomei posse um mês depois, em 19 de março. Fui o segundo professor da área a chegar no curso de licenciatura em Educação Física da UFGD. Lá já estava o professor Manuel Pacheco Neto, fundador do curso, além da professora Marina Vinha, que, embora fosse da área da Educação Física, estava com lotação na Licenciatura Intercultural Indígena.

Eu sabia que tinha um grande desafio pela frente, pois a minha formação e produção eram voltadas para o campo da Saúde, e o curso, além de ser de licenciatura, havia sido instalado na Faculdade de Educação. Assim, tive consciência da necessidade de adaptações e flexibilizações, mas, em momento algum, deixei de ter personalidade e defender as minhas convicções sobre a formação do professor de Educação Física.

*Faculdade de Educação (FAED) na UFGD: início de uma nova caminhada ou uma jornada?*

Passei a ser concursado numa instituição federal e, portanto, professor efetivo, com uma perspectiva de vida longa até a aposentadoria. No início, tudo era novo, eu não conhecia ninguém. O ritmo de trabalho era diferente das instituições privadas, visto que, na instituição pública há independência, autonomia e, sobretudo, tempo para produzir, para planejar suas aulas e realizar projetos de extensão.

Dessa forma, logo no início, organizei o 1º Torneio de Voleibol Intercursos da UFGD, projeto desenvolvido dentro da disciplina de voleibol na escola, e o Seminário sobre Educação Física e Saúde.

Elaborei um projeto de pesquisa sobre a composição corporal de escolares da educação básica. Porém, o grande desafio apresentou-se quando fui convidado pelo Prof. Paulo Lima a participar do 1º Ciclo de Debates do Pensamento de Paulo Freire, especificamente para falar sobre a obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Minha participação gerou o meu primeiro capítulo de livro.

Nos anos seguintes, participei também do segundo e do terceiro ciclos de debates do pensamento de Paulo Freire, tendo recebido a incumbência e a responsabilidade de ser o organizador do último ciclo. No que diz respeito a capítulos de livro, convidado por meu grande amigo Prof. Manuel Pacheco Neto, acabei escrevendo mais dois em livros sob a sua organização. Os capítulos, publicados respectivamente em 2012 e 2016, intitularam-se: “Educação Física Escolar e composição corporal de escolares: dados epidemiológicos” e “Fisiologia do Exercício na Educação Física Escolar”.

O curso de Educação Física da FAED/UFGD foi construído com apoio do curso de Pedagogia e com o apoio técnico (especialista) do Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto, que idealizou e visitou instituições de ensino para dar suporte ao Projeto Pedagógico proposto, e com isso, implantou o curso e foi seu primeiro coordenador. A partir de 2010, fui o coordenador do curso de Educação Física e comecei minha caminhada política na UFGD. Com o mandato de um ano e já com experiência de sete anos como coordenador de curso nas instituições privadas, comecei a reivindicar, à direção da FAED, os direitos da Educação Física. Após a finalização do mandato, dispus-me a continuar na coordenação do curso, consultando o grupo de docentes do curso de Educação Física, composto, na época, por cinco professores que, em

reunião, aceitaram o meu nome por unanimidade. Entretanto, a política adotada na FAED entrava em colisão com as minhas ideologias, o que ocasionou manobras para que eu não coordenasse o curso. Então, a partir daquele momento, posicionei-me como opositor, pois nunca concordei com a forma com que o curso de Educação Física era tratado pela direção da FAED. Os embates decorrentes disso continuaram até 2017.

O curso de Educação Física não conseguia manter um quadro de docentes efetivos na FAED. Os concursos eram realizados, mas os professores tomavam posse e, posteriormente, solicitavam redistribuição ou exoneração. A distribuição de recursos não era clara, isto porque o curso foi aberto pelo programa do REUNI (Programa de Expansão das Universidades Federais). A matriz curricular foi alterada em 2013 sem uma discussão profunda entre os professores da área. Acordos eram feitos para manter a política de desagregação do corpo docente do curso. Após esse período turbulento, o curso começou a ter professores interessados em construí-lo: Manuel Pacheco Neto, Marina Vinha e Pablo Christiano Barboza Lollo.

A partir de 2015, iniciou-se uma nova rodada de concursos na UFGD<sup>86</sup>. Naquela época, começaram a chegar novos professores, entre redistribuídos e concursados: Jacqueline Nunes Pereira, Daniel Traina Gama, Josiane Fujisawa Filus de Freitas e Gustavo Levandoski. Iniciou-se, assim, a formação de um novo grupo, com interesse de fixar suas “raízes” em Dourados. Aquele momento coincidiu com meu retorno à coordenação do curso de Educação Física, para um mandato de um ano, em substituição ao professor Warley Carlos

---

86 Vale aqui ressaltar que, desde o início do curso, eu monitorava a quantidade de vagas destinadas à Educação Física, visto que, com a abertura do curso pelo REUNI, seriam dez. No entanto, recentemente, fiquei sabendo que eram doze vagas. Esse monitoramento é de grande importância, pois um código de vaga é muito disputado em uma instituição.

(redistribuído para a UFMT), mas, ao término do período, com a concordância dos colegas professores, acabei ficando para mais um mandato na coordenação.

Com um corpo docente estruturado, o curso começou a “ganhar corpo”. Tentei democratizar o máximo possível as decisões da coordenação, ouvindo as opiniões dos integrantes de todo o corpo docente e, nesse processo, reestruturamos novamente a matriz curricular da licenciatura e o “lendário” projeto pedagógico do curso de bacharelado em Educação Física, que, desde 2010, tentamos implantar. Além disso, conseguimos reivindicar, por direito, os códigos de vagas de professor destinados ao curso de Educação Física e, com isso, vieram por redistribuição os professores Fabrício Cieslak e Lara Elena Gomes Marquardt. No presente momento<sup>87</sup>, estamos no aguardo de mais um professor para completar o quadro docente do curso de Educação Física da FAED.

Desde o início de minha carreira docente, sempre priorizei os acadêmicos, que são a razão da existência da universidade. A eles sempre propicieei o diálogo e o acesso de maneira livre. Penso que não podemos nos esquecer que já fomos acadêmicos e que, portanto, sabemos das dificuldades e dos sonhos presentes nessa fase da vida. Com base nisso, procuro exercer a docência valorizando as relações humanas, sem perder de vista a qualidade do ensino.

Portanto, exercendo uma política de acesso como coordenador de curso e como professor, e em parceria com todos os professores que acreditaram no projeto FAED FORTE, conquistamos 77% dos votos dos alunos (Educação Física, Pedagogia e pós-graduação *stricto sensu* em Educação) da FAED na última eleição para diretor da unidade

---

87 Abril de 2018.

administrativa em pauta, realizada em 2017, prevendo um mandato de quatro anos, ou seja, até 2021.

E os desafios continuam. Estou participando de um projeto de pesquisa multicêntrico sobre tecnologias móveis e doenças cardiovasculares envolvendo as seguintes instituições: UFGD, USP, UNESP (Bauru) e universidades do Chile e de Portugal. Realizo ainda um projeto de extensão com desenvolvimento de pesquisa sobre a intervenção da equoterapia em adolescentes com espectro do autismo.

### *Conclusão*

As caminhadas longas ou curtas, os passos largos ou pequenos e também as quedas fazem parte da nossa jornada (vida), bem como as opiniões diversas dos nossos colegas e inimigos. Mas esse é o contexto! Entendo que a profissão que escolhi é para produzir conhecimentos e transformar vidas. Para isso, temos que nos dedicar e trabalhar para realizar sonhos e não para ficarmos em nossa redoma de egos. Até quando Deus permitir, com os ensinamentos dos meus pais e o apoio incondicional da minha família (esposa Márcia e filhas Carolina, Mariana, Eliza e Marina), caminharei com empolgação para fazer valer a pena a vida.

## Ida Carneiro Martins

*“É a estranha saudade do que ainda não vivi...”*  
(Gonzaguinha)

Ao receber o convite do amigo professor Manuel Pacheco Neto para participar da presente obra comemorativa dos 10 anos do curso de Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), meu coração encheu-se de alegria e, ao mesmo tempo, de saudades... Saudades do que eu vivi e do que não vivi. Fui professora da UFGD durante os anos de 2010 e 2011, todavia, mesmo que tenha vivenciado a universidade por pouco tempo, eu me dediquei a ela com muita intensidade.

A tarefa de reconstituição, não um simples exercício de rememoração, exigiu esforço, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 2004, p. 55).

Ainda, se nos constituímos enquanto sujeitos em relação e inseridos na cultura, acredito que a memória é social ou, melhor dizendo, se compõe socialmente. Assim, não me constituí professora só pelas condições vivenciadas no presente, mas pelas experiências que tive durante toda a vida (FONTANA, 2003).

As vivências que me levaram a ser professora da Faculdade de Educação da UFGD constituem o que passo a relatar. Vivências povoadas de sons, cheiros, cores, paladares, tatos e contatos, de lembranças de Mato Grosso do Sul.

*Por que desejei ir para Dourados?*

“Café com pão, café com pão...” Minha mãe, uma sul-mato-grossense, cantava essa música quando, em todas as férias de final de ano, o trem da Noroeste partia com destino a Campo Grande e Ponta Porã. Íamos visitar minha avó, tios e tias, primos e primas. Na chegada, logo me dirigia ao quintal da casa de minha tia Eny e subia numa grande árvore para me deliciar com o doce sabor da manga. Para nos refrescarmos do imenso calor de dezembro, colocávamos-nos em roda e partilhávamos o tereré. Logo depois, na hora do almoço, nos sentávamos à mesa para comer um arroz carreteiro quentinho, com mandioca amarela, deitada no sal e manteiga. Sabores, sons e cheiros que até hoje me tocam, pois, na cultura sul-mato-grossense, também me constituí.

Mas não foi só a inserção nessa cultura que me impulsionou a prestar o concurso para o ingresso na UFGD. Estimulou-me a perspectiva de trabalhar numa universidade recém-constituída, apoiada no histórico anterior de serviços prestados à comunidade, que se propunha a desempenhar “um papel social indispensável” na vida de sua região e que não aceitava, “em nenhuma hipótese, ser reduzida a mera produtora de recursos humanos” (UFGD, 2004, p. 13). Além disso, um curso de licenciatura em Educação Física recém-implantado e “voltado para a Educação Física Escolar, numa perspectiva interdisciplinar e num estreito diálogo com a Pedagogia na formação de professores” (UFGD, 2009, p. 1) pareceu-me ser campo coincidente com a minha trajetória profissional.

A identificação cultural que tenho com o povo sul-mato-grossense, a congruência de concepções com a UFGD e, especialmente,

com a proposta do curso de Educação Física foram as razões que me levaram a desejar participar do corpo docente desta instituição. Mas antes disso...

### *Da Educação Física Escolar à universidade*

O barulho das bolas sempre me atraiu! Desde pequena, ainda dentro de casa, ao fazer a tarefa ou estudar piano, ouvia a algazarra das crianças jogando e ficava esperando o momento de poder sair à rua para brincar. Tendo alcançado a liberdade, passava a tarde inteira a jogar (FREIRE, 1989).

Mas foi no ginásio que, efetivamente, me encontrei com a Educação Física e creio que, desde lá, me liguei a esta área. Fui aluna do Colégio Culto à Ciência em Campinas, SP<sup>88</sup>, de 1969 a 1976, em pleno regime militar. Apesar de vivermos o período de esportivização da Educação Física, antes de sermos encaminhados às turmas de treinamento, experimentávamos todas as modalidades, objetivando o desenvolvimento de um repertório motor amplo, inclusive, por meio de jogos e brincadeiras (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001).

Penso que esse processo foi significativo na constituição da professora que me tornei e na concepção de esporte escolar que formulei, enquanto espaço primeiro da vivência e da aprendizagem de conteúdos relativos à Educação Física. Foi tal concepção que me permitiu optar por essa profissão (BRACHT, 2000).

---

88 Este colégio estadual foi referência tanto na área acadêmica quanto na área esportiva, ganhando vários títulos escolares. Alguns de seus professores, posteriormente, criaram o curso de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Meu primeiro emprego na área escolar foi em 1980, quando fui contratada pelo Colégio Notre Dame, de Campinas, na função de técnica desportiva. A ampliação de minha atuação educacional gerou o convite para ministrar aulas na educação infantil no ano de 1981, e assim foi durante 21 anos. Por tal razão, me encaminhei, nos anos posteriores, a duas especializações: Educação Física Infantil, nas Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG), de abordagem desenvolvimentista (TANI et al., 1988; GALLAHUE; OZMUN, 2003); e Educação Física Escolar, na Universidade de Campinas (Unicamp), ancorada na perspectiva da motricidade humana (FREIRE, 1989; MOREIRA, 1992a).

De modo gradativo, desenvolvi uma atitude investigativa, o que proporcionou a publicação de alguns relatos de experiência em congressos. Seguindo esse caminhar, transformei um trabalho publicado num projeto de pesquisa para apresentar ao Mestrado em Educação Física da UNICAMP, na área de Pedagogia do Movimento. Aprovada no ano de 2000, logo veio o convite para ministrar aulas na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) após a apresentação de um trabalho na disciplina do professor Wagner Wey Moreira, trabalho este que foi, posteriormente, publicado na revista *Motus Corporis* com o título “Vivência simbólica: uma possibilidade de manifestação da corporeidade infantil” (2002).

Surgiu, então, a oportunidade de concorrer à coordenação do curso de Educação Física e, sendo incentivada por alguns docentes, resolvi aceitar o desafio. Assim, em março de 2003 assumi a função. A atuação à frente do curso foi um momento significativo na construção de minha trajetória acadêmica, pois pude me apropriar dos diversos campos de atuação, dos diferentes organismos universitários,

da estruturação e organização dos processos pedagógicos e administrativos, bem como da organização curricular.

No ano de 2005, ingressei no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, no Núcleo de Pesquisa em Formação de Professores, no qual alguns trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos, o que me instigou a buscar a continuidade de minha vida acadêmica. Essa foi uma das razões que me encaminharam ao concurso da vaga relativa ao curso de Educação Física da UFGD.

Os trabalhos de pesquisas resultaram na publicação de artigos, capítulos e livros relacionados à Educação Física Escolar, dentre os quais eu gostaria de ressaltar dois livros: *Aulas de Educação Física no ensino médio*, escrito em conjunto com o professor Wagner Wey Moreira e com a professora Regina Simões (MOREIRA; SIMÕES; MARTINS, 2010) e *No palco da infância: movimento, ritmo e expressão corporal na educação infantil*, organizado em conjunto com a professora Roberta Gaio (MARTINS; GAIO, 2017).

### *O curso de Educação Física da UFGD*

O desejo de prestar o concurso para ser docente do curso de Educação Física da UFGD foi despertado numa situação insólita, num encontro com a professora Magda Sarat e com o professor Manuel Pacheco Neto quando visitaram a UNIMEP. Num bate papo informal, os dois me contaram sobre a intenção de implementar o curso na UFGD. Ali, tomou-me o especial anseio de retornar a Dourados e dar continuidade à minha vida acadêmica.

Quando o concurso foi aberto, eu me inscrevi e, para minha alegria, pude observar nos pontos determinados a possibilidade de sucesso na empreitada. Com esse espírito, dirigi-me às provas. Ainda posso me lembrar do alívio que senti ao receber a notícia da aprovação. Encostei em um dos pilares do prédio da reitoria e fiquei ali, pensando nas possibilidades que esta nova jornada me propiciaria. Logo no início de 2010, tomei posse do cargo.

Mas nem tudo foi alegria, pois a despedida de meu marido e de minhas filhas, que ficaram na cidade de Piracicaba para finalizarem os estudos e estruturarem a mudança em ano posterior, não foi um momento fácil. Lembro-me de fazer todo o percurso, mil quilômetros, em profundo silêncio.

Fora a ajuda de dois familiares residentes em Dourados e em Ponta Porã, devo destacar o apoio que tive, logo na chegada, do professor Manuel Pacheco e da professora Magda Sarat. O carinho e a atenção que me dispensaram foram essenciais naquele momento.

Devo dizer que, ao assumir de fato os trabalhos na Faculdade de Educação, pude perceber determinada contraposição política entre os grupos de professores/as dos cursos de Pedagogia e Educação Física. No entanto, não senti dificuldade em minha inclusão nos dois grupos, pois minha vida acadêmica me ligava aos trabalhos neles desenvolvidos. Por um lado, tinha profunda inserção na área de Educação Física escolar e, por outro, desde o doutorado, vinha desenvolvendo pesquisas na Educação Infantil.

Assim, apresentei três projetos, um de pesquisa, denominado O Jogo na Educação Física Escolar: Inter-relações entre as Abordagens Teóricas e a Prática Pedagógica, que teve a colaboração do professor Manuel e a participação, em iniciação científica, da aluna do curso

de Educação Física Vivian Iwamoto, e outros dois de extensão, intitulados O Jogo de Faz-de-Conta nas Ações Motoras das Crianças da Educação Infantil, com a participação da bolsista Giovanna de Matos Moraes Carneiro, do curso de Pedagogia, e Jogo e Educação: o Brincar na Ação Pedagógica de Professores da Infância, desenvolvido, em convênio com o Sindicato dos Professores de Dourados, para as professoras de educação infantil da Rede Municipal de Ensino. Nos dois projetos de extensão, tive a colaboração das professoras Magda Sarat, Rosemeire Messa e Míria Izabel Campos. Esses dois projetos geraram publicações em congressos nacionais e internacionais.

A partir desses projetos, aderi ao Grupo de Estudos e Pesquisas da Infância (GEINFAN), e nele estruturei a linha de pesquisa sobre os Estudos dos Jogos e das Brincadeiras, da qual fizeram parte as alunas já citadas e outros/as discentes que foram por mim orientados/as em trabalhos de conclusão nos dois cursos de graduação, bem como na Especialização em Educação Física Escolar, que foi coordenada pelo professor Mário Sérgio Vaz da Silva e desenvolvida no ano de 2011.

Pelo desenvolvimento de minhas pesquisas no GEIFAN, fui indicada à presidente da Comissão de Elaboração do Projeto da Brinquedoteca, que desenvolvi em parceria com as professoras Rosemeire Messa e Míria Izabel. O projeto completo foi entregue ao final de 2010. Infelizmente, não pude acompanhar sua implantação, sendo essa uma das coisas que gostaria de ter vivido.

No ensino de graduação ministrei várias disciplinas tanto na faculdade, para os dois cursos, em temáticas relativas aos Jogos e Brincadeiras e à Educação Física escolar, como em outros departamentos, com a disciplina de Psicologia da Aprendizagem.

Ministrar muitas disciplinas era uma necessidade da época, pois o curso estava em implantação e, em 2010, inicialmente, havia somente três professores: Manuel Pacheco Neto, Mário Sérgio Vaz da Silva e eu. No segundo semestre, chegou o professor Warley Carlos de Souza, e esse quarteto potencializou os encaminhamentos já dados pelos dois primeiros professores, os pioneiros do curso de Educação Física.

Com uma rápida passagem pelo curso, mas não de pouca contribuição, vieram o professor Carlos Eduardo Lopes Verardi e, finalmente, a professora Fernanda de Souza Teixeira. Todavia, para um curso que vinha crescendo, era necessário um maior número de professores/as e, assim, foram contratados/as, em regime de substituição, os/as professores/as Adriana Valadão, Cláudia Olsen Matos Pereira e Luís Eduardo Pit.

Em decorrência de necessidades surgidas, assumi a coordenação do curso de Educação Física em dezembro de 2010. A partir dessa experiência, pude apreender a diferença de força política entre um curso já tradicional, que havia sido agregado à UFGD, e um curso recém-nascido. Naquele momento, foram especiais, para as tomadas das decisões, as parcerias já estabelecidas e apontadas neste texto.

No entanto, uma nova parceira se apresentou: a professora Maria Alice Miranda Aranda, coordenadora, na mesma época, do curso de Pedagogia. E juntas, penso, desenvolvemos um bom trabalho, que desembocou na coordenação conjunta da V Semana de Educação e do V Seminário de Pesquisa da FAED.

Na coordenação, pude finalizar três processos que foram bem encaminhados anteriormente pelos professores Manuel Pacheco e Mário Sérgio, a saber: a finalização da quadra coberta — com grande ajuda da professora Fernanda Teixeira —, o término do espaço físico

dos laboratórios do curso de Educação Física e a entrega dos materiais esportivos. A finalização de tais processos teve ajuda do então diretor da FAED, professor Reinaldo dos Santos.

Em consequência dessa atuação, e para termos uma direção conjunta, que representasse os dois cursos, no primeiro semestre de 2011, veio o convite do professor para a composição de uma chapa para concorrer à direção da faculdade. Aceitei a proposta com o objetivo de fazer o melhor pelos cursos. Assim, em julho de 2011, assumi a vice-direção da FAED. Todavia, permaneci no cargo por pouco tempo.

### *De volta para casa*

Naquela época, as saudades da família já eram enormes. Apesar das visitas quinzenais — o que também era muito cansativo —, e diante da impossibilidade de vinda para Dourados, precisei optar por um entre dois grandes amores. Decidi pelo amor maior e retornei, em outubro de 2011, para o seio da família, em Piracicaba.

Tenho saudades da UFGD, dos cursos da Faculdade de Educação, mas especialmente de seus professores e professoras, saudades do que eu vivi e saudades do que eu não vivi, mas gostaria de ter vivido. Saudades de amigos e amigas, saudades das possibilidades que possuía nesse lugar...

Retorno sempre que posso, pois é como revisitar um pedaço de mim. Nesses retornos, duas atuações me marcaram: a atuação como professora formadora do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil em 2015, a convite da professora Magda Sarat, e como palestrante no 3º Congresso de Educação da Grande Doura-

dos em 2017, com a palestra “Educação Infantil: corpo, movimento e expressão”, a convite da professora Vivian Iwamoto e do professor Mário Sérgio.

Para finalizar, quero dizer que, além das boas perspectivas acadêmicas e profissionais, o que sempre me anima a retornar a Douros é voltar a um lugar conhecido, ao cheiro de manga, ao sabor do tereré, ao som do chamamé, a um pouco de mim.

### **Luiz Rogério Romero**

Era 8 de outubro de 1976, no município de Osasco, SP. Nasci naquele dia e local, por volta das 13h, filho de Luiz, caminhoneiro, e Marina, do lar. Sou o segundo filho do casal, pois Adriana havia chegado oito anos antes. Aproximadamente um ano depois, mudamos para Lençóis Paulista, SP, onde cresci e morei por 33 anos. A cidade era pacata, brincávamos nas ruas e em terrenos baldios. O bom e velho futebol era jogado com golzinhos de tijolos ou com traves artesanais, feitas de bambu. Quando o atacante acertava o chute na forquilha, era um olho na bola e outro no travessão, que costumava cair, dependendo da potência do petardo. Havia um conjunto de vários terrenos que propiciavam o melhor espaço para nossas atividades. A garotada emprestava enxadas e vassouras dos pais, capinava, limpava a área e construía ora um campo de futebol, ora uma pista de corrida de bicicletas, com rampas, curvas fechadas e retas para ultrapassagem. Nos intervalos, nosso refúgio eram os pés de manga, onde a gente colhia, se alimentava, descansava e conversava.

Outro atrativo era o quintal de casa, espaço de terra com pés de mexerica, laranja e romã. A casa era de esquina, com muro baixo, o que favorecia a entrada da molecada parceira. O portão da frente era para os adultos. A gente queria ganhar tempo, chegar logo e brincar. Falando em portão, lembro-me de uma história ocorrida por volta de 1983. Um tio, vindo a passeio da capital, trouxe uma bola bem diferente da minha tradicional bola de capotão. Ele, minha irmã e suas amigas estavam em roda, não usavam os pés, mas sim as mãos. Depois se dividiram em uma equipe para dentro e outra para fora do portão. Todos se divertiam e se esforçavam para a bola não cair do seu lado do campo. Então perguntei: Que jogo é esse? Meu tio respondeu, “É voleibol”. Mas eu não podia jogar. Eles diziam apressadamente entre uma jogada e outra, “fica olhando, você não sabe...”.

Após aquele fim de semana, o portão de casa passou a ter um novo significado para nós. Era a nossa quadra de voleibol. Combinamos nossas regras, a bola era improvisada, mas a diversão era enorme. Alguns anos depois, mudei de casa. A nova rua era de terra e havia poucas casas no bairro. O gado de um sítio próximo costumava pastar nos terrenos por ali. Logo conheci outras crianças que viviam na região e nos tornamos parceiros nas empreitadas lúdicas e desportivas. O portão agora era mais alto, e era necessário saltar para fazer boas jogadas.

Pouco tempo depois, eu já estava treinando nas turmas da prefeitura. Adorava chegar mais cedo para assistir ao treino dos adultos. Depois, na minha vez de treinar, eu tentava reproduzir as jogadas observadas pouco antes. Na década de 1990, Lençóis Paulista disputou a Série Especial Paulista de Voleibol. Times famosos visitavam a cidade para as disputas. Lembro-me de que solicitava ao técnico da

equipe da casa para me deixar atuar como gandula e também enxugar a quadra, tudo para ficar mais perto dos ídolos, além de não precisar fazer a compra do ingresso. Vi de perto jogadores como Montanaro, Maurício, Jorge Edson, Kid, Pampa, dentre outros. Meu sonho era “ser jogador de voleibol”.

No entanto, percebi que esse futuro ficava cada vez mais distante. Meus colegas, que aos 13 anos tinham estatura parecida com a minha, ao chegar aos quinze anos me superavam em muitos centímetros. Mesmo fazendo tudo o que era possível nos treinamentos, meu desempenho era inferior ao dos grandalhões do time. Eu já não jogava mais, e o banco de reservas era uma situação constante. Após o choque de realidade, parei de treinar. Passei um tempo digerindo o distanciamento do “sonho” e ao mesmo tempo pensando em novas possibilidades. Senti muita falta da rotina dos treinamentos e do convívio diário com os amigos. Passados cerca de dois meses, decidi voltar aos treinos, mas agora não para ser um jogador profissional de voleibol, mas pelo prazer de treinar, de praticar o que eu tanto gostava de fazer. A gente gostava tanto que, certa vez, após um jogo vencido por 3x1, fomos para uma quadra de areia jogar vôlei de praia. Para mim, os momentos especiais não eram somente os jogos e as disputas intermunicipais e estaduais. Eram também os treinos. E o melhor é que ocorriam diariamente.

Estudei toda a Educação Básica na Escola Estadual “Virgílio Capoani”, em Lençóis Paulista, entre 1983 e 1994. Tenho muitas experiências e lembranças positivas daquela época. No intervalo das aulas, havia espaço para todos os jogos e brincadeiras possíveis. Lá, conheci meu primeiro professor de Educação Física, na antiga 5ª série. Não havia quadra poliesportiva, então o professor usava o pátio da escola

para as atividades de voleibol. Tudo era improvisado. A rede era uma cordinha de varal e, às vezes, era difícil definir se a bola havia passado por cima ou por baixo. O teto era baixo para o esporte, fato que nos forçava desenvolver ainda mais as habilidades. Tínhamos tudo para jogar. E jogávamos!

Para o futuro profissional, escolhi um caminho que me deixaria o mais próximo possível das quadras de voleibol. Meu novo sonho, então, era ser técnico de voleibol, professor de voleibol, preparador físico de voleibol. E fui para a universidade.

Toda a vivência na prática esportiva me levou a optar pela área da Educação Física. Em 1996, fui aprovado no vestibular para o curso de licenciatura plena em Educação Física na UNESP de Bauru, SP. A entrada na universidade ampliou muito meus horizontes e novas experiências foram buscadas. Uma delas foi a aproximação com a iniciação científica. Os trabalhos desenvolvidos nesse âmbito me levaram aos primeiros congressos entre 1998 e 2000. Os estudos foram direcionados para a investigação sobre o modo de viver de escolares. Também passei pela monitoria na disciplina Prática de Ensino em Educação Física. Dentre as atividades desenvolvidas, destacou-se o desenvolvimento do projeto de extensão intitulado Bom Dia Escola, que oferecia a prática de atividades físicas e oficinas de promoção da saúde a estudantes matriculados período noturno da rede pública. As atividades práticas e os temas das oficinas eram definidos coletivamente, segundo necessidades identificadas pelos próprios participantes. Com essas novas experiências, a escola também passou a ser um cenário desejado para a minha futura atuação profissional. Muitas outras aprendizagens significativas surgiram. Cito, como exemplos, a participação na comissão organizadora da Semana de Estudos de Edu-

cação Física e os estágios em academias, nas áreas de natação (para bebês, crianças, adultos, treinamento e hidroginástica), musculação, condicionamento físico e avaliação física.

Ao terminar a graduação, entrei no mercado de trabalho, atuando em escolas públicas e particulares. Essas atividades profissionais possibilitaram-me um maior contato com a realidade dos estudantes, assim como suas necessidades e modo de viver. Dentre as atividades desenvolvidas, destacaram-se a regência nas aulas de Educação Física e o trabalho nas Atividades Curriculares Desportivas nas modalidades de futsal, voleibol e handebol. As equipes participavam frequentemente de campeonatos locais, municipais e regionais, assim como de jogos amistosos. Naquele contexto, tive a oportunidade de vivenciar a organização de uma equipe feminina de voleibol escolar. Foi maravilhoso, uma grande experiência que jamais esquecerei. Ainda hoje, quando passo em frente à escola, lembro-me desses momentos com muito carinho. Ao mesmo tempo, eu atuava como coordenador de uma academia, professor de natação e de vôlei de praia em clubes esportivos.

Em fevereiro de 2001, voltei para o time de voleibol da cidade, não na posição de jogador, mas como integrante da Comissão Técnica e de Preparação Física das equipes masculinas nas categorias infanto-juvenil, juvenil e sub 21 anos. As atividades envolviam avaliação física regular, periodização do treinamento, sistematização de atividades em quadra, prescrição de exercícios resistidos e recuperação pós-competição. Era o sonho se realizando na minha frente.

Mas ainda havia muito a avançar. A pós-graduação era o sonho da vez. Eu havia tido o prazer e a oportunidade de participar de reuniões do grupo de pesquisa Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física, da UNICAMP, em 2000. Acompanhei discussões sobre artigos

científicos, bem como sobre a elaboração de projetos de pesquisa de iniciação científica, mestrado e doutorado. Essa experiência subsidiou a elaboração do futuro projeto de pós-graduação. Algum tempo depois, em 2002, também participei das reuniões do grupo de estudos e pesquisa Sociedade, Família e Uso de Drogas, sediado na UNESP de Araraquara, SP. Os encontros eram semanais e, naquele período, concentravam-se no aprofundamento teórico do comportamento relacionado ao uso de drogas. Tentei cursar disciplinas como aluno especial e, em seguida, uma vaga no programa de pós-graduação desse seguimento, mas não fui aprovado. Participei ainda da seleção de alunos regulares para o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNESP de Botucatu, SP, também sem aprovação.

Continuei insistindo e, no mesmo ano de 2002, fui aprovado como aluno especial (não regular) para cursar duas disciplinas da Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNESP de Botucatu. Fiz contato com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivete Dalben e, após algumas reuniões, definimos o projeto de mestrado e a construção da revisão de literatura. No final do ano de 2003, participei novamente do processo seletivo para o mestrado em Saúde Coletiva da UNESP e obtive sucesso. Quatro anos depois, fui aprovado no doutorado do mesmo programa. Os projetos abordaram a temática “Prática de atividade física, uso de álcool/drogas e comportamento sexual de risco entre escolares dos ensinos fundamental e médio”. O sonho, naquele momento, era terminar o doutorado.

Havia muito trabalho pela frente, mas eu me sentia fortalecido para continuar. A experiência de nove anos na educação básica, em diferentes cenários, foi determinante para o meu aprimoramento profissional e, posteriormente, para o desenvolvimento de projetos sobre

a saúde da criança e do adolescente escolar. A formação acadêmica e as vivências na realidade da Educação Física escolar ressaltaram a importância de considerar o aluno como ponto de partida — sua inserção social, suas expectativas, limitações e potencialidades — no processo de ensino e aprendizagem. O aluno deve ser visto como ser participante, corresponsável e capaz de analisar, criticamente, os cenários observados e construídos no cotidiano educacional. Seus conhecimentos devem ser valorizados pelo educador em todos os momentos. Tento sempre me inspirar nessa forma de trabalho.

De maio de 2008 a novembro de 2011, exerci as funções de preceptor e tutor no curso de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, da Faculdade de Medicina da UNESP de Botucatu e à Secretaria Municipal de Saúde de Botucatu (havia uma parceria entre a universidade e a administração municipal). Dentre as principais atribuições, destacava-se a orientação e a coordenação do trabalho proposto aos residentes de diversas áreas profissionais da saúde. No âmbito do desenvolvimento do trabalho, participei da elaboração das atividades, do currículo, dos estágios e do trabalho interdisciplinar envolvendo o profissional de Educação Física. Esse foi um grande desafio, considerando a limitada inserção da Educação Física na atenção básica à saúde naquele momento.

Em 2009, fui aprovado no concurso público para atuação no Projeto de Apoio Institucional para o desenvolvimento do sistema de saúde regional, do Departamento de Saúde Pública da UNESP de Botucatu, em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde (SES). Nesse trabalho, as atividades buscavam integrar a universidade aos serviços de saúde, por meio de apoio institucional. Houve muitas viagens, reu-

niões e um elaborado planejamento intersetorial. Foi um período de grande avanço para a minha formação profissional.

Durante o mestrado, iniciei minhas atividades como professor do ensino superior na Faculdade Orígenes Lessa (FACOL), de Lençóis Paulista, onde permaneci até 2010. Lá, ministrei disciplinas nos cursos de Educação Física e Pedagogia. Em agosto de 2007, fui aprovado no concurso público para professor substituto da UNESP de Bauru, onde eu havia feito a graduação. Em julho de 2008 e fevereiro de 2009, fui novamente aprovado para exercer essa função. Durante minhas atividades no curso de Educação Física da UNESP de Bauru, trabalhei com disciplinas relacionadas à Didática de Ensino e Supervisão e Orientação de Estágios Curriculares. Também atuei como integrante de bancas de avaliação de trabalhos de conclusão de curso, orientador de monografias, coordenador de comunicações orais e componente de uma mesa redonda sobre Educação Física escolar em evento científico realizado na instituição. Foi uma ótima experiência trabalhar com meus professores de graduação na condição de colega de profissão. De certa forma, também identificava neles um sentimento positivo com meu retorno ao curso na função de professor.

No meio de todo esse trajeto, casei em 2005, tornei-me pai em 2006 e me mudei para Rosana, SP, pois minha esposa foi aprovada em concurso docente para atuar na UNESP daquela cidade. As viagens de trinta e três minutos a bordo de uma moto de 125 cilindradas entre Lençóis e Botucatu se transformaram em extensas jornadas rodoviárias de 13 horas, cumprindo três trechos de ônibus, com saída de Rosana. Após a conclusão do doutorado, fui contratado, em 2012, pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), no município de Presidente Prudente, SP. Lá, atuei nos cursos de licenciatura e bacharelado

em Educação Física, fiz muitas amizades, aprendi várias lições e me aperfeiçoei profissionalmente. Após um ano de trabalho, tive a honra de ser convidado para uma homenagem na formatura, na qualidade de Paraninfo. A placa que recebi continha a seguinte frase de Fernando Pessoa: “O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”. Confesso que, naquele momento, percebi o poder de transformação da realidade que um professor pode ter. Passei, então, a valorizar ainda mais cada aula, cada momento, cada olhar dos meus alunos e das demais pessoas que estavam por perto. Dentro e fora da profissão, pronto para aprender e ensinar. Esse era o meu sonho sendo realizado.

Em uma viagem de Rosana a Ponta Porã, MS, observei uma placa na estrada indicando: UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Como eu estava à procura de concurso docente em instituições públicas, após a viagem, busquei informações sobre os cursos que havia naquele campus universitário. Na ida e na volta, fiquei imaginando se haveria o curso de Educação Física. Seria ótimo! Quando retornei à Rosana, fui direto ao computador para visitar o site da UFGD. Que alegria! Dentre os cursos, estava lá... Educação Física. Daquele momento em diante, passei a frequentar quase que diariamente o site da UFGD e a consultar, com igual frequência, o Diário Oficial da União na expectativa de concursos.

No final de 2012, chegou a chance. Três concursos para docentes em cursos de Educação Física estavam abertos. Inscrevi-me nos três, pois, por minha experiência profissional e determinação para a aprovação, eu entendia que poderia atuar nas três possibilidades que se apresentavam. A partir de então, destinei tempo diário para a

preparação para os concursos. Nas corridas no parque da cidade, costumava imaginar como seria a vida com a aprovação no concurso na UFGD. Já me imaginava lá. Quando eu fazia a curva no parque e ficava de frente para a divisa com o estado de Mato Grosso do Sul, mirava o horizonte, aumentava o ritmo das passadas e o volume do rock and roll no fone de ouvido e fazia a aproximação geográfica, simbolizada por algumas dezenas de metros e também pelo sonho de trabalhar na UFGD. Desenvolvi boa aptidão física com aquelas corridas e *sprints*. A motivação era muito grande. Frequentemente, volto ao parque e tento retomar aquelas sensações e pensamentos. É sempre muito prazeroso.

O concurso chegou. Eu me sentia muito preparado. As aulas, os pontos para a prova escrita, o projeto, enfim... Era a hora. A meu ver, estimo que tenha feito uma das melhores provas escritas da minha vida. A aula didática também foi muito boa, na minha avaliação. E o resultado saiu. Aprovado! Os passos seguintes eram conhecer a cidade, apresentar a documentação e efetivar o ingresso como docente no curso de Educação Física da UFGD. Tive como companheiro o professor Pablo Christiano Barboza Lollo. Chegamos juntos à UFGD e fizemos muitas parcerias na elaboração de aulas e projetos.

O trabalho com os colegas da Faculdade de Educação (FAED) me parecia muito promissor. Fui muito bem acolhido pelos professores e funcionários. Apresentaram-me a cidade, o campus, as dependências esportivas, os laboratórios e o futuro laboratório de Educação Física, em construção na época. Eram muitos os planos e grande a motivação para o trabalho. Era como viver um novo sonho. Ao chegar, recebi a atribuição de ministrar quatro disciplinas, sendo elas: Corpo, Saúde e Sexualidade; Futebol e Futsal na Escola; Handebol na Escola e Voleibol na Escola. Eu estava ansioso para começar e conhecer os

alunos. A cada aula, a interação aumentava e as discussões ganhavam corpo e qualidade. Era muito interessante o partilhar de experiências. Cada história que eu contava para contextualizar o conteúdo ensejava o surgimento de novos exemplos e relatos de experiências proporcionados pelos alunos e, como resultado, todos nós avançávamos.

Lembro-me de um dia em que projetei um slide para levantamento de conhecimentos prévios sobre qualidade de vida, condições de vida, saúde e atividade física. Após a problematização, começaram os apontamentos e as considerações sobre as temáticas. No início, não havia concordância, o confronto no campo das ideias foi intenso. Alguns alunos se surpreenderam com o cenário, aparentemente sem perspectivas de resolução. Uns eram mais participativos e outros mais observadores. Alguns se empolgavam tanto que até se levantavam para falar. Estávamos dispostos em roda, o que exemplificava a valorização de todas as experiências ali presentes. Nenhuma melhor do que a outra, simplesmente diferentes. O combinado inicial foi de garantir a palavra a todos que desejassem usá-la e, acima de tudo, respeitar o ponto de vista do outro, sem a necessidade de concordar. Aproximando-nos do final daquele encontro, conseguimos definir alguns conceitos e encaminhamentos a serem aprofundados nos encontros posteriores, porém, o mais importante foi vivenciar a construção do conhecimento de modo participativo e colaborativo, caminho fundamental para o exercício da docência na atualidade. Aprendemos uns com os outros, como nos ensinou Paulo Freire.

Eu gostava muito de conversar com os alunos. Era sempre uma oportunidade de conhecê-los um pouco mais e, assim, conhecer as características da nova região e as particularidades do modo de viver predominante em Mato Grosso do Sul. Alguns alunos trabalhavam

o dia todo e chegavam às aulas de bicicleta, depois de pedalar mais de doze quilômetros — a distância entre a cidade de Dourados e o Campus II da UFGD. Outros alunos se deslocavam de outros municípios, cumprindo trajetos de uma hora e meia ou até de mais de duas horas diariamente. A diversidade era grande: alguns tinham experiência em hip-hop, outros eram profissionais do Exército ou do Corpo de Bombeiros, outras eram professoras da educação infantil, incluindo ainda jogadores de futebol, árbitros, atletas de handebol, bolsistas de iniciação à docência (Pibid) etc.

Outra lembrança nítida é da noite em que eu daria início às aulas práticas de voleibol. No fim da tarde, preparei os materiais necessários, observei o espaço da quadra em seus limites e potencialidades. Eu havia revisado e vivenciado mentalmente o plano de aula várias vezes. Seria minha primeira aula de voleibol no ensino superior. Em todos os lugares que passei, nunca havia tido a oportunidade de ser o professor de voleibol na formação de professores. Minhas participações sempre foram na qualidade de convidado, colaborador, mas era a primeira vez como responsável pela disciplina. Fizemos a aula, tudo correu muito bem. Houve ludicidade, envolvimento dos alunos, reflexão e aproximação daquelas atividades com a realidade escolar. Ao terminar a aula, me lembro da emoção de estar de novo em quadra, no auge dos meus 1,70m de estatura, e trabalhar de novo com o voleibol, porém na formação de professores.

Hoje, em outra universidade, continuo como professor de voleibol. Tenho o prazer constante do trabalho relatado anteriormente, somado ao convívio diário com minha esposa e minha filha e estando mais próximo de meus pais. Faço questão de contar essa história e descrever aos meus alunos, com todos os detalhes, a primeira aula como

professor de voleibol no curso de Educação Física da UFGD. Tento explicitar a beleza da nossa profissão, o tamanho do nosso desafio na formação de atletas, gestores e, principalmente, de cidadãos. Desejo a todos eles, já no primeiro dia de aula, que tenham a oportunidade de sentir a satisfação que pude viver naquela aula, a realização profissional que sinto e revivo toda vez que entro em sala ou em quadra. Este é o motivo de sempre abrir a disciplina, ano a ano, com música, alegria e dizendo a frase olhando nos olhos de meus alunos: “É realmente um prazer estar aqui com vocês”.

Agradeço a oportunidade de escrever este texto. Nele, exponho algumas tentativas, vivências e, principalmente, o aprendizado construído nesses anos de estudos e de vida. Espero continuar neste caminho e participar da construção de um mundo melhor e mais justo para todos nós, pois ainda existe muito para se sonhar. E segue o jogo!

Parabenizo o curso de Educação Física da UFGD nas figuras de todos os alunos, professores e funcionários que construíram essa história de 10 anos de desafios e vitórias. Que venha o futuro. Nós estamos prontos!

### **Joel Carlos Valcanaia Ferreira**

Nasci em Guarapuava, PR, em 27 de agosto de 1974, filho de Leomar de Oliveira Ferreira e Dirce Valcanaia Ferreira. Cheguei ao estado de Mato Grosso do Sul em 1979. Estudei na escola Licurgo de Oliveira Bastos, em Campo Grande, MS, da pré-escola à 8ª série do ensino fundamental. Naquela época, a instituição em pauta era considerada a maior escola pública do país. Sua estrutura esportiva era

excelente, com quatro quadras poliesportivas, uma pista de atletismo, um campo de futebol e uma piscina de 25 metros. Foi nesse cenário que iniciei minha vida esportiva, aos 10 anos, após ter experimentado as aulas de vôlei, basquete, handebol, natação e atletismo, que eram oferecidas no contraturno. Identifiquei-me com o atletismo e passei a me dedicar aos treinos não apenas na escola, como também num projeto desenvolvido no estádio Belmar Fidalgo sob a responsabilidade do professor de Educação Física Ervê Demétrio. Foi nesse projeto que passei a gostar ainda mais do atletismo. A modalidade me proporcionou bolsa de estudos para o ensino médio em escolas particulares (MACE e ASE). Foi por meio do atletismo que, entre 1989 e 1995, viajei diversas vezes por Mato Grosso do Sul e por outros estados do Brasil, competindo em jogos escolares estaduais e brasileiros. Após o ensino médio, fiz o curso do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), que me proporcionou várias competições militares.

Passado aquele período, optei por estudar informática (entre 1995 e 1998), o que me conduziu à minha primeira graduação, em Processamento de Dados, à qual me dediquei por mais de 10 anos como operador, help desk, programador, analista de sistemas júnior e, por último, DBA de banco de dados (período em que me distanciei do esporte).

Em 2001, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul ofereceu o primeiro vestibular noturno em Educação Física. Foi naquela primeira turma de graduação que pude me dedicar à minha paixão, concluindo a formação em 2005 e passando a exercer integralmente a profissão em 2008, após ter me especializado em treinamento personalizado (*personal training*) pela Universidade Gama Filho.

Em 2010, após a chamada de um concurso público na Secretaria Municipal de Saúde, passei a integrar o grupo de profissionais de Educação Física atuante na atenção primária à saúde, o que me induziu a estudar mais essa área por meio de cursos de educação continuada e também de especializações em Saúde da Família e Gestão e Auditoria em Saúde Pública, o que acabou, por sua vez, conduzindo-me ao Mestrado em Saúde da Família, que cursei na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob orientação do Prof. Dr. Joel Saraiva Ferreira entre 2015 e 2017. O mestrado favoreceu minha participação em grupos de pesquisa na área da Saúde Pública, âmbito em que iniciei e continuo com minhas pesquisas e publicações. Após a conclusão do mestrado, passei a vislumbrar a possibilidade de seguir carreira acadêmica. Assim, submeti-me ao processo seletivo para professor substituto do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados, onde trabalho no presente momento, ministrando aulas e pesquisando.

### **Zélia Aparecida Milani Parizotto**

A Educação Física não foi a primeira opção da jovem que, ao findar o curso de Normalista, vigente à época, pensava cursar Psicologia. Mas, por uma coincidência (?) do destino, o curso almejado da instituição pretendida passou para o período integral. Assim, a jovem que era arrimo de família e responsável por seu sustento, além do sustento da mãe e de mais quatro irmãos, teve que optar por outro curso, no período noturno, para não ficar “parada no tempo” e não perder um ano de estudos. Surgiu, então, a oportunidade de fazer Educação

Física no período noturno e, novamente, mais uma coincidência do destino: a jovem, que vinha de uma família humilde e de poucos recursos, tendo estudado a vida toda em escolas públicas, ingressou em uma instituição privada, a Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná (FEFI), em Londrina, já que havia perdido o período de inscrições na Universidade Estadual de Londrina (UEL), instituição na qual não imaginava ser aprovada no vestibular.

Foi assim que teve início a história de meu amor incondicional pela Educação Física, que foi se consolidando com o passar do tempo e agora possibilita esta narrativa. Até o ingresso no curso, o único esporte que eu havia praticado era o handebol, tanto no ensino ginásial quanto na Escola Normal de Magistério. Antes disso, as escolas nas quais estudei a educação básica não tinham quadras desportivas e, o máximo que fazíamos, no recreio, era brincar de roda cantada, pega-pega ou amarelinha (riscada com algum galho seco no pátio de terra da escola). Naquela época, não existia a disciplina de Educação Física antes do curso ginásial (que hoje corresponderia à fase de escolarização que vai do 6º ao 9º ano do ensino fundamental). Assim, deparei-me com a prática do handebol no ensino ginásial, tendo em vista a escassez de recursos para outras modalidades esportivas, tais como atletismo, vôlei ou basquete.

Faz-se necessário lembrar que, na época, não se pensava em futebol para mulheres. As aulas de Educação Física separavam meninos de meninas, assinalando uma franca classificação das diferenças de gênero. O raciocínio que respaldava essa prática alicerçava-se na ideia de que as mulheres eram mais fracas que os homens, e que, portanto, só iriam atrapalhar o desempenho daqueles que necessitavam de exercícios mais vigorosos, posto que faziam parte das equipes

de treinamento desportivo, que participariam de competições entre escolas no próprio município ou em cidades vizinhas. Por sua ênfase no aprimoramento esportivo, aquele período foi denominado “esportivista” pelos estudiosos da História da Educação Física.

Ingressar na faculdade exigia, além da prova escrita no vestibular, uma avaliação do rendimento físico que, logo de cara, literalmente excluía portadores de necessidades especiais. As provas físicas constavam de corridas de velocidade e de resistência, mensuração da flexibilidade, avaliação da força de braços e pernas nas provas de salto e arremesso, avaliação da força abdominal e, por fim, avaliação da coordenação motora. Vários instrutores da faculdade anotavam, nas fichas dos candidatos, os pontos alcançados em cada prova física executada e, mal sabia eu que, não só seria aprovada com mérito, mas que, nos próximos anos, eu seria uma das instrutoras a aplicar aqueles testes de resistência em novos vestibulandos, dado que me tornaria membro do quadro de professores da instituição. A formação acadêmica em Educação Física, naquele final dos anos 1970, tinha duração de três anos, sendo que, no último ano, o acadêmico tinha que fazer escolhas em duas modalidades esportivas para fazer aperfeiçoamento técnico, completando, assim, a carga horária do curso.

Como eu poderia pagar as mensalidades da faculdade com o parco salário ganho nos dois períodos em que dava aulas em uma pré-escola<sup>89</sup>, posto que, com ele, eu mal conseguia pagar as despesas da família? Na época, havia um programa do Governo Federal chamado Crédito Educativo, destinado aos jovens de baixa renda. Esse programa quitava as mensalidades universitárias, gerando um montante devedor

---

89 A pré-escola correspondia à faixa de escolarização atualmente intitulada educação infantil.

para os estudantes que, ao final do curso, pagavam mensalmente ao governo, em suaves prestações.

Conforme já mencionei, a paixão pelo curso foi avassaladora, e me destaquei nas disciplinas de Ginástica, que eram o forte da FEFI. A instituição tinha, na figura da professora Elizabeth Bueno Laffranchi — uma das mantenedoras da faculdade —, os meios de manutenção de pertinentes vínculos com a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). A professora Elizabeth tornou-se a precursora da Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) no Paraná e, conseqüentemente, contribuiu para a sua propagação pelo Brasil. Sua filha, Barbara Laffranchi, que vi crescer como ginasta, viria a se tornar, anos mais tarde (final dos anos 1990 e início dos anos 2000), a treinadora de uma equipe composta por várias ginastas, de diferentes estados brasileiros — em nível nacional —, na modalidade que passaria a ser denominada ginástica rítmica (GR), alçando a equipe entre as oito melhores do mundo (Olímpiada de Sydney, 2000, e Olímpiada de Atenas, 2004).

Antes disso, nos Jogos Pan-Americanos de 1999, disputados no Canadá, sua equipe havia deixado para trás equipes favoritas, como a dos Estados Unidos e a do Canadá.

A influência da Professora Elizabeth foi marcante em minha vida, tanto na formação acadêmica quanto na atuação profissional, pelos ensinamentos da Ginástica, pelo incentivo e confiança depositados. Ela me escolheu, dentre tantas alunas do curso, para fazer parte de sua equipe, primeiro como assistente, durante os anos de formação acadêmica, depois, para o quadro de professores da FEFI, estimulando-me a fazer a primeira Pós-Graduação em Ginástica Olímpica (atual Ginástica Artística) em 1981, ofertada pela Universidade de São Paulo (USP), cujos professores se deslocavam até Londrina, PR, e desenvol-

viam os módulos aos sábados e domingos no Campus da FEFL. Com isso, tive a honra de ser aluna do professor Imídeo Giuseppe Nérici, na disciplina de Didática, e do professor Moacyr Brondi Daiuto, nas disciplinas de Ginástica Olímpica e Psicologia Desportiva.

Aquele primeiro curso de especialização mudou os rumos do meu trabalho ao possibilitar a minha formação continuada e ao me mostrar a relevância da aquisição de novos conhecimentos. Além disso, desenvolveu minha capacidade de superação e de manter o foco no meu objetivo de aprimorar, sempre, os saberes relativos ao exercício profissional. Eu trabalhava durante a semana toda, muitos dias nos três períodos, e estudava aos sábados e domingos. Geralmente, na segunda-feira, o corpo estava “triturado” pelas aulas práticas da pós-graduação e a mente cansada das aulas teóricas, mas seguir em frente era mais importante que o cansaço físico e mental. Ademais, ampliar o campo de conhecimento foi fundamental para mudar a concepção tecnicista da formação acadêmica vigente na época, e a ideia de uma Educação Física mais humanista abriu novos rumos para minha atuação profissional.

Apesar de atuar em diferentes campos da Educação Física pela formação generalista adquirida na graduação, em uma área que ainda não havia sido reconhecida como “profissão” — fato que só viria a acontecer em 1998, com a criação de seus Conselhos Nacional e Regionais —, mantive a ideia de que o corpo humano não é apenas uma “máquina”, que além de sua capacidade de superação, possui também limitações inerentes ao estilo de vida adquirido e mantido por cada indivíduo e que as individualidades devem ser respeitadas. Foi assim que atuei em diversas funções: Ginástica Localizada para mulheres (Faculdade Mulher), aulas de Educação Física para Norma-

listas do Colégio São Paulo, aulas de Educação Física no ensino básico e aulas no ensino superior (FEFI). Além disso, ministrei treinamento de ginástica rítmica para crianças de 6 a 12 anos, no antigo Centro de Vivência da Criança (CVC) e, como resultado deste trabalho, levei uma equipe infantil para um campeonato nacional na cidade do Rio de Janeiro, sob a supervisão da professora Elizabeth Laffranchi.

A equipe conquistou o troféu de primeiro lugar nos aparelhos, bolas e fitas, com uma apresentação em conjunto. Toda essa diversidade de atividades foi desenvolvida no período compreendido entre 1980 e 1985. Neste último ano, surgiu uma oportunidade de trabalhar em Dourados, MS, em uma academia denominada Therra's, com perspectivas de melhores rendimentos. A vinda para Mato Grosso do Sul mudou minha vida pessoal, pois possibilitou que eu conhecesse aquele que se tornaria meu esposo, cujo relacionamento geraria nossas duas filhas. Atuei na academia em pauta por nove anos, até seu fechamento. Na época, eu já me preparava para voltar à vida acadêmica, enviando meu currículo para o primeiro curso de Educação Física a ser instalado em Dourados, que teria início em 1994, na faculdade então denominada Sociedade Civil da Grande Dourados (SOCIGRAN), que mais tarde cresceria e passaria a ser nomeada Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). Lá desenvolvi um trabalho extenso, que durou 20 anos, permeado pela segunda pós-graduação, desta vez uma especialização na área Escolar, cursada em 2000, nas mesmas condições da primeira especialização, ou seja, trabalhando durante a semana e estudando nos finais de semana. Mas havia uma diferença: naquela altura da vida, eu tinha marido, uma filha de 10 anos e outra de 8 anos, além dos cuidados com a casa. Novamente, espírito de superação e foco me fizeram ir adiante.

No final de 2004, a UNIGRAN ofertou processo seletivo para o Mestrado em Ciências da Saúde em suas próprias dependências, em um programa denominado Mestrado Interinstitucional (MINTER), conduzido por uma instituição promotora nacional. O curso em pauta era disponibilizado pela Universidade de Brasília (UnB). Os professores se deslocavam para Dourados e, durante uma semana, em longas e exaustivas oito horas diárias, nos períodos vespertino e noturno, transmitiam os conhecimentos das áreas a que pertenciam. O curso ocorreu entre 2005 e 2007, e foi outro divisor de águas na minha vida, anos árduos de trabalho, estudo e deveres de dona de casa. O tema de estudo que escolhi não facilitou em nada minha vida, pois desenvolver pesquisa com a população indígena da Reserva Francisco Horta Barbosa — envolvendo avaliação postural de escolares matriculados em escolas municipais de Dourados — levou-me a uma peregrinação por diferentes órgãos responsáveis pela população indígena. Além do Comitê de Ética da UNIGRAN, consultei a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Fundação Nacional da Saúde Indígena (FUNASA) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Comunidades Especiais/Carentes (CONEP). Dessa última instância, levei quase um ano para obter resposta, apesar de não dar trégua, ligando e enviando mensagens.

A partir do recebimento do assentimento por parte de todos os órgãos para desenvolver a pesquisa, foi o momento de entrar em contato com a comunidade envolvida: pais das crianças e jovens que fariam parte do estudo, lideranças indígenas, diretores das escolas e representante da Secretaria Municipal de Educação de Dourados (SEMED). Quanto mais me envolvia com o projeto, mais me convencia de que era o que eu queria fazer. Anteriormente, eu já mantinha contato com pequenos grupos de indígenas da localidade, que eram acadêmicos

nas minhas aulas, no curso de Educação Física da UNIGRAN, e o trabalho fluiu a contento, dentro do prazo previamente determinado.

Constatou-se que os conhecimentos adquiridos pela equipe de professores que fizeram parte do mestrado interinstitucional possibilitaram profundas mudanças nos diferentes cursos da instituição devido à produção científica que passou a ser desenvolvida, envolvendo alunos e pesquisadores. Na Educação Física, não foi diferente, e eu, uma dentre os três professores que conseguiram chegar ao término do mestrado, assumi a responsabilidade, com meus pares, de conduzir os trabalhos científicos específicos do curso e da área de Educação Física. Assim ocorreu até o final de 2013, quando o processo de aposentadoria por tempo de contribuição se aproximava. Juntando-se a isso, o peso de estar na instituição há 20 anos me levou a procurar um novo caminho.

Foi então que surgiu a oportunidade de ir para a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), concretizando o real objeto desta narrativa — desenvolver um relato pessoal e profissional pelos 10 anos da criação do curso de Educação Física na universidade, narrativa proposta aos professores que contribuíram nesta área de conhecimento. Fazer parte do corpo docente dessa instituição se assemelhava a um sonho para qualquer profissional, e para mim não era diferente. Foi por intermédio de uma amiga, cujo filho estudava na UFGD, que fiquei sabendo do processo seletivo para professor substituto em Educação Física da Faculdade de Educação (FAED) pelo período que compreenderia dois anos, entre novembro de 2013 e novembro de 2015. Com a aprovação e depois de todos os trâmites legais, vivenciei experiências construtivas no âmbito de uma instituição pública. As décadas que eu havia passado atuando em instituições particulares me deixaram acomodada. Não que tudo tivesse sido facilitado, mas a

rotina das disciplinas nas quais eu atuara anos a fio propiciaram uma situação cujas especificidades não eram, necessariamente, desafiadoras. A UFGD me apresentou um universo totalmente novo, provido com salas denominadas gabinetes, todas com computador. Esses gabinetes acomodavam dois professores, favorecendo a produção científica, a organização das aulas, o acolhimento dos orientandos e a elaboração e correção das avaliações.

Nada na Instituição era decidido de forma individualizada. Todas as ações debatidas pelo colegiado chegavam a uma definição mediante votação aberta, tornando o corpo docente responsável pelas medidas cabíveis a cada situação-problema colocada em pauta. As figuras dos coordenadores dos cursos (Pedagogia e Educação Física) eram fundamentais nas tomadas de decisões coletivas e, no meu caso, apesar de ser uma professora substituta e do meu papel temporário dentro da instituição, tive a oportunidade de participar de diversas reuniões, nas quais expressei meus pontos de vista, que também eram considerados construtivos.

Em relação aos acadêmicos do curso, os professores trabalhavam com turmas menores do que nas instituições privadas, com acadêmicos engajados em grupos de estudos, de acordo com suas escolhas pessoais, que, na maioria das vezes, direcionavam-se à construção dos TCC ou, em não poucos casos, convergiam para os campos de conhecimento nos quais pretendiam dar continuidade na formação posterior (mestrado e doutorado) caso tivessem em mente a carreira acadêmica. A participação dos alunos nas aulas era grande e, mesmo em disciplinas ofertadas aos sábados, a frequência era maciça.

Nos dois anos que passei na UFGD, constatei o árduo trabalho desenvolvido pelos professores efetivos: administrar as aulas, desen-

volver trabalhos científicos em pesquisas e divulgá-los em publicações, orientar trabalhos de graduação e pós-graduação, conduzir grupos de estudos, organizar congressos e seminários, participar das reuniões pedagógicas. Acrescento que, independentemente da atuação em escola privada ou pública, o fio condutor desse ofício tão desvalorizado em nosso país requer amor, paixão, empenho, envolvimento e superação no cotidiano da sala de aula. As responsabilidades são imensas na formação de indivíduos que, futuramente, desenvolverão ações imediatas com outros indivíduos e que, em um contexto mais amplo, farão parte de uma engrenagem complexa, que move os seres humanos em uma sociedade que deverá, em tese, tornar-se mais justa e igualitária.

Ao finalizar esta narrativa, espero ter contribuído, mesmo que minimamente, para a construção do conhecimento dos então acadêmicos da instituição durante meu tempo de permanência, bem como para a construção deste material, que contempla os 10 anos de fundação do curso de Educação Física na Faculdade de Educação da UFGD — o qual, ao longo dos anos de sua existência, tem desempenhado papel relevante na formação acadêmica de professores de Educação Física, primando pela qualidade de ensino e sempre considerando a importância deste profissional para a sociedade.

De minha parte, posso considerar que esses dois anos foram de muita aprendizagem e de apropriação do sentimento de honra pessoal e profissional por conviver com pessoas tão envolvidas em ações pedagógicas de excelência. Parabéns ao curso de Educação Física e ao atual corpo docente da UFGD. Que venham mais 10 anos e muitos outros, e que o curso siga contribuindo sempre para a aquisição do conhecimento em Dourados e nas demais cidades de seu entorno.



# Galeria de imagens



Docentes dos cursos de Educação Física e Pedagogia na recepção aos calouros de 2017. Da esquerda para a direita: Marina Vinha, Maria de Lourdes dos Santos, Elisângela Scaff, Míria Isabel Campos, Edvoneite Souza de Alencar, Mirlene Ferreira Macedo Damázio, Morgana de Fátima Agostini Martins, Gustavo Levandoski, Rosemeire Messa de Souza Nogueira, Daniel Traina Gama, Vivian Iwamoto, Mário Sérgio Vaz da Silva e Jacqueline da Silva Nunes.



Professores do curso de Educação Física falam aos acadêmicos ingressantes em 2017. Da esquerda para a direita: Josiane F. Filus de Freitas, Daniel T. Gama, Jacqueline S. Nunes e Mário Sérgio Vaz da Silva.

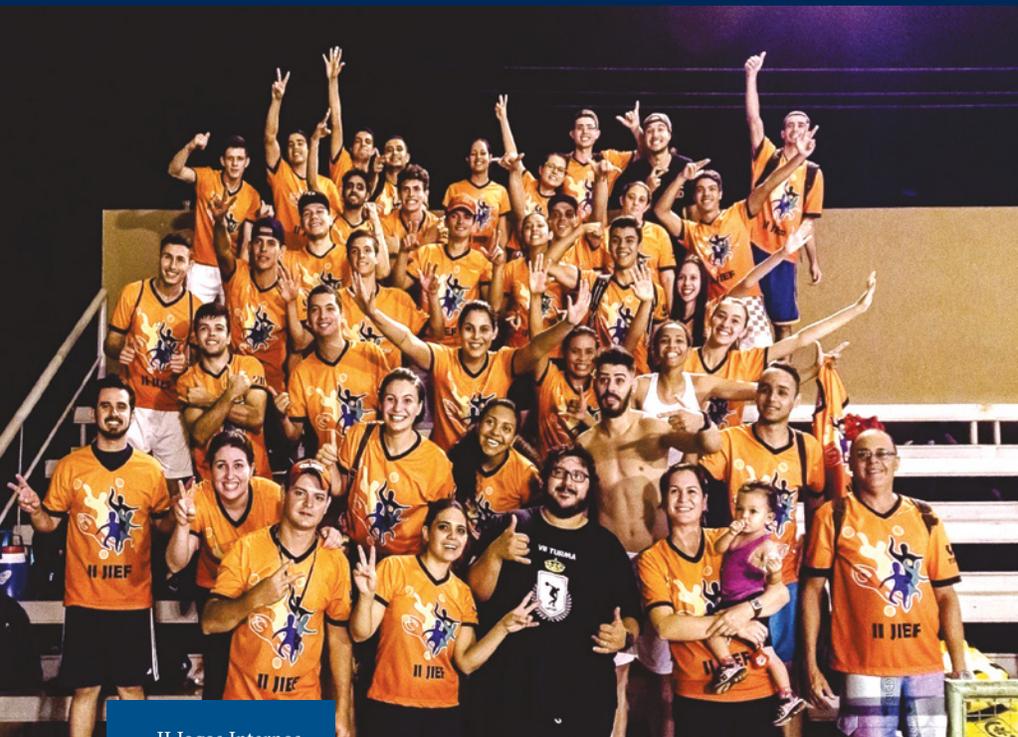


III Jogos Abertos – 2014. Estudantes do curso de Educação Física.

II Jogos Internos da Educação Física, fevereiro de 2016. Estudantes de Educação Física e a Prof.<sup>a</sup> Josiane Fujisawa Filus de Freitas.



Alguns troféus conquistados pelo curso de Educação Física em várias modalidades esportivas. Ao centro, o troféu de campeão geral dos Jogos Abertos de 2013. À direita, o troféu de campeão geral dos I Jogos Interatléticas, organizado pela Liga das Atléticas.



II Jogos Internos da Educação Física, fevereiro de 2016.



II Jogos Internos da Educação Física - JIEF, fevereiro de 2016.

I Simpósio UFGD em Movimento, novembro de 2014. Alunos do curso de Educação Física participando da Oficina de Futsal ministrada pelo Prof. Leandro Faleiros.



Educação Física na Escola. Atividade supervisionada pela Prof.<sup>a</sup> Josiane Fujisawa Filus de Freitas, na escola João Paulo dos Reis Veloso, em 25 de março de 2017.





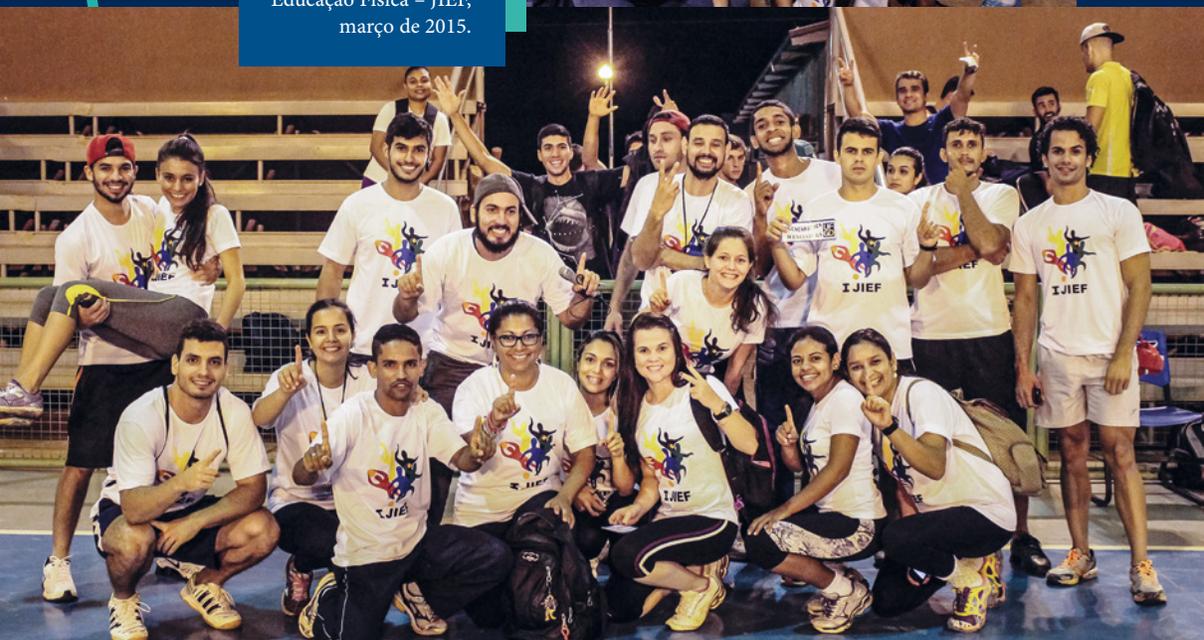
Educação Física na Escola.  
Atividade supervisionada  
pela Prof.<sup>a</sup> Josiane Fujisawa  
Filus de Freitas, na escola  
João Paulo dos Reis Veloso,  
em 25 de março de 2017.



Troféus conquistados pelo  
curso de Educação Física  
em diversos eventos.



I Jogos Internos da  
Educação Física - JIEF,  
março de 2015.





Grupo de dança  
coordenado pela  
Prof.<sup>a</sup> Jacqueline  
da Silva Nunes.



Aula de natação na  
Unidade I da UFGD.



Emblema atual da Atlético  
de Educação Física.

Time feminino de futsal, campeão dos Jogos Abertos em 2014. No banner, pode ser visualizado o primeiro emblema da Atlica de Educao Fsica.



IV Jogos Abertos, 2016.  
Comparecimento em peso  
do curso de Educao Fsica.

